

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**AS IDEIAS ORTOGRÁFICAS EM PORTUGAL:**

**DA ETIMOLOGIA À REFORMA**

**(1734-1911)**

**2º Volume**

**ANEXOS**

Dissertação de Doutoramento em

Linguística Portuguesa por:

**Maria Filomena Candeias Gonçalves**

**1998**

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

U. E. SERVIÇOS ACADÉMICOS	N.º 678
CLASSIFICAÇÃO	15106198 SECÇÃO

**AS IDEIAS ORTOGRÁFICAS EM PORTUGAL:**

**DA ETIMOLOGIA À REFORMA**

**(1734-1911)**

**2º Volume**

**ANEXOS**

Dissertação de Doutoramento em

Linguística Portuguesa por:

**Maria Filomena Candeias Gonçalves**

1998

**As Ideias Ortográficas em Portugal:  
da etimologia à reforma  
(1734-1911)**

**2º Volume**

**ANEXOS**

**Dissertação de Doutoramento em  
Linguística Portuguesa apresentada à  
Universidade de Évora**



95938

**1998**

# ÍNDICE

## 2º Volume

- ANEXO 1: A constituição de um corpo doutrinal vernáculo.....	6
<b>1. Os quinhentistas.....</b>	<b>10</b>
1.1. Fernão de Oliveira (1536).....	10
1.1.1. A “ortografia” na Grammatica.....	11
1.2. João de Barros (1540).....	22
1.3. Pero de Magalhães de Gandavo (1574).....	28
1.3.1. Plano alfabético.....	30
1.3.2. Plano extra-alfabético.....	34
1.4. Duarte Nunes de Leão (1576).....	36
1.4.1. Plano alfabético.....	39
1.4.1.1. Diacríticos.....	50
1.4.2. Plano extra-alfabético.....	56
1.4.3. Princípios ortográficos.....	60
<b>2. Os seiscentistas.....</b>	<b>62</b>
2.1. Amaro de Roboredo.....	62
2.1.1. Plano alfabético.....	64
2.1.1.1. Diacríticos.....	67
2.1.2. Plano extra-alfabético.....	67
2.2. Manuel Severim de Faria (1629).....	70
2.3. Álvaro Ferreira de Vera (1631).....	73
2.4. Bento Pereira (1666).....	79
2.5. João Franco Barreto (1671).....	86
2.5.1. Plano alfabético.....	93
2.5.1.1. Diacríticos.....	106
2.5.2. Plano extra-alfabético.....	107
<b>3. Os setecentistas.....</b>	<b>111</b>
3.1. José de Macedo (1710).....	111

3.2. António da Silva Álvares (1715).....	113
3.3. Manuel de Andrade de Figueiredo (1720/1722).....	117
3.4. Contador de Argote (1721/1725).....	121
3.5. D. Rafael Bluteau (1728).....	124
4. Nota final.....	139
5. Lista cronológica de autores (1536-1734).....	145
6. Lista de impressores.....	146
- ANEXO 2: Bibliografia.....	147
1. Ortografistas e gramáticos portugueses.....	148
2. Dicionários.....	223
3. Manuscritos.....	230
4. Outros autores (latinos, românicos, etc.).....	233
5. Estudos sobre os ortografistas e gramáticos.....	239
6. Tipografia, caligrafia, livros e livreiros.....	248
7. Escrita, ortografia, grafemática, pontuação.....	250
8. Linguística, filologia, história da língua, historiografia.....	259
9. Contexto cultural e varia.....	263
- ANEXO 3. Lista de impressores / tipografias e sua localização.....	269
- ANEXO 4. Lista de termos relacionados com ortografia.....	276
- ANEXO 5. Documentos ilustrativos.....	290
<b>I. Sistemas setecentistas</b>	
1. Sistema verneiano: Verdadeiro Método de Estudar (1746/1747)	
2. Sistema da “Recreação Filozofica” (1758) do P. Teodoro de Almeida	
3. Sistema de o “Conimbricense” (1789/1790)	
4. Sistema da “Santarenaida” (1792) de Francisco P. Figueiredo	
<b>II. Propostas de reforma ortográfica no século XIX: décadas de 70 e 80</b>	
1. “Alfabetu çoniku” de Barreto Corte-Real (1877)	
2. “Notiçia Ortografiqua”(1979)	

3. Ortografia “Luzo-Brazileira” (1877)
4. “Ortografia Brasileira” de Paranhos da Silva (1879/1881)
5. “Carta” de João Félix Pereira a Barbosa Leão (1879)
6. “Projecto de Reforma” de António Castanheira Nunes (1879)
7. “Nóta sobre a Ortografia da Bibliotéca de Portugal e Brazil” (1886)

### **III. Propostas de reforma novecentistas**

1. A ortografia sónica de A. A. Louro (1901)
2. O sistema de João Bonança (1905)
3. “A Orthographia Sonica” de Acácio Armando de Sousa (1911)

## **ANEXO 1**

### **A constituição de um corpus doutrinal vernáculo**

## ANEXO 1 - A constituição de um corpo doutrinal vernáculo

*Ja confessamos ser verdade o que diz Marco Varrão nos liuros da Etymologia q se mudão as vozes e com ellas e tambem neçessario que se mudẽ as letras: mas não com tão pouco respeito como agora alghũs fazẽ: os quaes como chegão a Toledo: logo se não lãbrão de sua terra a que muito devem. E em vez de apurarẽ sua lingoa corrompẽna com emprestihos: nos quaes não podem ser perfeitos.*

*Tenhamos poys muito resguardo nesta parte: porque a lingua e escritura e fiel tesoureira do bem da nossa soçessão (...).*

**Fernão de Oliveira, Gramm. da Lingoagem Portugeza, 1536.**

Como capítulo anexo ao 1º Volume deste trabalho, apresentamos uma revisão dos principais autores – gramáticos e ortografistas – que contribuíram para a criação de um corpo doutrinal sobre a ortografia, dando corpo a uma tradição portuguesa em matéria ortográfica. Atentaremos, pois, nos textos metaortográficos publicados entre 1536 (Oliveira) até 1734, data da primeira edição da **Orthographia**, de Madureira Feijó, que representa, assim, o particular *terminus a quo* deste trabalho. A adjunção deste capítulo decorre do facto de o escopo desta tese apenas ser compreensível à luz das tendências manifestadas nos textos precedentes. Conscientes de que as fontes reunidas neste capítulo, com o propósito de fornecerem os antecedentes histórico-ideológicos das ideias ortográficas do período em apreço (1734-1911), não constituem um inventário exaustivo, assumimos não só as limitações da análise realizada como também a impossibilidade de procedermos, neste contexto, à história ou, sequer, à comparação sistemática das edições das obras mais antigas. De facto, esse seria outro trabalho; do mesmo modo e em conformidade com o nosso escopo (cf. 1º vol., **Introdução**), dispensamos deliberadamente os manuscritos, por pertencerem a uma esfera comunicacional de índole bem distinta daquela com a qual Gutenberg revolucionou o universo da transmissão e circulação dos saberes.

Porém, antes, <sup>de</sup> darmos início à apreciação do contributo das fontes compulsadas neste anexo, atente-se numa breve nota de ordem cali-tipográfica, relevante, em termos



técnicos, para o período aqui em apreço e até finais da centúria de setecentos, ainda que sem repercussão quer no plano doutrinal, quer no das soluções gráficas. Trata-se do nível grafético, ou seja, o nível em que se incluem os aspectos materiais ou técnicos da escrita, assunto ~~que~~ ao qual nos referimos apenas episodicamente: importa ressaltar a origem dos distintos caracteres de imprensa (simples ou duplos) para a representação da sibilante surda – <ſ>-<ʃ> e <ʃ>-<ʃʃ>. Diga-se, antes de mais, que quando surge a imprensa, nos finais do século XV, se aplicavam duas modalidades de escrita com as cursivas correspondentes – a gótica e a humanística. Em Itália, os caracteres humanísticos ou antigos (direitos) admitiam duas variantes, a antiga ou direita propriamente dita, e a itálica (inclinada), criada por Aldo a partir dos punções gravados por Francesco Griffo, de Bolonha<sup>1</sup> (cf. 1º vol, I); estes modelos italianos serão depois copiados pelos impressores franceses e ingleses, chegando também à Península Ibérica, em concreto a Portugal. Assim se explica a existência daqueles dois pares de caracteres: o primeiro (em tipos direitos), proveniente da escrita humanística ou romana usada pelos escribas profissionais, será escolhido como modelo dos modelos de impressão, se bem que o chamado *s longo* ou *s carolíneo* (ſ), patente nos impressos portugueses ainda nos finais do século XVIII, existisse desde a escrita carolina medieval, na qual se diferenciava de *f* apenas por um traço horizontal à direita; já o *s* actual aparece no final das palavras desde o século X, sendo portanto posterior ao *s longo*, cuja longevidade foi assegurada pela imprensa<sup>2</sup>, como dissemos antes. O segundo par (tipos itálicos), cujo tipo reduzido se adequava especialmente a livros baratos e de formato pequeno, resulta precisamente da aplicação da chamada letra *itálica*. Desta forma, fica explicada a ocorrência de dois tipos de <s> distintos quer nos textos impressos em apreço, quer nos do capítulo seguinte. Todavia, por uma questão de comodidade, só neste capítulo se reproduzirá esta diferença nas passagens extraídas do corpus ou na exemplificação. Do ponto de vista do sistema gráfico, <ſ> e <s> funcionam como alógrafos de um mesmo grafema, decorrentes da tradição gráfica manuscrita.

---

<sup>1</sup> Vide, James G. Février, *Histoire de l'écriture*, Payot, 1984 (1ªed. 1959), pp. 497-498.

<sup>2</sup> Cf. Charles Higounet, *L'écriture*, 7e. éd., PUF, 1986, p. 90.

Encerrada a nota cali-tipográfica, passemos agora à doutrina dos ortógrafos e gramáticos portugueses, antecedida ainda assim de uma breve nota histórico-cultural.

O surgimento das gramáticas vernáculas portuguesas no século XVI inscreve-se num movimento europeu de vernaculização em cujo âmbito se inclui também a problemática da codificação gráfica dessas línguas modernas ao amparo da tradição gráfico-latina. Assim se explica a importância geralmente concedida aos aspectos fonético-fonológico e gráfico na maioria das obras gramaticais quinhentistas europeias, como denunciam os títulos de um conjunto significativo de produções em língua castelhana, francesa e italiana. De facto, integrada num processo abrangente de normatização linguística, a questão da constituição de um código gráfico constitui uma preocupação dos humanistas quinhentistas, e mesmo dos seiscentistas, facto tanto mais evidente quanto a produção gramatical em vernáculo é relativamente reduzida, sobretudo se desatendermos as obras bilingues (latim-português e vice-versa) ou aquelas em que o português é examinado paralelamente ao latim. Por outro lado, ao processo de codificação do sistema gráfico está subjacente a necessidade de promover a língua portuguesa como suporte material de uma literatura verdadeiramente nacional, aspecto integrante da chamada “questão da língua vernácula”, como fenómeno linguístico-cultural que percorreu a Europa e teve manifestações específicas nos numerosos textos então publicados em defesa e ilustração das línguas vulgares europeias. A questão ortográfica não deixaria, portanto, de estar implicada nesse fenómeno, constituindo inclusive uma das suas vertentes, ainda que nem sempre autonomizada das restantes. Concomitantemente com esse processo de gramaticalização das línguas vernáculas, continua-se a cultivar o latim e até o grego, que em regra exerciam sobre estas um papel tutelar no plano da sua normatização ou “descrição gramatical”. De facto, durante o período de quinhentos e de seiscentos até 1734, boa parte das obras compulsadas na historiografia linguística portuguesa ou tratam especificamente do sistema gráfico ou lhe consagram uma das suas partes. Daqui decorre, portanto, o facto de atentarmos em obras metagramaticais, ainda que nem sempre se apresentem como gramáticas (cf. **Anexo II - Bibliografia**), em vez de nos atermos simplesmente às metaortográficas, opção que se revela fecunda na apreensão das ideias ortográficas no período em causa. Dispensaram-se, porém, as fontes lexicográficas.

## 1. Os quinhentistas

Em matéria de discurso e doutrina metaortográficas em língua vernácula, antes de Fernão de Oliveira e, sobretudo, de João de Barros, na Península Ibérica já tinham vindo a lume algumas obras nesses domínios, as quais decerto constituíram fontes, ainda que nem sempre de forma explícita, dos ortógrafos portugueses quinhentistas. Refiram-se, assim, os nomes de António de Nebrija, com as suas **Reglas de Ortografia** (1417) e a **Gramatica castellana** (1492), Alexo Vanegas, autor do **Tractado de orthographia e accentos en las tres lenguas principales** (Toledo, 1531), Juan de Robles, nas **Reglas de Orthographia** (1533), e Juan de Valdés, no **Diálogo de Lengua castellana** (1535), sendo que Nebrija foi, de todos, aquele que mais influenciou os gramáticos portugueses da época.

Dos gramáticos ortógrafos não peninsulares refira-se sobretudo Trissino, autor das **Dubii grammaticali** (1529).

### 1.1. Fernão de Oliveira (1536)

Tendo nascido provavelmente em Aveiro, Fernão de Oliveira (1507-1580/81?), o primeiro gramático português passou a sua infância na Beira (cf. cap. XLVII); aos treze anos entrou para o Convento dos Dominicanos em Évora, onde foi discípulo do humanista André de Resende. Refugia-se em Espanha, após ter abandonado aquele convento em 1532, e quatro anos depois dá à estampa a sua **Grammatica da Lingoagem Portugueza**. Já secularizado, exerceu a actividade de pedagogo para famílias fidalgas, tendo sido professor dos filhos do próprio João de Barros; prestou serviços ao rei D. João III em Itália, em 1543, já em Portugal, é envolvido em conflitos que levam a ser perseguido pelo Santo Ofício; embarcado sob nome falso (1545), de volta ao país é preso pela Inquisição, possivelmente por suspeita de heresia; depois da reclusão volta a partir (1552), desta feita para o Norte de África. Até à sua morte, não mais deixará de passar por perseguições e malquerenças.

A sua **Grammatica** conheceu poucas edições: depois da primeira, de 1536, vinda a lume em Lisboa, na oficina do impressor de origem francesa Germão Galharde,

só volta a ser editada em 1871 (2ª edição conforme a de 1536, Porto, Imprensa Portuguesa), por iniciativa do Visconde de Azevedo e Tito de Noronha; de 1933 é a 3ª edição, feita de harmonia com a primeira, sob a direcção de Rodrigo de Sá Nogueira, seguida de um estudo e de glossário de Aníbal Ferreira Henriques (Lisboa, Edição de José Fernandes Júnior, Tipografia Beleza, Rua da Rosa, 105). Em 1954, teve nova edição, da responsabilidade do brasileiro Olmar Guterres da Silveira (A “**grammatica**” de Fernão de Oliveyra, Rio de Janeiro), e, mais recentemente, uma edição facsimilada da primeira publicada pela Biblioteca Nacional de Lisboa (**Gramática da Linguagem Portuguesa**, 1988).

### 1.1.1. A “ortografia” na Grammatica

Impressa em caracteres góticos e sem numeração, a primeira gramática portuguesa tem características ortotipográficas bastantes interessantes, de que são exemplo o aspecto compacto das páginas, os títulos introduzidos pelo caldeirão, adaptação da tradição manuscrita, as letras decorativas de diversos tamanhos, aos quais nos referiremos no âmbito da chamada pontuação de texto, isto é, no nível pontuacional exterior <sup>α</sup> sistema gráfico propriamente dito, relativo à configuração do texto como produto de consumo sujeito ao processo de fixação e normalização determinado pela impressão.

Um dos aspectos mais salientes do sistema gráfico patente na **Grammatica** de Oliveira é a sua simplicidade ou despojamento, facto para o qual já havia chamado a atenção Aníbal Ferreira Henriques, nas suas notas à terceira edição, resultante da leitura da 1ª pelo ilustre filólogo Sá Nogueira. De facto, sem apresentar uma divisão em partes ou uma secção sobre a ortografia, e apesar de todas as irregularidades, as soluções presentes na obra traduzem a ideia de experimentação gráfica no sentido da vernaculização, isto é, uma tentativa de adaptar a tradição gráfica disponível – a latina –, à realidade fonológica moderna – a língua portuguesa. Regista-se, assim, a hesitação entre as grafias geminadas e a correspondente simples (*elle*, *acçento*, *accupação*,

*honrra~hõrra-asi*)<sup>3</sup>; uso irregular de <h> etimológico inicial, mas emprego regular dos dígrafos <ch, lh, nh> para grafar as palatais, salvo em alguns vocábulos de influência castelhana; regularidade na distinção entre <s> e <c> e entre <s> e <z>, devido à realização de uma oposição entre dois pares de sibilantes; instabilidade na representação da palatal sonora /ʒ/, ora grafada com <j>, ora com <g>; emprego sistemático de <u> para grafar a fricativa lábio-dental sonora; uso de til como marca de nasalidade e de abreviatura; uso moderado e irregular das maiúsculas<sup>4</sup>; reduzido inventário pontuacional. Dos aspectos acima enumerados, Oliveira atenta mais demoradamente naquele que melhor caracteriza a língua vernácula face à matriz, a saber, a oposição fonológica entre vogais abertas e fechadas em vez da oposição quantitativa entre longas e breves latinas, assunto que se enquadra, de resto, numa preocupação descritiva mais ampla – a descrição do que hoje denominamos sistema fonológico. Por isso, a doutrina ortográfica oliveirense encontra-se insere-se na “definição das letras e sua classificação”, matéria tratada ao longo de vários capítulos consecutivos (VI a XVII). Aparentemente confundida com a de som, ou, mais rigorosamente, de fonema, a noção de “letra” corresponde às substâncias fónica e gráfica, de cuja distinção o gramático parece ter na verdade consciência, se bem que o uso do termo “letra” tenha sido interpretado como uma confusão entre uma e outra substâncias pelos comentadores até a este século, situação que só tem sofrido alteração graças ao contributo das disciplinas da chamada “linguística da escrita” ou “teoria da escrita”, em particular da grafémica e da grafética, e do re-exame dos textos dos Antigos<sup>5</sup>. Ainda assim, essa pretensa confusão entre letra e som e vice-versa acabou por constituir um tópico da reflexão não só ortográfica como linguística em geral, em todas

---

<sup>3</sup> Nas citações, apenas desdobramos as abreviaturas e usamos os caracteres <s, ss>, sendo conservadas as restantes características da edição original (ausência de acentuação e de pontuação, grafias, maiúsculas, etc.).

<sup>4</sup> Para uma perspectiva cronológica da doutrina sobre o emprego das maiúsculas em textos metaortográficos, vide: Evelina Verdelho, *O emprego das maiúsculas, segundo as gramáticas, ortografias e reformas ortográficas da língua portuguesa*, Actas do IX Encontro Nacional da APL, Coimbra, 1993, pp.445-463.

<sup>5</sup> Para uma revisão desta questão, vide: Françoise Desbordes, *La prétendue confusion de l'écrit et de l'oral dans les théories de l'antiquité, Pour une théorie de la langue écrite* (éd. Nina Catach), CNRS, 1988, pp.27-33.

linguística em geral, em todas as línguas beneficiárias do legado terminológico-conceitual greco-latino, conquanto se revista de matizes diferentes nos vários espaços. De facto, para os Latinos inicialmente o termo *littera* designa o desenho, e, por extensão, o seu valor oral, mas devido ao influxo grego, em especial dos Estóicos, o termo adquirirá outros valores. Porém, é tardia (com Scaurus, provavelmente no séc. II d.C.) a distinção entre a acepção primitiva de *littera* e a do termo *elementum* para demonstrar a separação entre a vertente escrita e a vertente oral. Como quer que seja, a “letra” é entendida como uma unidade abstracta de dupla face, ou, se se preferir, como o menor constituinte do significante articulado e susceptível de ter significado, articulação que ocorre tanto na voz como na escrita.

Os termos usados por Fernão de Oliveira – *letra* e *figura de voz*<sup>6</sup> – põem de manifesto uma subtil distinção entre os planos fónico e gráfico, sendo que o segundo remete para o “desenho” traçado no papel, enquanto que o primeiro parece situar-se num nível de abstracção mais comparável ao fonológico do que ao da realização fonética, interpretação que cremos ser corroborada pelas palavras do gramático quinhentista: “A letra e figura de voz estas dividimos em cõsoantes e vogaes. (...) As figuras destas letras chamão-se os Gregos caracteres: e os latinos notas: e nos lhe podemos chamar sinaes. Os quaes hão de ser tantos como as pronüiações a que os latinos chamão elementos: e nos as podemos interpretar fundamētos das vozes e escritura (fl.5v)”<sup>7</sup>.

Daqui ressalta também a estreita vinculação da questão ortográfica à descrição das oito unidades do sistema fonológico português, como se vê pela exposição oliveirense sobre os graus de abertura das vogais portuguesas e das soluções sugeridas de molde a reflectir a realidade vernácula, para a qual careciam de resposta adequada e completa os grafemas herdados do latim. Essa visão sistemática do vocalismo assenta numa descrição simultaneamente articulatória e gráfica das vogais, à qual subjaz

---

<sup>6</sup> Para a elucidação destes conceitos, vide Brigitte Schlieben-Langen, “*Letra*”, “*figura*” und “*força*” bei Fernão de Oliveira. Sep. de *De orbis Hispani linguis historia moribus. Festschrift für Dietrich BRIESEMEISTER zum 60. Geburtstag* (Herausgegeben von Axel Schönberger und Klaus Zimmermann), Frankfurt am Main, Domus Editoria Europae, 1994, pp.17-28.

<sup>7</sup> A respeito do conceito de “letra” em Oliveira, cf. Eugeniu Coseriu, *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*, Presença, 1991, p.20, nota 17.

uma procura da *motivação* dos grafemas<sup>8</sup>, quer dizer, parece existir uma tentativa de vincular a figura (significante) dos grafemas ao seu valor (significado). Mas a grande originalidade da doutrina de Oliveira está sobretudo na descrição das oposições de timbre entre /a/ e /α/, a aberto e a fechado, traduzida na distinção gráfica entre <a> e <α> (almada ~ alemαnhα), como também propõe os grafemas gregos <ε> e <ω> para marcar as vogais abertas dos pares /ε/-/e/ e /ω/-/o/, oposições refutadas por Leão, mais pautado pela etimologia do que pela orelha (cf. infra); nos três casos as distinções entre vogais abertas e fechadas são designadas como diferenças entre vogais “grandes” e “pequenas”.

João de Barros, decerto por influência não confessada de Oliveira, refere-se às mesmas oposições, embora sem coincidir com ele quanto à distinção gráfica das unidades em causa, pois se este sugere a introdução de grafemas gregos <ε> e <ω>, aquele opta pelo acrescentamento de diacríticos aos grafemas tradicionais <a>, <e> e <o>. Como demonstrou magistralmente o Prof. Eugenio Coseriu<sup>9</sup>, Oliveira apenas entra em contacto directo com a cultura italiana por volta de 1540-41, quatro anos após a publicação da sua gramática, donde, ao invés de Maria Leonor Buescu, se conclui ser de difícil comprovação dessa influência, tanto mais que, cronologicamente, só seria plausível uma influência de Trissino (1478-1550), o qual propôs, de facto, o uso de ε e ω, associando-os, porém, às denominações *chiaro-acuto* e *grave-ottuso*, e não aos termos grande e pequeno, usados pelo português Oliveira e repetidos por Barros. Quanto ao suporte vocálico junto de oclusiva velar surda ou sonora, nos casos em que ele é articulado Fernão de Oliveira propõe uma grafia baseada numa pronúncia mais próxima de [o] que de [u], descrita nos seguintes termos:

---

<sup>8</sup> A título de ex., veja-se fl. 8v: “Desta letra .i. vogal sua figura he hũa aste pequena aleuãtada cõ hũ ponto pequeno redõdo em cima: pronũciasse cõ os dentes quasi fechados: e os beiços assi abertos como no .e. e a lingua apertada cõ as gãgibas de bayxo: e o espirito lançado cõ mais impeto. A figura desta letra .o. pequeno e redonda toda por inteiro como hũ arco de pipa e a sua pronũciação faz isso mesmo a boca redonda dentro e os beiços encolhidos em redõdo. E a figura de ω grãde parece duas faças cõ hũ nariz pello meyo ou e dous oos juntos ambos e tem a mesma pronũciação cõ mais força e espirito: e todauia estas letras vogaes grandes fazẽ alghũ tanto mays mouimẽto na boca que as pequenas”. A mesma questão parece colocar-se a respeito dos grafemas consonânticos; vide: Maria Leonor C. Buescu, **Historiografia da língua portuguesa**, 1984, p.18.

<sup>9</sup> A suposta influência italiana na doutrina de Oliveira e de Barros, defendida por Maria Leonor Buescu (cf. obra cit., pp.7-108), é infirmada por E. Coseriu, **Obra cit.**, pp.20-21.

“(…) nos fazemos .u. liquido alghūas vezes despoys de .g. e .q. como quando: e lingua mas se o meu sentir he açeritado eu sinto nos taes lugares .o. pequeno e não ja .u. e assi o escreueria se me atreuisse desta maneira .lingoa. qoando. porque assi me soa a mi nas orelhas: e se outra cousa fazem por imitar a os latinos não e nossso o que seguē“ (fl.10v).

A descrição da nasalidade vocálica é tratada no tratamento do til, que é definido como *elemento* ou *fundamēto* e descrito como “hūa linha direita lãçada sobre as outras letras sua força e tão brãda q a não sentimos se não mesturada cõ outras: e por tãto não tē nome apropriado mais de quanto lhe o costume quis dar”. Ao indicar uma modificação da vogal sobre a qual ocorre, o til reveste-se de carácter discreto, visto fazer “alghūa cousa e tem poder alghū: o qual sintem as orelhas: mas a boca o acha tão sutil tomãdoo por si soo que o não sabe formar: nē lhe da” (fl. 11v). Difere das “letras” propriamente ditas na medida em que carece de correspondência fonográfica (...*esta ãtre nos claro esta q não temos voz a qual se forme co este elemēto ou fundamēto til*, ib.), ou seja, não tem nem “nome natural” nem “pronúnciação” própria, sendo por isso uma modificação da própria vogal, que permite opô-la à correspondente oral (...*digo que mudão a voz porque não he a mesma voz vila e vilã: mas o til que lhe posemos muda a calidade do .a. de clara voz em escura e meteo mais pellos narizes...*fl. 11v). Acrescente-se que o gramático identifica e descreve correctamente as cinco vogais nasais portuguesas em função do traço da nasalidade acima referido (...*outro tanto: nas outras vogaes como .e. e ē i e im. o e õ. u e ũ*, ib. ), descrição cuja originalidade no espaço românico, e não só, também foi magistralmente realçada pelo Prof. Coseriu (pp.23-24). À identificação das vogais nasais, soma-se a descrição relativa aos ditongos nasais grafados <ãe, ão, ãy, õe>, em *pães, pão, mãy, põe*, e nos quais o gramático reconhece o traço da nasalidade em ambas as vogais, conforme as suas palavras: “E nos (...) vemos e sentimos co as orelhas q soa ali hū til sobre ambas as letras vogaes do ditongo: como escriuão escriuães: o qual co a boca e beiços muy soltos també soa na mesma forma em todas as syllabas em cujos cabos nos escreuemos .m. ou n. errando cõ o costume” (fl.14r). De facto, mais do que <m> ou <n>, susceptíveis de serem ambíguos na representação da nasalidade, a solução para esse problema assenta sobretudo no til, sendo que o tratamento da nasalidade constitui justamente um dos



aspectos inovadores da doutrina de Fernão de Oliveira, cuja descrição emana de uma visão linguística *avant la lettre*, ausente em muitos gramáticos e ortógrafos do seu tempo e mesmo posteriores<sup>10</sup>.

Igualmente acertada é a descrição dos ditongos orais [aj], [aw], [ej], [ɛw], [ew], [iw], [oj], [ɔj], [ow], [uj], correspondentes às doze grafias que incluem *a grande* e *a pequeno*, assim como *e grande* e *o grande*, a saber, <ae, ao, ei, eo, eo, eu, io, oe, oi, oi, ou, ui>. Porém, os exemplos *tomae, pao, tomei, çeo, deos, meu, fugio, foe, caracois, boi, dou, fuy* (fl.13v) são grafados sem <α>, <ε> e <ω>. Relevante para a reconstituição da pronúncia quinhentista é a referência aos grafemas <e> e <o> em sílaba átona, cujo valor parece oscilar respectivamente, segundo o testemunho do gramático, entre [e]~[i] e [o]~[u], devido à proximidade fonética entre estes sons: “(...) das vogaes antre u e o pequeno ha tanta vezinhaça que qua[is] nos confundimos dizendo h[ui]s [omir e outros [umir: e dormir ou durmir e bolir ou bulir (...). E outro tanto antre .i. e .e. pequeno como memoria ou memorea gloria ou glorea” (fl.13r). De resto, às propostas gráficas do gramático neste assunto não é estranho um ponto de vista eminentemente funcional, como bem demonstrou Coseriu<sup>11</sup>, pois Oliveira reconhece, no que à distribuição dos fonemas respeita, a variação condicionada pelo contexto fónico, ou, se se preferir, pela fonotáctica, explicação que elucida os dois últimos exemplos, ao esclarecer que “não pareça a alguém que nos confundimos .i. pequeno cõ .e. pequeno: nem .o. pequeno com .u. pequeno: porque ellas não são diuersas vozes e tam pouco não temos ha hi neçessidade de diuer[as] letras: mas e de[sta] maneira que antre .i. que e letra delgada aguda e viua e antre .e. grande soa na no[ssa] lingua h[ui]a outra voz mais escura: e não mais que h[ui]a : e a este chamamos .e. pequeno o qual em h[ui]as partes [oa] mays e em outras menos como fazem as outras vogaes: e óde soa mais podemos dizer que e mais vezinho do .e. grande: onde tambẽ menos [oa] sera isso me[smo] mays vezinho porque não muda a voz [e não por re[sp]eito das consoantes mais ou menos: ou por qualquer outra vezinh[ã]ça de letras que [e coelle] aj[ut]ão gasta mais ou menos tempo e aparece mais ou menos a [ua] voz como escreveste: memorea: mais [oa] .e. pequeno na

---

<sup>10</sup> Vide: Eugeniu Coseriu, *La description de la nasalité, Diachronie et variation*, SiL, pp.7-12.

<sup>11</sup> Cf. *Língua e Funcionalidade*, p. 30.

penultima de escreve[te que de memorea porque em escreue[te tem a diante na me[ma  
[ilaba hũa letra consoante .[. e em memorea tem logo outra vogal em outra [yllaba (...)  
(fls. 16v-17r).

Por último, refira-se o estatuto de <y> na doutrina de Fernão de Oliveira: a esta  
unidade, descrita por analogia com v, atribui o gramático a função (*offiçio*) de  
representar a semivogal dos ditongos portugueses (*meyo, feyo, moyo, joyo* fl.10r)<sup>12</sup>, caso  
contrário carece de função. Finalmente, acrescente-se que, à semelhança de Nebrija, o  
autor da **Grammatica** separa já ortograficamente <i> de <j> e <u> de <v>.

Partindo da divisão clássica das consoantes em mudas (...*porq em si não tem voz  
alghũa nem offiçio ou lugar que lha de...b, c, d, f, g, m, n, p, q, t, x*, fl.7v) e semivogais  
(...*as semivogaes podẽ e star em fim das vozes como as vogaes ... l, r, s, z*, fl.7r), Oliveira  
apresenta a primeira descrição sistemática do sistema consonântico de uma língua  
românica<sup>13</sup>. São de realçar, de facto, as descrições do gramático quinhentista, as quais,  
*mutatis mutandis*, permanecem válidas até hoje, tornando o seu autor num verdadeiro  
precursor não só da fonética como também da fonologia portuguesa, na medida em que  
ele avança um sistema de correlações baseadas na força ou tensão, isto é, na  
sonoridade, traço que garante a oposição funcional entre /t, p, k/-/d, b, k/, /s/-/z/, /s/-/z/,  
f/-/v/ e /ʃ/-/ʒ/, enquanto que o traço da quantidade marca a distinção entre a vibrante  
simples e a múltipla<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Cf. fol. 10r: "(...) a qual letra a mi me parece ser .y. e não .i. vogal porque ella não faz syllaba por si: nẽ  
tã pouco .j. cõsoante na força que lhe demos mas ẽ outra quasi semelhãte aquella muito ẽxuta sã nenhũa  
mestura de cospinho e nestes taes lugares servir esta figura de .y. e se não he oçiosa".

<sup>13</sup> Cf. E. Coseriu, **Língua e funcionalidade**, pp.24-28.

<sup>14</sup> Cf. fl.9r-v: "Pronüçiasse a letra .b. antros beyços apartados lâçando para fora o bafõ com impeto: e quasi  
com baba. .c. Pronunçiasse dobrãdo a lingua sobre os dentes queyxas: fazendo hũ çerto lombo no meyo  
della diante do papo: casi chegando cõ esse lõbo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito: o qual  
per força faça apartar a lingua e faças e quebre nos beyços com impeto. A pronüçiação da letra .d. deita a  
lingua dos dentes de çima com hum pouco de espirito. A pronüçiação do .f. fecha os dẽtes de çima sobre o  
beicho de bayxo....A...do .g. e como a do c cõ menos força do spirito. A...do .l. lambe as gẽgibas de çima co  
as costas da lingua achegãdo as bordas dellas os dẽtes queyxays. A...do .m. muge antre os beyços  
apertados apanhando para dentro. A... do .n. tine....tocãdo cõ a põta da lingua as gingibas de çima. A força  
ou virtude do .p. e a mesma q a do .b. se não que traz mays espirito. Pronüçiasse o .r. singelo cõ a lingoa  
pegada nos dẽtes queyxays de çima e sae o bafõ tremendo na põta da lingua. Do .rr. dobrado a  
pronüçiação e a mesma q a do .r. singelo se não q este dobrado arranha mays as gẽgibas de çima: e o  
singelo não treme tãto: mas tã mala ves he semelhãte ao .l. ... O .t. tem a mesma virtude do .d. com mays  
espirito toda via tira o .t. pera fora. Ao .x....pronunçiasse co as queyxadas apertadas no meyo da boca e o

de pré-dorsodentais e o par de apicais, representados respectivamente por <c<sup>e, i</sup>, ç<sup>a, o, u</sup>-z> e <s-, -ss-, -s->, em *paço-passo*, *cervo-servo*, e *cozer-coser*. Ora, na verdade, o destaque dado a este assunto demonstra até que ponto aquela distinção devia estar em nítida recessão, originando por conseguinte casos de homofonia de difícil prescrição, sem se fazer apelo ao conhecimento do latim, dado que a distinção articulatória é insuficiente, como confirma ao explicar:

“E porque de todas estas diuerfidades de vocabulos que ha em noſſa lingua, ſe não podem fazer regras geraes pera ſe conhecer com que letras ſe não de escreuer, he forçado que todos os escriuães que neſta parte quiſerem ſer perfectos, tenham algum conhecimento de latim, ou ao menos conheção a differença que ha na pronunciação do c, ao s, & do s, ao z, porque ſe cairem nella, com mais facilidade poderão vedar muitos erros conforme ao ſentido da orelha que neſta parte não he pouco fiel. E pera ſaber como ſe ha de fazer eſta differença, entendam que quando pronunciarem qualquer dição com c, hão de fazer força com a lingua nos dentes debaixo de maneira, que fique algum tanto a ponta dobrada pera dentro, & quando for com s, porão a lingua mais folgadamente pera cima que fique ſoando a pronunciação á maneira de aſſuio de cobra, que eſta foy a cauſa porque os antiguos formãramos, da feição de cobra, & o c, á maneira de meyo circulo que fica dobrado ſemelhante à lingua quando o pronuncia” (fl.5 r-v).

Detém-se especialmente nas grafias duplas ou dobradas, cujo uso é determinado pela origem dos vocábulos, assim como na descrição do valor de diversos grafemas. Assim, relativamente à duplicação de grafemas consonânticos destaca-se, por um lado, com base no critério fonético, o uso de <rr-> em posição intervocálica, e a sua exclusão em posição inicial ou depois de nasal (*Anrique*, *honra*), e, por outro lado, a duplicação de outros grafemas consonânticos em nome do critério etimológico ou da composição (*affirmo*, *occidente*, *asseguro*, *illustre*). Quanto aos valores grafemáticos, apesar de Gandavo não nos oferecer uma descrição sistemática, salientem-se alguns aspectos. A oclusiva velar sonora /g/ é representada pela sequência <gu<sup>e, i</sup>>, sem que nela o suporte vocálico seja articulado, embora em certos casos seja pronunciado [gw] (*guerra*, *guia-igual*, *guarda*); sem esse elemento vocálico e seguido de vogal anterior o

---

verdadeira pronunciação dos vocabulos, & muitas vezes ſignificar hãa couſa por outra, assi como , paſſos que ſe escreuem com dous ſſ, quando ſignificão os que ſe dão com os pês, & paços quando ſe entendem pellas caſſas reaes com c”.

Quanto ao uso gráfico, vale a pena atentar na clara distinção de dois pares de sibilantes, um áptico-alveolar e outro pré-dorsodental, grafados por <s-, -ss->-<-s-> e <c<sup>e</sup>, ç>-<-z->, que se distinguiam pelo respectivo ponto de articulação, como se comprova da descrição de Oliveira, que não alude ainda à confusão entre essas grafias, como fará Magalhães de Gandavo (cf. infra), trinta e oito anos depois:

Pré-dorsodentais:

“E[ta letra .c. cõ outro .c. de bayxo de [i virado para tras nesta forma .ç. tã a me[ma pronüçiação que .z. [e não que aperta mais a lingua nos d[etes. A pronüçiação do z zine antros dentes çerrados com a lingua chegada a elles: e os beyços apartados hü do outro: e e no[[a propria letra” (fl.9v).

Áptico-alveolares:

“O .[. singelo (...) e letra mimosa e quando a pronüçiamos aleuãtamos a p[õta da lingua pera o çeo da boca e o e[spirito a[[ouia pellas ilhargas da lingua. O . [[. dobrado pronüçia[[e como o outro pregãdo mais a lingua no çeo da boca” (fl.9v).

Todavia, Oliveira adopta <ç> em todos os contextos e posições (*dições, oçiosa, viçente, çerto*, fl.10r, *çapateiro*, fl.22r), facto que deverá associar-se à proposta explícita de substituição de <k> e <q> por <c>, pelo que a sibilante surda só se distinguiria graficamente da oclusiva por meio de <ç>, solução declaradamente perfilhada por Barros (cf. infra). Ora como é sabido, a discussão dos Latinos sobre a grafia da oclusiva velar surda, e mais concretamente sobre o uso de <k> e de <qu> reflectir-se-á na doutrina dos gramáticos e ortografistas quinhentistas, chegando até ao século XVIII. De facto, para sustentar a inutilidade de <q> (*letra sobeja*), o gramático invoca Diomedes e Quintiliano, chegando mesmo a sugerir a proscrição desse grafema ou pelo menos do suporte vocálico inarticulado; contudo, claudica perante o costume e os casos em que depois da oclusiva se articula o suporte bilabial [kw] (*quasi, quando, quanto, qual*)<sup>15</sup>. Já

---

espírito ferue na humidade da lingua. (...) A força de .v. consoante e como a de .f. mas cõ menos espírito. .j. consoante ...a sua pronüçiação e semelhante a do xi cõ menos força (...).”

<sup>15</sup> “Bem podã escusar essa letra .q. como cadeyra. coando começo. cuberto: e tambã estoutras .ce e ci. como ceixume e cina: se não que aos vulgares sera trabalhoso: e por tanto em quando com liquida e em queixume e quina escreuamos .q. ainda que o meu parecer era que nestes derradeiros pois soa letra liquida não se escreuesse se não assi: qeixume e qina e assi outros semelhantes. E porem o costume val muito sem o qual a escritura por ventura ficaria duuidosa”.

quanto a <k>, a posição do gramático é de clara vernaculização: ”*sem duuida elle antre nos não faz nada: nem eu nunca vi em escritura de Portugal esta letra .k. escrita ora poys as dições gregas quando vem ter antre nos tã longe de sua terra: ja lhes não lembra a sua ortografia: e nos as fzemos conformar com a melodia das nossas vozes: e cõ as nossas letras lhes podemos servir*“ (fl. 7v).

Da visão ou intuição fonológica do autor deriva outro aspecto doutrina fonético-fonológica e metaortográfica de Fernão de Oliveira: a oscilação numérica das “letras” do alfabeto, ora sendo apontadas trinta e duas, ora trinta e três, ora até trinta e quatro, de acordo com a exclusão ou inclusão de <h> e do til<sup>16</sup>, ambos descritos em conformidade com o sua natureza não fonográfica. Após invocar a tradição latina (i.e. letra consoante ou aspiração) respeitante a <h>, ao procurar definir a sua função e estatuto no âmbito do sistema gráfico português, fica indeciso entre o seu pretense “espírito”, a ausência de aspiração (*antre nos não vejo alghüa vogal aspirada se não e nestas interjeções vha e aha e nestoutras de riso ha ha he...*, fl.10r), a uma função etimológica, restringida embora a um escasso número de exemplos (*hauer, homẽ*) ou ao “costume” que lhe confere função diacrítica (*hũ, alghũ, hi, ahi, honrra*). Mas outros dois grafemas contribuem ainda para a referida oscilação numérica – <q> e <y>. Assim, as trinta e três letras esquematicamente apontadas pelo gramático são <α, a, b, c, ç, d, e, ε, f, g, h, i, j, l, m, n, o, ω, p, q, r, rr [ , [ [ , t, v, u, x, z, y, ch, lh, nh>.

Integrados no tratamento de <h> por carecerem de figura própria, os dígrafos vernáculos também são descritos por Oliveira em função da grafia como “consoantes aspiradas”, denominadas respectivamente *che, lhe* e *nhe* (fl.11v), que completam o alfabeto oliveirense na qualidade de representações de unidades fonológicas da língua portuguesa. Se é verdade que a inclusão dos dígrafos vernáculos é bem demonstrativa da tendência vernaculizante do nosso primeiro gramático, o mesmo se pode observar

---

<sup>16</sup> Cf. fl.6r: “E com tudo nam deixa dauer falta nesta parte porque as nossas vozes requerem que tenhamos trinta e duas: ou trinta e tres letras (...)”; fl.7v: Temos estas letras .ç. j. rr. ss. v. y. ch. lh. nh. As quaes por todas fazẽ numero de trinta e tres: e cõ .h. final de aspiração trinta e quatro. e cõ tudo a estas duas .til. e h. não metemos em conto de letras perfeytas: porque de feito a força dellas e muy diminuyda e tanto que quasi a não sentimos sem ajütamẽto doutras letras: nẽ lhe podemos dar nome proprio que a pronũciação dellas mostre: e assi ficam as nossas letras ã trinta e duas (...)”.

quanto à inutilidade de grupos como <ph, ps>, pois o critério fonético prevalece sobre a etimologia.

Já as chamadas “consoantes mudas” (*Alghũas letras posto que se escreuão não se pronũção...*, fl.11r), à semelhança da vogal líquida depois de <q> e <g>, são justificadas pelo costume, mas sem exemplificação, embora na prática patente na **Grammatica** se detecte uma tendência fonográfica, ou seja, a grafia como reflexo da realização oral (*sinificado*, fl.8r), tendência contrária àquela que avançará depois da segunda metade da centúria, a saber, a reposição de muitas grafias cultas, reintroduzidas depois na pronúncia, pelo “efeito de retorno”, que mais não é do que a interferência da grafia na fonia. Ao arrepio da imitação da matriz latina, Oliveira assume claramente a vernaculização gráfica antes referida, prescindindo por isso de dígrafos cultos, ou grafias dobradas em nome da realidade fonética da língua moderna (*filosofo, gramatica, espirito,* ), posição que expõe nos seguintes termos: “(...) mas nos trabalhemos quanto poderemos de as amãsar e cõformar co a nossa .autor. rector. e outras comessas não nas escreueremos cõ .c. ãtes de .t. como os latinos fazã: porq a nossa lingua não cõsinte acabar as nossas syllabas em .c. nem em outra alghũa letra muda (...)” (fl.15r-v). Confrontem-se, todavia, as soluções precedentes com as seguintes, que atestam ou a variação ou a preponderância do critério fonético: *ethimologia~etimologia, auer, syllaba~silaba, esperiencia, dição, acreçentamos, hostea, atrativas, spirito~espirito, sinifica~sinificado* (passim).

No plano extra-alfabético, embora o nosso primeiro gramático não se tenha ocupado do assunto, vários são as marcas deste nível pontuacional na obra de Fernão de Oliveira. Assim, relativamente aos processos gráficos de identificação ou delimitação da palavra como unidade acentual e gráfica, ou seja, a chamada pontuação de palavra, há a destacar o uso das maiúsculas e a translineação: se por um lado, é de notar que a maiúscula de palavra é usada assistematicamente nos nomes de pessoa, nos geográficos e gentílicos, detectando-se incoerências quando não coincide com a função de maiúscula de frase (*Portugal, Diomedes, Quintiliano~quintiliano, Marçiano capella, marco varrão, Garçia de resende, Latinos, Gregos, Tunez*), sendo, pelo contrário, sistemática a sua ocorrência depois do caldeirão, com o qual assinala a abertura tanto da frase como do período (*⊃ A força de .v. consoante e como a do .f. mas cõ menos espirito*, fl.9v); por outro lado, a translineação é assinalada com frequência por meio de

um duplo hífen [=], se bem seja menos frequente no verso dos fólhos. Ora, relativamente ao emprego da maiúscula, não é demais referir que ela assumiu de forma mais ou menos privilegiada conforme as épocas funções de natureza vária: estruturantes ou hierarquizantes (funções sintácticas e relações semânticas entre os segmentos do enunciado, por ex.), distintivas (por ex. nos homógrafos), conotativas ou semióticas (valorização, dignificação, etc.). Não existe, porém, nem o chamado hífen lexical, quer dizer, o elemento de ligação entre as partes de um substantivo composto, nem o hífen sintáctico, isto é, aquele que liga as formas pronominais enclíticas ao verbo, caso em que verifica-se aglutinação daquelas a este (*chamase* “chama-se”, *declinanse* “declinam-se”, *amoestãdonos* “admoestando-nos”), mas já não sucede assim com as proclíticas (*se conhecem*).

À pontuação de palavra pertencem igualmente as numerosas abreviaturas patentes na *Grammatica*, nas quais o til é a marca da abreviação por excelência; ele figura, por ex. nas seguintes: q “que”, porq “porque”, peqno “pequeno”, qndo “quando” (passim). Ao til, juntam-se outras marcas já convencionadas e tradicionalmente aplicadas aos textos latinos, a saber, 9 “lat. -(m)us/ -os” (do<sup>9</sup> “dos”, resguard<sup>9</sup>, “resguardos”, fazem<sup>9</sup> “fazemos”, passim), δ “de (δllas “delas”, δste “deste”), 7 “et/ e”, sendo esta última usada regularmente.

Na pontuação de texto incluímos as unidades gráficas que ou delimitam a frase ou separam e relacionam segmentos dessa unidade sintáctico-semântica, a saber, o ponto [.], a barra oblíqua [ / ], os dois pontos [:] e a maiúscula de frase e de palavra, o ponto e vírgula [;] e o parêntese [( )]— os dois últimos são pouco frequentes<sup>17</sup> —, correspondentes a três graus da antiga pontuação (fraca, média e forte). Na verdade, a ideia de três graus, correspondentes a outros tantos sinais (pontos), a ter em conta no acto de escrita e de leitura, fora veiculada por Santo Isidoro (*Etimologias*, cap. III), nas quais o sábio sevilhano refere três *distinctiones*, a saber, a *subdistinctio*, a *media distinctio* e a *ultima distinctio*, equivalentes respectivamente às denominações gregas *kómma*, *kólon*, e *téleia* ou *stigmé*.

---

<sup>17</sup> Cf. fls. 26v e 38r.

Apesar de restrito, este inventário recobria toda uma série de funções, a julgar pela diversidade de contextos em que ocorrem os pontemas, caracterizando-se o sistema pontuacional pela plurifuncionalidade das suas unidades, distribuídas hierarquicamente.

Assim, ao indicar o limite da frase o ponto é a pontuação mais forte e corresponde ao *periodus* e ao *colus*, os dous pontos constituem uma pontuação média, correspondente à *coma*, para indicar as partes ou membros da frase, antecedendo quer uma conjunção, sobretudo coordenativa (*A pronũciação do .z. zine antros dentes çerrados com a lingua chegada a elles: e os beijos aparatados hũ do outro: e e nossa propria esta letra*, fl.9v), quer um pronome relativo (*Porque de neçessidade mais tempo gastão duas consoantes que hũa: as quaes tambem tem espirito e ajudão a soar...*, fl.16r) ou, ainda, para introduzir exemplos ou esclarecimento; a pontuação fraca é assinalada pelo barra transversal, que parece remontar às antigas escritas góticas, cuja função é equivalente à da vírgula, servindo para separar os elementos de uma enumeração (...*pode acabar dição ou syllaba nesta letra .l. como peytoral/ papel/ barril/ caracol/ azul e .r. como lagar/ comer/ dormir/ señor/ artur*, fl.14v), pontuação fraca que também é marcada pelo ponto ao separar ou isolar os elementos de uma enumeração (*Como cabaz. pez. iuyz. arroz. alcatruz*, fl.14v), situação em que se poderia fazer um paralelo entre o seu uso e o do ao actual itálico ou do sublinhado, para destacar os exemplos.

Na pontuação de texto incluem-se a capital decorativa em início de capítulo, o caldeirão [C], seguido de maiúscula de frase, antecede os títulos e a separa as matérias tratadas nos diferentes parágrafos, já que o alinhamento destes se faz sempre à esquerda e sem reentrâncias de parágrafo, facto que favorece o aspecto compacto da mancha gráfica, da qual se destacam unicamente os títulos e os caldeirões.

## 1.2. João de Barros (1540)

João de Barros (±1496-1570/1571), autor da segunda gramática portuguesa, terá nascido provavelmente em Vila Verde (Viseu). Bastardo de família fidalga, foi enviado para a corte do futuro rei D. João III, onde exerceu funções de moço guarda-roupa. Foi Tesoureiro da Casa da Índia, Mina e Ceuta (1525-1528), tendo-lhe sido concedida uma capitania no Brasil (1535). Historiador, filósofo, escritor, pedagogo e viajante, Barros é



um verdadeiro exemplo de humanista quinhentista, como no-lo indicam as suas obras: a **Crónica do Imperador Clarimundo** (antes de 1520), a **Rópica Pnema ou Mercadoria Espiritual** (1531-1532), as **Décadas**, a **Cartinha** e a **Gramática** (1540).

Quanto à ortografia, as fontes clássicas por ele invocadas são Tortélio, Quintiliano, Aulo Gélio, Vitorino, Sérvio, Prisciano (fl.40). Relativamente ao seu antecessor, Barros tem a particularidade de apresentar na sua obra gramatical uma parte (a última, fls.40-50) consagrada ao seu tratamento. Nela o gramático define o conceito de ortografia, indica o número de letras, que se dividem em vogais e consoantes, propõe uma série de cinco regras gerais e outra de regras particulares para cada letra letra do alfabeto, e, por último, trata da pontuação.

No parágrafo da **Grammatica** referente à **Difinçam das leteras e o numero dellas**, a “letra” é descrita em função do seu carácter mínimo como a mais *pequena parte de qualquer diçam que se pôde escreuer: aque os latinos chamáram nóta, e os gregos carater* (fl.3r), para, depois, já na parte consagrada à **Orthografia** propriamente dita, Barros definir a *orthografia* como *ciencia de escrever diretamente* (fl.40). Aqui expõe um inventário alfabético constituído pelas figuras seguintes <á, a, b, c, ç, d, e, e, f, g, h, I, i, y, l, m, n, ó, o, p, q, R, r, Í, s, t, V, u, x, z, ch, lh, nh >, correspondentes, segundo o gramático, a apenas vinte seis unidades fónicas, distinguindo o valor fónico (poder) da *figura das leteras*, ou, se se preferir, as substâncias gráfica e fónica. Do inventário acima, vale a pena atentar na representação da oposição vocálica de timbre aberto e fechado – [a]-[α], [ɛ]-[e], [ɔ]-[o] –, distinção que é assegurada por diacríticos (acento ou outro sinal sob o grafema vocálico); do mesmo modo, note-se também que a oposição entre maiúsculas e minúsculas garante, por um lado, a distinção entre o valor vocálico e consonântico dos grafemas <I-i, V-u>, e, por outro, a vibrante múltipla da simples <R-r>; de referir ainda a distinção entre <Í-s>, a qual, assentando embora em questões cali-tipográficas, corresponde a variantes gráficas posicionais, pois o primeiro ocorrer em posição e interior de palavra, ao passo que o segundo aparece em final de palavra. Por fim, sublinhe-se a inclusão dos dígrafos vernáculos <ch, lh, nh>, correspondentes àquilo a que o gramático denomina de *prolações*.

A definição de vogal foi veiculada pela tradição dos gramáticos latinos mencionados pelo autor: “Chamanje estas leteras vogáes, por que cada hũa per Íy sem aiütamãto de outra fãz perfeita uóz” (fl.40v). Afóra as vogais, define (...*cáfy dobrádo fõ*,

por que ambas as letras retém o seu sòm, e fazem hũa syllaba, *ibid.*) e identifica os sete ditongos seguintes <ay, au, ei, eu, ou, oi, ui>. Quanto às consoantes, em conformidade com os Latinos, distingue o gramático as *mudas* (*b, c, d, f, g, p, q, t...tirando as letras uogáes cõ que às nomeamos ficã sem nome, fl.40v*), as *meas vogaes* (*l, m, n, r, s, x, z...chamãse meas vogáes por terem ante e depois de hỹ ougál que às nomea, fl. 41r*), e as líquidas (*l, m, r...ouueram este nome açerca dos Latinos, por que todas coufas que se deffazem e córrem, chamam elles liquidas, cá hỹ dilidas e derretidas, ibid.*).

As cinco regras gerais da ortografia dizem respeito aos seguintes aspectos: 1. em conformidade com a máxima quintiliana (*sic scribendum quomodo sonat*), a primeira regra estipula o isomorfismo entre o grafia e fonia (*escrever todas as dições com tantas letras com quantas a pronunçiamos, sem poer consoantes oçiosas: como uemos na escritura italiana e francesa, fl.42r*); a segunda são indicados os grafemas consonânticos que podem ocorrer em final de palavra, sendo que as mudas aparecem apenas nas peregrinas (*Jacob, Ioseph*); a terceira diz respeito às consoantes dobradas (*ll, mm, nn, rr, ss*); a quarta aponta a divisão silábica destas consoantes (*no ffo: no f-fo*); na quinta trata do uso de til na representação da nasalidade dos plurais das palavras em *am, em, im, om, um* (*pães, homães, citiãs, bõos, atũus, fl. 42v*).

Nas regras particulares trata, por sua vez, de cada grafema. Antes, porém, descreve com muito acerto as oito vogais do sistema fonológico português, a saber, *á grande /a/, a pequeno /a/, e grãde /ε/, e pequeno /e/, i comũ, ó grãde /o/, o pequeno /o/, u comũ* (fl.42v-43r). Quanto à letra <a>, tem ela duas figuras <á-a>, dotadas de diferentes funções: assim, se uma serve de preposição, de verbo da terceira pessoa do singular, de interjeição, por exemplo, a outra ocorre no artigo feminino e no pronome do mesmo género. O grafema *e grande* <e> aparece na terceira pessoa do singular do verbo ser; já o seu correlato *pequeno* <e> está representado na conjunção copulativa, por ex. O <I> tem, por sua vez, três figuras: I longo, para grafar a consoante fricativa palatal sonora /ʒ/, i pequeno, correspondente à vogal anterior; o <y> grego representa a semivogal dos ditongos (*mayór, ueyo, páy, áy, tomáy*). Com respeito à distinção entre <ó> e <o>, representativa da oposição entre a vogal aberta e a vogal fechada, o gramático refere o caso do par *póde-pode*, onde tal oposição tem uma função gramatical; o segundo ocorre no artigo *o*. O último dos grafemas vocálicos <V>, que

corresponde a dois valores: consonântico, representado por <v>, e vocálico, grafado por <u> (*vãaie, veio, vimos, vontáde, vulto~uogáes*, fl.45). Ao invés de Fernão de Oliveira, esta exposição de Barros caracteriza-se pela ausência de uma descrição dos traços articulatorios das vogais.

Relativamente aos grafemas consonânticos merecem a atenção do gramático os seguintes aspectos: <b> é antecedido por <m> (*ambos, embigo, tombo*, fl.45v); a distinção entre <c<sup>a, o, u</sup>> e <ç<sup>a, e, i, o, u</sup>>, sendo o segundo atribuído à pronúncia hebraica ou mourisca; a distinção entre o valor de <g<sup>a, o, u</sup>> e <g<sup>e, i</sup>>, e a distinção etimológica entre este e <l> (*gente, geáda, ginete~Ierusalem, Ieremias, Ierónimo*), o uso de <gu<sup>e, i</sup>>; a descrição de <h> como aspiração, e não como letra (*herdáde, homem, humanidade*), que integra os dígrafos <ch, lh, nh> próprios da *nóssa linguágẽ*, por imitação dos Latinos, <l> é grafema simples que pode dobrar em contexto intervocálico; em posição final <m> pode ser substituído pelo til, que também supre <n>, sendo que ambos podem ser dobrados em posição intervocálica; por outro lado, <n> ocorre em posição inicial e final de sílaba (fl.47v)<sup>18</sup>.

Num único grupo reúne os grafemas <d, f, p, t, x, z>, cujo uso é menos controverso, retirando-os por isso da ordem ou sequência alfabética (*...âs atamos em mólho, fem guardar a órdem que tem, nem fazermos dellas muitas mençam*, fl.46r). Ao invés destes, o grafema <q> é mais problemático: Barros chega a sugerir a sua exclusão do sistema gráfico português por não dispensar o suporte vocálico <qu>, mesmo quando este é inarticulado, visto poder ser substituído na sua função pelo grafema <c><sup>19</sup>, mas acaba por claudicar perante o uso tradicional; no mesmo campo da representação da oclusiva velar surda, note-se que <k> também é excluído do inventário alfabético, conquanto o autor o admita em algumas palavras gregas de origem grega (*Kirie eleifon*).

---

<sup>18</sup> Cf. fl. 47v.: “E muitas uezes o til ô eſcuſa do ſeu trabalho, quando e final de ſyllaba: como fáz ao, m, Tem mais, que ás uezes ſe quer dobrádo ẽ algũas dições que recebemos dos latinos, como anno”.

<sup>19</sup> Cf. fl.47v.: “Este letera. Q. pelo nome que tem, e aſſy pela pouca neceſidade que á della (como uimos a trás na leterac.) a nós conuinha mais que a outra naçam deſterrála da nóſſa orrthografia, e em ſeu logár empoffár eſta letera, c, Mas ia diſſe quam receoſo ſou de nouidádes: dádo que as proueitóſas tenham muita força pera ſerem recebidas”.

A oposição entre o grafema simples (singelo) <r> e o dobrado <-rr-> é de ordem posicional, já que se um representa a vibrante múltipla em início de palavra, posição em que está neutralizada a oposição entre aquele e a vibrante simples, já em interior de palavra a distribuição dos valores é diferente: em posição intervocálica a vibrante múltipla é grafada com <-rr-> e a simples então só representa a vibrante simples, casos que são mencionados pelo gramático, mas já não é assim com a vibrante múltipla o grafema simples depois da nasal. Por fim, trata de <S> e suas duas figuras, a saber, <ſ> e <s>, uma em posição inicial e interior, a outra, em final de palavra, questão que é ordem orto-tipográfica, mais do ordem gráfica, mas das duas figuras só a segunda é dobrada em contexto intervocálico.

Às “letras” propriamente ditas, termo que abrange simultaneamente as substâncias fónica (fonema) e a gráfica (grafema), acrescenta João de Barros o til, cuja apresentação a seguir às letras se justifica pelo facto de suprir algumas (*m* e *n*), substituição aceite em nome da economia de suporte (papel) e da velocidade da escrita.

No âmbito do que chamamos plano extra-alfabético do sistema gráfico compreendemos a pontuação de palavra, de frase e de texto, sendo que o gramático trata em especial da segunda, numa secção consagrada aos **Pontos e Distinções da óracám**<sup>20</sup>. De facto, João de Barros não se ocupa especificamente dos aspectos do sistema gráfico – maiúsculas, hífen, apóstrofo, abreviaturas, por ex. – que constituem o nível que convencionámos denominar de pontuação de palavra. Assim, sem aludir ao hífen, ao ilustrar a sua exposição sobre as modalidades de formação de palavras compostas (fl.9r-9v) com formas não aglutinadas como *Guárda pórtá* e *rede fóle* e outras aglutinadas como *torçicólo*, *arquiváncó*, o gramático atenta já na dupla vertente da grafia dos chamados compostos, assunto de fixação tardia na doutrina gramatical e ortográfica (cf. 1º vol., III).

Na secção sobre a pontuação, o autor salienta a importância deste nível no sistema gráfico, embora reconheça o seu escasso uso na tradição manuscrita (*letera tiráda*). Por não estabelecerem relações com o plano fonético-fonológico, as unidades

---

<sup>20</sup> Sobre o assunto, vide: Maria Carlota Amaral Paixão Rosa, **Pontuação e Sintaxe em impressos renascentistas**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

deste nível do sistema gráfico situam-se numa zona extra-alfabética, correspondendo, portanto, a grafemas de outra natureza – os chamados *pontemas* –, a saber, a *cõma*, o *cólo*, a *uerga*, o *parentefis* e a *interroçám* (fl.49r). Se a função do sistema constituído por estas cinco unidades é *apontár as pártes e cláufulas*, sem os quais fica a *óraçám amfibológica (...)* *donde náçem duuidas* (fl.49r), cada uma delas tem, no entanto, uma função distinta das restantes: a *cõma* ou *cortadura* separa segmentos da *claufula*, cujas partes são divididas por meio de *uirgulas*; o *cólo* assinala o encerramento (*termo*, *márco* ou *põto*) da cláusula, e pode ser simples (o *cólo* propriamente dito), ou duplo (*cõma*), sendo que este se distingue daquele porque não indica completude significativa da frase (...*por que defeia a outra páрте, com que a óraçám, fica perfeita e rematáda com este ponto cólo*, fl.49v), apesar de ambos corresponderem a uma pausa. De resto, a definição de cláusula, termo que João de Barros assume como equivalente do *período* dos Gregos ou do termo dos Latinos, assenta precisamente na função da pontuação como elemento estruturador ou hierarquizador do enunciado gráfico: *as paláuras que iázem antre dous cólos, fe chamam, clasula, ao nóſſo módo...*, fl.49v).

Devido à seu enquadramento retórico, o *parãefis* ou *entrepoçiçám* vê a sua função descrita não só entre as unidades pontuacionais precedentes como entre as figuras da construção (fl.39r): assim, o parêntese é representado por *dous árcos que fázem estas palavras (como ia disse): usam os latinos quando cometem hũa figura aque chamam Entrepoçiçám, e os gregos, parãesis, daquál tratamos na construiçám*. Quanto aos *pontos interrogatiuos* [?], Barros refere simplesmente a sua função denotativa da modalidade interrogativa.

Sublinhe-se, porém, que a prática barrosiana, mais exactamente a do impressor Luís Rodrigues, não reflecte a doutrina do autor na matéria, facto para o qual já Maria Carlota Paixão chamou a atenção<sup>21</sup>. Posto isto, note-se que, fruto de uma padronização pontuacional decorrente da intervenção da imprensa, o inventário pontuacional patente na *Grammatica* é ainda restrito, quando comparado ao de textos subsequentes; porém, na pontuação de texto verificamos que este texto quintentista apresenta um significativo conjunto de meios estruturadores de ordem ortotipográfica, que traduzem uma

---

<sup>21</sup> Cf. Obra cit. p.43.

preocupação de clareza e efeito estético incontestáveis: veja-se, por exemplo, o aproveitamento e a frequência com que ocorre a folha de hera [☛], oriunda da *hedera* latina, para assinalar cada parágrafo (colocada à esquerda) ou capítulo (à esquerda e à direita do título em maiúsculas), ao mesmo tempo que constitui um inestimável elemento decorativo.

Independentemente da intervenção do impressor, as soluções e a doutrina patentes na **Grammatica** de Barros resultam de um compromisso entre os princípios fonético e etimológica, numa linha de vernaculização moderada à qual não são alheios decerto os objectivos pedagógicos da obra.

### 1.3. Pero de Magalhães de Gandavo (1574)

Pero de Magalhães de Gandavo (?-depois de 1579), cujo apelido provavelmente se deve à naturalidade flamenga do pai (de Gandavum, i.e. aquele que tem avô na cidade de Gand, na Flandres)<sup>22</sup> terá nascido na região interamnense (Entre Douro e Minho), ou até mesmo em Braga, onde terá ensinado latim e português. Diz-se que foi contemporâneo e até amigo de Camões. Humanista e historiador, afora as **Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portugueſa, com dialogo que adinate se segue em defensam da mesma lingua** (1574), escreveu uma **História da Provincia de Sãcta Cruz á que vulgarmète chamamos Brasil** (Lisboa, Antonio Gonsalvez, 1576), e o **Tratado da Provincia do Brasil** (1569±), inédito até ao século passado. As **Regras** conheceram diversas impressões: a 1ª em 1574 (Lisboa, Antonio Gonsalvez), a 2ª em 1590 (Lisboa, Bechior Rodrigues), a 3ª, de 1592 (Lisboa, Alexandre Siqueira), a qual, segundo Buescu (1992), pelas condições histórico-políticas decorrentes da monarquia dual então vigente em Portugal, circulará em duas versões, uma autónoma e outra acostada aos **Exemplares de Diversas sortes de Letras, tirados da Polygraphia de Manuel Baratta**, numa manifestação daquilo a que a autora

---

<sup>22</sup> A acentuação do apelido do ortógrafo tem suscitado algumas discrepâncias entre os filólogos: uns defendem Gândavo, outros, Gandavo, de acordo com o topónimo alatinado *Gadavum*; cf. Joaquim da Silveira, *Gândavo, não Gandavo*, Brasília, III, Coimbra, 1946, pp..

chamará de chama de processo de censura *a posteriori*<sup>23</sup>. Todavia, o confronto das abonações fornecidas por Buescu (1992) com as indicações de Inocêncio (t.VI, p.430) e Anselmo (1926/1977)<sup>24</sup>, para além da nossa pesquisa bibliográfica, não parece confirmar que, na verdade, tenham existido essas duas versões. De resto, a referência à chamada “edição de Ocanha” induz, também ela, em erro, pois esse é o apelido do livreiro (João de Ocanha) em cuja casa estava à venda a edição de 1590, e que dois anos depois custearia a edição conjunta das **Regras** com os **Exemplares**, sem que isso signifique duas edições no mesmo ano. Acontece, então, que a referência na folha de rosto destes **Exemplares** à publicação conjunta das **Regras de orthographia**, terá sido interpretada como uma versão distinta daquela que, na verdade, acompanha a obrinha de caligrafia. Parece-nos ser esta a explicação plausível para esta questão das duas supostas edições de 1592. Isso não altera, contudo, o facto de que as **Regras de Gandavo** são a única obra metaortográfica quinhentista a ter mais de uma edição no mesmo século, comprovando-se assim a grande receptividade do assunto em causa. Anteriormente à edição fac-similada da Biblioteca Nacional (1981), Rolf Nagel<sup>25</sup> (1969) realizara uma leitura da obra com base na edição *princeps*.

Norteados sobretudo mais por objectivos pragmáticos do que pela constituição de uma verdadeira doutrina, as **Regras de Gandavo** revestem-se, ainda assim, de não pouco interesse, pelo facto de terem sido concebidas como produto de vulgarização de um sistema gráfico português, numa época em que devido à crescente proliferação de impressos urgia a uniformização. Na verdade, a reduzida dimensão da obra e a escassa problematização das áreas mais difíceis da representação gráfica da língua portuguesa tê-la-ão tornado num guia ortográfico bem conhecido e útil na sua época, como atestam

---

<sup>23</sup> Cf. *A Galáxia das Línguas na Época da Expansão*, Lisboa, 1992, pp.84-85.

<sup>24</sup> Cf. *Obras impressas em Portugal no século XVI*, 1977 (1ª ed. 1926): nº 704 (Lisboa, Antonio Gonçalves, 1574); nº 999 (Lisboa, por Belchior Rodriguez, vendemse em casa de João d'Ocanha, lic. do Sto Oficio de 15 Mr. 1590); nº 1063 (Lisboa, Alexandre de Siqueyra, 1592, vende-se em casa de João d'Ocanha liureiro); nº 13 (Exemplares de diuersas sortes de letras tirados de Polygraphia de Manuel Baratta escriptor portuguez. Acostados a elles hum Tractado de Arismetica, & outro de orthographia, Lisboa, Antonio Aluarez: A custa de J. de Ocanha liureyro, 1590)

<sup>25</sup> Cf. *Die Orthographieregeln des Pêro de Magalhães de Gândavo, Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, Herausgegeben von Hans Flasche, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster Westfalen, IX, 1969.

as quatro edições de que temos conhecimento. Por outro lado, as soluções aduzidas pelo autor parecem ir ao encontro dos meios técnicos disponíveis nas casas de impressões, contrariamente às soluções inovadoras de Fernão de Oliveira, que implicavam novos meios tipográficos. Com apenas 19 fólhos, a obrinha foi licenciada para impressão a 8 e 9 de Outubro de 1574. Apresenta uma dedicatória ao rei D. Sebastião (1554-1578), o qual visita Marrocos pela primeira vez justamente no ano de 1574, e um prólogo dirigido ao leitor (*discreto & curioso lector*). Segundo Gandavo, a *orthographia* fornece regras sobre o *lugar das letras & os accents necessarios* (fl 2r), visto já então nesta matéria estarem os portugueses *muy esfragados & viciosos* (ibid.), contribuindo assim para a deturpação da pronúncia. O autor define os destinatários e a metodologia da obra: destinada aos ignorantes de latim, que não aos gramáticos, a exposição (*arte*) é esclarecida pela exemplificação (*preceitos*), que estes dispensariam. A condição necessária à correcta pronúncia parece ser a ortografia e vice-versa. Dos princípios ortográficos invocados por Gandavo – a *ethymologia*, seguida da *pronunciação* –, se depreende uma tomada de posição relativamente à sua concepção do sistema gráfico, e, conseqüentemente, à natureza das soluções por ele apontadas, facto evidenciado desde logo na grafia de “etimologia” e de “orthographia”.

### 1.3.1. Plano alfabético

Ao invés de Fernão de Oliveira e até de Barros, a característica geral das soluções propostas por Gandavo é a sua moderação, patente mesmo no inventário alfabético, que apenas é constituído por vinte ou vinte e uma unidades, a saber, <A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S T, U, V, X, Z, Y>, repartidas em vogais (seis) e consoantes (as restantes). A sílaba é sua vez definida como “hum som que se faz com a voz como cada hũa destas que atras ficam deſtintas” (fl. 7v.). Relativamente aos valores dos grafemas vocálicos nas diversas posições de pouco nos serve a obra de Gandavo.

Em todo o caso, do emprego dos grafemas vocálicos, vale a pena sublinhar o caso do grafema <I>: este grafema desdobra-se em três figuras, a saber, a de grafema vocálico <i> ou i pequeno, a de grafema consonântico <j> ou i comprido, e a de <y> ou i grego, que figura em último lugar no alfabeto acima, colocação que denuncia o seu



carácter de unidade adventícia, ou seja, acrescentada tardiamente às unidades componentes do inventário latino. Esta distinção de ordem cali-tipográfica é pertinente devido à instabilidade da representação do fonema fricativo palatal sonoro /ʒ/ das línguas românicas, dado que só durante o século XVI tende a fixar-se essa representação na “letra ramista” <j-J>, a qual prevalecerá sobre as restantes práticas graças à acção normalizadora da imprensa em toda a Europa. Afora as palavras em que o uso de <y> decorre da etimologia, a distinção entre este e <i> assenta simultaneamente num critério de natureza fonética e caligráfica, a saber, marcar a diferença entre a semivogal /j/ e a vogal /i/, evitando a confusão com o *i comprido*, como se pode observar em *Rey, darey, foy, muy*, exemplos que o autor considera já sancionados pelo costume.

Pouco mais adianta Gandavo a propósito da representação do vocalismo. Contudo, as soluções patentes nas **Regras** demonstram um compromisso entre o princípio fonético e o etimológico ou histórico. De facto, um exemplo como *animaes* (< lat. ANIMALES) resulta concomitantemente da evolução fonética do latim para português e da vinculação à tradição gráfica latina.

Quanto ao consoantismo, Gandavo revela-se interessante porque é ao campo das sibilantes que ele concede um maior relevo, ao distinguir perfeitamente o par de sibilantes predordodentais do par ápico-alveolar, facto que não é de estranhar visto ser natural de Braga, onde a confusão entre esses pares não se registava.

No primeiro capítulo, o ortografista refere a área mais problemática da ortografia portuguesa, a saber, a representação do campo das sibilantes, na qual se regista uma discrepância doutrinal entre os autores, pelo que Gandavo propõe que os diferentes valores fónicos sejam grafados distintamente. Assim, o grafema <s>, cuja figura parece representar o formato de uma cobra, tem os seguintes valores posicionais: em início ou em interior de palavra depois de consoante, corresponde a uma sibilante, com articulação muito próxima da do grafema <c<sup>e</sup>, ʃ>. Do mesmo modo, acrescenta que o valor de <s> intervocálico se assemelha ao de <ʒ>, sem confundir<sup>26</sup>, no entanto, o par

---

<sup>26</sup> Cf. fl 5 r-v: “Mas ainda que isto assi pareça, nem por isso terão licença de pôr c, em lugar de s, nem s, em lugar de z, nem z, em lugar de s, nem s, em lugar de c, porque na verdade seria corromperem a  
**Cont. na página sgte.**

de predorsodentais e o par de apicais, representados respectivamente por <c<sup>e,i</sup>, ç<sup>a,o,u</sup>-z> e <s-, -ss-, -s->, em *paço-passo*, *cervo-servo*, e *cozer-coser*. Ora, na verdade, o destaque dado a este assunto demonstra até que ponto aquela distinção devia estar em nítida recessão, originando por conseguinte casos de homofonia de difícil prescrição, sem se fazer apelo ao conhecimento do latim, dado que a distinção articulatória é insuficiente, como confirma ao explicar:

“E porque de todas estas diuerfidades de vocabulos que ha em noſſa lingua, ſe não podem fazer regras geraes pera ſe conhecer com que letras ſe não de escreuer, he forçado que todos os escriuões que neſta parte quiſerem ſer perfectos, tenham algum conhecimento de latim, ou ao menos conheção a differença que ha na pronunciação do c, ao s, & do s, ao z, porque ſe cairem nella, com mais facilidade poderão vedar muitos erros conforme ao ſentido da orelha que neſta parte não he pouco fiel. E pera ſaber como ſe ha de fazer eſta differença, entendam que quando pronunciarem qualquer dição com c, hão de fazer força com a lingua nos dentes debaixo de maneira, que fique algum tanto a ponta dobrada pera dentro, & quanfo for com s, porão a lingua mais folgadamente pera cima que fique ſoando a pronunciação á maneira de afluio de cobra, que eſta foy a cauſa porque os antigos formãramos, da feição de cobra, & o c, á maneira de meyo circulo que fica dobrado ſemelhante á lingua quando o pronuncia” (fl.5 r-v).

Detém-se especialmente nas grafias duplas ou dobradas, cujo uso é determinado pela origem dos vocábulos, assim como na descrição do valor de diversos grafemas. Assim, relativamente à duplicação de grafemas consonânticos destaca-se, por um lado, com base no critério fonético, o uso de <-rr-> em posição intervocálica, e a sua exclusão em posição inicial ou depois de nasal (*Anrique*, *honra*), e, por outro lado, a duplicação de outros grafemas consonânticos em nome do critério etimológico ou da composição (*affirmo*, *occidente*, *asseguro*, *illustre*). Quanto aos valores grafemáticos, apesar de Gandavo não nos oferecer uma descrição sistemática, salientem-se alguns aspectos. A oclusiva velar sonora /g/ é representada pela sequência <gu<sup>e,i</sup>>, sem que nela o suporte vocálico seja articulado, embora em certos casos seja pronunciado [gw] (*guerra*, *guia~igual*, *guarda*); sem esse elemento vocálico e seguido de vogal anterior o

---

verdadeira pronunciação dos vocabulos, & muitas vezes ſignificar hãa couſa por outra, assi como , paſſos que ſe escreuem com dous ſſ, quando ſignificão os que ſe dão com os pês, & paços quando ſe entendem pellas caſas reaes com c”.

grafema corresponderá a uma fricativa palatal sonora /ʒ/, ao invés do que sucede junto das restantes vogais (*gente, fugida~Gonçalo, lugar*).

De acordo com uma das suas definições tradicionais, o <h> é descrito como aspiração, e não como letra, que ocorre sobretudo na forma verbal da 3ª pessoa do verbo *auer* “haver”, na interjeição (*ha, ah*), na 3ª pessoa do verbo *ser* (*he~e*), caso em que esse grafema tem uma função distintiva, que poderia ser desempenhada por um acento, visto <h> não ser ali etimológico. Contudo, atendendo à reduzida frequência do acento, tido por alguns como novidade gráfica, Magalhães de Gandavo dá a preferência ao uso de <h>, cujo uso não etimológico se estende a *hum, hũa, hia, hi*. Salvo nestes casos, o ortógrafo dispensa por vezes o uso do referido grafema, mesmo que seja etimológico (*auer, auerão~homem, honra, historia*). Em conformidade com a tradição latina, o grafema <m> é marca da nasalidade antes de <p, b, m>, mas junto das restantes consoantes grafa-se mediante <n>; nos restantes contextos, um e outro grafemas correspondem à nasal bilabial /m/ e à nasal dental, respectivamente. Quanto à representação da vibrante múltipla, é de notar que a grafia dobrada ocorre apenas em posição intervocálica (*terra, ferro~tenro, genro*). À semelhança de <j> e pelas mesmas razões, o grafema consonântico <v> é objecto de uma descrição de ordem caligráfica: se em posição inicial de palavra o grafema <v> *meão* representa o fonema consonântico fricativo lábio-dental, já em posição interior é grafado por <u> pequeno (*viuua, viuer*).

Aos aspectos tratados explicitamente pelo ortografista, outros se podem inferir pela prática gráfica patente nas **Regras**: assim, no que aos grupos consonânticos concerne, verificam-se exemplos da observância da realização fonética, quer de respeito pela etimologia: veja-se, por um lado, a forma *dição*, e, por outro, *syllaba* ou *escriptura*. De resto, o próprio autor alude à fraca ocorrência de alguns grupos consonânticos em virtude da evolução fonética<sup>27</sup>, não obstante apresentar *corrupção, corruptamente*,

---

<sup>27</sup> Cf. fls-10v-11r: “Ainda que nesta nossa linguagem pela corrupção dos vocabulos, usão muito poucas vezes, ou quasi nunca de c, ante t: mas quando o vocabulo o tem em sua origem, e assi inteiramente foy usurpado do latim pera nosso uso, não sera desnecessario, nem inconueniente uallo (como algus querem dizer) antes usando se (como digo) nos taes vocabulos, sera muita perfeição: porq quanto mais chegarmos ao latim estes e outros quaesquer vocabulos guardandolhes fielmente sua orthographia, tanto sera nossa lingua mais polida, e ficara nesta parte mais singular, e apurada que as outras”.

*lectura perfectamente* (passim), que se opõem a *nacer*, por ex.. Diferentes destes, mas ainda curioso, é o caso da grafia de *nunqua*.

Quanto à representação do ditongo nasal [ãw], no pretérito e no futuro dos verbos, o ortógrafo adopta uma distinção – a mesma que viria a ser consagrada pela reforma de 1911 (cf. cap. IV) – de valor morfo-gramático, quer dizer, uma solução que assegura uma oposição gramaticalmente relevante: quando é atono grafar-se-á com <-am>, quando é tónico, com <-ão>, por ex. em *alcançaram-alcançarão*, *louuaram-louuarão*.

Com respeito às abreviaturas de origem grega, o ortografista opta pelo seu desdobramento, embora conserve a grafia culta (Xpo-*Christo*, Ihüs-*Jesus*, Xpão-*Christão*).

No campo dos diacríticos, Gandavo estipula, em capítulo ou parágrafo separado, o uso de acentos aos quais não atribui nenhuma designação especial, não obstante ocorrerem o agudo e o circunflexo (*á-âs*, *ô grão Rey*), cuja função é assinalar o timbre aberto da vogal (...*je não deve usar je não quando a pronunciação carrega nelle...*), tendo, porém, uma função distintiva entre palavras palavras homógrafas, designadamente entre as formas de pretérito e de futuro dos verbos (*alcançára~alcançará*, *agradecéra~agradecerá*). Em última análise, a aplicação destes diacríticos está ao serviço da redução da ambiguidade.

### 1.3.2. Plano extra-alfabético

Da definição da pontuação como a indicação das *pauzas & distinções* que se requerem no discurso escrito, parece poder inferir-se que Gandavo se apoia mais no critério pausal do que no semântico ou sintáctico (*pera que o lector saiba melhor pausar & entender o sentido da sentença, ou claufula*, f.7r), ainda que no final ambos concorram para a explicitação do uso das unidades pontuacionais de frase.

No plano extra-alfabético, o ortografista considera unidades de três níveis: pontuação de palavra, de frase e de texto. Assim, relativamente à de palavra, o ortografista distingue duas figuras para cada unidade alfabética – a maiúscula (grande) e a minúscula –, sendo que uma confere relevo aos nomes próprios, sobrenomes de homens e mulheres, nomes de cidades, vilas, lugares, reinos, províncias, nações, rios,

nomes *exquifitos* de animais ou bichos ferozes, assim como os meses do ano, aplicando a minúscula em todos os outros casos. Diga-se, porém, que o ortografista não avança quaisquer exemplos do uso da maiúscula.

Quanto à pontuação de frase, afora a maiúscula de frase, nela considera Gandavo a *virgula* [,], os *dous pontos* [:] e o *ponto*, cujas funções são de ordem pausal e significativa, correspondentes a três graus de força a vírgula, a pontuação mais fraca, serve para distinguir segmentos do enunciado sem autonomia significativa; os dois pontos marcam uma pausa maior do que a anterior (*Dos dous pontos em algũs lugares, onde se fizer mais pauſa*, fl.7v.), pelo que constituem uma pontuação intermédia entra a vírgula e o ponto (*...no fim da claufula, onde se concluir algũa couſa*, ib.), que é pontuação mais forte, visto indicar a conclusão do enunciado, e, por conseguinte, uma unidade significativa, seguida de uma maiúscula de frase. O tratamento do parêntese (*parenthesis*) aparece num parágrafo distinto daquele em que são apresentados os pontemas de frase: ao invés destes, o ortógrafo não faz corresponder qualquer pausa ou entoação especial a este pontema, cuja função permite a inserção de segmentos explicativos no enunciado sem afectar a sua construção sintáctica ou sentido (*...ſe offerecer em algũa parte da eſcriptura dizer algũa couſa fóra da ſentença, que muitas vezes ſe não eſcuſa pera ornamento, & declaração do que ſe escreve...*, fl.8r). A entoação distintiva quer da interrogação quer da exclamação é indicada por um único sinal de interrogação, descrito em ambos os casos como *hum ponto*, & *junto delle hum risco reulto pera cima* [?], não estando prevista, então, qualquer figura para distinguir a modalidade exclamativa da interrogativa. Aos pontemas acima referidos acrescenta o ortógrafo o sinal indicativo da translineação, sem qualquer denominação específica, pois [=] é referido apenas como *dous sinaes*; por outro lado, não se verifica qualquer alusão ao hífen lexical ou morfo-sintáctico, ou seja, ao sinal que liga os elementos dos compostos ou as enclíticas aos verbos, tanto mais que neste último caso as referidas partículas pronominais estão ligadas à forma verbal (*partirſe, pôr ſeha, ajudainos*). Quanto ao processo de translineação e à divisão silábica nela implicada, importa salientar que Gandavo estipula basicamente duas situações: por um lado, a indivisibilidade da sílaba, excepto no caso das grafias duplas intervocálicas (*ap=prouo, of=ſicio*), sendo que uma fica com a vogal antecedente e a outra a seguinte; por outro

lado, a indivisibilidade dos grupos gráficos *sp*, *st* (*re=spendo*, *hone=fidade*) e *ct* (*lan=cta*, *conje=ctura*, *vi=ctoria*).

Na pontuação de texto, mais precisamente, no que à ortotipografia patente nas Regras de Gandavo respeita, regista-se a ocorrência de [¶], sinal de parágrafo oriundo do caldeirão da tradição manuscrita medieval, com a função de destacar cada título de capítulo ou matéria, marca completada pela diferença entre os caracteres dos títulos e os do corpo do texto: assim, aqueles aparecem em caracteres romanos, e este, em itálico, possibilitando uma nítida localização das distintas matérias. Serve também para separar os diversos parágrafos no corpo do texto. Ainda no campo da pontuação textual verifica-se também o uso de uma mãozinha [✎] para chamar a atenção para as palavras por ela realçadas, prática decorrente da mesma tradição gráfica medieval.

#### 1.4. Duarte Nunes de Leão (1576)

Natural de Évora, filho de médico hebreu, Duarte Nunes (±1530-1608) estudou leis na Universidade de Coimbra. Afora a vertente linguística, do seu labor intelectual e erudição dão também testemunho as áreas jurídica e histórica. Movido pela convicção ou pelo interesse parece ter sido partidário da monarquia dual (1580-1640), como demonstra ao dedicar a **Origem da Lingoa Portugueza** (1606) ao segundo rei da dinastia filipina.

Em matéria metaotográfica interessa-nos, no entanto, a **Orthographia da Lingoa Portuguesa. Obra util, & necessaria, assi pera bem screver a lingoa Hespénhol, como a Latina, & quaesquer outras, que da Latina teem origem. Item hum tratado dos pontos das clausulas** (1576), publicada em Lisboa por João da Barreira. Pela data da licença – 2 de Agosto de 1574 –, conclui-se que a obra já estaria pronta para impressão pelo menos dois anos antes da publicação, tendo o privilégio real sido assinado apenas em 3 de Janeiro de 1576, e concedida a licença em 18 de Setembro desse ano. A obra conheceu outras edições: em 1784 (Lisboa, Na Typ. Rollandiana), juntamente com a **Origem**; novamente uma edição correcta e emendada, conforme a de 1784 conjunta em 1864 (Lisboa, Typographia Panorama). Em 1983, teve outra edição (Lisboa, IN/CM), resultante da leitura de Maria Leonor Buescu, que modernizou o texto, adaptando-o às actuais convenções ortográficas, salvo certos casos da

exemplificação. De acordo com a nota prévia da editora a respeito dos critérios de transcrição textual, foram modificados os seguintes aspectos da ortografia de Leão: eliminação das consoantes duplas; uniformização das grafias alternantes (~, m, n), quando elas não reflectem fenómenos fonético característicos da época do ortografista, actualização da pontuação e introdução de parágrafos; correcção de falhas de impressão; conservação das grafias etimológicas que persistem até aos nossos dias (em especial na terminologia linguística); desenvolvimento de abreviaturas; uniformização gráfica de palavras com s inicial vernácula em proveito da grafia sua concorrente no texto nunesiano (spirito~espirito); actualização da grafia dos ditongos nasais grafados no original como *om*, *am*, *ão*; emprego de <c> ou <qu> de acordo com a norma actual; modernização do uso das maiúsculas, salvo nos nomes de povos devido à tradição; emprego do hífen para separar os pronomes enclíticos dos verbos; fixação do uso de <j> e <v>, para grafar fonemas consonânticos, em vez de <i> e <u>; uso etimológico de <h> em conformidade com o sistema actual. À vista de tão abundantes e profundas modificações no texto de Duarte Nunes, é evidente que a edição de 1983 não pode servir nem a natureza, nem os objectivos de um trabalho historiográfico, cujos objectivos não se confundem, todavia, com os da crítica textual, porquanto essa edição moderna apagou o essencial do que possa ter sido o sistema gráfico nunesiano, nos diversos planos e níveis por nós considerados quer na análise dos sistemas gráficos, quer na estrutura deste trabalho (cf. cap. I, II). Por isso, à semelhança do que fizemos para os textos precedentes, e bem assim do princípio seguido preferentemente nos capítulos centrais (cf. 1º vol., I, II) reportar-nos-emos à edição da época do ortógrafo. É claro que um trabalho de crítica textual possivelmente poderia pôr de manifesto aspectos curiosos da interferência dos impressores ou dos editores deste e de outros textos metaortográficos. Ainda assim, para além dos aspectos ortotipográficos, facilmente compreensíveis do ponto de vista interpretativo, quer dizer, da análise do sistema do ortografista, cremos que tal trabalho não se revelaria tão proveitoso, nem quanto à história das soluções gráficas do autor em causa, nem quanto à componente ideológica lhes subjaz<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Salvo nos aspectos aludidos acima, os quadros comparativos apresentados por Rolf Kemmler, em  
Cont. na página sgte.

Nestas condições, passemos ao sistema gráfico patente na **Orthographia** de Duarte Nunes. Assim, ao descrever a escrita como *hũa representação do que falamos*, na qual as *letras, & a scriptura são o retracto, & representação das palauras*, o ortografista filia-se no paradigma definicional quintiliano, diversas vezes aqui mencionado; porém, parece fazê-lo mais por tradição do que por verdadeira intenção de simplificar a escrita. A definição de ortografia, termo cuja origem etimológica é explicada pelo ortógrafo, segue também o paradigma tradicional, a saber, a *orthographia he sciencia de bem screuer qualquer lingoagem: porque per ela sabemos, com que letras se hão de screuer as palauras* (fl.1r.), definição que é completada com as de letra (ou elemento) e voz: uma, também em conformidade com a tradição, *he a voz articulada, & q se pode entender, a mais pequena parte, & individua* (fl.1v.), ou seja, *a voz simplez, que se nota com hũa figura soo* (fl.1v.); a outra consiste em *hũa percussão, ou ferimãto do ar que, se pronuncia pela bocca do animal, & se forma com arteria, lingua, & beiços* (ibid.). Dotada de uma figura própria, a letra tem, portanto, carácter mínimo, sendo que o seu número oscila de língua para língua. Ao indicar a composição do alfabeto e sublinhar as limitações desse inventário, pois para a representação da realidade fonológica da língua vernácula não bastam os grafemas legados pela tradição latina, o ortógrafo põe de manifesto a consciência das diferenças entre esta, que fornece o aparelho terminológico e conceptual em que se apoiarão as descrições dos vernáculos românicos em geral, e a língua portuguesa. As vinte e quatro unidades são: <a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, [ , t, u, v, x, y, z> (fls.1v.-2r). A propósito deste inventário, note-se que <h> é definido não como letra, mas como *figura de aspiração, ou assopro, que formamos para pronunciação d'algũas letras* (fl.2r); que as vogais são definidas se distinguem das consoantes porque *per si se podem pronunciar, & formar syllaba, sem ajuda* (fl. 2r.) daquelas, as quais, pelo contrário, apenas soam juntamente com as vogais; que a divisão latina entre *mudas* (b, c, d, f, g, k, p, q, t - i, u consonânticos) e *semituogaes* ou *meas vogaes* (l, m, n, r, s, x, z) é também aplicada às letra portuguesas; por fim, que <i> e <u> possuem portanto valor vocálico e valor consonântico.

---

**Esboço para uma história da ortografia portuguesa** (Tübingen, 1996), pp.36-37, não desmentem a infrutuosidade desse esforço comparativo, pelo menos à luz dos objectivos e dos princípios teóricos por nós aplicados neste trabalho historiográfico.



### 1.4.1. Plano alfabético

Relativamente às unidades alfabéticas, Duarte Nunes salienta os principais aspectos da representação vocálica e consonântica. O grafema <a>, dependendo da fonotáctica e da posição dentro da palavra, corresponde a uma vogal *breve* ou *longa*, quer dizer, átona ou tónica. A estes termos, o ortografista acrescenta dois outros para referir a variação tímbrica das vogais (fl.3r.) – *grande* (aberto) e *pequeno* (fechado). Segundo o autor, é nos acentos e na fonotáctica que radica a explicação dessas diferenças, e não numa verdadeira oposição entre uma vogal aberta e outra fechada, dado que, à semelhança dos Latinos<sup>29</sup>, considera uma única vogal grafada com <a>, pois as variações ocorrem no plano da realização concreta (fonética), e não num nível sistemático (fonológico), como se pode depreender das suas palavras:

“Assi todalas vezes, que virmos variar a pronunçiação do *a*, causa se do accento ser differente, ou de se ajuntar a taes letras, que o apagão, & não de esta letra ser de outra specie. Porque o . a . em abstracto (como dizem) & em quanto letra elementar, não teem accento nã medida, se não despois q he feito dição” (fl. 3r).

Ao refutar a oposição entre *e* pequeno e *e* grande, descrita pelos seus antecessores Oliveira e Barros, Nunes de Leão insiste na noção de quantidade; por isso, o grafema <e> representa também uma única vogal anterior, cujas diferenças de timbre podem ser registadas por meio ou de um acento agudo ou de um grave; de resto, os exemplos apresentados (besta “animal”-besta “arma”) pelo ortografista demonstram que ele visava daqueles dois autores, em particular Oliveira. Na base da doutrina nunesiana está, por um lado, a preponderância da tradição latina, e, por outro, a noção de quantidade, aplicada à descrição da língua vernácula.

---

<sup>29</sup> Cf. fl.: “O que se não há de admitir acerca de nas, que nas vogaes nenhũa differença temos dos Latinos, de quem teem origem nossa lingua. E a razão que faz parecer que são dous aa, um grande, & um pequeno, he a pronunçiação varia, que se causa dos accentos, ou das letras, a que se ajunta esta vogal. Porque, quando tem o accento agudo parece grande, como em *prato*, & quando grave, parece pequeno, como em *prateleiro*. E todas as vezes, que despois do a se segue m ou n, como nestas palavras *fama*, *cano*, pronuncia se com menos hiato & abertura da bocca & fica parecendo pequeno, não sendo assim. Porque o ser grande ou pequeno, consiste na longura & espaço da pronunçiação, & não na maneira dela”.

Mais problemático do que os anteriores, pelo menos em termos caligráficos, é o grafema <I>, dotado de um valor próprio e natural – o vocálico – e outro impróprio – o consonântico. Assim, o ortografista descreve a figura de cada um: *i de corpo pequeno*, para a vogal, *i mais cõprido, & rasgado para baxo* (fl.9r) para a consoante, embora sugira a criação de um sinal novo para este último, o qual, tendo *potestade*, carece de *figura* própria, à semelhança de <ç, ch, lh, nh>. Porém, não chega o propor grafemas novos para estes casos, por caracer de autoridade para tal<sup>30</sup>. Julgado *improprio*, o valor palatal de <g> é atribuído a uma influência mourisca, referida nos seguintes termos: “Outro soido lhe damos improprio, quando he consoante, que he falso, & alheo da natureza desta letra, o qual he cõmum a .g. da maneira que o nos pronüciamos com .e.i. q he hũa pronunciação Mourisca, tam alhea da propriedade do .g. como do .i” (fl.8v). Note-se que este não é, de resto, o único aspecto que Duarte Nunes atribui à influência “mourisca”, pois o mesmo se observa a respeito do valor de <ç>.

A respeito da representação da fricativa palatal sonora /ʒ/, expõe Duarte Nunes os critérios que presidem à distinção entre <j> e o de <g<sup>e</sup> i>, a saber, a etimologia (*origem dos vocabulos Latinos*), por um lado, e o uso (*costume*), aos quais junta um terceiro – a analogia. Assim justifica as grafias *gente*, *gerner*, *legítimo* e *jejum*, *enjeitar majestade*. Em nome do *costume* e da *pronunciação* chega também a sugerir a vernaculização da grafia de nomes próprios estrangeiros em *Jeronimo*, *Jerarchia*, *Jerusalem*, *Jeremias*, *Jerico* (fls.4r-17v). Na verdade, nesses dois conceitos vê Duarte Nunes a causa da mudança das línguas, motivo por que a etimologia parece ser entendida como força conservadora.

De todos os grafemas vocálicos, aquele que mereceu maior atenção foi <o>. Aqui de novo refuta a existência de duas vogais distintas, uma aberta e outra fechada, ao mesmo tempo que rejeita qualquer reforma gráfica que vise corresponder a essa distinção fónica, como fizera Oliveira, que propusera a adopção do ómega (ω) e do ómicron (ο) gregos para grafarem /ɔ/ e /o/, respectivamente, ao observar que a

---

<sup>30</sup> cf. fl. 9r: “Mas antes se fora em minha mão, déra noua, & particular figura aaquelas letras, que tendo as em potestade, lhe não derão os nossos passados figura como são o .ç. ch. lh. nh. & aquellas, que falsamēte screuemos per figuras alheas de.g. (quãdo se ajunta a estas letras e.i.) (...)”.

“ocasião que tiuerão, os que dizem, que teemos dous oo. hum grande, como .ω. mega dos Gregos, & outro pequeno como .o. micron, nasceo, de veerem a differença da pronunçiação desta letra, que em hūs lugares a pronunciamos com grande hiato, & abertura da bocca, & em outros com muito menos (fls.14r-14v). Assim, a differença entre o acento agudo e o circumflexo marca por ex. a alternância de timbre entre algumas forma do singular e do plural (*ôvo-óvos, tôrto-tórtos, nôvo-nóvos*, fl.16v; *pôvo-póvos*, fl.17r) e outras do masculino e do feminino (*pôrco-pôrca, côrvo-córva*, ibid.). A síntese da doutrina do ortógrafo nesta matéria é vertida nos termos seguintes: “Deue nos por tanto ficar por regra, que pois a differença consiste no accento, & não na scriptura, que não temos mais que hum *o que não se deue screver e* (fl.17v)”.

O grafema <v> coloca os mesmos problemas cali-tipográficos que <I>, pois também aqui o autor começa por frisar os valores desta unidade (vocalico e consonântico) e das figuras correspondentes a cada um deles, a saber, <u> e <v>, cuja distribuição é posicional o segundo aparece sobretudo em início de palavra, e o primeiro em posição interior. Quanto à origem de <y>, observa o ortografista que *he letra vogal dos Gregos, que os Latinos receberão em seu alphabeto, para com elle screuerem os nomes Gregos, q naturalmente a teem, como nos tambem deuemos fazer* (fl.20v), mas evitando o uso abusivo que dele têm feito tanto espanhóis como franceses.

Na imitação dos Latinos assenta, por conseguinte, a prescrição do emprego do grafema grego <y>; mas, em português, Leão estabelece que se aplique apenas nas palavras oriundas da língua grega (*Hieronymo, Hipolyto, hydrópico, crystal, myrrha, mysterio*), em particular na grafia dos prefixos *chrysos, pyr, poly, hydor, hydor, physis, hyper* e *hypo*, e não em palavras genuinamente portuguesas, em representação da semivogal dos ditongos decrescentes<sup>31</sup>.

A doutrina nunesiana em matéria de ditongos é amplamente exposta em capítulo próprio (fls.26v-32r), e, embora defina o tritongo como um ajuntamento de três vogais em uma só sílaba, Leão apenas se ocupa das dezasseis sequências vocálica correspondentes à definição de ditongo como *ajuntamento, ou cõcurso de duas vogaes*,

---

<sup>31</sup> Cf. fl.21v: “Assi que hemos de seguir nisto os Latinos, & soomête screver cõ .y. as dições Gregas, de que vsamos no Hespanhol, em q vê a dicta letra, & não as originalmête latinas, ou Hespanhoes (...)”.

*q aguardão sua força em hũa soo syllaba* (fl.26v), a saber, <ãa, ãe, ai, ão, au, ãe, ei, eu, iy, oa, oi, ãe, ão, ou, ui, üu>, dez dos quais considera peculiares da língua portuguesa, ou pelo menos da sua grafia. À vista deste inventário, não se pode deixar chamar a atenção para sequências gráficas nasais que sugerem comentários de diferente ordem: tal é o caso de <ãa, ãe, ãi, ão, üu>, sendo que o primeiro ocorre nas formas femininas com vogal nasal final, as quais se confundiriam com as masculinas correlatas (*irmãa-irmão, romam-romão*), se fossem grafadas com *-n* ou *-m*; o segundo, que deve corresponder a um ditongo [ãj], verifica-se nas terminações *-em, -ens* (*bem-bãe, vintem-vintães*); à semelhança do primeiro, o terceiro, os restantes registam-se nos plurais com singular em *-im, -om* e *-um* (*malsim-malsãs, tom-tãos, atum-atüus*) e valem uma simples vogal nasal final.

Quanto aos ditongos orais, as grafias <ai>, <au>, <ei>, <eu>, <oi>, <ou>, <ui>, patentes respectivamente nos exemplos *gaita-bailo*<sup>32</sup>, *autor-causa, Geito-Rei, Eugenio-meu-seu, noite-coiro, ouro-louro, muito-cuidado*, parecem corresponder aos ditongos [aj], [aw], [ej], [ew], [oj], [ow], [uj], sendo de notar que o ortografista nada adianta acerca da realização da sequência gráfica <ou>. Aos anteriores, acrescenta <oa>, que representa as sequências vocálicas [oα] e [wα], em *Lisbôa, borôa e agoa, egoa, lingoa, fragoa, magoa* (fl.31r), descritos como uma sequência de vogal tónica seguida de átona, por um lado, e suporte vocálico átono de <g-q>, seguido de vogal, por outro: “(...) .q. vem depois do .g. em lugar do u liquido q vinha em vocabulos Latinos depois do .q. como aqua, agoa. equa, egoa. Mas quando se o accento põe no .o. que denota a diuisão da syllaba, não forma diphthongo (...)” (fl.31r-31v).

Mais extenso é o tratamento dos ditongos nasais [ãj], [ãw] e [õj], área problemática da representação gráfica, como a nasalidade em geral. Assim, o primeiro deles é grafado como <ãe> em certos plurais dos nomes em *ão*; destes, alguns têm no plural um ditongo [ãw] e outros ainda um ditongo [õj], grafados <ão> e <õe> (*capitão~capitães, cidadão~cidadãos, aldeão~aldeões*, fl.). Dos três, o mais mais controvertido quanto à grafia é o ditongo <ão>. Na verdade, *Leão* não foge à regra, visto

<sup>32</sup> Salvo au e ou, estas sequências gráficas deixam de constituir ditongo quando a tónica recai no segundo elemento (*rainha, bainha, Deiphile, teudo, arroido, Luis*).

dar testemunho da disparidade de posições e de práticas na sua época, situação que resulta do facto de o ditongo ser tónico ou breve. A este respeito, a doutrina de Leão é clara: quer o ditongo seja átono, quer tónico, enjeita sempre a grafia <-am> em proveito de <-ão><sup>33</sup>, designadamente, nas formas de pretérito ou de futuro imperfeito do indicativo (*amão, acusão, amavão, tinhão, amarão, escreverão*), ou ainda nos nomes (*alemão, galeão, tabelião*). Deste modo, deste sistema fica excluída qualquer distinção a morfogramática (gramatical) entre a grafia de [ãw] tónico e átono, ainda que a explicação fornecida seja um tanto arrevezada, requerendo até a evocação da analogia com a língua castelhana.

Por último, Duarte Nunes de Leão comenta sequências vocálicas não incluídas entre os ditongos, como as de *amae pao, cea, ceo, Maria, frieira, rio, poëta, rua, crueza, nuo, muü*, as quais *a orelha nos ensina, que são letras soltas, & sem vinculo, que fazem cada hãa por si syllaba, posto que breues, por serem vogal ante vogal* (fl.32r).

Se atentarmos na argumentação de Leão, verificamos que ele inicia entre nós uma linha de reflexão historicista sobre a língua portuguesa que estava ausente da exposição dos precedentes, aspecto evidente quer no seu interesse pela investigação etimológica quer na adução de fenómenos da história da língua ou ainda na comparação do português com outras línguas românicas. Tal é o caso do tratamento da grafia do ditongo [ãw], em cuja fundamentação o espanhol serve de termo comparativo ou referência (*aleman-alemanes~alemão-alemães, villano-villanos~vilão-vilões, sermon-sermones~sermão-sermões*) ou da atribuição do valor de palatal de <g> e o valor sibilante de <ç>.

Na exposição sobre a representação do consonantismo, se nuns casos o ortógrafo reúne certos grafemas em pequenos grupos, por terem traços em comum, outros

---

<sup>33</sup> Cf. fl.28r: "(...) hũs indistinctamente o vsão, & o confundem com esta terminação .am. não fazendo de hum a outro differença algũa. O que he erro manifesto. Porque no fim das palauras que acabamos com esta pronunciação, achamos um sabor de .o. que não achamos no fim da primeira syllaba desta palaura *campo*. E he manifesto (como diz Prisciano, referindo a Plinio) que o .m. no principio da dição da hum som claro, & no meo mediocre, & no fim mui obscuro, & apagado. De maneira que se nossas dições acabassemos em .am. soarião mui mais apagadamente, do que soa a primeira syllaba de *cam-po*. E nos pelo contrario, nas dictas dições sentimos hũ som muito descuberto, & mui desuiado de .m. que o não podemos exprimir, & representar, senão com o nosso diphthongo *ão*".

merecem-lhe tratamento separado. De facto, em função dos traços da bilabialidade, da dentalidade, da lateralidade e da nasalidade Duarte Nunes apresenta os grupos seguintes: <b, p, ph>, <d, t, th>, <l, lh>, <n, nh>. O primeiro deles é constituído por duas consoantes *mudas*, articulatoriamente semelhantes pois realizam-se com o concurso dos mesmos órgãos (...*se formam da mesma parte da bocca, & quasi cõ a mesma postura dos instrumẽtos* (fl.3v), cuja distinção assenta em que o *b* *pronũciamos lançado do meo dos beiços, o som; e o p pronuncia-se apertando os beiços, e lançado o spirito e folego mais de dãro* (ib.). A respeito da oclusiva bilabial sonora, o ortógrafo descreve um aspecto relevante para a dialectologia histórica – a identificação e localização do fenómeno de betacismo, característico dos galegos e dos portugueses da região de Entre Douro e Minho.<sup>34</sup> A inclusão de <ph> neste grupo decorre da substância gráfica, não da fónica, como esclarece o ortografista ao descrever o dígrafo como *p aspirado*. A propósito de <b> sublinha, por outro lado, a semelhança deste com *u consoante*, isto é, /v/, ao ponto de na região de Entre Douro e Minho não se verificar a oposição entre eles, desenvolvendo fenómenos de ultra-correcção. Tal como o anterior, o grupo composto por <d, t, th> contém *letras mudas* muito semelhantes do ponto de vista articulatorio, visto que *.t. se forma com mais spirito, & com a lingua mais leuantada para o paadar, & o .d. com ella entre os dentes* (fl.5v). Aos dois grafemas anteriores, soma o dígrafo <th>, aspirado nas dicções gregas (...*com a qual aspiração se afroxa a pronũciação do t*, fl.64), apesar de não constar do alfabeto. Entre as semivogais conta-se <l>, cuja relação com a vibrante é salientada por Duarte Nunes de Leão, distinguindo-se ambas por uma ser branda e a outra áspera, ou seja, produzida com vibração da língua. À lateral palatal /λ/ não corresponde no plano gráfico um nome ou figura próprios, pelo que foi adoptado o dígrafo <lh>, solução que, tendo resultado de uma experimentação, conforme no-lo indicam os textos dos copistas e escribas, redundou numa individualização do sistema gráfico português relativamente ao castellano, que optara pela grafia dobrada <ll>.

---

<sup>34</sup> Cf. fl. 4r: “O que muito mais se vee nos Gallegos, & em algũs Portugueses d’entre Douro & Minho, que por vós & vósso, dizem *bos*, & *bossos*, & por vida dizem *bida*. E quasi todos os nomes, em que ha *.v.* cõsoante mudão em *.b.*, E como se o fizesse aas vessas, os que nos pronunciamos per *.b.* pronũciação elles per *v*”.

Incluído também entre as semivogais, o grafema <n> é marca da nasalidade antes de <b, m, p>; representa também uma consoante nasal alveolar, no grupo consonântico <gn>, por ex. em *magno, magnifico, insigne, digno, regno, ignoto* (fl.23v), casos em que admite a articulação do primeiro elemento do grupo, ao invés do que prescreve para *sino, sinal, sinete, assinar* (fl.13v.), e alguns dos seus derivados, mas já não assim para outros (*assinatura, assinalar vs significar, consignar*), donde se conclui ser regra grafar o grupo latino desde que ele seja articulado (...*as corruptas screvemos como corruptas, & da maneira que as pronunciamos, & as inteiras como inteiras...*fl.14r). A respeito do dígrafo vernáculo <nh>, correspondente a /ñ/, regista apenas uma das suas origens: o fenómeno de palatalização do grupo consonântico latino GN (LIGNUM> lenho).

Relativamente a <c>, refere os seus dois *officios*, isto é, valores, e a distinção entre ele e <ç> e <s>: o valor oclusivo velar surdo regista-se junto de vogal central ou posterior <c<sup>a, o, u</sup>>, o valor de sibilante surda ocorre, por sua vez, junto de vogal anterior <c<sup>e, i</sup>>, cuja realização é equivalente à de <ç<sup>a, o, u</sup>>, sendo que esta variante resulta do acrescentamento de uma *cifra, ou cercilho, debaxo, que fica fazãdo hũa specie de z* (*çapato, çoçobrar, çurrador*)<sup>35</sup>; todavia, junto de vogal anterior carece de cedilha. De resto, é curioso que o próprio ortógrafo coloca a relação entre <c> e <ç> no plano da alografia (*Porque o c, como esta dicto, & ç são hũa mesma cousa*) Assim, a representação da oclusiva velar surda seguida de vogal anterior é assegurada pela sequência <qu>, como se vê nos exemplos de um mesmo paradigma etimológico (*vacca, vacqueiro, vacquinha, vaccona, vaccum*, fl.5r). A estes valores de <c>, acrescenta outros dois: um, de *c aspirado*, integrado no dígrafo <ch>, com o qual os Latinos representavam o <χ> dos gregos, e outro, no *c emprestado*, ou seja, no dígrafo vernáculo <ch>, cuja pronúncia correspondia, segundo a descrição de Duarte Nunes de

---

<sup>35</sup> Cf. fl.5r: “A pronúnciação do .c. com a cifra não he de Latinos, nem de Gregos, mas propria dos Mouros, de quem a tomamos. A qual he impropria do .c. com a cifra como a pronunciamos, quando lhe acrescentamos a cifra, ou cercilho, ajuntãdo a estas vogaes, a.o.u”.

Leão, a uma africada palatal surda<sup>36</sup>, distinta, portanto, da fricativa grafada com <x>. Para além de mencionar a reforma gráfica do Imperador Cláudio, trata da representação da fricativa lábio-dental pela “letra muda” <f>, a qual apenas sofre a concorrência do dígrafo latino <ph>. O grafema <g> tem duas realizações em função das vogais que antecede: junto de vogal central ou posterior corresponde a uma oclusiva velar sonora /g/, ao passo que junto de vogal anterior corresponde a uma fricativa palatal sonora /ʒ/, pronúncia que atribui à influência mourisca, salvo quando o grafema é acompanhado de um suporte vocálico <gu> (*ga, gue, gui, go, gu*, fl.7r). Mais do que pela representação da consoante nasal bilabial, a “letra muda” <m> é descrita, devido à harmonização articulatória, como marca da nasalidade vocálica antes de <b, p, m>, e elemento do grupo consonântico latino <mn> (*damno, gymnasium, somnus*, fl.12v). Oriundo da forma do *coppa* grego, <q> foi incorporado ao alfabeto em época difícil de precisar. Ao tratar deste grafema, cujo valor é equivalente ao de <c<sup>a, o, u</sup>>, Duarte Nunes de Leão refere a inutilidade daquele, em conformidade com a doutrina herdada dos Latinos, que a haviam anexado ao grupo das “letras suplementares”<sup>37</sup>; reconhece, porém, a diferença de realização entre um e outro quando o suporte vocálico de <qu> é articulado e quando <c> é seguido de vogal anterior. Para Leão, há dois *r* na realização, mas um só em *potestade*, a saber, uma vibrante simples e uma vibrante múltipla, representadas pelo grafema <r> simples ou dobrado <-rr->, cujos contextos de ocorrência são devidamente identificados pelo autor. Assim, com valor de vibrante forte<sup>38</sup>, o grafema <r> ocorre em posição inicial (*raposa, rio, rua*), situação em que se exclui o grafema dobrado, que só surge em posição intervocálica; depois e antes de nasal (*honra, tenro-sarna, inferno*); depois de sibilante (*Israel*); nas palavras com os prefixos *pre* e *pro* (*prerogatiua, prorogar*) só se emprega o grafema simples. Entre as

---

<sup>36</sup> Cf. fl.5r: “A qual pronúciação tam propria he da lingua Hespanhola, que nem os Gregos, nem os Latinos, Hebreos, ou Arabes a tiueram: posto que os Italianos a pareção imitar na pronúciação do seu, *ce, ci*”.

<sup>37</sup> Sobre a posição dos Latinos a este respeito, vide: Françoise Desbordes, **Idées romaines sur l’écriture**, PUL, 1990, pp.158-160.

<sup>38</sup> Cf. fl.19r: “E o q enganou aos vulgares, foi, que, aas vezes, sem se dobrar, se pronuncia, quase como dobrado, sendo na verdade singello”.



“letras semivogais”, conta-se o grafema <s>, cuja realização é descrita *mais como assouio que letra* (fl.19r), motivo por que a sua figura parece simbolizar uma cobra enroscada, explicação que, transmitida pela tradição latina, já havia sido aduzida por Gandavo (cf, supra, 2.3.), e será depois repetida por Monte Carmelo (cf.1º vol., I). Seguido de consoante em posição inicial, e depois de consoante, tem valor de sibilante surda; entre vogais, corresponde a uma sibilante sonora, mas não fornece uma descrição que permita determinar qual a natureza da sibilante. Por outro lado, Leão refere a distinção cali-tipográfica entre o chamado *s comprido*, isto é, <ſ>, cuja origem já comentámos acima, e o *s curto* <s>, sendo que um aparece em princípio e o outro em final de palavra.

Entre as unidades consideradas parasitárias, ou seja, exteriores ao quadro de relações entre grafemas e fonemas, conta-se <h>, que é definido como *aspiração* ou *assopro*, pois é *letra* unicamente na figura, ou seja, apenas tem substância gráfica (*homem~omem, honra~onra, hoje~oje, haver~aver*, fl.19r); por isso, o termo *aspiração* não implica qualquer valor fonológico, sendo portanto uma mera denominação tradicional. Note-se que a doutrina de Leão parece seguir de perto o texto de Oliveira (fl.). Se esta unidade carece de função fonográfica, ela está todavia investida de função etimológica, a qual emana de uma perspectiva histórica ou diacrónica que determina a vinculação gráfica das línguas vernáculas (românicas) à matriz latina, modelo de perfeição e de incorruptibilidade linguísticas, função é defendida nos termos seguintes:

“Porem ainda que pareça esta aspiração ociosa, pola não pronüciarmos he porem necessaria, para guardar a orthographia dos nomes Latinos e Gregos, para per ella se conhecer a origem, & etymologia dos vocabulos, & para differença delfes: como fazem os Frãcezes, q muitas letras não pronüciam perfectamente em algüas palauras, & em outras as não pronücião de maneira algüa, & todauia as escreuem, para entendimento das palauras na scriptura, & para se saber a origem dellas” (fl7v-8r).

Por outro lado, no âmbito da unidade <h> são tratadas não só as oclusivas aspiradas gregas ϑ, φ, χ, que em latim haviam sido representadas pelos dígrafos <th>, <ph> e <ch> nos vocábulos introduzidos a partir do século II a. C., como também os dígrafos vernáculos <ch, lh, nh>, nos quais a função de <h> é de natureza diacrítica, ao permitir a oposição entre esses dígrafos e os correspondentes grafemas simples <c, l, n>, ou ao assinalar o recorte silábico quando não é etimológico, função diacrítica que já

lhe era conferida em latim. Veiculados pela tradição, os dígrafos resultantes da adaptação das aspiradas gregas à língua e ortografia latinas (*letras que se aspirão*) são incluídos no sistema gráfico descrito por Leão com uma função etimológica por constituírem um distintivo da origem dos vocábulos, conquanto no caso de <ch> o ortografista sugira uma solução de molde à sua vernaculização. De facto, o ortografista avança duas soluções alternativas para evitar a homografia: ou substituir <ch> grego por <c> (*cholera-colera*), ou adoptar de <çh><sup>39</sup> para grafar a palatal vernácula, opondo-se assim ao <ch> dos vocábulos de origem grega, solução que ele próprio engeita. O ortografista alude inclusive às vantagens da criação de grafemas específicos para a representação de /ʃ/, /ʒ/ e /ɲ/: “O que eu não cõtradiria. Mas antes se fora em minha mão, déra noua & particular figura aquellas letras, q tendo as em potestade lhe não derão os nossos passados figura, como são o .ç. .ch. lh. nh & aquellas, que falsamēte screuemos per as figuras alheas de .g. (quãdo se ajunta a estas letras .e. i) & de .x. & .z.” (fl.9r).

O emprego de <th> faz-se ao amparo do costume, em palavras como *author*, *authoridade*.

Outra das unidades parasitárias ou ociosas, é <k>. Embora Leão reconheça à partida a inutilidade funcional desta unidade (...*quãto aa nossa lingoa & scriptura Portuguesa he letra sobeja & ociosa*, fl.10v), inclui-a, porém, no seu inventário alfabético entre as unidades <i> e <l>, por conservadorismo da tradição.

Segundo a tradição latina, <x> e <z> eram “letras dobradas”, cuja posição no alfabeto indiciava a sua recente anexação a este inventário; à partida estas unidades eram vantajosas na medida em que permitiam grafar grupos complexos de forma económica. A definição de <x> como letra dobrada enquadra-se, assim, nessa classificação clássica, uma vez que corresponde aos grupos latinos [ks] e [gs]; todavia, a realização vernácula deste grafema é a fricativa palatal surda /ʃ/, explicada pela influência árabe (*paxão, caxa, enxada, coxim*, fl.20v). A mesma consoante é grafada

---

<sup>39</sup> Cf. fl.49v: “Ou screuamos o *ch* dos nomes vulgares, que se pronuncia como .x, ou .s. ou .ç. cõ a cifra a baxo do *c* que faça a differença, de *choro* por pranto, a *choro* por *ajuntamento*, que se faz de *capa*, a *çapa*, dizendo, *choro*, e *çoro*, *taça*, *monarcha*”.

pelos franceses com o dígrafo <ch>, solução que o nosso ortógrafo reputa de errada<sup>40</sup> levado pela oposição portuguesa entre uma africada palatal surda <ch> e uma fricativa palatal surda <x>, observação que só vem reforçar a ideia da diferente realização correspondente a cada uma dessas duas grafias. Por último, tendo perdido a sua primitiva pronúncia *sd*, <z> corresponde, na descrição nunesiana, a uma realização entre *s* e *ç*, o que explicaria precisamente a confusão gráfica entre esse grafema e estes dois. Por isso, preceve o emprego de <z> nos casos seguintes: nos patronímicos portugueses (*Alvaro-Alvarez, Nuno-Nunez, Pedro-Pirez, Antonio-Antunez*, por ex.); nos substantivos derivados (*avaro-avareza, largo-largueza*); nos oxítonos em *-az, -ez, -iz, -oz, -uz* (*arganaz, axedrez, almofariz, albornoz, alcaçuz*), nos aumentativos em *-az* (*beberraz, linguaraz*), nos monossílabos (*cruz, luz*), salvo na forma verbal *pus*, e bem assim nas terceiras pessoas verbais dos verbos fazer, dizer, fazer, trazer e derivados, nos numerais, excepto nos das centenas (*dez, onze, doze, treze, catorze*, por ex.).

Para além da noção de natureza, a doutrina respeitante às grafias dobradas estriba nos princípios da derivação, da significação, da corrupção, da variação e da composição, noções herdadas dos clássicos, cuja longevidade, independentemente da evolução conceptual do aparelho terminológico, se detecta ainda nos textos setecentistas (cf. 1º vol., I). De facto, se em certos aspectos já aqui sublinhados o ortografista cede perante a realidade fonética da língua, prevalecendo então o princípio sincrónico da pronúncia, em outros, pelo contrário, ao atender às noções acima, ele submete-se à matriz latina, e, por conseguinte, aos princípios da etimologia e da analogia. De facto, à harmonização das formas derivadas num único paradigma gráfico, dá Nunes de Leão o nome de *derivação* (*terra-terreno-terrestre-enterrar-soterrar...; cavallo-cavalleiro- cavallaria*, fl.38v); o critério da *significação*, ou seja, o valor diminutivo presente em *pequenetta, mocette, mocetta* (ibid.), assim como em *verdette, pequenette, escudette, panette, camarotte, piparotte, franchinotte*<sup>41</sup>, justifica as grafias

---

<sup>40</sup> Cf. fl.20v: “E assi os Franceses, que teem a mesma pronunciação que nos, a denotão per .ch. impropriamente porque per .x. se não podia denotar, & dizem Cheual, & Chapitre, por Xeual, & Xapitre”.

<sup>41</sup> O sufixo nominal *-ette* sugere uma influência francesa, enquanto que o sufixo *-ote* parece decalcar o sufixo castelhano *-ote* (esp. *camarote, piparote*). Note-se que Cândido de Figueiredo, no seu *Nôvo Diccion*. (1899), vol. I, p.631, recolhe *franchinote* como equivalente de *rapazêlho, peralta, janota, presumido*, associando aquele termo a *franganote*.

dobradas, sendo de notar que estes últimos exemplos serão retomados por autores posteriores (cf. infra), como Franco Barreto (1671) e Figueiredo (1722); à natural evolução fonética das formas latinas para português é descrita como *corrupção* (IPSU > isso); à variação fónica atribui o ortografista certas variações gráficas (*ama-amasse, mao-maa, reo-re*); à formação de vocábulos mediante junção de preposições latinas chama *composição* (*ad-abbreviar, accorrer, affecto, aggressor; ex-effecto, effectuar; in-immemorial, immuidade-en-emmaeirar, emmastrear...*, fl.40r-40v). Todavia, os critérios da pronúncia e do uso determinam, segundo Leão, outras grafias dobradas: enquanto um justifica *afforar, affinar, affogar*, o outro determina *arremessar, arruinar, assombrar, assanhar*. Este é um dos aspectos do sistema gráfico nunesiano em que fica bem definido o recorte etimológico, tanto mais que o autor marca claramente a sua posição neste assunto, abundantemente contemplado de acordo com os objectivos pragmáticos da obra e a sua estratégia expositiva (listas de exemplos em jeito de incipiente exercício paralexiconográfico): “E ainda que na verdade, as nossas orelhas não cõprehenderão a differença das letras dobradas, para conseruação da origẽ & etymologia dos vocabulos, era necessario dobrarẽse, tomando os nos dos Latinos, ou Gregos, assi como elles nolos dão” (fl.41r). No capítulo consagrado às *dições que dobram as letras* inclui casos de vogais dobradas, ainda que alguns sejam apenas exemplos de processos da evolução fonética, como a síncope consonântica e posterior crase das vogais em hiato (*palatum > paadar, sedes > see*) ou a contracção de vogais (*a + a > aa*); pela mesma razão, duplica a grafia do verbo *ver* e suas formas (*vee, veem, veemos, veedes, veem, veer*), o plural dos nomes em *-il* e *-im*, certos nomes em *-o* e outros em *-u* (*couil-couijs, delfim-delfijs, soo < solo, cruu-cruus*, fl.48v).

Posto isto, apesar das hesitações, o ortografista favorece largamente a componente etimológica do sistema gráfico, facto que não surpreende à luz da perspectiva que predomina na obra – a histórica ou diacrónica –, ainda que ele verbere os excessos etimológicos dos que grafam à latina *crux, vox*, por exemplo.

#### 1.4.1.1. Diacríticos

Em matéria de diacríticos ou sinais auxiliares da escrita, Leão trata dos acentos (fls.66r-67r), do til (fls.24r-25v) e da cedilha ou cifra (fl5r).

Definidos como o *tom que damos a cada syllaba, que em cada hũa dição leuantamos, ou abaxamos*, três são os acentos apontados pelo ortografista, de acordo com uma classificação oriunda do grego e veiculada pelos latinos, a saber, agudo, grave e circunflexo, dos quais só o primeiro e o terceiro eram pertinentes no sistema gráfico, como veremos. Afora a sobreposição dos planos prosódico e gráfico, patente na definição acima, na doutrina do ortografista regista-se ainda a convergência de noções de natureza prosódica e fonética. Era conferida relevância distintiva dos acentos em particular na distinção semântica entre palavras homógrafas, designadamente para evitar a ambiguidade entre as formas verbais da terceira pessoa do pretérito perfeito e as do futuro do indicativo (*amára-amarâ, léra-lerâ, ouúira-ouuirâ*), entre substantivos (*cór-côr*) e entre homógrafos em geral (*fez-fêz, é-e*)<sup>42</sup>, solução considerada preferível ao emprego diacrítico de uma consoante muda (*letras ociosas*). Ainda assim, ao contrário de Oliveira e de Barros, que privilegiavam o registo das variações fonéticas das vogais, em vez de restituírem o nível grafemático a um estado anterior, Leão envereda pela “relatinização”, tendência tão manifestamente recessiva em matéria acentual quanto expansionista no campo das geminadas e grafemas inarticulados, posição justificada pelo ortógrafo em nome de uma alegada economia e clareza: “Dos quaes [acentos] nas dições que não teem outras semelhantes, não deuemos vsar. Porq não seruirão de mais, que de causar confusão aa gente vulgar, & fazer cair em erro, os que os quiserem imitar, não o sabendo per arte” (fl. 66r-66v).

Posto isto, estão encontradas as correntes dominantes em matéria de acentuação gráfica: trinta e oito anos depois de a tendência fonética desfraldar a bandeira autonómica da escrita vernácula (Oliveira 1536, Barros 1540) recebe a réplica da tendência etimologizante (Gandavo 1574, Leão 1576), disposta a reclamar os direitos de sucessão do modelo matricial – o latim –, até ao limite da fundamentação teórica. Por isso, até à primeira metade da centúria de oitocentos, excepto em caso de homografia,

---

<sup>42</sup> Reconhecendo embora as vantagens dos acentos, aceita, em nome do costume, a distinção entre a forma verbal e a conjunção pela aspiração de uma (*he*) ou pela figura & da outra: “(...) ainda q neste a differença se tira sem accento, ou pela aspiração, q se lhe põe de costume, quando he verbo, ou por a figura que dão ao, e, quando he conjunção assi, &” (fl.66r).

os acentos carecerão de pertinência nos sistemas gráficos, situação a ser alterada pelos vários reformistas *sónicos*, detractores da etimologia em benefício da fonética.

A exposição das funções do til verifica-se a seguir à enunciação das funções do inventário das letras, como se de mais uma delas se tratasse; ainda assim, autor o define-o como uma *linha & abbreviatura, que se põe sobre as dições, com que suprimos muitas letras* (fl.24r). Segundo o autor, afora o seu emprego como abreviatura, o *til*, termo derivado de *titulo*, visto encimar as palavras cuja abreviação assinala, com a conseqüente economia de letras (*Bpõ~Bispo, aplõ, tplõ*), tem função supletiva de carácter discreto: assim, Leão confere-lhe ainda a função de marcar a nasalidade dos ditongos, descrita como mera substituição de m ou n, e até de uma só vogal. De resto, à semelhança dos restantes gramáticos e ortografistas, é visível a dificuldade de Leão em interpretar e descrever as questões respeitantes à nasalidade, designadamente aos ditongos nasais, situação que vai prolongar-se até bem avançado o século XIX. Ainda assim, conquanto a descrição da articulação do ditongo [ãw] seja arrevesada, não de ser acertada, salvo no que toca às sequências de vogais homorgânicas:

“Mas acerca de nos, ha hũa peculiar, & própria pronunçiação, & estranha das outras nações, que em algũas dições, .m. vem entre duas vogaes, pronunciamolo de maneira, que fica com a vogal precedente, & não com a seguinte. A qual pronunçiação de .m. não he perfectã, nem inteira. Polo que não sem razão, o chamaremos liquido, porque fica mais apagado, & froxo que quando vai com a vogal seguinte, como se vee nestas palauras, Alemam-o, capitam-o. Onde assi soa o .m. como se ficasse com o .a. precedente, sem ferir no o que se segue. E por assi ser liquido este .m. & não ferir a vogal seguinte, & ainda soar pouco, da lugar, que as duas vogaes, em que interuem, se ajütem sempre em diphthongo, fazendo hũa soo syllaba, ainda que as vogaes ambas sejam de hum genero” (fls.24r-25v).

A nasalidade vocálica em posição final é grafada por meio de <m>, mas o ortografista prevê duplicações como as de *irmãa, lãa*. O til constitui, portanto, mais um aspecto distintivo da grafia portuguesa relativamente à castelhana, na qual este sinal tem uma função bem diversa: serve de modificador de <n>, transformando-o em <ñ>.

grafema específico da representação da palatal nasal em castelhano<sup>43</sup>, que é o principal contributo de Espanha para o alfabeto latino.

Ao invés dos ortógrafos espanhóis quinhentistas, que haviam proposto diversas designações técnicas para a cedilha – *cerilla*<sup>44</sup>, *cerrota*, *cedilla*, *señaleja*, *verga*, *zebra*, *zebura*, *cédille* –, este diacrítico não recebeu entre nós uma designação específica; em seu lugar aparecem tentativas de descrição. Leão denomina-a *cifra* ou *cercilho*. Independentemente dos termos usados, note-se que a cedilha constitui uma inovação gráfica relativamente à tradição latina.

Importa salientar os vinte princípios (regras) que presidem ao sistema gráfico do ortógrafo e às suas soluções. Se a primeira delas assume como princípio geral a máxima quintiliana de que temos *de screuer, como pronunciamos, & assi hemos de pronunciar como screuemos* (Regra I), já a segunda parece refutar a restituição arbitrária da forma etimológica, quer pela introdução de letras, quer pela mudança destas, pois *as palavras são como as moedas, q não valem senão as correntes, & as q stão em vso*, devendo atender-se à *corrupção dos vocabulos corruptos, & não a origẽ*. Por isso, em nome da “corruptibilidade” da língua, aceita grafias diferentes para formas etimologicamente aparentadas, mas diferentes na pronúncia, como *insigne*, *significar*, *significação*, por um lado, e *sinal*, *sinette*, *assinar*, por outro. Ao mesmo tempo, admite também que o uso condicione o emprego de certas grafias, ainda que ao arrepio da etimologia (*hum*, *hũa*, *he*). Apesar destas cedências perante o critérios da pronúncia e do uso, note-se que boa parte das regras apresentadas por Leão prende-se, não com aplicação destes dois princípios, mas sim com a aplicação do princípio etimológico ou a referência à história da língua.

A regra III diz respeito às abreviaturas, em especial as do domínio religioso, que incluem letras não pronunciadas, como *Xpõ*, *Xpãõ*, *IHS*. Na quarta regra (fls.53r-54v),

---

<sup>43</sup> Figurando no alfabeto castelhano em décimo sexto lugar, depois de <n>, a tal ponto o grafema <ñ> é emblemático da ortografia espanhola que, em 1991, uma pretensa ameaça à existência dessa *letra* – sua supressão dos teclados dos computadores e máquinas de escrever –, provocou grande repulsa social em Espanha e na América Latina. Sobre a história de <ñ>, vide: Gregorio Salvador e Juan L. Lodaes, **Historia de las Letras**, 1996, pp.149-152.

<sup>44</sup> Esta é a designação que lhe deu Nebrija (1492); vide, **Gramática de la Lengua Castellhana** (Estudio y ed. de Antonio Quilis), Madrid, Centro de Estudios Ramón Aceres, 1989, p.129.

à luz da pronúncia e da morfologia, designadamente da formação do plural, refuta grafias latinas como as de *crux* e *vox*, pois que estas, em virtude da normal evolução (corrupção), desenvolveram as formas portuguesas grafadas com <-z> (*cruz*, *luz*, *paz*, *perdiz*, *verniz*). Por sua vez, a quinta regra (fl.54r) trata da grafia da vernaculização gráfica das formas latinas com <æ> e <œ>, salvo nos nomes próprios (*Elío*). Confirmado pelo uso dos doutos, fatores dos modelos gráfico e linguístico em geral, o princípio etimológico preside à sexta regra, na qual recusa a vernaculização de palavras com <s> inicial (*escrivão~scrivão*, *esperar~sperar*, *espírito~spirito*, *Estevão~Stêvão*), que o devem conservar, mesmo em nome de um paradigma românico, porque assim as grafam italianos e castelhanos; na mesma linha, às grafias dobradas está também consagrada uma regra, a sétima, onde são sancionadas as grafias *strella* (< STELLA), *gotta* (< GUTTA) e *spesso* (< SPISSUS). Já décima primeira regra prende-se com a pseudo-etimologia, um dos efeitos perversos do excesso de zelo etimológico: assim, Nunes de Leão considera abusivo o uso de <p> entre os elementos do grupos <mn>, por influência da grafia de algumas formas verbais latinas portadoras dessa unidade (*sompno*, *dampno*, *screpuer*). O princípio da reconstituição etimológica preside igualmente à prescrição de <qu> (Regra XII) nas formas gráficas que haviam sido vernaculizadas (*qualidade*, *quantidade*, *quantia*, *nunqua*, *cinquo*, *qua*, *aquola*, *quomo*). O princípio da estabilização de paradigmas gráficos fica consagrado pela regra XV (fl.57v): em seu nome e em obediência à correcção da pronúncia, estipula Duarte Nunes as grafias *renda-rendeiro*, *pele-pellica-pelliteiro*, *peço-petição*, *minto-mintes*.

Da distinção gráfica entre <c>, <s> e <z> trata a regra XVI (fl.57v-59v), a qual é de resto uma das mais extensas, devido à melindrosidade do tratamento do assunto. De novo, o emprego destes grafemas depende do princípio etimológico: assim, onde sempre que a origem latina tenha uma sequência de oclusiva dental e semivogal (*-tio*, *-tium*, *-tia*), em português grafar-se-á <ç>, para representar o produto da assibilação dessa sequência, excepto em razão (< Ratio). Com ele, também grafava Leão os verbos derivados de nomes em *ça* (*sentença~sentenciar*, *preguiça~espreguiçar*, *cobiça~cobiçar*, fl.58v), e bem assim os nomes e verbos em *-ço* e seus derivados (*chovediço*, *fugidiço*, *prevaleço*, *basteçer*, *emagreço*). As regras X (fls.55v-56v) e XIII (fl.57r) tratam de aspectos bem específicos: uma estabelece a distinção entre as



preposições per e por, cujo emprego é ilustrado; a outra rejeita o emprego de uma grafia dobrada em *elrrey*.

Se as anteriores se enquadravam no chamado plano alfabético, já o mesmo não se observa quanto à oitava VIII (fl.54v-55r), percentente ao âmbito da pontuação de palavra. Nessa regra prescreve o ortografista a separação gráfica entre as partículas pronominais enclíticas e o verbo, conquanto Duarte Nunes não aluda directamente à unidade que permite tal separação. Nesse âmbito integra-se igualmente a regra IX (fl.55r-55v), referente ao uso do apóstrofo, que o ortografista julga preferível à elisão da vogal das preposições *de* e *em* (*d'Evora, anel d'ouro, homem d'armas, d'ele, n'este, n'aquela*). A propósito da primeira observa inclusive o seguinte: “E que ainda que o .e. da dicta particula se aja de elidir & comer na pronunçiação, q se não coma scriptura que he cousa fea, & barbara” (fl.55r). Às anteriores, junta-se ainda a regra XIV (fls.57r-57v), na qual o ortógrafo condena o uso de algarismos como abreviaturas de numerais ordinais (*sem primeiro falar~sem 1º falar; 3º = terceiro*). Precisamente da distinção entre a numeração romana e a árabe se trata na regra XIX (fl.61r).

Pertencente ao âmbito da pontuação, tal como o apóstrofo e as abreviaturas, o uso da maiúscula (*primeira letra grande, capital, maiuscula*) é estipulado na regra XVII (fls. 59v-60r): com ela devem-se grafar os nomes próprios, apelidos, cidades, províncias, rios, meses, acrescentando nomes de montes e de fontes, nomes gentílicos (*...das gões, que das prouincias, ou cidades se deriuão*, fl.59v), nome de *deoses da gentilidade* e para individualizar uma pessoa ou coisa; mas não menciona alguns topónimos e os zoónimos (nomes de vilas, lugares). Porém, ao delimitar a frase, antecedida por um sinal de pontuação, a maiúscula inscreve-se então na pontuação de frase, sendo que ela deve figurar à cabeça do texto e da frase (*letra capital, & grande, todo o principio de lectura, & qualquer clausula...*fl.60r), depois de ponto, de ponto interrogativo ou de exclamativo, e bem assim depois de *coma*, ou seja, dois pontos, quando estes antecedem uma citação ou discurso directo. Acrescente-se que a doutrina nunesiana sobre a pontuação será retomada por vários dos ortógrafos seguintes (cf. *infra*), como se nota em Vera (1631), em Bento Pereira (1666) e Barreto (1671).

De natureza cali-tipográfica são as observações tecidas na regra XVIII (fl.60r-61v), integradas, por conseguinte, na pontuação de texto: ali se refere Leão aos problemas de “legibilidade” decorrentes de certas práticas da escrita manual,

designadamente as *ligaturas* resultantes da economia de espaço e de tempo: “Que em a scriptura não liguemos hūas letras a outras, & muito menos hūa dição a outra, como fazem geralmente scrivães, por razão de com hūa penada fazerẽ muitas letras, & em pouco spaço mais scriptura, respectando mais ao seu proueito que ao dos lectores”.

A encerrar a enumeração das regras acima, Leão faz a apologia final da etimologia como princípio basilar da ortografia (regra XX)<sup>45</sup>, preconizando por isso as virtudes da investigação etimológica como pauta da normatização linguística, ao mesmo tempo que concebe a mudança linguística como um processo natural, inerente à natureza da língua. De facto, ao invés dos gramáticos precedentes, para Duarte Nunes de Leão a mudança linguística não é uma pura decomposição de um estado ideal ou perfeito, pelo que o termo *corrupção* não tem na sua obra a carga pejorativa que naqueles comporta. Tal concepção não impede o ortógrafo de traçar uma fronteira entre a mudança propriamente dita e os usos populares, caracterizados pelas corruptelas. Contudo, o conservadorismo do princípio etimológico é temperado pela inovação trazida pelo costume, impulsionador da evolução permanente: “E reuendiquemos & restituamos a seu lugar os vocabulos, & façamos costume do q consiste ã razão & analogia. Porq em nenhūa cousa pode mais o costume, que na orthographia, & nas palauras, que se mudão, & varião como as moedas” (fls.62r-62v).

#### 1.4.2. Plano extra-alfabético

Depois das breves notas de João de Barros, o **Tratado sobre os pontos das cláusulas e de outros que põem nas palavras ou oração**, de Duarte Nunes, é o primeiro trabalho sistemático, dotado de fôlego teórico na história das ideias referentes à pontuação. Assim, é de salientar que a definição deste nível gráfico assenta nos critério pausal e semântico, sendo que o primeiro deles é preponderante. De facto, a definição nunesiana (*...usamos de hūas distinções de pausas & silencio, assi para o que ouue entender, & conceber o que se diz, como para o que falla tomar spirito, & vigor para*

---

<sup>45</sup> Cf. fl.61r: “Porq, pela etymologia delles, se sabe a orthographia, & pela bõa orthographia a etymologia. E esta é a fonte & a raiz de falarmos, & screvermos bem, & propriamente, ou mal”.

*pronunciar*, fl.74r) vincula claramente a pontuação à leitura em voz alta, sendo necessária quer para o ouvinte, quer para leitor; por isso, a sua função consiste em *tirar a cõfusão, do que queremos dar a entender, & para saber onde começamos & acabamos as clausulas* (fl.74v). Afora o critério pausal ou entoacional, o ortógrafo atenta no critério sintáctico, segundo o qual os pontemas são *balisas & marcos que diuidão as sentenças, & os membros de cada clausula* (ibid.), ao mesmo tempo que ajudam na memorização do que se lê.

De acordo com a tradição latina, difundida por São Isidoro de Sevilha e continuada durante a época medieval, as funções acima enunciadas correspondem a três graus de pontuação, de menos para mais forte, a saber, a *virgula* [ , ], *coma* [ : ] e *cólon* [ . ]. De facto, oriundos de uma tradição retórica que se estende até aos manuais quinhentistas, os termos *coma*, *cólon* e *período* referem já verdadeiras unidades pontuacionais<sup>46</sup>, embora registassem alguma oscilação. À semelhança dos anteriores, o conceito de “cláusula” era objecto de variação: ora significava o final do período, ora uma das partes do cólon ou membro.

Quanto aos critérios que determinam o emprego dos pontemas, se o da vírgula assenta nos critérios semântico e pausal (*...se põe, & faz distinção quando ainda não esta dito tal cousa que dê sentido cheo, mas soamente descansa para dizer mais*, fl.74v), já o da *coma* ou *cortadura* e o do *cólon* ou *membro* (i.e. *he parte do periodo, que he a clausula ou materia acabada*, fl.75r) assenta só no semântico<sup>47</sup>. A distribuição hierárquica das unidades acima deriva da constituição do período como unidade de sentido composta por dois ou três membros, donde se conclui fazerem parte do nível frástico da pontuação. Por isso, *hũ cõma pode cõprehender muitas virgulas, & hum colon muitos cõmas, & hũ periodo muitos colõs (...)*” (fl.76r).

Nos enunciados gráficos, a vírgula separa não apenas frases umas das outras, como também separa segmentos de frases, por exemplo, adjectivos ou substantivos

---

<sup>46</sup> Cf. Maria Carlota A. Paixão Rosa, *Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas*, vol. I, Rio de Janeiro, 1994, pp.48-73.

<sup>47</sup> Cf. fl.75r: “O segundo se põe, quando esta dicto tanto, que da sentido mas fica ainda mais para dizer, para perfeição, & acabameto da sentença”; “O terceiro se põe, quando temos chea a sentença, sem ficar della mais que dizer”.

seguidos, advérbios ou verbos igualmente seguidos. Assinalando uma interrupção da frase, a *coma* é marca da citação ao introduzir ou anunciar uma voz distinta da do sujeito da enunciação; por isso, os exemplos aduzidos apresentam verbos declarativos; é, assim, um sinal de pontuação intermédia, que para marcar a separação (*acme*) entre as duas partes do período na retórica – a protase e a apódose. De facto, delimitado pelo *colon*, o *período* abrange a *clausula*, & *materia toda acabada, incluindo tres membros, que são tres sentenças, que vão distinctas com o ponto final, que he o colon* (fl.76v.). Assim, o *colon* e o *período* indicam a conclusão do sentido e encerram, por isso, a frase ou um conjunto de frases.

Ao núcleo tradicional da pontuação de frase, Duarte Nunes acrescenta o ponto e vírgula, unidade mais recente cuja figura e função são descritas nos termos seguintes: “De outro ponto vsão agora algüms modernos, que consta de hum colon, na parte superior, & de hũa virgula na inferior assi; do qual dizem, q querem vsar, onde não sta dicto tanto, que se aja de poer comma, nem tâpouco, que se aja de poer virgula. Ma a meu veer, he inuenção de pouca vtilidade, & desnecessaria, & lque eu não imitaria” (fl.76r).

Duarte Nunes considera também outro inventário, em certo sentido complementar daquele, composto por mais unidades da pontuação de frase, do nível textual, mas também do nível de palavra. Assim, ao primeiro destes níveis pertencem por exemplo o interrogativo ou *interrogante*, o admirativo, o parêntese: colocados no final dos enunciados, os primeiros indicam as modalidades interrogativa e admirativa; o último permite quer a inserção de um enunciado que não altera aquele em que se encaixa nem sintáctica, nem significativamente (...*formação diuersa de sentença, & palauras estranhas, q se interpõem na clausula, & se podem tirar, ficando perfectó o sentido*, fl.76v), quer a inclusão da voz do sujeito da enunciação.

Na pontuação de texto integram-se o *paragrafo* [∇], que estrutura o conteúdo das obras; o *meo circulo* [)], que assinala glosa de um autor; o *asterisco* [\*] ou *estrellinha*, sinal denotativo ou positivo, pois chama a atenção para as palavras de um autor; ao assinalar palavras adulterinas de um autor, tendo portanto carácter disfórico, segundo o ortografista, o *obelisco* [-], (*pequena ponta de espeto* ou *seta*), em cuja figura parece assentar de resto o actual travessão, remonta a Aristarco e a S. Jerónimo;

pertencente à tradição manuscrita, o *angulo* ou *meta* [∨], indica a omissão de palavras acrescentadas na margem.

Da pontuação de palavra, fazem parte o *hyphen* [-] e a *divisão* [-] ou sinal de translineação, ambos com a mesma figura: um constitui a marca da *união* ou *ajuntamẽo* dos elementos das palavras compostas (*passa∪tempo*, *guarda∪porta*, *val∪verde*, *Mont∪agraço*)<sup>48</sup>; a outra unidade indica a *divisão* ou translineação dos vocábulos no final da linha (*An-tónio*). Note-se, porém, que o ortografista não faz a ligação das formas pronominais enclíticas ao verbo por meio de um sinal de união (*dobraremse*, *tomando os*), aspecto ao qual nem sequer alude.

Por outro lado, o processo de translineação é apresentado em dois parágrafos distintos: um para a divisão silábica (fl.35-36v), outro para as palavras compostas (fl.38r-38v). Definida a sílaba no plano fónico como um *vinculo ou ajuntamento de letras, que se pronuncia debaixo de hum spirito, & um accento* (fl.32v) em que a vogal é o centro silábico, a verdade é que a divisão silábica das palavras é de base etimológica ou morfológica, conquanto o ortografista prefira mantê-las inteiras. De facto, a divisão em final de linha obedece aos princípios seguintes: dividem-se os grupos de muda seguida de líquida (*ma-dre*, *ale-gre*), ao invés das restantes sequências consonânticas (*fal-so*, *cam-po*, *cor-po*); separam-se as vogais consecutivas que não formam ditongo (*ce-o*, *De-os*), uma consoante entre vogais acompanha a vogal seguinte (*fa-ma*, *lu-me*, *bata-lha*); dividem-se as consoantes dobradas (*ad-dição*, *af-feiçoar*, *com-ma*, *an-no*), mas já não assim com as chamadas consoantes “compatíveis” (*di-gno*, *re-gno*, *ho-spede*, *ca-sto*). Às chamadas *dicções compostas* aplica, por sua vez, a regra da composição, ou seja, a divisão atende à estrutura dos vocábulos, de molde a deixar inteiros os prefixos (*con-stituir*, *pre-screver*, *de-scender*, *ap-pellar*, *circum-ferencia*).

Na pontuação de palavra inscrevem-se igualmente o *apostropho* e as *abbreviaturas*, que recebem tratamento separado das unidades anteriores. De facto, o apóstrofo, cuja figura o ortografista descreve como metade de meio círculo, serve para assinalar a *sinalefa*, ou seja, a elisão de uma vogal junto de outra, evitando os efeitos cacofónicos de algumas junções rerealizadas oralmente (*não mamais~não me amais*, *não*

---

<sup>48</sup> O segundo exemplo já havia sido fornecido por Barros, mas sem hífen.

*touço~não te ouço*, fl.67v); por isso, o apóstrofo é frequente com as preposições *de* e *em* ou quando dois vocábulos se contraem (*d'ambos*, *n'este*, *Mont'agraço*, *Mont'argil*, *Fernand'Alvarez*, *d'Almeida*, *ibid.*). Por último, apesar de já as termos referido a propósito do til, as abreviaturas são do âmbito da pontuação de palavra por constituírem formas económicas do significante gráfico. Duarte Nunes de Leão condena, porém, o recurso excessivo a abreviaturas, aceitando as mais habituais na tradição gráfica, visto estas darem acesso imediato ao significado da palavra abreviada, como sucede com as mais habituais, de reverência ou respeito (*S.~Senhor*, *V.A.~Vossa Alteza*, *V.E~Vossa Excellencia*, *V.S.~Vossa Senhoria*, *V.M~Vossa Merce*, *V.P.~Vossa Paternidade*, *V.R.~Vossa Reverencia*, *A.~Autor*, *R.~reo*), de brevidade ou tradição, como é o caso dos patronímicos e dos numerais romanos (*Glz~Gonçalvez*, *Frz~Fernandez*).

Por último, do inventário nunesiano, constam ainda os *apices* ou *cimalhas* «*ˆ*» e a *brachia* ou *nota* [∪], unidades gráficas que na verdade são diacríticos do nível alfabético: colocada sobre um grafema vocálico, a primeira unidade assinala a inexistência de ditongo (...*quãdo se ajuntão duas vogaes, q se podião leer de duas maneiras, ou jũtas em hũa syllaba, ou separadas em duas boiada, boia, argũir, saũde, caiado-cajado*, fl.77v); a segunda unidade indica a quantidade breve de uma vogal.

À pontuação de texto pertencem ainda as letras decorativas que aparecem no início de cada capítulo (fl.1r), as maiúsculas dos títulos, os espaços em branco para destacar as distintas secções, ou o sinal de parágrafo [¶], a anteceder cada título dos sub-capítulos (por ex. fl.47v).

### 1.4.3. Princípios ortográficos

Das soluções expostas nos dois planos acima ressalta bem a posição doutrinal perfilhada pelo ortógrafo, e o mesmo se poderá observar a respeito dos capítulos ou secções em que ele apresenta listas exemplificativas de aspectos específicos, como a afinidade entre certas “letras”, a função distintiva das consoantes dobradas, o artigo, ou a homografia, sendo que todos estes aspectos confirmam o relevo do vínculo da língua portuguesa à matriz latina. Na verdade, ao incluir numa obra metaortográfica alguns fenómenos fonéticos da história da língua portuguesa, como a assimilação vocálica, a fricativização, a sonorização das oclusivas surdas intervocálicas, a dessonorização, por

exemplo, Leão perfilha uma perspectiva evidentemente diacrónica, posta ao serviço da elucidação do estado da língua contemporâneo do autor. Esse ponto de vista preside igualmente à lista de palavras com *letra dobrada*, pela qual o autor visa demonstrar a funcionalidade da oposição entre grafias singelas e dobradas (*botar* “lançar” ~ *bottar* “perder a cor, ou agudeza”, *cometa* “estrela” ~ *cometta* “verbo”, *moleira* “do moinho” ~ *molleira* “de cabeça”, *pega* “ave” ~ *peega* “prisão de bois”, *se* “conjunção dubitativa” ~ *see* “catedral”), derivada do princípio etimológico. Pelo contrário, a lista de vocábulos homógrafos mostra uma atenção à sincronia, traduzida na concessão ao princípio fonético segundo o qual é essencial garantir a oposição fonológica de timbre da língua vernácula, distinta da quantidade característica do latim, por meio da acentuação gráfica, evitando-se assim a ambiguidade na leitura (*acerto*~*acerto*, *avó*~*avô*, *côrte*~*côrte*, *mólho*~*mólho*), onde o contexto é insuficiente. A preocupação correctiva denota-se, por outro lado, na lista em que corrige algumas formas ou corruptelas populares que devem evitadas no plano gráfico, designadamente formas protéticas (*acipreste*, *agabar*, *alanterna*, *avoar*), e outras, como *alicornio* por *unicornio*, *antre* por *entre*, *desenvergonhado* por *desavergonhado*, às quais junta outras que parecem indiciar o efeito de retorno da grafia culta sobre a pronúncia na época de Leão ou, então, são apenas reconstituições gráficas (*baptismo*, *considerar*, *consignar*, *pragmática*). Refira-se, por outro lado, a função semântica atribuída às distintas grafias de palavras homófonas, como sucede com os pares *concelho*-*conselho*, *celleiro*-*selleiro*, *cegar*-*segar*, *cerrar*-*serrar*, problema colocado com toda clareza: “Screuendo com diferentes letras, teem diferente significação. Hũa das cousas, per que se vêe, quanto importa a razão de bem screuer, ao entendimento dos conceptos & palauras, he a diuersa significação que muitos vocaubulos teem, por soo distarem de outras em hũa letra, perq fica conuencida a barbara practica de algüs, q por palliar sua ignorancia, ou negligencia, dizem q pouco vai screuer com hũas letras, ou cõ outras, ou serẽ as letras singellas ou dobradas (...)” (fls.72r-73r).

Fica assim demonstrado que, não obstante os objectivos pragmáticos de qualquer obra metaortográfica, Duarte Nunes de Leão lança entre nós as bases teóricas de uma corrente ortográfica de recorte essencialmente diacrónico, perspectiva que é consolidada na **Origem da Lingoa Portuguesa** (1606), contrastando com a perspectiva sincrónica privilegiada por Oliveira e Barros, que haviam sobretudo ensaiado a

descrição da realidade fonética vernácula como condição prévia para a definição das bases do sistema gráfico. No mesmo século, a tendência representada por Nunes será examinada e sistematicamente confrontada com a corrente fonética ou “fonetizante” de que é arauto o ortógrafo seicentista João Franco Barreto (cf. *infra*). Nestas condições, importa sublinhar a importância da obra nunesiana para a constituição do corpo doutrinal metaortográfico referente à língua portuguesa, tanto mais que as poucas obras anteriores não tinham nem os objectivos nem o fôlego (veja-se por ex. a modesta dimensão da obrinha de Magalhães de Gandavo) nem ainda a autonomia da **Orthographia** de Duarte Nunes de Leão. Por último, acrescente-se ainda que a obra deste ortógrafo seicentista, ao conferir autonomia ao tratamento da pontuação, isto é, ao separar os aspectos grafemáticos dos pontuacionais, corrobora a opção metodológica por nós explicitada na **Introdução** (cf. 1º vol.) e, por conseguinte, a estrutura aplicada aos capítulos centrais deste trabalho (cf. 1º vol., I e II). Assim se conclui também que a estrutura bidimensional das obras metaortográficas constitui só por si um leit-motiv de antiga tradição na história das ideias ortográficas.

## 2. Os seicentistas

### 2.1. Amaro de Roboredo

O gramático e ortografista Amaro de Roboredo era natural de Viseu. Da sua obra intitulada **Regras da orthographia portugueza** (Lisboa, por António Aluares, 1615), em formato de diálogo entre mestre e discípulo, não se conhece qualquer exemplar da primeira impressão. Quanto à edição acrescentada com a **Taboada**, a julgar pela referência, na dedicatória *A todo o leitor*, a João Franco Barreto, cuja **Ortografia** é de 1761, e pelo facto de o impressor Bernardo Fernandes Gaio ter estado em actividade até 1730-1745, na Oficina Joaquiniana de Música<sup>49</sup>, esta impressão só pode ser posterior à obra de Barreto, porquanto não são citadas outras ortografias

---

<sup>49</sup> Apud Ângela Barcelos da Gama, *Livreiros, editores e impressores em Lisboa no século XVIII*, **Arquivo de Bibliografia Portuguesa**, 1967, XIII, nº 49-52, p.36.



posteriores àquela. Por outro lado, a ordem por que são referidos os autores João de Barros, Álvaro Ferreira de Vera, João Franco Barreto, e, em último lugar, Duarte Nunes de Leão, ordenação que não indicia uma referência à edição setecencista da **Orthografia e da Origem da Lingoa Portugueza** (Lisboa, 1784), pelo facto de o impressor só ter estado em actividade até 1745.

Na verdade, Bento da Victoria, nome apresentado na folha de rosto desta impressão, é o pseudónimo do Pe. Vitorino José da Costa, nascido de Lisboa em data desconhecida e possivelmente falecido antes de 1752, segundo Inocêncio (t. VII, p.444-446). Presbítero secular da Ordem dos Beneditinos, deixou um vasto conjunto de obras impressas e manuscritas. Publicou umas **Regras da Orthografia da Lingoagem Portugueza**. Como já antes dissemos, não foi possível localizar a 1ª edição da obra de Roboredo, pelo que só foi consultada esta versão ampliada, vinda a lume, presumivelmente, a finais do século XVII ou inícios do seguinte – **Regras da Orthografia da Lingoagem Portugueza; recopiladas por Amaro de Roboredo. expostas em forma de dialogo Novamente correctas: com a Taboada exactissima de Andre do Avelar Lente de Mathematicas na Universidade de Coimbra: ampliada com algumas curiosidades Pelo P. Bento da Victoria: offerecidas ao excellentissimo senhor D. Miguel Lucio de Portugal, Filho dos excellentiss. SS. Marquezes de Valença, e Sucessor, depois dos largos annos de seus Excell. Pays, de tão excellentissima Caça, &c. (Lisboa Occidental: na Officina Joaquiniana da Musica de Bernardo Fernandez Gayo, na Calçada de Paes-Navaes), s.d. (ort. 15 p.).**

Afora as desconhecidas **Regras de Orthografia**, Amaro de Roboredo publicou posteriormente outras obras gramaticais, todas impressas pelo famoso impressor seiscentista Pedro Craesbeeck: **Methodo grammatical para todas as linguas**, de 1619; com a mesma data, a **Recopilaçam da grãmatica portugueza, e latina**, pela qual com as 1141 sentenças insertas na arte se podem entender ambas as linguas. Ao senhor D. Duarte da Castelbranco Coutinho, primogenito de S. D. Francisco (...) (Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1619), e **Porta de Linguas ou modo accomodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa com numerosas interlineaes...**[Seguidas de] **Raizes da lingua latina mostradas em hum trattado e dictionario** (Lisboa, Na Oficina de Pedro Craesbeeck), de 1623. Quanto ao autor da **Taboada Arithmetica**, acrescentada às **Regras de Roboredo**, sabe-

se que André de Avelar nasceu em 1546; foi mestre de artes, e lente de matemática na Universidade de Coimbra.

### 2.1.1. Plano alfabético

Relativamente às ideias ortográficas patentes naquela obra, nota-se a sua tendência mais etimologizante do que fonetizante, como a seguir se observa. Assim, do inventário alfabético (*Abcedario*) apresentado nesta obra constam as unidades <A, b, d, e, f, g, h, i, j, k l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, x, y, z>, denominadas, respectivamente, da seguinte maneira: “A, be, ce, de, e, efê, ge, aha, i, ká, ele, eme, ene, o, qu, erre, esse, te, u, xis, ypsilon, ze”. À sua divisão entre vogais (a, e, i, o u) e consoantes, acrescenta-se a destas últimas em *mudas* (*be, ce, de, ge, pe, qu, te, fl, fr, i, u, quando ferem vogal*), *semivogaes* (f, l, m, n, r, x, z), *liquidadas* (l, r) e *dobradas* (*o x, fe compoem de cf; oz, de ff*), em conformidade com o esquema clássico.

Com respeito ao vocalismo, destacam-se sobretudo os dezassete ditongos apontados, a saber, <ãa, aë, ae, ais, ão, au, ëe, ey, eu, ij, oa, õe, ou, ão, ou, ui, uü>. O autor confronta estas soluções com aquelas que desaprova, em particular aquelas que a da terminação nasal de *irmã*, as grafias *capitaens* e *perdoens* correspondentes aos ditongos nasais [ãj] e [õj], e bem assim as de *bens, fins, alguns*, consideradas ásperas. Na representação gráfica dos restantes, afora os casos de heterografia – por ex. em *vogaes-mais*, correspondentes a [aj] –, há grafias dobradas como a das vogais nasais de *bães, fjs, bõos*, aqui incluídas entre os ditongos devido à interferência do plano gráfico na descrição fonética; grafias pseudo-etimológicas (*dey, foy*) para os ditongos [ej] e [oj]. Menos problemáticas são as grafias correspondentes aos ditongos orais [aw], [ew] e [ow], em *causa, meu e couse*; o mesmo se pode dizer acerca dos nasais [ãj], [ãw] e [õj] (*capitaës, mão, perdões*, p.17). Porém, se atentarmos na prática patenteada nas **Regras**, nota-se alguma instabilidade da representação gráfica, porque, não obstante a prescrição acima, ocorrem grafias distintas como *mãy, irmans, preposicoens*, por ex. Por último, acrescenta-se que <y>, tratado junto com <k> devido à sua origem comum, não consta do grupo das vogais, estando previsto o seu uso etimológico nos vocábulos oriundos do grego, mas também na representação de ditongos vernáculos, como vimos antes. Por último, trata ainda das vogais dobradas, prática antiquada, segundo ao autor

(...as dobravam antigamente..., ...se dobravam antigamente, por ex. em *Galee, Guinee, enxoo*).

Da representação do consonantismo, destacam-se as soluções referentes ao campo das sibilantes, das fricativas palatais e das oclusivas velares sonoras. Assim, com respeito às primeiras o autor distingue o valor sibilante de <c<sup>e, i</sup>> do valor oclusivo de <c<sup>a, o, u</sup>>, equiparando o valor daquele ao de <s> e de <ç>, sem mais considerações; acrescenta-se, contudo, a indicação de que a grafia dupla <-ss->, cujo valor equivale ao de <c>, ocorre sistematicamente nos superlativos e nos imperfeitos do conjuntivo (*brevisimo, dignissimo, amasse, ouvisse*). O emprego de <z> é prescrito por contraste com o de <s><sup>50</sup>: assim, aquele ocorre nos vocábulos oxítonos em *az, ez, iz, oz, e uz (rapaz, fez, raiz, algoz, arcabuz)* e nos patronímicos (*Martinz, Vaz, Lopez*); em posição interior aparece nos numerais (*onze, doze*), enquanto que <s> figura onde em latim também existia (*lefaõ*< lat. LAESIONE, *conclusaõ*< lat. CONCLUSIONE); por outro lado, <ç> ocorre nos vocábulos em que grafa o resultado da evolução fonética da oclusiva seguida de vogal anterior <t + i, e>, como *liçaõ, feiçaõ, diferença, e*, pelo mesmo motivo, uma série de outros em *-ança, -ança, eça, eço, iço*. Quanto ao valor de <g>, distingue o autor das Regras dois valores em função do contexto: seguido de vogal anterior corresponde a fricativa palatal sonora /ʒ/, mas junto de vogais central e posteriores corresponde a oclusiva velar sonora /g/ (por ex. *gente, gigante-gato, gota, gula*, p.4), que também é representada pela sequência <gu<sup>e, i</sup>> (*guerra, guita*). Relativamente ao valor de <m>, note-se a alusão à sua função diacrítica, quando antes de p e b é mera marca da nasalidade vocálica, e não consoante nasal bilabial, e outro tanto se observa a respeito de <n> final de sílaba (*também, impaciente, santo, candia*).

Para a representação dos fonemas vernáculos /ʃ/, /λ/ e /ŋ/, alude o ortografista aos dígrafos ou *letras compostas* <ch>, <lh> e <nh>, sem mais considerações.

Com respeito aos grupos consonânticos, em função da evolução fonética, da pronúncia ou da etimologia; veja-se, por um lado, *dicção, columna, crescer, augmento, indigno* (p.7), e, por outro lado, *dito*. Aos anteriores, somam-se, por outro lado, os

---

<sup>50</sup> Cf. p. 11: “Que as dicçoens, em que carregamos mais q no j, e menos que no c, se escrevem com z (...)”.

dígrafos greco-latinos <ch>, <ph>, <rh>, <th>, denominados “letras aspiradas” segundo a tradição, os quais ocorrem nos vocábulos com a mesma procedência; todavia o valor do primeiro deles não deve confundir-se com o seu valor vernáculo, isto é, fricativo palatal surdo (*Chimera-chave, chegar, chiar*). É de salientar, contudo, a tendência para a vernaculização em palavras como *Philosophia~Filosofia* nas quais se aceita a substituição de <ph> por <f>, mas igual tendência não é apontada no respeitante aos restantes grupos. O uso preside também à vernaculização de palavras com <sc> inicial, como *fiar~efiar, fcrever~efcrever, spirito~espirito*. Ainda com respeito à adaptação da grafia ao padrão fonético português, registem-se exemplos como *incorruptas* e *corruptas* (p.10), cuja grafia parece atender a uma pronúncia vernácula, portanto ainda não latinizada, ao lado da forma latinizada *corruptas* (p.5).

Por seu lado, as consoantes dobradas constituem uma evidência da composição (*abbreviar, acelerar, afirmar, immortal, ennodar, arriscar, assomar*, p. 7) ou da etimologia dos vocábulos. Os diminutivos, antigos ou recentes, assim como os superlativos recebem do mesmo modo grafia dobrada (*libello, janella, fraquette, fraquetta, humillimo, facillimo*, p.6); porém, rejeita-se a duplicação quer quando se unir enclíticas ao verbo (*fizestelo, fazendo-se, concluindo-se*), quer na grafia da contracção de preposição com artigo ou pronome (*pelo, pela*).

Os critérios ortográficos praticados pelo ortografista são a imitação da ortografia latina<sup>51</sup>, o uso e a pronúncia; a sua ordenação confirma, portanto, a preponderância do princípio etimológico, manifestada pelas soluções anteriormente examinadas. Nesses princípios assenta a manutenção dos paradigmas gráficos entre formas aparentadas, designadamente entre vocábulos primitivos e seus derivados (*virtude~virtuoso, vestir~vestido*, p.10).

---

<sup>51</sup> Cf. pp.11-12: “Que havendo-vos de apartar da boa Orthografia, seja para a Latina, descobrindo das palavras a origem; o que muito se deve atender, e saber, para bem escrever a Portugueza, regulando-se racionalmente pelo uso, e boa pronunciaçãõ”.

### 2.1.1.1. Diacríticos

Definido como o tom de cada sílaba, o acento é de três tipos em função da natureza desse tom: o agudo aplica-se às sílabas pronunciadas altas; o grave, nas sílabas pronunciadas em tom baixo; o circunflexo, nas sílabas com tom baixo e longo, quer dizer, nas tónicas fechadas, ou junto de nasal (*amára~amarà, arnês, pôvo, fâma, tânta*), sendo que o segundo é dispensável em português. Por outro lado, o circunflexo serve também para indicar contracção de duas vogais em uma só (*pêgar, gêrar, fê, mô, sô*, p.5).

Entre os diacríticos explicitamente apresentados por Roboredo ou o seu editor, conta-se o til, que é definido como *risco* sobreposto a uma vogal, dotado de uma função de mero substituto de *m* ou *n*.

### 2.1.2. Plano extra-alfabético

Em matéria de pontuação, nesta obra são tratadas – no capítulo dos *pontos*, pois não se aparece nem o termo nem o conceito de “pontuação” – diversas unidades pertencentes aos três níveis de pontuação por nós considerados, a saber, pontuação de palavra, de frase e de texto. Na verdade, dos pontemas de palavra, nas **Regras** são mencionados o apóstrofo ou *viraccento* e a maiúscula (letra mayor), sendo função do apóstrofo, *accento virado* ou *viraccento* assinalar a elisão vocálica, na *synalefa* ou *uniaõ de vogaes*, demonstrando, assim, que a extensão da palavra fónica não coincide necessariamente com os limites da palavra gráfica (*ess'outro, d'Antonio, d'idade*, p.12). Como pontuação de palavra, a maiúscula serve para individualizar os nomes próprios (*Christo, David*). Também se inclui na pontuação de palavra o sinal indicador da divisão silábica, embora o autor não aluda a essa unidade, a não ser no capítulo da pontuação, onde se encontra uma rápida e pouco esclarecedora referência a um sinal denominado *ponta de espeto*, que assinala a *divisaõ da dicçaõ no fim da regra*. O processo de translineação, que obedece ao critério da composição ou da etimologia, faz-se em conformidade a três princípios fundamentais, a saber, a divisibilidade das consoantes dobradas e de certas sequências consonânticas (*el-le, ap-pello, pas-so, Antonio*), mas são inseparáveis, ao invés dos anteriores, os grupos *gm, gn, mn, sc, sm, sp*,

*gmento, indi-gno, alu-mno, colu-mna, cre-screr, Co-fme, cre-fpo, e-squadra, ca-fto, p.8); a indivisibilidade dos grupos de oclusiva seguida de líquida (a-plaufo, a-brir); por outro lado, dividem-se as sequências vocálicas que não formam ditongo (já-ude). Nos restantes casos, a divisão atende à constituição da sílaba (al-ma, pom-ba, ar-te, p.9). Deste nível pontuacional considera-se também a marca de *uniaõ* [Ω] entre os elementos de uma palavra composta, por ex. em *passaΩtempo* (p.14), equivalente ao actual hífen lexical. Note-se que o oitocentista Madureira Feijó (cf. 1º vol., I) recorrerá a [-v-], como elemento de ligação em certa medida semelhante a este.*

Com base sobretudo em critérios de ordem pausal ou entoacional, remetendo portanto para o nível supra-segmental, e de ordem semântica, o ortógrafo trata dos seguintes pontemas de frase: *virgula, ponto e virgula, dous pontos, ponto e interrogaõ, ponto e admiraõ,*

A estes pontemas junta outros, de natureza diversa, a saber, *artigo* ou *paragrafo* [§] ou [¶], o *parentesis* [( )], o *meyo circulo* [ ]], os *apices* [˘], a *uniaõ* [Ω], a *divisaõ* [^], a *estrella* [\*], ou seja, o asterisco, a *ponta de espeto* [-], a *brachia* [∪], o *angulo* [^] ou [∧], a *nota*. Destes, uns pertencem à pontuação de frase (parênteses), outros à de texto (meio círculo, asterisco, ponta de espeto, ângulo, nota), outros ainda são do âmbito dos diacríticos ou auxiliares das unidades do nível alfabético, como sucede com os ápices e a braquia. Dos últimos, merece destaque o caso dos chamados ápices, descritos como dois pontos sobre duas vogais juntas, cuja função consiste em indicar que elas não formam ditongo (ex. *ïa, moïo, maior*, p.14), embora possa servir igualmente de abreviatura em vez do til, que tem essa função com mais frequência.

Da pontuação de palavra fazem parte, por sua vez, a união e a divisão. Relativamente aos pontemas de frase, importa referir a sua apresentação hierarquizada, de menos para mais forte, em conformidade com a indicação de uma pausa crescentemente mais extensa: assim, a vírgula corresponde à pontuação mais fraca, pois apenas indica o descanso da voz sem encerrar o enunciado, devendo ocorrer antes de conjunção e pronome relativo; se o ponto e vírgula assinala a incompletude da sentença, já os dois pontos indicam também a incompletude, mas em relação ao enunciado global, assinalando, por conseguinte, uma maior independência do segmento assim isolado com respeito ao segmento antecedente; ao marcar a completude do enunciado, o ponto representa, ao invés dos pontemas anteriores, a conclusão ou encerramento

enunciado (*periodo, circulo, clausula*). Diferente é a função do parêntese, que serve para inserir segmentos no enunciado, sem afectar o seu sentido ou estrutura (...*entre estes meyos circulos se escreve sentido alheo do periodo, que facilmente se póde tirar sem falta*, p.13). Ao contrário do fenómeno que representam, os pontos de interrogação e de exclamação têm carácter pontual, ou seja, eles ocorrem em um ponto preciso do enunciado, ao passo que a entoação inerente à pergunta e à exclamação tem carácter discreto, ou seja, afectam todo o enunciado, não sendo por isso segmentável. Por isso, um e outro são seguidos de maiúscula.

Das unidades relativas à pontuação de texto, há a salientar que o parágrafo pode apresentar duas figuras: uma, representada por dois “s” sobrepostos [ſſ], resulta da abreviatura da expressão latina *signum sectionis*, a outra provém do caldeirão medieval [¶]; o meio círculo isola o comentário de uma frase; a estrela ou asterisco assinala falta ou ponderação de algum assunto para qual se chama a tenção; a *ponta de espeto* parece equivaler ao actual hífen, servindo para assinalar as palavras adulteradas, para além de servir como marca da translineação; o meio círculo serve para separar uma frase da sua explicação; oriundo da tradição manuscrita assim como a divisão, o ângulo assinala a falta de palavras num determinado ponto do enunciado gráfico, ao passo que esta indica a separação de palavras que aparecem juntas por engano, sinal que passou a fazer parte da prática dos correctores de impressões; por fim, a nota constitui uma chamada de atenção para o texto acrescentado na margem.

Afora a **Orthographia**, de cujo conteúdo so temos uma ideia graças à edição tardia disponível, Roboredo é autor de duas obras destinadas a apoiar o ensino comparativo da língua vernácula e da língua latina: o **Methodo Gramatical para todas as Linguas** (1619)<sup>52</sup> e a **Porta de Linguas ou modo muito accommodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola** (1623).

Na **Porta de Linguas** (1623), mais exactamente na parte intitulada **Raizes da lingua Latina**, o gramático inclui um capítulo em que trata **Das regras de Ortografia aa parte segundo o mais frequente, e approvedo uso** (cap. VI), no qual, fornece

---

<sup>52</sup> Com excepção de duas licenças, de 26 de Julho de 1619 e 11 de Julho de 1619, respectivamente, as restantes são de finais do ano anterior: 2 de Dezembro de 1618, 3 de Dezembro de 1618, 5 de Dezembro de 1618 e 20 de Dezembro de 1618.

indicações para o emprego da *letra capitula*. Ao lado dos exemplos latinos, ali aparecem os portugueses Caridade, Portugueses, repetidos depois por Ferreira de Vera (1631).

## 2.2. Manuel Severim de Faria (1624)

Manuel Severim de Faria (1583-1655) apresenta-nos também alguns curiosas reflexões sobre a ortografia no âmbito dos seus **Discursos Varios Politicos por... Chantre, & Conego na Santa Sê de Euora. Com as licenças necessarias. Em EVORA, Impressos por Manoel Carvalho Impressor da Uniuersidade, anno 1624 (Discurso II - Das partes que ha de hauer na lingoagem para ser perfeita, & como a Portuguesa as tem todas, & com alguas com eminencia de outras lingoas (fls. 62 a 86 v.)**.

Entre os atributos da língua portuguesa, conta-se a sua boa pronúncia e o facto de a sua ortografia ser próxima da latina. Assim, com respeito à pronúncia observa que a “pronunciação perfeita consiste no bom som das palauras, que se forma do ajuntamento das letras em sillabas, & das sillabas em dicções, as quaes na lingoa Portuguesa são suaues, porque nem tem vehementes aspirações, nem a aspereza dos Alemães, nã acabam nenhūas finaes em t, f, c, ou d, que são letras asperas, de que usaõ os Franceses, & Latinos; nem menos em , d, como tem os Castelhanos em todos os imperatiuos do Plurar (...). Porem hauemos de considerar, que na nossa lingoa ha hūs diphtongos comūs Às outras, & outro nosso particular. Os comūs são, ai, ae, ei, eu, oe, ou, ui, & estes tiuerão os Gregos, 6 Romanos, como mostrão largamente Francisco Sanchez de las Brocense, & Angelo Policiano; & se hoje senão pronunciaõ nesta forma, he por negligencia dos modernos, como o prova com muitos exêplos na mesma lingoa Portuguesa o Brocense, tratãdo dos Gregos, & se collige da mesma etimologia do nome, poq diphtõgo se disse de, Dis, dicção Grega, que quer dizer dous, e: Ptingos, que he som: quasi dizendo, dobrado som de duas vogaes, & não de hūa sô, como o mostra Terenciano (...)”.

Daqui infere Aldo Manúcio, que os diphtongos se pronunciaõ corruptamēte ha muitos annos (...). De maneira q estes diphtongos que hoje temos na lingoa Portuguesa, são os mesmos que antigamente pnúciauão os Gregos, & Latinos, & agora vsão os Franceses. E não temos algũ tão proprio, que se não ache nas outras nações, posto que não falta quem affirme o cõtrario. So o diphtõgo ão, he proprio nosso, & o corrõpemos do om, Frãcez, & Galego, ã q não ha muitos annos acabauão as mais das dicções q hoje terminamos em ão, por se pronunciar este diphtõgo por a, com mais brandura & suauidade que não por, o. Donde não ficou a lingoa peiorada cõ esta mudança (...)”.



Segundo Severim de Faria, a ortografia (fl.80-83) é precisamente um dos atributos (o quarto) da perfeição da língua portuguesa, quando comparada com outras vernáculas aparentadas: “Porem quando as outras lingoas nos leuassem ventagem em qualquer das partes, que temos referido, notoria cousa he, que na ortografia nos ficauão todas inferiores; porque nenhũa cousa escreuemos, que não pronunciemos, como o mostra o Ioão de Barros na sua Grammatica Portuguesa (...)”. A obra apresenta inclusive alguns aspectos interessantes do ponto de vista da ortotipografia ou da pontuação de texto, entendida esta *lato sensu*, designadamente o facto de as citações e os exemplos serem introduzidas por dois pontos e reproduzidas em caracteres itálicos, assim como a existência de notas bibliográficas na margem.

Por outro lado, vale a pena realçar que o autor conhecia algumas das autoridades metaortográficas castelhanas de seiscentos, como demonstra na passagem seguinte:

“(...) este defeito he muito ordinario nos estrangeiros, como ja fica prouado dos Franceses, Italianos, & Alemães, & o cõfessa em parte Quintiliano dos Latinos (...). e sendo a lingos Castelhana muito superior â Italiana, & Francesa, na copia, suauidade, breuidade, & aptidão per toda a materia, sô no ler, & escrever as letras, lhe introduzirão os vulgares algüs defeitos, que o mesmo Frey Francisco de robles, author da sua Ortografia Castelhana, lhe notou, como são entre outros pronunciar todas as dicções escritas por // fl.81 v consoante por, b, de maneira, que mudão o sentido, â lição Latina, lendo por: *Volo, Bolo*, & (...). Alem disto pronúcião o, i, como, x, & por *Badajoz* dizem *Badaxos* (...) o h, por g, como *Huerta, guerta*: & sobre tudo o, m, final de qualquer idioma, exprimẽ por n (...). O mesmo cõfirma Mateo Alemã na sua Ortografia castelhana cap. 10. Cõtudo a Portuguesa se tem conseruado grandemente neste particular. Porque sômte lemos o que pronunciamos, como mostrão largamente, Ioão de Barros & Duarte Nunes nas duas Ortografias Portugesas, onde em particular se apõtão outros muitos erros, que nesta parte tem outros Idiomas”.

A referência aos ortógrafos castelhanos Francisco de Robles e Mateo Alemán não deixa de ser reveladora das possíveis fontes ibéricas do autor, embora nesta matéria as autoridades invocadas tanto são antigas como modernas: entre as primeiras, temos Quintiliano, já entre as segundas, mais abundantes, figuram os portugueses João de Barros, Magalhães de Gandavo, Duarte Nunes do Leão e Amaro de Robredo, o francês Jean Pillot (*Ioão Piloto*, ca. 1510-ca. 1570), também citado por João Franco Barreto (1671), juntamente com os castelhanos Frei Francisco de Robles (**Ortografia**

Castelhana, regla I, 1533)<sup>53</sup> e Mateo Alemán (*Ortografia Castelhana*, 1609). No plano ideológico, o segundo dos castelhanos é o mais inovador, pois a ele se deve a primeira tentativa seiscentista de reforma ortográfica do castelhano: publicada no México (Imprenta de Ieronimo Balli, 83 folios), na *Ortografia Castellana* Mateo Alemán procurava simplificar o sistema gráfico castelhano ao amparo do princípio fonético ou da pronúncia, eliminando por isso as grafias etimológicas e incorporando novos grafemas para os fonemas romances. A citação do ortógrafo castelhano (*Ort. Cast.*, cap. 10) prende-se com a confusão entre <b> e <v>.

Pela prática ortográfica mais do que pela incipiência doutrinal do seu *Discurso*, Manuel Severim de Faria inscreve-se na corrente ou tendência popular, nacionalizante ou vernácula, uma vez que envereda pela simplificação em certos aspectos do sistema, despido de alguma marcas etimológicas, ainda se verifiquem inconstâncias na extensão dos princípios, como se vê nos dígrafos greco-latinos (*filosofo, ortografia, etimologia, Cristão vs Author~Autor~Autores, Rhetoricos*), nas geminadas (*Grammatica, delles, nella, estillo*) e nos grafemas gregos e latinos (*Hespanha*). Paralelamente, registam-se usos pseudo-etimológicos de <y>, designadamente na representação da semivogal dos ditongos (*Biscaya*), e a supressão de grafemas etimológicos contrários à pronúncia (*leitura, escritas*), embora apareçam as grafias seguintes: *corruptellas, diphtongos, Carthagineses, thesouros* (passim).

Ainda no plano das soluções, refira-se que a nasalidade vocálica é representada por n, m ou til (*lingoa, tem~tñ, cõtudo, Alemã, pretãdem*), este muitas vezes como abreviatura, e nos ditongos por til (*tenhão, impressões*); no campo consonântico, destacam-se as soluções respeitantes à grafia das sibilantes em que ocorrem s, -ss-, ç, e -s-, -z- (*impressões-causas, Portuguesas, razão*) das fricativas palatais ventagem. Grafam-se, por outro lado, grupos consonânticos eruditos (*nascerž* fl.74). Para além disso, é de salientar a frequência com que a nasalidade vocálica é indicada por meio de til em interior e final de palavra (*pretãde, cõ, estarã, Põponio, gargãta*); o diacrítico serve igualmente de marca de abreviatura sobre q, por exemplo. Ao nível

---

<sup>53</sup> O título exacto da obra é *Reglas de orthographia* (1533), as quais, apesar de concebidas para apoiar o ensino da língua latina, apresentavam também os problemas suscitados pela escrita em romance.

ortotipográfico ocorre <u> correspondente à fricativa lábio-dental sonora /v/; do mesmo modo, a fricativa palatal sonora /ʒ/ é grafada por meio de <I> quando maiúscula, e por <j>, quando minúscula (*Ioão-seja*).

Não obstante os dados acima complusados denunciem a instabilidade gráfica do texto, à qual não serão estranhas deficiências de revisão, a verdade é que nele se assiste ao confronto de duas tendências – a fonética ou simplificadora e a etimológica ou conservadora –, sendo que ora uma, ora a outra leva a melhor em determinados aspectos do sistema, que muito dista de ser coerente, como já se observou.

### 2.3. Álvaro Ferreira de Vera (1631)

De Álvaro Ferreira de Vera, cujos dados biográficos se desconhecem, sabe-se apenas que seria natural de Lisboa. É autor de uma **Origem da Nobreza politica, blasões d'armas e appellidos, cargos e titulos nobres** (Lisboa, por Mathias Rodrigues, 1631; reimpr. em 1791); partidário dos Filipes, segundo Inocêncio (t. I, p.46), viveu em Espanha mesmo depois da Restauração (1640).

Álvaro Ferreira de Vera dá à estampa uma **Orthographia ou modo para escrever certo na lingua Portugueza. Com hum trattato de memoria artificial: outro da muita semelhança, que tem a lingua Portuguesa com a Latina. Dirigido a d. Manuel d'Eça &c. e uns Breves Louvores da Lingua Portuguesa, com notaveis e os da muita similhaça que tem com a lingua latina** (Lisboa, por Matias Rodrigues, 1631); dela não se conhece nenhuma outra edição. Concluída a 8 de Janeiro de 1631, a obra tem licenças de 2, 10, 17 e 18 de Fevereiro de 1631, mas a obra só se imprimiria provavelmente depois de 15 de Julho de 1631, de acordo com data da verificação e da taxação.

A ortografia é ali definida como “arte de escrever as vozes com as letras divididas á direita pronunciação, & segundo sua orijem: porque orthos (em Grego) quer dizer, direito; & graphos, escrevo: como se dissessemos, escrevo com pronuncio” (fl.1), assentando por conseguinte nos critérios da pronúncia e da etimologia. Além da unidade mínima, que é a letra (*...a voz articulada he clara, & intelligivel, da qual a mais pequena parte, & individua he letra...*), Vera considera ainda, seguindo a lição dos antigos, as sílabas, que não são unidades significativas isolamente, de cuja junção se

formam as dicções ou palavras. Afora os grafemas (elementos), a ortografia compreende o nível extra-alfabético, ou seja, a pontuação e os acentos, pelo que a definição de ortografia deveria incluir não só a boa maneira de escrever como também a *cõgruapõtuacão*, visto que o “escrever, como se pronõcia, he com a penna imittar, estampar com letras aquillo, que declaramos com palavras: (não acrescentando, nem diminuindo, pois não he necessario; antes fica sendo mais perfeito o modo de aquelle, que cõ esta arte imittar a natureza) & quanta mais propriedade tiuer nos pontos & accentos, tãta mais ventajem ter à. Por que nas letras se inventárão para dar noticia em presença das cousas, que se fizerão em ausencia: o que não poder á fazer escrevendose confuso. E com isso não seriams entendidos (ou mudarsehia a pronunciação, & com elle a lingoagem) usando o som das vozes com o rigor das letras, que estiuessem á vista, que seria erro manifesto” (p.2).

Trata da origem do termo letra, e bem assim a origem mitológica das letras, levadas da Grécia para Itália por Nicóstrata. Em número de 23 as letras apontadas por Vera são <A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X, Y, Z>, das quais seis são vogais e as restantes são *consoãtes*, distinguindo perfeitamente o valor (*vigor*) dos grafemas i-j e u-v. As consoantes subdividem-se, por sua vez, em mudas (b, c, d, g, k, p, q, t), semivogais (f, l, m, n, r, s, x, z), líquidas (l, r) e dobradas (x, z). Do inventário alfabético, H é apenas figura de aspiração, ao invés dos dígrafos vernáculos <ch, lh, nh>, que são figuras de pronunciação, ou seja, verdadeiras unidades fonológicas. Assim, Vera acaba fornecer outro alfabeto do qual fazem parte algumas unidades não transmitidas pela tradição gráfica greco-latina, a saber, <Aa, Bb, Cç, Dd, Ee, Ff, Gg, j, Hh, Ii, Cc, Mm, Nn, Oo, Pp, Qq, Rr, Ss, Tt, uu, Vv, Xx, Yy, Zz, ~>, cujos nomes são á, be, ce, de, é, efê, ga, je, h, í, ca ele, eme, ene, ó, pe, que, re, se, te, ú, ve, xi, ypsilon, ze, til. A estas, acrescenta as três unidades oriundas do grego <ph, rh, th>, cujo valor se corresponde ao de <f, r, t>, ao mesmo tempo que proscreeve <ch> por se confundir com o dígrafo vernáculo representativo de uma fricativa palatal, e aceita <k>, apenas nas palavras *Kirios* e *Kalendas*. Do plano extra-alfabético constam, por sua vez, os pontemas e outras unidades seguintes: virgula [ , ], colon imperfeito [ ; ], colon perfeito [ : ], ponto final [ . ], interrogação [ ? ], admiração [ ! ], *parenthesis* [ ( ) ], *diuisão* [ - ], *apices* [ ^ ], união [ Ω ], desunião [ ^ ], *falta* [ F ], *meio circulo* [ ( ], asterisco [ \* ], obelisco [ - ], *brachia* [ ∪ ], *angulo* [ ^ ], *paragrapho* [ ¶ ], *longa syllaba* [ - ]. O inventário é completado

pelos acentos agudò, gravè e circunflexo, dos quais só usa o primeiro e o último, e pelo apóstrofo.

Incluído no alfabeto, o til difere dos grafemas por carecer de valor próprio, funcionando como abreviatura (*abreviação*), uma vez que, por economia gráfica, supre uma ou várias letras das palavras (p. ex. *sñça* “sentença”, *Glz* “Gonçalves”, *q* “que”, *tēpo*, *tāo*, *cōstar*, *cābar*), embora a sua principal função seja a marcação da nasalidade (*irmãos*, *irmãa*, *doās*), e em especial a representação do ditongo nasal final [ãw].

Com respeito ao nível extra-alfabético, é de notar o uso do termo *Pontuaçãoõ*, matéria tratada no capítulo intitulado **Trattado da Pontuaçãoõ das clausulas, notas, e accentos da Orthographia**, que faz eco do Tratado incluído por Nunes de Leão na sua *Orthographia* (1576). De facto, como indicia a coincidência dos títulos, Vera segue o texto nunesiano facto que fica demonstrado no confronto textual das passagens referentes à maiúscula antecédida por dois pontos (na regra XVII) e aos pontemas.

Partindo da concepção isomórfica da escrita como representação da fala, Vera expõe a função dos pontemas de frase, cuja funcionalidade não é de natureza fonográfica, porque não remetem para o sistema fonético-fonológico da língua transcrita; por isso, ao invés das relações entre fonemas e grafemas, as dos pontemas com a língua oral assentam em critérios supra-segmentais (pausais ou entoacionais) e sintácticos, já que refere, na ordem apontada, primeiro a representação das pausas e dos silêncios da oralidade e, depois, a delimitação da sentença e seus membros como unidades de sentido (p.37).

Cabem estas duas funções a sete pontemas de frase (pontos, i.e. sinais de pontuação), a saber, *inciso* (ou vírgula), *colon imperfeito*, *colon perfeito*, *ponto final*, *interrogação*, *admiração*, *parenthesis*. Relativamente ao uso de cada unidade pontuacional deste nível, refere os seguintes para cada uma: a vírgula [ . ], cuja figura é descrita como uma varinha, designada também por coma, inciso e meio ponto, tem uma função distintiva e pausal (*distinção do escrito, e respiração do que lee*, p.37), usando-se por isso antes de conjunção e, assim como depois de cada verbo e suas expansões, de adjectivos consecutivos e entre substantivos seguidos; a *virgula, e ponto, colon* ou *membro imperfeito* (i.e. ponto e vírgula) [ ; ], tem função de encerramento parcial entre palavras ou orações com sentido oposto, e sempre que, de acordo com a máxima

clássica, a vírgula não basta e os dois pontos são demais; ao invés o pontema precedente, os dous pontos (colon perfeito) [ : ], marcam a completude significativa de um membro, ou seja, de uma das partes do período, mas usa-se igualmente, na prática, para introduzir e isolar (caso em que neste é marca de abertura) o discurso directo (palavras de outrem) ou no discurso relatado (citações), juntamente com a maiúscula de frase (letra capital), que só assim ocorre depois deste pontema; o encerramento a sentença perfeita, período, círculo ou clausula cabe por aus vez ao ponto [ . ]; o sinal interrogativo [?] exprime a entoação requerida pela pergunta, descrito com um s às avessas com um ponto inferior, sendo seguido de maiúscula; a nota de admiração [ ! ], assinala o espanto ou admiração, sendo seguida de maiúscula; o *parenthesis* ou interposição de palavras serve para incluir, sendo por isso sinal de inserção.

Para além da pontuação de frase, trata da pontuação de palavra, isto é, nível da pontuação que respeita à sua identificação ou delimitação enquanto unidade significativa, afectando a sua forma (maiúscula, o apóstrofo, por ex.) ou o seu significado (hífen de palavra), e da pontuação de texto, na qual se incluem todos recursos gráficos que contribuem para a organização textual, como as marcas de parágrafo, o asterisco, o itálico, entre outros. Algumas delas – a divisão, o ângulo, por exemplo – resultam da transposição da tradição manuscrita para o texto impresso. Das unidades pontuacionais de palavra, trata especificamente do hífen lexical e de translineação, e do apóstrofo: o primeiro serve para identificar graficamente os vocábulos compostos de outros simples.

Quanto aos princípios ortográficos, importa sublinhar a coincidência entre os que são apontados por Vera e aqueles que haviam sido aduzidos por Roboredo, paralelo textual que apresentamos com as reservas decorrentes de apenas termos acedido a uma impressão posterior a 1671, e de desconhecermos o texto da primeira impressão das **Regras** daquele ortógrafo. Nestas condições, tudo indica que o texto de Roboredo terá sido acrescentado ou mesmo alterado com base nas fontes por ele invocadas, entre elas o próprio Álvaro Ferreira de Vera<sup>54</sup>, donde parece ser legítimo levantar a hipótese de

---

<sup>54</sup> O título destas Regras assim o deixa entender: **Regras da Orthografia da lingoagem portugueza: recopiladas por Amaro de Roboredo. Novamente correctas (...)**”.

que a edição das **Regras** recopiladas por Amaro de Roboredo reflecte, provavelmente, a influência de Vera, e não inverso.

Como quer que seja, do confronto entre a **Orthographia** de Ferreira de Vera e as **Regras de Orthografia** de Amaro de Roboredo (1619/1671?) vale a pena pôr de manifesto a flagrante coincidência dos termos da formulação das regras fundadoras dos sistemas expostos por ambos os autores, conforme se comprova no quadro a seguir.

Roboredo (1619/1671?)	Ferreira de Vera (1631)
<b>Regras geraes da Orthographia da lingua Portuguesa</b>	<b>O que deve observar o que deseja escrever certo</b>
1. Que deveis escrever, como se pronuncia; fundamento principal da Orthografia	1. Toda a orthographia consite em escrevermos, assi como pronunciamos; & assi hemos de pronunciar, como escrevemos.
2. Que nas dicçoens derivadas sigaes as primitivas, v.g. virtuoso, de virtude; vestido, de vestir, &c.	2. As dicções derivadas se escrevão com as letras, com que se escrevem suas primitivas: como de anno (p se escreve com dous nn) se derivão anniversarios, annal, annaes: de vestido se deriva vestir, vestimenta, vestiario.
3. Que não escrevaes letras superfluas, que se não pronunciam; nem x em fim de dicção: v.g. pax; nem æ nem e; escrevendo paz eterna.	3. (...) Dõde errão os, que escrevem, pax, crux: porque o x muda em z & se ha de escrever, paz, cruz.
4. Que escrevaes os nomes proprios com as mesmas letras, com que se escrevem na sua origem, principinado-os cõ letra mayor: v.g. Christo, David.	4. Os nomes proprios se escrevão com as letras de sua origem: como David, Nazareth. (...)
5. Que os nomes Gregos, que se escrevem com ph, podeis em seu lugar escrever f, apropriando-os à Lingoagem Portugueza: v.g. <i>Filosofia</i> , por <i>Philosophia</i> , &c.	5. Escusaremos letras superfluas, cuja pronunciação não temos; como K, Ch, que são gregas; & as palavras, que temos Gregas, as escreveremos sem K, & H: como <i>caridade Antioquia</i> , <i>Monarca</i> , <i>Monarquia</i> . Porem <i>physionomia</i> (...) poderemos escrever per <i>Ph</i> Grego, ou <i>f</i> Latino; como <i>fysionomia</i> : & assi <i>orthographia</i> , ou <i>ortografia</i> . Da mesma maneira estas letras <i>Th</i> , <i>Rh</i> , aspiradas dos Latinos, & Gregos; como <i>Theologia</i> , ou <i>Teologia</i> , <i>Mathematica</i> , ou <i>Matematica</i> ; <i>Rhetorica</i> , ou <i>Retorica</i> .
6. Que antes de s escrevaes e, porque assim está em uso; e não porque assim deva ser, no principio das dicçoens Latinas; pois hé superfluo por ser o s	6. Poe evitar superfluo, escusaremos, E, antes de s no principio de dicções, que temos Latinas; como <i>spero</i> , <i>screver</i> , <i>scrittura</i> , <i>spiritu</i> , <i>stevão</i> : porque a

assubiado, e assim escusar o <i>e</i> : v.g. <i>star, screver, spirito, &amp;c.</i>	pronunção assuviada escusa E; mas a respeito do vulgo podemos ajuntar E, & escrever de hãa maneira, ou d'outra, como estado, spiritu. (...)
---	---

7. Que as dicções Latinas incorrutas, ou menos corrutas não se corrompão mais; por não ser propriedade da Lingoagem fazer de outras corruções: v.g. <i>tam, quam, Deus, &amp;c.</i>	7. As palavras Latinas, de que usamos incorrutas, ou pouco corrutas, não devemos corromper mais, quando a pronunção Latina he a mesma, que a Portuguesa, por não escurecer sua origem, que não he propriedade da lingua fazer maiores corruções; como em Deus, lingua, qualidade, quantidade, quantia, cinco, melhor (...).
8. Que as dicções se partem de modo, que duas não pareçam huma; e concorrendo vogal no fim de huma com vogal do principio da outra dicção, como fazem synalepha, se usará de accento virado ou apostrofo: v.g. <i>d'ouro, d'antes, d'alma.</i>	8. As dicções que se aprtem de modo, que duas não pareção hãa: & concorrendo vogal no fim de hãa, com vogal no principio de outra dicção, que fazem synalepha, se usará de accento virado chamado Apostropho; como <i>d'Ourem, d'ouro; &amp; não dourem, douro.</i>
9. Que hoje usamos da preposição <i>por</i> , em correspondencia das Latinas <i>per, pro, propter</i> : porém os antigos usavam de <i>per</i> , correspondendo à preposição <i>per</i> Latina: v.g. <i>feito per Paulo</i> ; e de <i>por</i> , quando correspondiaõ a <i>pro, propter</i> Latinas: v.g. <i>por causa de Pedro.</i>	9. Da preposição <i>Per</i> usaremos, quando responde a <i>Per</i> , Latina, que se usa em agencia, feitor, passajem: como tratouisse a causa <i>per</i> procurador; feito <i>per</i> tabellião, passando <i>per</i> França. e usaremos, <i>Por</i> , quando responde a <i>Pro, Propter</i> , Latinas, que significão respeito, ou amor (...).
11. Que as dicções que vem das Latinas acabadas em <i>sio</i> , se escrevem com <i>s</i> , <i>lesaõ</i> , de <i>læsio</i> ; <i>conclusaõ</i> , de <i>conclusio</i> : de todos se tira <i>paixaõ</i> .	11. (...) <i>S</i> , se pronuncia com a lingua remissa, sem força; como se notarã nos nomes verbaes dos Latinos em <i>sio, lesão, conclusão, casa</i> (...).
12. Que as dicções, em que carregamos mais q no <i>s</i> , e menos que no <i>c</i> , se escrevem com <i>z</i> : v.g. as que formam a ultima syllaba <i>a, i, u</i> , que finalizam em <i>e</i> , e <i>o</i> , com accento nelles: como <i>rapaz, raiz, arcabuz, fez, algoz</i> ; e os patronimicos: v.g. <i>Martinz, Vaz, Lopez, &amp;c.</i> e os que significam <i>augmento</i> : v.g. <i>efficaz, viváz, e razaõ</i> .	12. <i>Z</i> , se pronuncia com mais força que <i>s</i> ; & menos que <i>ç</i> ; como <i>razão, praza</i> (...). Nesta letra <i>z</i> acabamos muitas palavras; como, <i>rapaz, raiz, arcabuz, noz, fez, &amp; os sobrenomes patronimicos, Martiãz, Lopez, Ximenez</i> , por vir de <i>Martinho, Lopo, Ximeno</i> (...).
13. Que havendo-vos de apartar da boa Orthografia, seja para a Latina, descobrindo as palavras a origem; o que muito se deve atender, e saber, para bem escrever a Portuguesa, regulando-se racionalmente pelo uso, e boa pronunção.	19. A ultima regra he, que avendose d'apartar da boa orthographia seja para o Latim, descobrindo das palavras a orijem, que se deve saber, & a lingua Latina para escrever bem a Portuguesa. (...)



Afora as regras gerais acima, outras confirmam igualmente que Ferreira de Vera segue de perto o texto atribuído a Roboredo, mas certamente acrescentado depois de 1671; acrescente-se, porém, que a mesma colagem se verifica também relativamente à **Porta de Linguas** (1623) do ortógrafo, facto que parece indiciar não ter sido a versão original da **Orthographia** de Roboredo substancialmente distinta da edição tardia por nós consultada, tanto mais que as regras presentes na **Porta de Linguas** repetem quer os termos quer o conteúdo dessa edição.

#### 2.4. Bento Pereira (1666)

Notável lexicógrafo seiscentista, autor da **Prosodia Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanicum & Hispanicum digesta da Lingua Latina** (Eborae, apud Emmanuelem Carvalho, Academiae Typographum, Anno Domini, 1634), com diversas impressões (p. ex. Lisboa, 1656, Lisboa, 1661, Lisboa, 1669, Lisboa, 1674, Évora, 169; Évora, 1711; Évora, 1723; Évora, 1732; Évora 1741; Évora, 1750), o **Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingoa portuguesa: dividida em duas partes para se ajuntar a prosodia e thesouro Portugues como appendiz ou complemento** (Lisboa, por Paulo Craesbeeck, 1655; 2ª impr. 1733: Of. de José Antunes da Silva, 3+ 81p.), **Ars Grammaticae pro Lingua Lusitana (...), Ad finem ponitur. Orthographia, ars recté scribendi**, etc, etc, (Anissom, Lugdunum), de 1672, e ainda o **Thesouro da Lingua Portugueza** (Évora, Tipografia da Academia), de 1697.

Em matéria metaortográfica deixou-nos Pento Pereira (1605-1681) umas **Regras gerays, breves, e comprehensivas da melhor ortografia com que se podem evitar erros no escrever da Lingua Latina e portugueza. Para se ajuntar â Prosodia. Ordenadas pelo Author dellas (...). Aprovadas per Varoës peritissimos em huma, 6 outra lingua. Dividemse em tres partes** (Lisboa, Por Domingos Carneyro), datadas de 1666. A obra conheceu uma segunda impressão setecentista de 1733 (Coimbra, José Antunes da Silva, Impressor da Universidade, 8º-IV+64p.+ 20 sem numeração no fim), antes da qual tivera uma versão latina que acompanhava a **Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addicenda latino Idiomate proponitur**.

Não obstante a data de 1666, as **Regras Gerays** já estavam concluídas em 1664 (4 de Dezembro), ano em que foi revista e aprovada pelo P. Balthazar Tellez da Companhia de Jesus. Com um prólogo endereçado aos *desapaixonados & benevolos*, a obra faz jus ao título, ficando-se pelas soluções, prescindindo, portanto, de quaisquer considerações de ordem teórica, mesmo das habituais definições de letra e seus acidentes, ou da indicação do alfabeto e da classificação das letras. Ainda assim, ao indicar os pontemas de frase e seus usos, Pereira manifesta uma concepção do sistema gráfico que não se restringe ao aspecto grafemático, o nível que garante a relação fonográfica, mas abrange também os campos sintáctico, semântico e entoacional ou rítmico, visto tratar da pontuação nos seus vários níveis. Do ponto de vista da estrutura interna a obra compreende uma primeira parte sobre as regras comuns às duas línguas, a latina e a portuguesa; uma segunda, referente às regras específicas da língua latina, e uma terceira, respeitante apenas à portuguesa.

De acordo com isto, são válidas para ambas as línguas as soluções relativas a:

1. uso da maiúscula como pontuação de palavra (maiuscula~minusculas), que valoriza ou confere relevo aos nomes e sobrenomes de homem e de mulher (*Lourenço, Lobo, Maria da Sylva*), os nomes de reinos e províncias (*Portugal, Andaluzia*), cidades e vilas (*Lisboa, Madrid*), montes e rios (*Olympo, Tejo*), meses (*Janeiro*); o nome de Deus e de divindades em geral (Juppiter, Venus), nos gentílicos (*Lusitania-Lusitanus*) do *Pontifice*, do *Rey*, das ciências e artes nobres (*Theologia, Filosofia, Rhetorica*); como pontuação de frase, a maiúscula aparece depois de ponto final, de interrogação ou exclamação, e de *coma*, ou seja, de dois pontos;
2. à não duplicação de consoantes em posição inicial e final;
3. ao uso fonotáctico de <m> antes de <p, b> ou de <n> nos outros contextos (*Ambulare, importunus, embravecer, immovel, impar*), excepto nas palavras composta (*Bemestreado, bemquisto, circumferencia, circumflexo*);
4. à composição das palavras por prefixação;
5. no primado da analogia (*Vestimentum, vestire, vestitus-Vestidura, vestir, vestido*, p.7) e da etimologia ou origem (*legere-lectus, ferro-ferropea*);
6. à divisão silábica e translineação, sendo que em ambos os casos se separam as consoantes dobradas (il-laqueare, af-feyçoar, p.9), excepto nas sequências que integram <s> (*Na-scor-Na-scer, ca-stus-ca-sto*), <g> (au-gmento, ma-gno) ou nos grupos de

oclusiva e líquida (a-brir), mas nos compostos não se dividem os elementos (*constituere-con-stituir, re-stituere-re-stituir*);

7. às abreviaturas (*sentença-snça, Gonçalves-Glz, p.12*);

8. ao uso da pontuação de frase, a saber, *virgula, ponto, e virgula, dous pontos, ponto final, pontos interrogativo e admirativo, e parenthesis*;

9. ao uso de marcas de pontuação de texto, como a *Divisam, o Angulo, o Paragrafo, os Apices, o Hyphen, o Meyo circulo, o Asterisco e a Brachia (p.19)*.

Ao princípio quintiliano segundo o qual *devemos escrever, como pronunciamos & pronunciar como escrevemos* (Regra 1., p.29), que encabeça as regras respeitantes exclusivamente à língua portuguesa, acrescenta também as seguintes: 1. *escrever com distinção*, quer dizer, evitar a ambiguidade na relação entre as grafias e sua realização oral, mediante acentos gráficos, por ex. (*renuncia-renuncia, nó-no, tostam-tostam, p.30*); 3. *aportuguesamento* quer das palavras latinas cuja grafia geraria equívocos (*parochus → paroco, charidade → caridade, monarcha → monarca, p.32, Philosophia → Filosofia, Orthographia → Ortografia, p.34*), quer daquelas que pelo uso ou pela pronúncia (*escrever, estrella, doutor, rector, effeyto, em vez de screver, stella, doctor, rector, effectus, pp.33-34*) se transformaram, mas conservação, ainda assim, das grafias dobradas (*aggravar, exaggerar*); 4. a grafia do plural (*plurar*) dos nomes em vogal faz-se pelo acrescentamento do morfema distintivo deste número (*pà-pàs, pè-pès, p.36*), grafado mediante <s>, mas em final de palavra só ocorrem em português os grafemas <l, m, r, s, z>, cujos plurais são grafados com <s> ou <es>, ou de acordo com a evolução fonética, por ex. em *animal-anymais, lambel-lambeys, caracol-caracoys, paul-pauys, homem-homens, marfim-marfins, mulher-mulheres, reves-reveses, convez-convezes, giz-gizes (pp.37-38), trovam-trovoës, capitam-capitães, cidadam-cidadãos (ibid.)*; 5. os ditongos tanto orais como nasais, definidos em conformidade com a *ethymologia* do termo como a *conglutinação de duas vogays, que guardam a mesma força em huma só syllaba (p.39)*, são representados por Bento Pereira por <ay>, <ey>, <oy>, <iy>, <uy>, <ua>, <au>, <ue>, <eu>, <ui>, <uo>, <ou>, <ãa>, <oã>, <ãe>, estando, por conseguinte, excluída a grafia <ão>, conforme se via já nos exemplos referentes à representação do plural dos nomes, mas inclui, pelo contrário, seqüências gráficas cuja realização oral não constitui ditongo (*igual, baque, loguo, por ex.*), pois algumas delas decorrem do alongamento da vogal tónica (*Robiys, Boyiys*); 6. a

duplicação das grafias vocálicas quando pertencem a palavras distintas (vendo-o) e duplicação de grafemas de certos consonânticos – <rr> e <ss> –, apenas em contexto intervocálico, ao invés dos correspondentes grafemas simples (*amarra-amara, casso-caso*, p.44)<sup>55</sup>, carecendo as restantes duplicações (*fallar, afforar, comunicar, elle, delle, daquelle*) de valor, ao invés daquelas duas, excepto em palavras nas quais os elementos da sequência gráfica <cc> soam distintamente (*accento*, p.45); 7. no capítulo dos grafemas homofónicos, ou seja, aqueles que têm a mesma realização fónica, Bento Pereira trata de <c-s-z> e de <g-j>, que se usam de acordo com o critério etimológico (*cebola, cidade-senado, sinete, CONCLUSIONE-> conclusam*, p.47), ou o critério histórico, em função do qual são grafadas com <c> as palavras em que uma oclusiva latina seguida de vogal ou semivogal se assibilou (CLEMENTIA- > clemência), sendo que a distinção entre <s-z> assenta simultaneamente nos critérios etimológico e histórico, visto que <-s-> figura nas palavras que o tinham na língua latina (MENSA> mesa), ao passo que <z> ocorre onde, em latim, existia <x> final latino (PERDIX> *perdez*, VOZ> *voz*, LUX> *luz*) ou como resultado da evolução fonética de uma oclusiva latina seguida de vogal ou semivogal (*trazer, trazia*), assim como nos patronímicos (*Fernando-Fernandez, Rodrigo-Rodriguez*), nos gentílicos (*Portuguez, Ingrez, Irlandez, Francez*), nos oxítonos em *az, ez, iz, oz, uz*, no sufixo nominal *-eza*; quanto ao uso de <g<sup>e</sup>.i> e <j>, correspondentes à fricativa palatal sonora /ʒ/, a distinção entre ambos é traçada pelo critério etimológico (IEIUNIUM> *jejum*, INGENIUM> *ingenho*, REGERE> *reger*), adoptando-se <g> nos vocábulos em *-agem* e <j> na flexão dos verbos em *-ejar* (*sobejem, festejem, envejem*). Descrito à maneira latina como uma *aspiraçam*, <h> (Regra 8, p.53) carece embora de força em português pelo que se pode prescindir dele (*Henrique-Enrique, Homem-omem, Rhetorica-retorica*), embora lhe confira valor diacrítico (*he-e*), o conserve no verbo *haver*, pseudo-etimologicamente em formas do verbo *ir* (*hia*), em palavras menos frequentes de origem grega (*Hydropico, hypocrita*), e nas interjeições. Afora estes casos, ele integra os dígrafos portugueses <ch, lh, nh>.

---

<sup>55</sup> Todavia, <-s-> intervocálico representa a sibilante surda /s/ quando grafá a partícula proclítica ligada ao verbo sem hífen (*vejase, leyase, ouçase*), cf. p.46.

No campo da representação consonântica, ao descrever a figura e o valor de cada unidade dos pares <i-j> e <u-j>, correspondentes a quatro *letras*, ou seja, a quatro unidades fonológicas distintas, e não de duas apenas, trata de uma questão de ordem cali-tipográfica (*i vogal - j rasgado, u vogal - v consoante*)<sup>56</sup> justificada pela recente introdução dos grafemas <j> e <v>, atribuídos ao humanista Pierre de la Ramée (Petrus Ramus). No mesmo campo representativo, enquadra-se a descrição do uso de <ç> (Regra 13, p.76), que ocorre nas palavras em *aça, eça, iça, oça, uça, ança, enço, onço*, e semelhantes (*caçêça, cortiça, carroça, lenço, esconço, força, camurça*, pp.77-78); mas não pode aparecer em posição inicial (*sujidade, não çugidade*).

Em matéria de diacríticos, quer dizer, de sinais auxiliares da representação vocálica, Bento Pereira estipula o uso de acentos, cuja função é denotar a posição da tónica (*accento val o mesmo que o tom, que damos às syllabas em cada dicçam, levamtando, abatendo, ou pronunciando sem abater, & sem levantar*, pp.57-58) e distinguir homógrafos, dirimindo dificuldades no acesso lexical, quer dizer, na imediatização do reconhecimento do significado das palavras: assim, o agudo não apenas marca oposições de timbre (*cór-cor*) como tem valor gramatical ao dirimir a ambiguidade pretéritos e futuro do mesmo verbo (*amára-amará, léra-lerá*, p.62); dos outros dois nada acrescenta com respeito ao português. O ortógrafo detém-se mais demoradamente no til (Regra 10, pp.64-69), cuja função de natureza diacrítica consiste em representar a nasalidade vocálica, em substituição de *m* ou *n*. O til está de resto envolvido num dos aspectos mais problemáticos e controvertidos da doutrina metaortográfica respeitante à língua portuguesa, a saber, a grafia do ditongo nasal tónico e átono em final de palavra. De facto, depois de referir as diversas soluções em liça no seu tempo, quer para a representação dos nomes, quer para as terceiras pessoas

---

<sup>56</sup> Cf. pp.70-72: “Donde mays me contenta este nosso uso, em darmos diversa figura ao i, vogal, & ao j, consoante rasgando-o, do q o uso dos Latinos, que daõ a mesma figura a i, vogal, & a i, consoante: como se vé nesta palavra indicio, sendo letras de diversa natureza. Porém, ja hoje os Breviarios bem correctos usaõ de j rasgados, quando he consoante. (...) Quanto às outras letras, u vogal, & v consoante, à qual podemos chamar ve; digo pela razam acima dita, que sam como duas letras realmente distinctas, nam só na natureza; poys huma he vogal, que per si voga, & faz soido a modo de bramido de lobo, u, & outra consoante, que varia o soido junta as vogays (...), senam tambem na figura (...)”.

verbais do pretérito e do futuro imperfeito do indicativo<sup>57</sup>, Bento Pereira manifesta dificuldade em prescrever, mas acaba por dar a preferência a <-am> já para as terminações verbais (pret. *entráram*-fut. *entrarám*), já para os nomes, mas aceita as grafias *irmãos*, *christãos*; existem, todavia, algumas flutuações (*mãos*, *preposiçam*, *dicçam-dicçaõ*, *corrupçaõ~corrupçam*). Por outro lado, prescreve o til na vogal nasal dos nomes femininos em [ã] de nomes femininos, assim opostos aos correspondentes masculinos (*irmãa-irmam*, *christãa-christam*, p.68), na representação do ditongo [ãj] (*escrivães*), e em alternativa a *m* em *huma~hũa*, *alguma~algũa*. Por último, é também um sinal de abreviatura de nomes (*Fernandez-Frz*, *Gonçalvez-Glz*, *Rodriguez-Roiz*).

Incluído na mesma Regra dos acentos (9), ao apóstrofo (*viraccento*), unidade pertencente à chamada pontuação de palavra, visto concorrer para a delimitação da palavra enquanto unidade acentual e gráfica ao assinalar a elisão vocálica, atribui Bento Pereira precisamente a função de nota dessa elisão, figura denominada de *synalepha* entre os Gregos. Mais frequente no verso, verifica-se também na prosa sobretudo para indicar a supressão da vogal da preposição (*d'Evora*, *d'Elvas*, *d'armas*, p.63), em vez da contracção desta com a palavra seguinte (*d'armas-darmas*, *d'ouro-douro*), se bem que o uso tenha consagrado algumas (*nesta*, *desta*).

No nível extra-alfabético, ou seja, da pontuação concebida em sentido lato (cf. 1º vol., I, 4., compreende-se a pontuação de palavra, a pontuação de frase e a pontuação de texto.

Na segunda, têm cabimento a *virgula*, *inciso* ou *meyo ponto* [,]; *colon imperfectum* ou *ponto*, & *virgula* [;]; *colon perfectum* ou *dous pontos* [:]; *ponto final*, sinal *interrogativo*, sinal *admirativo*, sinal de *parenthesis*. À vírgula, descrita como uma varinha torta, cabe a função de distinguir os escritos e assinalar a pausa respiratória, sendo usada depois do verbo e suas expansões (casos), de cada oração, antes de relativo

---

<sup>57</sup> Cf. pp.64-65: “Grande he a contenda entre os peritos, se hemos de usar de *aõ*, se de *am*, ou seja os nomes, *Perdigaõ*, *Perdigam*, ou nos verbos, *amaraõ*, *amaram*. Nam me atrevo a condenar o vulgar modo de escrever *aõ*, usado de muytos; mas sou de parecer que usemos de *am*; porque além do *aõ* demandar diversas pronuncias, por razam do *ao* junto com til, que tem força de *am*, & nos assemelharemos aos Latinos, os quays assim nos nomes, como nos verbos, põem, *am*: *musam*, *legebam*, & na particula, *nam*, que significa, porque. E ja que delles tomâmos as palavras, he bem que tomemos o escrevellas, principalmente que os que escrevem com *ao*, til, *aõ*, estam expostos, como já dissemos, a grande confusam (...)”.

que, e a separar adjectivos e substantivos seguidos. O ponto e vírgula (*colon imperfectum*, i.e membro imperfeito) situa-se hierarquicamente entre a anterior e os dois pontos (...quando não basta a virgula, nem convenha poremse dous pontos: o que acontece quando fecha sentença imperfeyta, p.15), os quais separam o membro perfeito (*colon perfectum*) do resto do período, sendo a diferença entre eles marcada pela suspensão do sentido no primeiro caso, ao invés do segundo. Ao anunciarem a mudança do sujeito da enunciação, ou introduzirem o discurso directo, os dois pontos são também a marca de segundo regime, do discurso no discurso; mas, como sinal de abertura, eles são ainda a marca da enumeração por excelência. O encerramento do enunciado tem, por sua vez, no ponto a sua marca fundamental, pois ele indica precisamente a perfeição ou completude da unidade de sentido denominada período, círculo ou cláusula. Os pontos interrogativos e exclamativo, cujas figuras são descritas pelo lexicógrafo, têm por função identificar as modalidades interrogativa e exclamativa e as entoações respectivas, sendo ambos seguidos de maiúscula. Diferente das precedentes, é a função de inserção dos parênteses, que permitem encaixar um enunciado em outro, para acrescentar, explicar, sem prejuízo do enunciado em que se inscreve.

A estes pontemas, Bento Pereira junta os *sinays importantes ao bem escrever*, que por serem de diversa natureza pertencem a diferentes níveis de pontuação, embora predomine a textual, da qual fazem parte o ângulo, o parágrafo, o meio círculo, o asterisco e o obelisco, sinais transmitidos pela tradição latina, como se pode observar nas **Etimologias** de Santo Isidoro de Sevilha (cf. 1º vol., I). Assim, o ângulo [Λ] assinala a falta de algumas palavras no texto, o asterisco [\*] mostra a omissão de certas palavras de um autor ou chama a atenção para palavras do texto, função oposta à do *obelisco*, que significa *ponta pequena de espeto ou seta* (p.22), que assinala as más palavras ou versos adulterinos de um autor; por sua vez, o *paragrafo* (*artigo* ou *aforismo*) [§] faz a separação gráfica das matérias ou tratados, o meio círculo, cuja figura se assemelha à dos actuais colchetes ou parênteses rectos [ ] ], serve para introduzir a glosa de um autor.

Dos restantes sinais, uns repartem-se pela pontuação de palavra (a divisão [-], o hífen [-v-]), outros pelos diacríticos (*ápices*, *dieresis* ou *cimalha*, a *brachia*, p.19): os primeiros, cuja função é marcar a divisão silábica e a translineação, acima referida,

distinguem-se por terem funções contrárias, já que a divisão, tal como o nome indica, marca a translineação e, portanto, a separação das sílabas, ao passo que o hífen, termo que em grego significava *ajuntamento*, é, pelo contrário, a marca da união de elementos (*passa-v-tempo, guarda-v-porta*, p.21) na composição de uma palavra cujo significado é distinto do das partes consideradas individualmente, processo que passa, assim, a ser representado graficamente; contrária a esta é a figura da *desunião* [α], que serve para corrigir erros, afastando as letras ou as palavras; dos segundos, os diacríticos, isto é, os auxiliares da função grafemática, um (*apices, dieresis* ou *cimalhas* [ " ]) serve para indicar uma sequência vocálica que não constitui ditongo (*Saüde, Alaüde, Poëta*, p.20), e o outro (*brachia* [∪]), para indicar a quantidade vocálica breve.

A respeito das tendências doutrinárias deste período seiscentista, note-se que a existência de títulos de natureza preceptiva ou prescritiva (**Regras**) associados ao método expositivo dialogado, constituem clara demonstração das preocupações pedagógicas da época, marcadas por fortes intenções práticas, mais do que pelo fôlego doutrinal ou reflexivos, se bem que a obra seguinte exceda amplamente os limites da mera resposta pragmática, fazendo um compromisso entre as vertentes teórica e prática, ao discorrer sobre outros aspectos da representação gráfica da língua, que não os tradicionais domínios problemáticos (por ex. acentuação do vocalismo tónico, grafia das átonas, ditongos oarsis e sobretudo os nasais, e certos campos do consonantismo), como adiante observaremos.

## 2.5. João Franco Barreto

João Franco Barreto (1600-1674), possivelmente natural de Lisboa, é uma figura deveras singular: frequentou o colégio de Santo Antão, para depois tomar a carreira das armas; regressado do Brasil, após em 1624 ter acompanhado a expedição encarregada de libertar a Baía do domínio holandês, troca a espada pela carreira das letras. Publicou o poema *Cyparisso* aos trinta e um anos, vindo a formar-se em Direito Canónico pela universidade de Coimbra. Tendo exercido em Coimbra como preceptor dos filhos de D. Francisco de Mello, a quem dedicará em 1671 a sua **Ortografia**, acompanhou-o como secretário numa embaixada a França em 1641; volta a Lisboa em 1640, onde publica uma dessa viagem a França. De novo regressa a este país por assuntos políticos, mas de



volta a Portugal, tomará ordens eclesiásticas. Produz então diversas obras bem conhecidas<sup>58</sup>, em particular o texto metaortográfico de que a seguir tratamos. Antes, porém, vale a pena acrescentar que a inestimável variedade informativa ali manifestada será decerto subsidiária das circunstâncias da vida pessoal do seu autor, em especial as viagens a França.

Com respeito à data em que João Franco Barreto terá produzido a **Ortografia da Língua Portuguesa** (Lisboa, Off. de João da Costa)<sup>59</sup>, é de notar que, não obstante o ano do prólogo (3 de Agosto de 1671) e o da impressão serem o mesmo, as licenças e verificações reportam-se, todavia, ao ano anterior, respectivamente de 3 de Março, 19 de Setembro, 28 de Outubro e 25 de Novembro de 1670, e taxação de 29 de Agosto e autorização de circulação de 1 de Setembro desse ano. Na verdade, a obra constitui uma clara réplica à **Ortografia** quinhentista de Duarte Nunes de Leão, cujos princípios e soluções examina pormenorizadamente, ao confrontar a sua doutrina com a daquele ortógrafo, em especial ao longo de 35 páginas das suas [XVI + 279p.].

Antes de passarmos revista à doutrina e à prática barretianianas, convém sublinhar um dos aspectos distintivos da estratégia expositiva e doutrinal deste autor quando comparado com os precedentes: a explícita identificação das fontes citadas ou reivindicadas por Barreto, facto que adquire enorme relevância no quadro das ideias ortográficas desta época, não apenas devido à reduzida ocorrência deste tipo de informação nos outros ortografistas e gramáticos, mas também à variedade e concretização das referências bibliográficas. Além disso, a existência dessa lista fornece uma base mais sólida a qualquer tentativa de análise da recepção da doutrina de autores estrangeiros em Portugal, na época em apreço, aspecto do maior interesse, embora quase sempre limitado ao confronto textual ou ideológico, cujos resultados nem sempre se revelam muito conclusivos por falta de referências explícitas.

---

<sup>58</sup> Entre elas, refiram-se a **História Eclesiástica da Cidade de Évora**, **Eneida Portuguesa** (1666), ou tradução do **Flos Sanctorum** (1674), para além de ter deixado manuscrita uma **Biblioteca Portuguesa**, de cujos materiais muito beneficiaria a Biblioteca Lusitana de Diogo Barbosa Machado.

<sup>59</sup> Sobre esta obra, veja-se a nota de Eurico Gama, *Curiosidades Linguísticas. A Ortografia da Língua Portuguesa de João Franco Barreto*, **Revista de Portugal - Série A- Língua Portuguesa**, vol. XXXII, 1967, pp. 101-108. O impressor da **Ortografia** é um membro da família dos impressores Costa.

Mesmo sem avançarmos pelo domínio da recepção das ideias metaortográficas em Portugal, assunto de difícil aplicação a todas obras aqui compulsadas, tanto mais que nem todas se revelam ideologicamente interessantes a ponto de merecerem um estudo aturado deste tipo, no caso da Ortografia barretiana vale a pena, ainda assim, referir algumas das cento e sessenta autoridades mencionadas ou citadas por João Franco Barreto, em especial as ortográficas e gramaticais invocadas. Afora Nunes do Leão, o mais referido de todos os portugueses por ser também o mais criticado, refiram-se João de Barros, Álvaro Ferreira de Vera, Bento Pereira (acerca de *h*, p.133; das vogais dobradas, p.186); dos estrangeiros modernos, entre outros refere *Aldrete, Morales, Cobarrubias, Bartolameu Ximenes, Benedicto Buomattei, Luis Vivez, Sanchez Brocense, Trissino, Angelo Policiano, J. Bartoli*. Mais vultuoso é, todavia, o número os antigos, dos quais menciona por exemplo Aristóteles, Aulo Gelio, Cícero, Diodoro Sículo, Donato, Varrão (Marcus Terentius Varro, séc. I A.C.), Prisciano, Quintiliano (séc. I a.C.), Terêncio Escauro ou Terentius Scaurus (*Terencio Scauro*, séc. II d.C.), Marciano Capella (Martianus Capella), Marius Victorinus ou Mário Vitorino (*Victorino*, séc. IV d.C., *Ars Grammatica*), abundantemente invocados e citados ao longo da **Ortografia** barretiana. Às fontes ortográficas ou gramaticais, somam-se igualmente fontes literárias, como Fr. António Brandão, João Soares de Brito, Camões e Manuel de Faria e Sousa, o editor de **Os Lusíadas**.

Igualmente reveladora da erudição de Barreto, ou pelo menos da informação a que tivera acesso, é a citação dos nomes menos habituais entre as fontes apontadas pelos ortografistas portugueses: o matemático e linguista holandês Jacobus Golius (*Jacobo Golio*, 1596-1667), o francês Jean Pillot (*Joã Piloto*, ca. 1510-ca. 1570), o italiano Mateo Ricci (*Matheus Roccio*, 1552-1610), ou o belga Joost Lipps, mais conhecido como Justo Lipsio (*Iusto Lipsio*, 1547-1606), por exemplo.

À vista dos nomes aduzidos pelo ortografista, revelava-se interessante uma tentativa de avaliação dos aspectos da doutrina barretiana em que se detecta a influência dos autores quer antigos, quer modernos, pelo que na impossibilidade de assim fazermos com respeito a cada ortografista, assumiu-se um critério selectivo segundo o qual retivemos os autores antigos ou modernos que melhor sirvam para caracterizar, já pela tradição, já pela inovação, os princípios ortográficos adoptados por Franco Barreto. Em função disso, deu-se primazia às referências a gramáticos e

ortografistas modernos<sup>60</sup>, como os espanhóis Juan Luis Vives (1492-1540); Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1601), também conhecido como *Sanctius*, autor da reputada **Minerva seu de causis linguae latinae** (Salamanca, 1587); Bernardo Aldrete (1565-1645), e **Del origen y principios de la lengua castellana** (1606), com a mesma data da **Origem da lingua portugueza** do nosso Duarte Nunes de Leão; Sebastián Covarrubias Orozco (1539-1613), com o **Tesoro de la lengua castellana o española** (1611); Frei Miguel de Salinas, autor de um **Libro Apologético que defiende la buena y docta pronunciación que guardaron los antiguos en muchos vocablos y accents**<sup>61</sup> (1563); Bartomolé Jiménez (Ximénez) Patón (1569-1640), autor de um dos mais importantes tratados seiscentistas – **Epitome de la Ortografia Latina y Castellana. Instituciones de la Gramática española** (Baeza, 1614); Cristóbal Bautista de Morales, com as suas **Pronunciaciones generales de lenguas, ortografia, escuela de leer, escribir y contar, y sinificación de letras en la mano** (Montilla, 1623). Dos italianos, cita Pietro Bembo (1470-1547), com as suas **Prose de la volgar lingua** (Veneza, 1525), Gian Giorgio Trissino (1478-1550), que em Carta a Clemente VII (1524) expõe as suas ideias sobre a reforma ortográfica; Ângelo Policiano (Angelo Poliziano, 1454-1494), J. Gabriele (1545), G. Bartoli (1584), e Benedetto Buommattei (1581-1647), de todos o mais recente, cuja **Della lingua toscana** (Florença, 1643) conheceu publicações em 1623 e 1626.

As referências aos autores castelhanos ocorrem quando Barreto trata dos seguintes aspectos: Aldrete (**Origen de la lengua castellana**, 1606) acerca do uso de I, em vez de Y (p.85), do betacismo no castelhano (p.114), do sêsseio andaluz (p.117); Jiménez Patón (**Epitome de Ortografia Latina & Castelhana**, Baeza, 1614), de longe o mais citado dos castelhanos, a propósito do número (12) de ditongos (p.95), entre os quais inclui <ey> (p.101), acerca de c e z (p.117), do uso de <f> em vez de <ph>

---

<sup>60</sup> Sobre as ideias ortográficas dos autores anteriores ou mesmo contemporâneos de Barreto, vide: Abraham Esteve Serrano, **Estudios de teoría ortográfica del español**, Universidad de Murcia, 1982; para a cronologia desses autores, cf. Sylvain Auroux, **Histoire des idées linguistiques**, t. II, Mardaga, 1992, pp. 655-570 (index nominum).

<sup>61</sup> O restante título acrescenta: (...) con las razones que tuvieron y ay para se tener, que fur buena y sabia, y no ignorante, ni mala, segun que algunos de los modernos han reprehendido y condenado (Alcalá, casa de Pedro Robles y Francisco de Carmellas).

(p.154), e do uso dos dois pontos; Miguel de Salinas, embora devesse conhecê-lo apenas por intermédio de Jiménez Patón, como se conclui das palavras de Barreto a respeito da lateral: “(...) Em a lingua Latina L quer dizer, Lucius; entre dous pontos val por vel; como adverte Miguel Salinas, referido de Ximenes” (p.147). Ao enveredar pela corrente reformadora, como adiante observaremos, em algumas das suas soluções Barreto parece fazer eco de recentes propostas reformistas da ortografia castelhana, se bem que não cite o mais radical dos ortografistas do país vizinho – Gonzalo Correas (*Nueva i zierta ortografia kastellana*, Salamanca, 1624; *Ortografia kastellana nueva i perfeta*, Salamanca, 1630).

Quanto aos autores italianos, a referência a Gian Giorgio Trissino (*Epistola de le lettere nuovamente aggiunte ne la lingua italiana*, 1524, p.X: Le lettere adunque, che io primieramente aggiunsi a l’alfabeto latino, furono ε aperto, ed ω aperto) prende-se com a representação gráfica das vogais abertas /ɛ/ e /ɔ/ como <ε> e <ω>, respectivamente, proposta seguida por Fernão de Oliveira (cf. ), mas considerada desnecessária por Barreto, visto os acentos garantirem bem a identificação do timbre vocálico: “O Trissino considerando já o mesmo, acerca de sua lingua Italiana, quiz introduzir nella o e tenue dos Gregos, que he desta fôrma ε, & o mesmo acerca do o, acrescentando ao abece o dito e, & o Omega Grego, que he ω. porém nã foy siguido, por mays razões, & argumentos, que o persuadir acumulou (...). Nã ha porẽ duvida, que estas duas letras do Trissino eram superfluas, porque cõ ù acento encima, agudo, grave, ou circunflexo, se póde remediar a ambiguidade destas letras (...)” (p.75, cf. p.104), e ainda a respeito da sequência vocálica ie (p.104).

Giorgio Bartoli, autor de *Degli elementi del parlar toscano* (Florença, 1584), é referido por Barreto a propósito da distinção gráfica entre /i/ vogal e /v/ consoante, ao dizer que “(...) os modernos as distinguem agora cõ as figuras diferentes; & o advertio ja muyto antes Ioge Bartoli, Gentilomem Florentino, ã o tratado, que fez dos Elementos da lingua toscana; ainda que ã quanto consoante lhe não deo nome, nã figura” (p.77), acrescentando que, segundo o mesmo Bartoli, <v> é letra francesa (p.171). Invoca Benedetto Buommatei no respeitante à realização de <C> na língua toscana (p.119), Ângelo Policiano a propósito da vogal o (p.81) e das aspiradas (p.138), Pietro Bembo acerca das consoantes dobradas (p.182).

Aos anteriores, somem-se ainda outros nomes de diferentes origens: o francês Joseph-Juste Scaliger ou Escalígero (1540-1609). Não podemos deixar de salientar a ausência dos nomes de Elio Antonio de Nebrija e Fernão de Oliveira.

Há a registrar, por outro lado, a descrição de uma das características da língua brasileira (p.146), a saber, a ausência da lateral, da vibrante e da fricativa lábio-dental.

Dos gramáticos e ortografistas portugueses, o mais citado ou referido é Duarte Nunes de Leão, a tal ponto que a obra barretiana se contrói como verdadeiro contraponto às tendências e soluções expendidos por aquele autor. Essas numerosas referências têm o seu corolário nas **Regras Geraes da Ortografia Portugueza per o Licenciado Duarte Nunez, cõ a reposta do Autor á margem (Ortografia, pp. 230 a 264)**, que constituem um cotejo explícito entre doutrinas metaortográficas opostas, resultantes de duas perspectivas ou forças igualmente antagónicas, a saber a fonética ou sincrónica, representada por Barreto, e a etimológica ou diacrónica, consubstanciada em Duarte Nunes de Leão.

Do exame de ambas as tendências ressaltam, por conseguinte, as principais discrepâncias entre Barreto e Duarte Nunes de Leão: elas devem-se sobretudo ao primado do critério etimológico em muitas das soluções propostas por este ortógrafo, como por exemplo os grupos consonânticos sem reflexo na pronúncia, rejeitados por Barreto em nome do princípio fonético (*condemno~condeno, damno~dano, solemne~solene, somno~sono, p.148, screver~escrever, scripto~escrito, escriptura~escritura, smeralda~esmeralda, spelho~espelho, sperança~esperança, spirito~espirito, star~estar, stado~estado, statura~estatura, p.162*). Assim, invocando o uso dos doutos, Barreto critica Duarte Nunes de Leão, cujas soluções ortográficas contrariam o princípio quintiliano (escrever como se pronuncia) por ele defendidas (Regra I, p.231); do mesmo modo, aduz passagens da Ortografia de Leão demonstrativas das inúmeras contradições deste ortógrafo cujas soluções rejeita, designadamente as referentes à manutenção ou introdução de consoantes mudas e dobradas (Regra 2), como as de *insigne, hum, hũa, officio, doctor, doutrina, precepto, pecto, nocte*, palavras que melhor se grafariam à portuguesa como *insine, um, ãa, officio, doutor, doutrina, preceito, peito, noite*, sendo que este exemplo ilustra bem, na opinião de Barreto, como a doutrina ortográfica de Nunes de Leão se amparava mais no latim do que no princípio fonético, com vista a impedir a *corrupção*. A pedra de toque da

discordância de Barreto relativamente a Nunes de Leão reside sobretudo na reposição artificial de grupos consonânticos latinos, repetidas vezes condenada (*studo~estudo, statua~estatua, scrivã~escrivã*, Regra VI, p.243; *somno~sono, damno~dano*, regra XI, p.250), numa evidente filiação na perspectiva sincrónica, da qual decorre a afirmação da autonomia do modelo ortográfico da língua portuguesa com respeito à matriz latina<sup>62</sup>. Isso mesmo se nota na sua rejeição barretiana das grafias consonânticas duplas previstas por Duarte Nunes de Leão: ao arrepio do critério etimológico, também aqui o critério determinante é de base acústica ou auditiva, já que só aceita tais grafias desde que elas correspondam a uma realização específica ou tenham valor distintivo (*gota, nota*, mas *espesso*, p.244). Ao contrário de Leão aceita a contracção da preposição em com os artigos *o, a*, mesmo sem recorrer ao apóstrofo (*no, na*), do mesmo modo que, no capítulo dos princípios, aponta a falibilidade da analogia (Regra XV, p.252), decorrente da natural evolução da língua e da sua dinâmica própria (*dizer~dito, mento~minto*)<sup>63</sup>.

Concorda, porém, a respeito dos aspectos seguintes: a grafia dos nomes que em latim terminavam em <x>, os quais devem grafar-se com <z> (FEROX > *feroz*, FELIX > *feliz*, Regra IV p.240); a distinção da grafia das preposições pre e por (Regra X, pp.239-240); a rejeição de abreviatura em forma de numerais (Regra XIV, pp. 251-252), da difícil sistematização da distinção entre <ç, s, z>, sendo que o primeiro ocorre onde em latim existia a sequência de oclusiva seguida de vogal ou semivogal (LECTIONE-> *lição*, SENTENTIA-> *sentença*, Regra XVI, pp.254-255), embora com excepções (RATIONE-> *razão*); o uso da letra maiúscula nos nomes próprios, cognomes, apelidos e apelativos, nomes de províncias, cidades, gentílicos, nomes de montes, rios, fontes, meses e deuses, aos quais Barreto acrescenta os nomes de anjos e de demónios, e de entidades mitológicas (Regra XVII, pp.257-258); a condenação das ligaduras na letra

---

<sup>62</sup> A esse respeito, observa Barreto, p. 241: “Cada lingua tẽ sua ortografia diversã, , & assi nã somos obrigados seguir a Latina, sebẽ iremos arrimados a ella, pola analogia, que a nõssa lhe reconhece. Porẽ nã cõ tanta supersticiã (por ufsar de suas palavras) como o Licenciado Duarte Nunez o faz (...)”.

<sup>63</sup> Cf. pp. 252-253: “Esta regra da analogia, nã sempre he certa; porque de prender (ainda que tambẽ dizemos prendado) nã dizemos prendido, mãs prezo, preja, nã preã, mãs prizã: nem de fazer, diremos fazedor, mãs feytor, feytura, feyto. do verbo digo, não, dizemos diges, digadura, mãs dizer, dito: alguns barbaramente ã o futuro dizem digarey”.

manuscrita praticadas pelos escrivães (Regra XIX, p.219); a distinção da numeração romana e arábica (Regra XX, pp.260-261).

### 2.5.1. Plano alfabético

A exposição da doutrina metaortográfica de Barreto parte de uma definição de ortografia (Dirivafe este nome Ortografia de duas dicções, Gregas, Orthos, que quer dizer direyto, & Grapho, eſcrevo; como se diceramos, eſcrevo direytamente, ou eſcrevo como pronuncio: porque de outro modo ficará a eſcritura corrompendo a lingoagem, em lugar de a conſervar, p.3), baseada em Quintiliano e em João de Barros, explicitando depois qual o objecto da Ortografia enquanto Arte: “O ſugeyto deſta Arte são as palavras, & as palavras na ſaõ mays que uns eſpiritos proferidos cõ a voz, ſifnificando alguma couza; porque na ſignificando alguma couza ſerá sõ, & nã ſerá voz” (pp.3-4). Definida como a mais pequena parte da voz e dotada de figura, a letra é “indiviſivel”. Da disposição das várias letras segundo uma determinada ordem resulta o chamado alfabeto, abecedário ou *Abece*, a propósito do qual Barreto discorre quer sobre as suas origens históricas e mitológicas, quer sobre as origens das línguas, reflexões que nos dão testemunho de alguns dos aspectos do pensamento linguístico seiscentista, embora não se revistam de grande originalidade, porquanto o autor faz uma síntese das fontes invocadas. Às problemáticas gerais (origem da linguagem e a dispersão linguística) antes referidas, acrescenta uma breve reflexão sobre a primitiva língua de Portugal e as origens da língua portuguesa (Cap. V – Se ã Portugal foy vulgar a Lingua Latina), e também sobre as partes do discurso (pp.31-64).

O inventário alfabético proposto por João Franco Barreto, em maiúsculas (ou grandes) e em minúsculas (ou pequenas), compreende as vinte três unidades que encontráramos em autores precedentes, a saber, <A. B. C. D. E. F. G. H. I. K. L. M. N. O. P. Q. R. S. T. V. X. Y. Z>, cujos nomes são *a, be, ce, de, e, efe, ge, aga, i, ca, elle, eme, ene, o, pe, qu, erre, esse, te, erre, te, u, xis, ypsilon, ze*, sendo que as figuras *mayusculas* ou grandes identificam antropónimos, lugares, rios e montes. Ao inventário acima acrescenta mais três unidades necessárias ao sistema gráfico português; são elas: <ç>, <j> e <v>.

Daquelas unidades, umas são vogais (a, e, i, o, u, y), porque ellas por *fi sós* *vão fundamento da voz: isto he que podem pronunciar, & formar fillaba, se ajuda das consoantes, que são todas as outras* (p.66), as quais se subdividem em dez mudas (...*porque tirandolhes as vogaes que as acompanham, & cõ que de sua natureza se pronunciam como be. ce, de, &c. ficã mudas, & se fõ*, pp.67-68), seis semivogais (*f. l. m. n. r. (...) a fi chamam semivogaes, que val tanto, como meas vogaes; porque na composiçã retã; & conservam o seu fõ, por razã de se formarem ã tal parte da boca ? que se podem pronunciar se ajuda das vogaes, ainda que per fi nã constitua filaba* (p.68), líquidas (l, m, n, r) e dobradas (x, z), em conformidade com o esquema classificativo latino. O ortografista distingue dois níveis de análise das consoantes: o da pronúncia e o do valor.

A descrição vocalismo assenta em aspectos de natureza articulatória e acústica, como o da maior ou menor abertura da boca, a força da produção e da percepção da vogal ou, pelo contrário, a sua debilidade: [a], é realizada com *natural movimento & abertura dos beyços, que sai pela boca cõ e e ã espirito mays cheyo, que nenhuma das outras vogaes; reduzindo se o gorgomillo, & o espaço ã que se forma a voz a mayor redondeza, & abayxando se o grosso da lingua, para dar saída mays larga ao flato, que faz a tal voz, & o restante da boca, cõ os beyços, fica ã sua ordinaria postura, senã ã quãto he nece ã aro acõmodar a abertura da boca á voz, que [ae]* (p.72), não obstante ser, devido à fonotáctica, mais fechada junto de nasal<sup>64</sup>, aspecto devidamente realçado pelo ortógrafo, em cuja descrição se descortina até uma curiosa distinção entre o nível sistemático (abstracto) e o nível da realização concreta, no qual as unidades fónicas se condicionam mutuamente; em contraste com a anterior, <e> é descrita como *letra simplez, & a mays visinha, & semelhante na pronunciaçã ao a* (p.74), impressionisticamente distinta das restantes por ter melhor *fõ que as outras vogaes,*

---

<sup>64</sup> Cf. p.72: “Quando o a se põe antes de m, ou n pronunciase cõ menos hiato, & abertura da boca, & fica parecendo pequeno, nã o sendo, alli como ã flama, cano, de maneyra, que o [ser grande, ou [ser pequena vogal, confiste na longura, ou espaço, cõ que [se pronúcia, & nã na maneyra della. Junto a outras letras nã [oa tã obtuso”; acrescentando que “em quanto letra elemental, tomada (como dizem) ã abstrato, nã tã acento, nã medida, mäs delpoys, que se faz diçã, & cõ a diferença dos acentos, varia tambẽ a pronunciaçã” (p.72).



*excepto o o, porque nã se forma tã prontamente seu espirito dos beyços, como o ão do a*” (ibid.), admitindo duas realizações, uma aberta e outra fechada, tal como defendera o italiano Trissino; <i> aparece descrito, por sua vez, como um *sõ debil, futil, & ligeyro, inclinado, & todavia doce*”, que se forma com *o gormillo menos redondo, do que ẽ produzir a, o, & engrossãdo algũ tanto a raiz da lingua, passa o flato per lugar mays dezempedido, do que ẽ fazer as sobreditas* (pp.76-77); definido acústica e graficamente pelo *muyto bõ sõ, & de figura perfeytíssima, porque he redondo (...)*, <o> produz-se, por comparação com as duas precedentes, com a *garganta mays redonda que o i, & menos que o e. Ajuda se a pronunciar cõ lançar os beyços mays para fóra doque nas outras vogaes* (pp.80-81), tendo uma realização *longa* (aberta) e outra *breve* (fechada); por último, a descrição de <u> assenta no traço da labialidade (*se pronuncia lançãdo os beyços para fóra, màs menos abertos, que no o, p.82*), insistindo-se na distinção gráfica entre esta vogal e a consoante lábio-dental representada por <v>, à semelhança da distinção entre <i> e <j>. A propósito desta distinção, apesar da habitual atribuição da criação de <j> e <v> a Pierre de la Ramée, não será demais salientar que, na verdade, os escribas medievais já usavam diversos tipos de <i>, entre eles o chamado “i longo” e o “i acentuado” – este último para evitar ambiguidade entre dois <i> seguidos e u –, cabendo àquele humanista francês, ainda assim, a notável iniciativa de fixar-lhes a figura e de divulgá-los por meio da imprensa, ao ponto de hoje serem usados em todos os sistemas gráficos ocidentais, pelo menos nos das línguas com fonemas assim transcritos. Por seu lado, <y> é descrito enquanto semivogal, ou, como diz o ortografista, vogal que não faz sílaba, pelo que apenas intervém na representação dos ditongos (*pay, ley, ruyvo, mays vs laida, p.85*); afora este caso, João Franco Barreto não prevê o uso de <y> etimológico, visto preterir o critério etimológico em favor do fonético (*syllaba~silaba, sylva~silva, hydropico~idropico, hypocrita~ipocrita, p.86*). Daqui se conclui que a distinção entre timbres vocálicos passa pela referência à noção de oposição de duração, e não de intensidade, noção mais moderna da qual este texto ainda não poderia dar conta.

Definidos como *ajuntamento, cõ glutinaçã, ou cõcurso accidental de duas vogaes* (p.94), os ditongos compulsados pelo ortógrafos são dezanove, a saber, <ae, ãe, ay, ãy, ao, ão, au, ey, eo, eu, ia, ie, io, oe, óe, oy, ou, ua, uy>, sem alusão à distinção entre ditongo entre os orais e os nasais, sendo que a nasalidade vocálica em geral só passará a

ter um tratamento ou pelo descrições ajustadas muito tempo depois. Neste campo da representação gráfica verificam-se algumas quer situações de homofonia, quer casos de sobreposição da substância gráfica e da fónica. Assim, a distinção entre as grafias <ae> e <ay>, ambas representativas do ditongo [aj], está investida de valor gramatical, pois serve para opor graficamente formas de imperativo de formas de presente (*cae-cai, sae-say*); menos rendível ainda é a distinção entre <ãe> e <ãy>, porque não obstante tratar-se do ditongo nasal [ãj], a segunda grafia serve para conferir destaque a um único caso – *mãy*<sup>65</sup> –, oposta desta forma aos plurais dos substantivos (*capitã~capitães, Alemã~Alemães*). Diferente deste é, todavia, o caso de <ao> e <au>, grafias correspondentes ao ditongo [aw], porque uma ocorre em palavras como *vao, nao, pao*, onde o ditongo não é etimológico, e a outra naqueles em que é etimológico (*causa, autoridade, pauça*, p.101). O ditongo [ej] é sistematicamente representado por meio de <ey> em vez de <ei>, do mesmo modo que [oj] é grafado com <oy>, por oposição a [ɔj], que é representado por <oe>, sobretudo em formas verbais (*destroe, moe, roe*, p.104). Quanto às grafias <eo> e <eu>, se uma parece corresponder tanto ao ditongo [ɛw], de substantivos, como a [ew], de formas verbais de pretérito perfeito (*arpeo, ceo, chapeo, manteo-cometeo, meteo*) já a segunda representa quer um ditongo (*seu, teu, breu, Matheus*) quer uma sequência vocálica, se bem assinalada com diéresis (*teüdo*). Por seu lado, à semelhança dos restantes ditongos decrescentes, <uy> serve para grafar [uj], em *cuidado, fruyto*, e [üj], em *muyto*, mesmo que o autor não aluda ao traço da nasalidade, nem aqui, nem nos outros ditongos nasais. A sequência <ou> corresponde ao ditongo [ow], oriundo da evolução normal do ditongo latino AU> *ou*, o qual tenderia para a monotongação, para além de poder alternar com [oj], fenómeno já apontado, ainda que negativamente, por Barreto (*He também proprio dos Gregos, acerca dos quaes (segundo Sanches) soa como entre nós, e os seguintes, & semelhantes nomes; cousa, couro, couto, açoute, estouro, Mouro, ouro, touro, tesouro; que muytos erradamente confundem cõ o ditongo acima oy...*, p.105). Por último, <ia>

---

<sup>65</sup> Esta oposição afectiva terá acolhimento na doutrina ortográfica posterior; cf. 1º Vol., I e II.

Exemplos de sequências vocálicas consideradas como ditongos por influência da grafia sobre a interpretação da oralidade são as grafias <ia>, <io>, <ie>, <ua>, em palavras como *effencia*, *Babilonia* (p.103), *especie*, *efigie*, *oficio*, *ocio*, *lirio*, *agua*, *fragua*, *lingua* (pp.105-106). Dos restantes ditongos nasais, [ãw] é grafado com <aõ> nos substantivos e nas terceiras pessoas do futuro dos verbos; quando marca as terceiras pessoas do pretérito perfeito é representado por uma sua variante, incluindo um acento (*cão*, *cidadão*, *mãos*, *seraõ~seráo*, *leraõ~leráo*, pp.100-101). Quanto a [õj], a grafia prevista pelo ortografista é <õe> nos plurais do tipo *coraçã~corações*, *cordã~cordões*, *fermã~fermões* (p.105)<sup>66</sup>, solução que implica a referência aos correspondentes plurais castelhanos, visto eles não registarem a síncope da nasal intervocálica.

Por fim, reveste-se de particular interesse aquilo a que João Franco Barreto chama de *falsos ditongos* (p.108), a saber, <ãa, ãe, ij, iy, ão, üu>, que mais não são do que vogais nasais finais, divergindo por isso de Duarte Nunes de Leão, que defendia a existência de ditongos em vocábulos como *irmaan*, *laan*, *bẽ*, *vintẽ*, *mal/ijjs*, *roijjs*, *boõs*, *doõs*, *atũus*, *vacũus*. Barreto resolve a representação desta nasalidade final como uma única solução – grafar a vogal final com til sobreposto, prescindindo portanto da duplicação gráfica. Quanto aos encontros vocálicos ou hiatos, Barreto adopta uma solução para evitar a ambiguidade entre a grafia dos ditongos decrescentes, grafados com <y>, e a dos hiatos, grafados com <i> (*fay~fai*).

Como condição prévia à fixação de uma representação gráfica, a descrição articulatória dos sons inclui, afora aqueles que antes mencionados, outros fenómenos de ordem dialectal, designadamente o acrescentamento, pelos falantes das regiões de entre Douro e Minho e da Beira, de uma vogal anti-hiática sempre que ocorra uma sequência de duas vogais [a] (*ay agua~a agua*, *ay alma~a alma*, p.73).

No campo da representação consonântica, note-se que a descrição proposta por Barreto é de natureza articulatória e acústica, mas dela não se desprende qualquer

---

<sup>66</sup> Além disso, o ortografista indica formas populares de plural registadas em boca de gente rústica dos arredores de Lisboa: “(...) & aſſi diremos calções, toſtões, porquanto elles [os castelhanos] dizem calçones, tostones, & nã calções, toſtães, como o vulgo circunviſinho de Lisboa coſtuma, & o que aõde acabar ã aês, acabam em oês, como Capitoês, Alemoês, ã vez de Capitaês, Alemaês, & ſemelhantes” (p.105). Note-se aqui a descrição de traços da linguagem popular.

forma de descrição funcional, ainda que incipiente, ao invés do que observou em Fernão de Oliveira, verdadeiro funcionalista *avant la lettre*.

Tal como verificámos para o vocalismo, a representação do consonantismo parte de uma descrição articulatória e acústica, da qual ressalta determinado número de traços. Posto isto, <b>, representativo do fonema oclusivo bilabial sonoro /b/, caracteriza-se pelos traços da oclusão e da bilabialidade (...cõ a respiraçã, que chegando aos beyços estando cerrados, & juntos, os abre, & do meyo delles fae o fõ cõ feu inteyro foído, be por eſſa razã ſe chama letra labial, p.113), os mesmos que quase confundem com o seu correlato <p>, que dele se distingue articulatoriamente apenas pelo facto de os lábios se apertarem *alguma couza mays; & fae o eſpirito, & o folego mays de dentro* (p.115; *pronunciaſe retraindo a lingua, que nã chegue aos dentes, & apertando a campainha, lançando a voz de dentro*, p.156)). O uso de <b> não oferece em regra particulares dificuldades, salvo nas regiões do país onde se regista o betacismo, designadamente na variedade de Entre Douro e Minho<sup>67</sup>, à qual o ortógrafo soma também as beiras, fenómeno geral no castelhano; além disso, devido à fonotáctica, antes desta unidade só pode ocorrer <m>, e não <n>. Com respeito à relação articulatória entre /b/ e /p/, importa referir que Barreto alude à proximidade entre estes fonemas, opostos apenas pelo maior fechamento dos lábios na produção do segundo do que do primeiro, relação essa que justifica o fenómeno de sonorização de -/p/ -> -/b/-.

Mais problemático é o caso do grafema <c>, unidade polifónica por excelência: de facto, devido à evolução fonética da oclusiva velar surda seguida de vogal ou semivogal, representada por <c<sup>e, i</sup>>, esta unidade passou a ter dois um valor fricativo, a acrescentar ao oclusivo que manteve na sequência <c<sup>a, o, u</sup>>, não afectada pelo fenómeno de palatalização. Do ponto de vista gráfico, esta unidade entra em concorrência com as unidades <s>, <k>, <q>, e a sua variante denominada *c cõ cedilho*, na sequência <ç<sup>a, o</sup>>.

---

<sup>67</sup> Cf. p.114: “E allí muytos Portuguezes de entre Douro & Minho, nã advertindo o que vay de uma a outra, as trocam ã a pronunciaçã, eſpecialmente os que ficam mays chegados a Galiza, de tal maneyra, que a vento chamam bento, & em lugar de Bento dizem vento; por vos, voſſo; bos, boſſo: por vida, bida; & quali todos os nomes, ã que ha v, conſoante, mudam o v ã b. & como ſe o fizeſſem, por o fazer ás aveſſas, o que nós pronunciamos per b, pronunciam elles per v (...)”.

u>, atribuída à influência mourisca por Duarte Nunes de Leão e Bartolomeu Ximénez. Assim, três são os valores reconhecidos por Barreto ao grafema <c>, a saber, o de oclusiva velar surda<sup>68</sup>, no contexto antes apontado, o de sibilante surda, e, por último, o valor de palatal surda no dígrafo <ch> (*chapeo, cheiro, chuva*, p.117); note-se, porém, que nem no caso da segunda, nem no da terceira, Barreto faz uma descrição suficientemente esclarecedora acerca da natureza de uma e de outra, embora pareça legítimo concluir-se que se teria perdido a distinção articulatória entre a sibilante predorsodental, grafada com <ç<sup>a, o, u</sup>> e <c<sup>e, i</sup>> e a sibilante ápico-alveolar, representada por <s-><sup>69</sup>, descrita pelo ortógrafo como “(...) letra semivogal, & forma e chegando a lingua ao pádar, junto aos dentes, cõ alguma aspiraçã”, cujo uso em “principio da diçã pronuncia-se á maneyra de ç, cõ cedilho....màs quando se poem singellos entre vogaes soa á maneyra de z (...)”(pp.160-161). Assim se explicam grafias erróneas como *dicer dicemos, conciste, confeço* (passim). Do mesmo modo, de acordo com o depoimento de João Franco Barreto ter-se-ia nivelado em proveito da predorsodental sonora a antiga distinção entre esta sibilante sonora, representada por <-z->, e a ápico-alveolar, grafada por <-s->. Estava assim traçada a redução das duas ordens de fonemas (4 unidades fonológicas) a um único par, mas apenas na língua padrão que assenta na variedade do centro-sul do país, pois a nível dialectal (a região nordeste) elas persistem até hoje (cf. 1º vol., I, 3.3.1., II, 5.5.). Por outro lado, é de salientar que a antiga distinção entre uma africada palatal, representada pelo dígrafo <ch>, e uma fricativa palatal correspondente ao grafema <x>, a julgar pelo depoimento de Barreto, já não funcionava, ou pelo menos verificava-se uma acentuada fase de nivelamento ou de neutralização<sup>70</sup>. À semelhança

---

<sup>68</sup> Cf. p.119: “Pronuncia-se esta letra, chegando a ponta da lingua quasi ao ultimo do ceo da boca para os dentes, nã chegando e elles, màs deyxando algũ respiradouro, per onde se mova o flato”.

<sup>69</sup> Sobre a história do sistema de sibilantes, vide Paul Teyssier, *História da Língua Portuguesa*, 1980, especialmente pp. 49-52.

<sup>70</sup> A correcção de Barreto demonstra efectivamente que essa era já a tendência por volta de 1670-1671; Cf. pp.172-173: “Nosſos Ortografos dizem a pronunciamos ſegundo os arabes o ſeu Xin, como neſtes vocabulos, payxã, caxa, enxada, coxi, enxurrada, & outros, que muytos por a lingua os nã ajudar, ou por mao coſtume, pronunciam barbaramente, dizendo (& ainda eſcrevendo) pachã, catcha, enchada, cochim, enchurrada. De módo que convertem o x ã ch, que he o valor (como dicemos) que os Gregos lhe daõ; ſendo que outros, que ſe devem pronunciar, & eſcrever per ch, como chave, chapeo, chafariz, fexadura, &c eſcrevem & pronunciam xave, xapeo, xafariz, fexadura: o que parece ſe conſerva entre os ruſticos da communicaçã, que tivemos cõ os Francezes (dos quaes temos tambẽ muytos vocabulos) porque eſcrevendo

Cont. na página sgte.

de pares anteriores, o ortografista salienta a estreita relação da surda com a sua correlata oclusiva velar sonora /g/<sup>71</sup>, amparado desta feita na autoridade de Santo Isidoro de Sevilha. Verifica-se aqui mais um caso de heterografia, posto que <g<sup>e</sup>, i> tem o mesmo valor da constrictiva palatal sonora grafada por <j>, facto que decorre, por um lado, da palatalização da oclusiva velar junto de vogal ou semivogal, e, por outro lado, do fenómeno de consonantização de <I> latino, ao passo que nas sequências <g<sup>a, o, u</sup>> e <g<sup>e</sup>, i> tem o valor que lhe é próprio, ou seja, a referida oclusiva velar sonora. Conquanto dominado no princípio fonético, neste sistema gráfico o princípio etimológico e a analogia presidem à distribuição de <g> e <j> representativos da palatal sonora

Já no campo representativo das oclusivas dentais não existe heterografia, porquanto a surda /t/ é grafada unicamente por <t>, e outro tanto sucede com a correlata sonora, representada por <d>; de resto, a semelhança articulatória entre os elementos deste par leva Barreto, inspirado em Quintiliano, a distingui-los apenas pela maior grau de aproximação da língua ao palato no caso da surda, sendo que tal semelhança explica também a sonorização registada -t-> -d-. Atendendo ao primado do princípio fonético, a transcrição da fricativa lábio-dental surda /f/ é assegurada apenas por <f>, sem concorrência de <ph>, estando assim reduzida a heterografia (*filosofia, Filipe, fado, Filemon*, p.126). Segundo a tradição, esta era uma das letras que se faziam líquidas junto líquidas (lateral ou vibrante). O grafema <l> também representa sistematicamente a lateral /l/, cuja articulação resulta do toque da língua com o *pádar viſinho aos dães, mandando fóra ã pouco de espirito cõ que ſua prolaçã he gentil & mansa* (p.144), estando por isso muito próxima da vibrante, igualmente líquida, pelo que se verificam numerosas trocas entre um e outra (*simpres~simplez, claro~craro*).

Afora a representação da bilabial nasal /m/, ao grafema <m> cabe ainda a função de marca da nasalidade vocálica junto de <p, b, m>, donde se conclui que, ao contrário de Duarte Nunes de Leão, Barreto não prevê o seu uso nem como marca meramente etimológica em sequências (*damno, somno, solemne*), nem como marca

---

elles, cheval, chevalier, chasteau, por cavallo, caſtello, pronunciam xeval, chevalier, xatau; porque nã tẽ eſta ã ſeu abece; nã tambẽ os Italianos (...)

<sup>71</sup> Cf. p.128: “Formaſe tocando cõ a lingua ã o Ceo da boca, proximo aos dentes. Tẽ grande parenteſco cõ o c”.

gráfica da composição (bem-bendito, com-comigo). Se sua descrição articulatória assenta, obviamente, no traço da bilabialidade, tal como haviam salientado os Latinos, já a de <n> assenta na aproximação da ponta da *lingua* e a parte *dianteyra do pádar*. Tal como aquele, o grafema <n> marca a nasalidade vocálica em diversos contextos, excepto quando ocorre m antes de p, b e m, ao mesmo tempo que corresponde a uma consoante nasal dental /n/; por outro lado, em obediência ao princípio da fonética, Barretonão aceita grafemas mudos junto de ambas as unidades gráficas, prescrevendo por isso as grafias *sinal*, *sinificaçã*, *anho*, *penhor*, *pimento*, *benino*, *dino-dinidade*, *conheço-conhecido-conhecimento*, *fingimento*, *inorar-inorante-inorancia-inoro*, *lenho*, *prenhe*, *pronostico*, *reynar-reyno* (pp.151-152), algumas das quais – *sinal*, *sinificaçã*, *benino*, *dino*, *inorar*, *pronostico*, *enimatico*, por ex.– indicam uma pronúncia não-latinizada ou vernácula, posteriormente relatinizada devido ao efeito de retorno da grafia sobre a pronúncia. Outras, porém, estão vigentes até hoje, sem que a tendência etimológica sobre elas tenha agido (*penhor*, *pimento*, *conhecimento*, *lenho*, *prenhe*, *reynar*)<sup>72</sup>. Quanto ao grafema <r>, este tanto grafa a vibrante simples em posição intervocálica, final de sílaba, final de palavra, em grupos consonânticos (*primavera*, *arma*, *fervor*, *brandura*, p.158) como a múltipla ou forte, em posição inicial de palavra e precedendo nasal ou vibrante (*rapofa*, *rio*, *rua-onra*, *genro*, *Israel*); já a sua variante dobrada corresponde unicamente a uma vibrante forte em contexto intervocálico (*carro*, *terra*, *birra*, *torre*, *empurre*, *ibid.*). Letra ramista tal como <j>, o grafema <v> representa a constrictiva lábio-dental sonora /v/, para cuja articulação concorrem *os dentes*, *chegando brandamente a ponta da lingua a elles*, & *dexando fair fóra o flato* (p.170). Segundo Barreto nem na figura nem no nome se devem confundir esta consoante e a vogal /u/. Por outro lado, vale a pena referir que o grupo consonântico culto <sc> não ocorre em vocábulos nos quais virá a ser reintroduzido por via da escrita (*nacer*, *nacem~nacer*, *acrecentar~acrescentar*, *mas conhecer* por ex.)

---

<sup>72</sup> Sobre a relatinização gráfica, vide: Maria Helena Paiva, *Vernaculidade versus relatinização: o testemunho dos antigos gramáticos quinhentistas*, Actas do I Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 1985, pp. 275-397; Telmo Verdelho, *Latinização na história da língua portuguesa – o testemunho dos dicionários*, Arquivos do Centro Cultural Português, vol. XXIII, F.C.G., 1987, pp.157-187.

Na sequência da pugna greco-latina acerca da natureza – *littera* ou *nota* – de <h>, a doutrina ortográfica das línguas vernáculas, em concreto a do português, vai dar seguimento a essa divisão de perspectivas a respeito de uma unidade gráfica em certo sentido parasita, visto contar-se entre aquilo que na tradição latina eram as chamadas “letras inúteis”, juntamente com <k>, <q> ou <x><sup>73</sup>, controvérsia clássica à qual Barreto se refere ao invocar as definições de Prisciano, Diomedes, Aulo Gélcio e Quintiliano. Três são as funções atribuídas pelo ortografista a <h>: assim, refutando a existência de aspiração nos dígrafos portugueses (ch, lh, nh), neles <h> corresponde a uma unidade fonológica (*letra*)<sup>74</sup>, nas interjeições portuguesas e em palavras latinas é marca de aspiração<sup>75</sup>, mas tem função distintiva (*distinção*), para evitar a confusão entre a terceira de pessoa do singular do presente do indicativo e a conjunção copulativa (*he~e, umano, passim*), e para distinguir formas do verbo *ir* (*hia, hias*), solução pseudo-etimológica que procura reduzir a ambiguidade, mesmo ao arrepio do espírito da doutrina geral do autor. Retomará este assunto em capítulo de título interrogativo (*Se devem aspirar-se as consoantes, ou vogaes ?*), onde a sua doutrina na matéria fica definitivamente assente: proscricção grafemas latinos representativos das antigas aspiradas gregas, e bem assim de <h>, excepto nos casos acima aduzidos (*Phantasia-fantasia, Phantasma-fantasma, charidade~caridade, Archanjo~arcanjo, Monarchia~Monarquia*, p.183; *homẽ~omem, humano~umano*).

Apesar da alusão à discussão sobre a inutilidade ou a funcionalidade das chamadas letras inúteis na Antiguidade, em especial entre os Latinos, a verdade é que

<sup>73</sup> Sobre as ideias latinas sobre a escrita, vide: Françoise Desbordes, *Idées romaines sur l'écriture*, PUL, 1990.

<sup>74</sup> Cf. p.132: “Em nossa lingua (& na Castelhana) nã he duvida que tã tres officios, porque realmente serve de letra, de aspiraçã, & distinça. Que seja letra he cousa manifesta (...) porque se he he impossivel escrevermos muytos vocabulos, como são, chave, chapeo, achar, cheyrar (...), conselho, espelho, engenho, senhora (...); e p.135: “sonho me parece o que os nossos Ortografos dizerem acerca do ch, lh, nh, que elles chamam letras aspiradas, concederalho eu se de cada uma dellas me deram um figura, ou forma como os Gregos as tã para o th, ph, ch, , mãs se nós nã temos carateres propios para o ch, lh, nh, de que servẽ essas invẽções?”.

<sup>75</sup> Cf. p.133: “Que seja aspiraçã he cousa ã que todos vã, suposto que entre os antigos (segundo Quintiliano, lib. I c.5.) se duvidou tambẽ se era letra, ou nota: os mays sentenceam ser aspiraçã; porque se pronuncia simplesmente da guella, & nã se forma dos instrumentos da boca, como as demays letras; & por essa razã a chamã aspiraçã gutural (...).”.



Barreto não exclui <k> do seu inventário acima transcrito. Após traçar com base na autoridade dos clássicos a história de <k>, o ortógrafo pondera as vantagens e as desvantagens da inclusão de <k> no alfabeto, chegando a sugerir a substituição de <qu<sup>e,i</sup>><sup>76</sup>, solução que não vingará no seu sistema, decerto por ser revolucionária; todavia, dois séculos mais tarde, ela constituirá uma das bandeiras reformistas do sonocista Barreto Corte-Real (cf.1º vol., II, 2.1.5.)<sup>77</sup>, cuja proposta contempla precisamente o emprego exclusivo de <k> para grafar a oclusiva velar surda. Entre os Antigos, <x> e <z> eram por sua vez definidas como “letras dobradas”, definição que persistirá na terminologia e na doutrina metaortográfica portuguesas até bem avançado o século XIX, mais por mera repetição do paradigma definicional clássico do que pelo valor daquelas unidades gráficas em português. Para além de repetir essa noção, Barreto atenta sobretudo nos valores de <x> na língua portuguesa, a saber, valor fricativo palatal surdo, referido mais acima, e um valor que tem nas palavras *exemplo*, *exame*, *exercito*, *excellente*, *execuçã*, *exercitar*, *exceder*, *exercicio*, *extraordinario* (p.173), cuja realização é insuficientemente descrita, mas parece apontar para [ks], visto corresponder à pronúncia latina; porém, ao invés do latim, não é admitido em posição final de palavra (*crux~cruz*, *lux~luz*, *pax~paz*). Por último, <z> é outra letra

---

<sup>76</sup> Cf. p.142: “Nã obstante iſſo, digo, que poys nós mudamos ſobre e, i, o c, ã qu, que melhor fora valermonos do K, como cõ grande acerto fazem outras nações. (...)Màs a raſã, que me inclina a nós admittirmos eſta letra ã lugar do qu, ſobre e, i, he; por que ao q, quando ſe ajunta cõ u, [de cuja aſſiſtencia pende todo o ſeu valor, & ſẽ o qual fica como morto] ſobre e, i, nã lhe damos a verdadeyra pronunciaçã, que ã a lingua Latina ſintimos no qui, que; ã as quaes ſinrimos o ſoido daquelle u, que nã ſintimos ã as meſmas dições Aportugueſadas, querella, quieto: onde parece que nã pronunciamos, como eſcrevemos: & o meſmo ſucede ã outras ſemelhantes, o que nã ſeria, ſe as eſcreveſſemos cõ k. kerella, kieto, &c. Bã he verdade, que as couſas novas nã pòdem introduzirſe ſe perigo, como advertio, Quintiliano màs todavia, havemonos de atrever (...). Finalmente digo queainda que eſta letra k, entre nós nã he uſada, ſendo o, fará ſſeu officio & obrigaçã muyto bã, ſobre as ditas letras, e, i, na forma, que dicemos”.

<sup>77</sup> Esta proposta de João Franco Barreto não colhera nem entre os coevos nem entre os seguintes, como se vê pela apreciação de Rafael Bluteau, na sua *Prosa grammatonomica* (1728, p.206): “Sem tanta altercaçã, e variedade de opinioens, naõ he muito mais facil, e mais acertado, ſeguir neſte genero de dições a ſua origem, quer do Grego, quer das linguas Septemtrionaes, quer de outros mais e ſtranhos idiomas? Já que naõ aportuguezamos a dicçãõ toda; porque razaõ naõ uſaremos da ſua primeira letra, que he a porta, pela qual naturalmente do que ſignifica? Ha mais de cincoenta annos, que na ſua Orthografia Portugueza, pag.142. Joaõ Franco Barreto ſolicita a introducçãõ geral do K no idioma Portuguez. A mim me parece, que hoje eſtã a ſua pretenſãõ taõ adiantada, como no dia, em que ſahio o ſeu livro á luz; da minha diligencia para eſte effeito, ſupponho, que daqui a cem annos ſe dirã o meſmo. Diga cada hum o que quizer, e eſcreva como entender (...)”.

dobrada cuja pronúncia entre os Antigos se perdeu, corresponde em português a uma constrictiva sibilante sonora que se realiza *encofando a ponta da lingua ao pádar no confim dos dentes cõ mays força, que o f, & cõ menos que o c.* (p.175), motivo por que é de difícil precificação o seu uso. Ainda assim, com grafar-se-ão os femininos derivados de outros (*avaro-avareza, certo-certeza, forte-fortaleza, firme-firmeza*); os oxítonos, quer sejam substantivos ou adjectivos, quer sejam nomes próprios ou apelativos (*arganaz, arcabuz, algoz, perdiz, Badajoz, Andaluz, Frãcez, Ingrez, Portuguez*, p.176), resolvendo possíveis homografias por meio de um acento (*Marquéz* “título de nobreza”~*Marquez* “patronímico”); as terceiras pessoas do presente do indicativo dos verbos fazer, dizer, jazer, trazer (*faz, diz, jaz, traz*) e a terceira do pretérito de verbo pôr (*puz*) e seus derivados; os numerais de dez até trezentos; os restantes patronímicos não oxítonos (*Alvaro~Alvarez, Antonio* ou *Antã~Antunes, Lopo~Lopez, Mendo~Mendez, Tello~Tellez*, p.177).

A exposição das unidades gráficas do plano alfabético, isto é, aquelas que remetem para o sistema fonético-fonológico da língua que representam, é completada pela abordagem de outros aspectos, a saber, as grafias dobradas (Cap. XLV, pp.179-188), a aspiração de certas consoantes (Cap. XLVI), as letras em final de palavra (Cap. XLVII), a grafia dos plurais (Cap. XLIX) e à constituição das sílabas (Cap. XLIV). Conquanto o ortógrafo perfilhe o princípio fonético em detrimento de qualquer outro, admite grafias dobradas em condições que já haviam sido determinadas pelos Latinos e repetidas por alguns iniciadores do discurso metaortográfico português (cf. supra, Ferreira de Vera): natureza das palavras, derivação, significação, corrupção, variação e composição. Não obstante estes preceitos, regista-se uma fraca ocorrência de grafias dobradas na Ortografia de Barreto, justificada de certo pela restrição feita pelo ortografista: “(...) os que tiverem ufo, & conhecimento da lingua Latina, poderão saber que nomes dobram, ou nã dobram as letras; & os que nã forem Latinos, imitando a eſcritura dos omens doutos; ainda que eſta regra he mays para os vocabulos Latinos, que para os Portuguezes” (p.180). Posto isto, em nome da “derivação” as duplas ocorrem em nomes e verbos derivados (*terra-terreyro-terrefire, terreal, terreno, entero, enterrar, soterrar*); a “significação” determina a duplicação das consoantes em diminutivos (*verde-verdette, pequeno~pequenette, azedo~azedotte*, cf. infra Manuel de Figueiredo); a corrupção (*corruçã*) justifica as dobradas devido à evolução fonética

(DICTUM> *ditto*); a variação implica a duplicação dos imperfeitos do conjuntivo, por ex. (*amasse, leffe*); por fim, o respeito pela composição dos vocábulos leva à introdução de grafias duplas, critério cuja aplicação não aceita sem restrições, porque muitas delas são desnecessárias em português à luz do critério fonético, que volta a imperar, designadamente no caso de <b, d, f, g><sup>78</sup>. O mesmo critério assiste igualmente à inclusão das dobradas <-rr-, -ss->, e bem assim de <ll, cc~çç, mm, nn>, às quais é conferida uma realização distinta das correspondentes *singelas*: assim, <ll> distingue-se de <l> pela orelha (*amalla-amala*), quer <mm> quer <nn> parecem indicar, por seu lado, uma realização nasal da vogal antecedente do primeiro elemento (*immenfo, immemoravel, immodefo, immundo, imunidade, emmadeyrar, emmagrecer, emmanquecer, emmanquecer, emmafrear, emminicer, emmendar, emmudecer*, p.184, *innavegaveis, innocente, innovar, innovaçã, innemeravel, ennafrar, ennobrecer, ennubrar*, *ibid.*), para além de terem função meramente distintiva em caso de homografia (*pena~penna, dona~donna*, p.185).

Com respeito às “letras” em que podem acabar as palavras portuguesas, Barreto refere todas as vogais orais, todos os ditongos e as consoantes <l, m, n, r, s, t>. Fornece diversas regras relativas à formação e grafia dos plurais dos nomes. Se aos nomes em vogal, acrescenta-se-lhes um <s> e aos terminados em *-al*, troca-se a lateral por <-es>. Os nomes em *el* mudam-na em <eys>; em *-il* substituem-na por <is>, indistintamente de serem ou não oxítonos; em *-ol* trocam-na em <es>; em *-ul* mudam a lateral em <es> (*mortal-mortaes* < lat. MORTALES; *cruel-crueys; gentil-gentis; fol-foes* < lat. SOLES; *azul-azües*, pp.191-192). Os nomes em vogal ditongo nasal [ãw], grafado <-ã>, fazem o

---

<sup>78</sup> Cf. p.183: “Affi, que quando a pronunciaça, & o foido responder tanto á letra fíngella, quanto á letra dobrada, por nenhum módo dobraremos a letra, mãs sempre a escreveremos fíngella; eſpecialmente b.d.f.g. que nunca ſe dobram, porque do meſmo módo ſoam ã a orelha, abbade, que abade, afirmar, que afirmar [afirmar], aggravar, que agravar, & outros taes: polo que confeço que nã poſſo ſintir eſſa muſica oculta & dilicada, que nas letras conſideram alguns Ortografos noſſos; ſinto ſomente o do atambor. & da trõbeta, como elles dizem, nã o instrumento de cordas: porque aindaque alguns vocabulos, que dos Gregos ou Latinos tomamos, dobram acerca delles algumas conſoantes, como noſſas orelhas nã comprehendem a diferença, que vay das fíngellas ás dobradas, nã ſamos obrigados a conſervar a analogia deſſes taes vocabulos, que cada idioma tã ſua ortografia & dialectos proprios”. Acrescenta ainda p.184: “E affi torno a dizer, que ã noſſos vocabulos nã dobraremos letra alguma ſenã quando a orelha o pedir; como em acçã, dicçã, occidãte, occidental, accidente, & noutros taes, quãdo os pronunciamos parece que o primeyro c. fica apegado, ou retardado ã a garganta, & que o outro vay caindo ſobre a vogal que ſe lhe ſegue: ſã a qual pronunciaça nã ficã tã cheyos os taes vocabulos”.

plural em <-ães>, <-ões> e <-ãos>, conforme a respectiva procedência latina (*capitães* < lat. CAPITANES, *sermões* < lat. SERMONES, *aldeãos* < lat. ALDEANOS), embora reconheça a existência de plurais duplos e triplos por analogia. Os nomes em vogal nasal final fazem o plural em <-ns> ou <-s>: *virgẽ~virgẽs~virgens*, *almazẽ~almazẽs~almazẽs*, *marfĩ~marfins*, *tõ~tons*, *debrũ~debruns*. A mesma alternativa se coloca no caso dos vocábulos em -an (*can-cãs~cans*, *irman-irmãs~irmans*, *van-vãs~vans*). Já os plurais dos nomes em <ar, er, yr, or, ur> e <az, ez, iz, oz, uz> se resolvem pelo acrescentamento de <-es>, sem exceção nem alternativa, como *pomar-pomares*, *mulher-mulheres*, *martyr-martyres*, *favor-favores*, e *paz-pazes*, *rez-rezes*, *giz-gizes*, *veloz-velozes*, *luz-luzes*. Relativamente à sílaba, definida à semelhança das folhas de uma árvore, ela pode ser constituída por uma vogal ou um ditongo, por uma vogal e um ditongo, por uma vogal ou ditongo juntamente com uma ou duas consoantes, por uma vogal e três consoantes (ex. *tu*, *tra-zes*, *lobf-tabelecer*, *Trãf-tagano*, p.196). No tratamento da sílaba tem particular relevância a fonotáctica, ou seja, a combinatória das unidades e a forma como elas se condicionam mutuamente na cadeia fônica: assim, Barreto rejeita todas as sequências contrárias ao princípio fonético que haviam sido propugnadas por Duarte Nunes de Leão (*ſcrever~escrever*, *ſcritura~escritura*, *ſforço~esforço*, *ſmeralda~esmeralda*, *ſpecie~esmeralda*, *ſpirito~espirito*, p.198; *Doctor~Doutor*, *precepto~preceyto*, *pecto~peyto*, *augmento~aumentto*, *digno~dino*, p.199).

#### 2.5.1.1. Diacríticos

Em matéria de diacríticos, João Franco Barreto admite quer os acentos, quer o til. Quanto aos primeiros (Cap. LII), embora consciente da dificuldade na sistematização do seu emprego, o ortógrafo estipula as condições e a função dos acentos agudo, grave e circunflexo, ao mesmo tempo que lhes descreve a figura, sendo o primeiro a marca por excelência da sílaba tónica ou predominante. Todavia, o uso dos acentos na tónica aberta ou fechada justifica-se apenas em caso de ambiguidade entre formas homógrafas, como é o caso da primeira e terceira pessoa do pretérito mais que perfeito e do futuro dos verbos (*amara~amará*, *lêra~lerá*), ou para pôr em evidência a oposição de timbre entre formas de singular e as correspondentes do plural, ou, ainda,

entre formas masculinas e femininas (*avô~avós, dono~dónos, olho~ólhos; pôrco~pôrca, tôrto~tórta*, p.207). Quanto ao acento grave, é de notar que o seu uso na **Ortografia** de Barreto não é muito frequente, já que só marca a vogal fechada dos monossílabos sempre que tenha função distintiva em caso de homografia, de que são exemplo *fé~fê~se* (p.205) e *màs~más* (p.207).

O til (Cap. XLIV, pp.178-179) não é tratado no âmbito dos acentos, mas logo após as unidades alfabéticas e antes das consoantes dobradas (cap. XLV). Contrariando ortógrafos precedentes, segundo os quais é uma risquinha ou linha, e não uma verdadeira letra, Barreto define-o como *meya letra*, pois por si só carece de valor, embora confira um valor próprio ao grafema vocálico sobre o qual figura. A sua função supletiva manifesta-se nas abreviaturas de diversos nomes, entre eles os patronímicos, e, em geral, na substituição de m ou n em palavras como *tãpo~tempo* ou *cãto~canto*, excepto junto de <b, p, m>; do mesmo modo, o til marca a nasalidade vocálica em final de palavra (*razã, vintã, jasmã, bõ, atũ*, p.179) em lugar de <m>, porque este é aqui interpretado como uma consoante nasal bilabial em vez de mera marca da nasalidade vocálica.

### 2.5.2. Plano extra-alfabético

A este nível pertencem todas as unidades que não remetem para o plano fonético-fonológico da língua, mas antes para níveis como o supra-segmental ou o sintáctico e semântico, correspondendo, portanto, à chamada pontuação, conceito que, em sentido lato, abrange três níveis hierarquizados – pontuação de palavra, pontuação de frase e pontuação de texto.

Esta concepção de pontuação assenta na assunção do princípio de que pontuar é marcar, separar, individualizar palavras, entendidas, frases ou segmentos de frases e textos, concepção que decorre, não da abstracção teórica do historiador, mas da evidência de que os próprios ortografistas não se ativeram ao plano alfabético. De facto, no âmbito do que denominámos de pontuação de palavra, João Franco Barreto ocupa-se do apóstrofo, unidade que contribui para a delimitação da palavra enquanto unidade gráfica e fónica, visto indicar a elisão de uma vogal. Na doutrina metaortográfica barretiana, ao apóstrofo, cuja figura equivale a *uma virgula às aveffas*,

cabe então a função antes referida, evitando-se desta maneira o concurso de vogais em hiato ao qual os latinos chamavam *synalefa*. Porém, a prescrição do uso do apóstrofo em *d'Evora, d'Elvas, d'Almeyda, s'Oliveira* (p.213) não se estende aos casos em que a contracção já foi sancionada pelo uso geral, designadamente nas contracções de preposições com artigos ou pronomes pessoais ou demonstrativos (*no, na, delle, deste, daquela*, p.213). Do uso do apóstrofo resulta, portanto, uma maior isomorfia entre os planos gráfico e o fónico, visto esta unidade estreitar a relação entre um e outro na leitura<sup>79</sup>.

A pontuação de frase compreende a *virgula* [,], *colon imperfeito* [;] *colon perfeito* [:], e *periodo* [.] , sendo que a primeira, como referia Roboredo (cf. supra, 3.1.), também é conhecida como *coma, inciso* ou *meio ponto*. Definida com base nos critérios semântico e pausal (...*para distincã, quando ainda nã está dito tanto que baste para o sãido, mäs descança, para dizer mays*, p.216), a vírgula serve para separar o verbo e suas expansões, entre adjectivos e substantivos seguidos. Já o ponto e vírgula (*colon imperfeyto*) situa-se hierarquicamente entre a vírgula e os dois pontos, pois ocorre sempre que aquela não basta e estes são demais, prescrição bebida da tradição clássica, segundo a qual os três pontemas em causa correspondem a três graus de força – pontuação fraca, média, e forte. Ao invés de Duarte Nunes de Leão, Barreto considera o ponto e vírgula útil, mas de difícil prescrição por ser marca da incompletude do enunciado, avaliação por vezes mais de ordem estilística do que gramatical. Note-se, por outro lado, que o critério pausal não assiste à exposição sobre o uso deste pontema, ao contrário da vírgula. Outro tanto acontece com os dois pontos ou *colon perfeyto*, cuja função é assinalar completude da sentença (critério semântico), mas não a do período que integra, visto este compreender vários *membros, ou sentenças difintas per suas virgulas, colõs, & rematadas cõ o ponto final* (p.219). Além disso, ao introduzir as palavras de um sujeito diferente do sujeito da enunciação, constitui uma marca da

---

<sup>79</sup> Cf. p. 214: “(...) o apóstrofo foy inventado paraque as palavras do periodo corram mays doces, expeditas, juaves, & deleytofsas, & a lingua folte se asperiza as palavras inteyras, & segundo os preceyos dos oradores sempre se deve de atender muyto á contunuaçã das palvras, que confijte e as compor, e ordenar de maneyra, que o seu concurso nã seja aspero, nã vagaroso, como acõteca, se a cada vogal se quizer dar o seu sã, porque a presteza da palavra a faz deleytofa”.

citação (discurso no discurso), sendo então seguido de maiúscula. Marca de encerramento ou conclusão, concomitantemente com a chamada maiúscula de frase, o ponto final corresponde por isso à pontuação mais forte, apesar de o ortografista não referir a extensão da pausa. A este propósito, Barreto apoia-se na autoridade do espanhol Jiménez Patón, no seu **Epítome** (1623).

Às unidades que separam ou hierarquizam os segmentos do enunciado (*virgula*, *colon* e *periodo*), o ortógrafos acrescenta unidades pontuacionais indicadoras da modulação do enunciado (*interrogaçã* ou *final interrogativo*, *admiraçã* ou *sinal admirativo*), da inserção (*parentesis*), e da separação de conteúdo (*paragrafo ¶*). O parêntese serve para inserir segmentos no enunciado sem afectar o seu sentido. Mais forte é a função separadora do parágrafo, pois assinala a mudança de tratado, logo de matéria. O ortografista aponta três figuras para este sinal, designadamente [Γ], [T] e [¶], o último dos quais é usado pelos juristas.

Ao inventário precedente, junta Barreto *outros sinaes*, cujas funções se enquadram quer na pontuação de palavra, quer de frase, quer na de texto. Assim, a *divisã* [-, =]<sup>80</sup> e o *hyphen* [Ω] são marcas da pontuação de palavra, visto que uma separa as sílabas na translineação, e o outro liga os elementos de uma palavra composta, como em *passã* Ω *tempo*, *guarda* Ω *porta*, *val* Ω *verde*, *porto* Ω *salvo* (p.223), exemplos bem interessantes, tanto mais que durante muito tempo o hífen ocorria nos textos com esta função, ainda que elea estivesse teoricamente prevista pelos ortógrafos e gramáticos. Quer dizer: a função lexical do hífen é relativamente recente, se não pela doutrina, pelo menos na prática patente nos textos do século XVI até bem avançada acentúria de oitocentos. De função e figura inversas à do hífen [Ω], a *desuniã*, *antiphen* ou *Hypodiastole*<sup>81</sup> – os dois últimos termos são de inspiração horaciana e ciceroniana segundo Barreto –, é um sinal usado pelos correctores de impressões para separar letras

---

<sup>80</sup> Cf. p.222: “Este final - que chamamos divisã, se poem no fim da regra, quando acerta de algum vocabulo nã caber ali inteyro, & se hade partir, para nota de que a sílaba ou sílabas, que cõ o tal final se apartam, pertencẽ á sílaba, ou sílabas da regra seguinte, & alguns o costumam dobrar assí = & como se hão de apartar estas sílabas, dizemos ã seu lugar”.

<sup>81</sup> De origem grega, este termo ocorre ainda no *Novo Dicionario da Lingua Portugueza* (2ª ed., t. 3, 1852, p.718), de Eduardo de Faria, como sinónimo de *antiphen*.

ou palavras indevidamente juntas. Ao invés do anterior, o *angulo* ou *meta* [Λ] serve para denotar palavras acrescentadas entre linhas nos manuscritos, devendo figurar um no texto e outro na margem. O *antigrafo* ou *meyo circulo* [▷] permite separar as palavras de um autor glosado; é seguido de maiúscula.

Embora figurem no mesmo inventário dos precedentes, pertencem à pontuação de texto o asterisco [\*], cuja função é denotar falta de palavras de um autor, o *obelisco* ou *pequena ponta de espeto*, que pode ter as figuras [—], [≥], [ -], cabe a função de realçar as palavras ou versos adulterinos, tendo por isso função contrária à do asterisco. Por último, a *bracchia* [∪] e os *apices* [ " ] pertencem ao nível dos diacríticos (cf. supra): a primeira indica entre os Gregos a quantidade breve das vogais; os segundos assinalam a ausência de hiato (*Jaüde, alaüde, poëta, painço, tabüi*, p.222). Refira-se, por fim, que na **Ortografia** barretiana aparecem os colchetes ou parênteses rectos para indicar as fontes ou autoridades invocadas (...[como Ximenes advertio, ã o seu Epitome]..., p.219), embora o autor não se lhes refeira explicitamente; também aparecem com frequência os parênteses curvos, neste caso para acrescentar ou indicar o sujeito da enunciação (...*(como já disse)*..., p.176;...*(eu se assi me he licito, seguindo os preceytos de Horacio, & de Cicero)*...; ...*(se me nã engano)*..., p.223).

Ao âmbito da pontuação de palavra pertencem as abreviaturas, visto corresponderem a um significante gráfico de certas palavras mais frequentes, sem prejuízo do acesso ao seu significado, motivo pelo qual Barreto prevê a manutenção desta longa tradição. Neste aspecto socorre-se da autoridade de um moderno – o espanhol Jiménez Patón. Posto isto, o ortografista aponta as seguintes: S. (Senhor), V.S. (Vossa Senhoria), V. A. (Vossa Alteza), V. E. (Vossa Excellencia), V. M. (Vossa Merce), V. P. (Vossa Paternidade), V. R. (Vossa Reverencia), El R. N. S. (El Rey Nosso Senhor), A. (Autor), R. (reio), P. (pede), R. M. I. (receberá merce, & justiça). Afora estas, são igualmente referidas umas que incluem um til – *Miã* (Misericordia), *phiã* (filosofia), *fiçã* (sentença) – e outras correspondentes a nomes de pessoa, como An<sup>to</sup>. (Antonio) Fr<sup>co</sup>. (Francisco), M<sup>el</sup>. (Manuel), P<sup>o</sup>. (Pedro) e certos patronímicos. Às abreviaturas acima acrescenta os números romanos.

Dos dados aqui compulsados, fica clara a originalidade da doutrina e do discurso metaortográficos de João Franco Barreto quando comparados com os de outros autores,



mesmo posteriores. Podemos, por isso, colocá-lo entre os primeiros verdadeiros reformadores defensores de uma corrente ortográfica que viria produzir projectos de reforma revolucionários na centúria de oitocentos (por ex. Corte-Real, Castanheira Nunes, João Félix Pereira, cf. 1º vol., II, 2.1.4., 2.1.5., 2.1.6.), época bem mais propícia à questionação de legado greco-latino, inspirada pelas ideologias sociais então vigentes ou florescentes. Desta forma, logo aqui ficam traçadas as duas principais tendências que, a modo de universais metaortográficos, assistem à consubstanciação de qualquer sistema gráfica: a etimológica ou diacrónica e a fonética ou sincrónica. Como é óbvio, elas derivam de outras tantas *formae mentis*, pois se a segunda decorre da assunção da tradição, a segunda, pelo contrário, emana da modernidade: enquanto esta procura um maior grau de isomorfismo entre a escrita e a fala, aquela chega a criar, em certos casos, uma espécie de diglossia.

### 3. Os setecentistas

#### 3.1. José de Macedo (1710)

José de Macedo (1667-1717), natural de Lisboa e bacharel por Coimbra, publica Amsterdam (em Casa de Miguel Dias) o **Antidoto da Lingua Portuguesa** sob o pseudónimo de António de Melo da Fonseca (cf. Inoc., t. IV, pp. 428-429); sem indicação do ano na folha de rosto, a obra sai com dedicatória datada de 1º de Janeiro de 1710. Embora no caso de Macedo se desconheçam os motivos para o uso do pseudónimo, a verdade é que a ocultação do nome era frequente ao tempo do autor por razões de ordem diversas, com destaque para a perseguição política e religiosa.

Nesta obra, o escritor expende todos os argumentos ou antidotos, na expressão do autor, com vista a sanar, já na pronúncia, já na ortografia, o maior mal da língua portuguesa: o ditongo *aõ*. De facto, a proscricção deste ditongo como principal escopo deste **Antidoto** significava uma autêntica reforma fonética e gráfica, proposta que, em especial no campo fonético, traduz a ideia de que é possível fixar e seleccionar a língua

aprioristicamente<sup>82</sup>. Boa parte do **Antidoto** está consagrada à *pronúncia* e à *orthografia*. A índole apriorística das reformas propostas pelo autor comprova-se até na avaliação subjectiva das particularidades das línguas: de facto, Macedo recorre a noções como a da formosura exterior e interior da língua portuguesa, determinadas pela *propriedade, facilidade, simplicidade, jucundidade, concinnidade, naturalidade, viveza, clareza, pureza, nobreza, delicadeza, belleza, graça, harmonia, elegancia, e perfeição*, que se inscrevem naquilo naquilo que denominamos o “enaltecimento da língua materna”, tópico que havia percorrido os textos metalinguísticos desde o Renascimento. A demonstração da superioridade da língua portuguesa estriba na invocação de autoridades literárias nacionais, como Severim de Faria (cf. supra), por exemplo, castelhanas, como Cervantes ou Gôngora; das fontes metaortográficas portuguesas, destacam-se Duarte Nunes de Leão (cf. supra, 2.4.), Álvaro Ferreira de Vera (cf. supra, 3.3.), e João Franco Barreto (cf. supra, 3.5.); das fontes castelhanas, Francisco de Robles e Mateo Alemán (cf. Anexo 2, 4.). A etimologia e a analogia preponderam em nome da aproximação da língua latina: assim, admite as duplicações de grafemas e grupos consonânticos, dígrafos greco-latinos cultos e grafemas mudos etimológicos (*abbade, innocente, damno, adolescencia, monarchia, teatro, fructo, subditos*, p.20). Mas quer no plano da pronúncia, quer no plano gráfico, o grande alvo da atenção de Macedo é o ditongo grafado <aõ>, cuja proscricção da língua portuguesa é proclamada em termos que corroboram a ideia de que a língua é seleccionada de maneira intencional e apriorística, ao declarar que “(...) parabotar fora da noſſa lingua eſte ditongo aõ, he, naõ acabar com elle as palavras, que com elle acabamos, e introduzir nellas, em lugar delle, outra terminaçaõ mais agradavel, com que as acabemos. (...) Nem parece, que alguem dirá, que naõ ſeria mui facil extinguir totalmente a forte perſeverancia deſte vicio, ſe naõ foſſe difficil para iſſo unir os noſſos ſentimentos (p.64)”. Desta modo, ao amparo da pronúncia castelhana, que lhe serve de referência, o remédio proposto pelo autor consiste numa verdadeira intromissão na pronúncia resultante da história da língua, ou seja, da sua normal mudança: “Porem os

---

<sup>82</sup> Vide: António José Saraiva e Óscar Lopes, **História da Literatura Portuguesa**, 8ª ed., Porto Editora, p.652.

curiosos querem saber o meu voto neste particular, digo que eu não repreovaria, que acabássemos no singular em one, e no plural em ones todas as palavras, que no plural acabamos em oës (...); e que fo acabássemos no singular em ano, e no plural em anos todas as que no plural acabamos em aõs, ou em aõs” (p.69). Por último, registre-se o uso de <x>, onde habitualmente figura <z> (*capax*).

### 3.2. António da Silva Álvares (1715)

António da Silva Álvares, natural do Porto, foi mestre de primeiras letras e autor das **Regras de Escrever certo & Exemplar de contas, em que se ensina com toda a clareza o methodo da boa Orthographia, e juntamente a praxe das quatro especies da conta** (Coimbra, No Real Collegio das Artes, 1715)<sup>83</sup>. De marcados objectivos pragmáticos, esta obra caracteriza-se pelo seu reduzido fôlego reflexivo ou doutrinal, já que nela o autor fornece apenas as instruções mínimas para o acesso a uma escrita correcta, a saber, o número de letras (20 ou 21, incluído y e excluído h), divididas em vogais (seis) e quinze consoantes; o uso da maiúscula (letra grande); a pontuação de frase; a pontuação de texto (parágrafo); a marca gráfica de translineação (=); os valores de diversos grafemas; a grafia dos “compostos”; a acentuação e os grafemas polifónicos. Se a representação não é tratada explicitamente pelo autor, já a representação lhe merece mais atenção: António da Silva Álvares trata da fonotáctica de <m>, que precede sempre <b, p>; descreve o valor forte da vibrante precedida de nasal (*Henrique, honra*, p.10); distingue o valor fricativo palatal sonoro de <g<sup>e, i</sup>> do valor oclusivo velar sonoro das sequências <gu<sup>e, i</sup>, g<sup>a, o, u</sup>>, reservando-se a sequência <gu<sup>a, o, u</sup>> para os casos em que o suporte vocálico é articulado [gw]; em <l> reconhece os valores de consoante fricativa palatal sonora /ʒ/ (*j comprido*), semivogal<sup>84</sup> anterior (*y Grego*), vogal anterior (*i pequeno*), o segundo dos quais é introduzido pseudo-etimologicamente nos ditongos portugueses seguidos de vogal ou finais (*meyo, joya*,

---

<sup>83</sup> Cf. Inoc., t. I, Lisboa, Imp. Nacional, 1858, p.269.

<sup>84</sup> Cf. p.13: “Do y Grego se usará em meyo de dicção, quando acontecer vir duas vogaes, e nunca terá pronunçiação de consoante (...)”.

*mayor...Madureyra, Moreyra, p.13-Rey, darey, foy, p.14*), para além das palavras em que é justificado pela etimologia (*symmetria, sympatia, p.14*). Quanto a <v>, Silva Álvares faz a descrição da figura e dos valores consonântico e vocálico do grafema (v-u). No entanto, o autor ocupa-se mais extensamente da representação das sibilantes, devido à heterografia das unidades em causa; por isso, explica a distinção de uso de <c, s, z>, e bem assim de <ç, -ss->, com base no critério da pronúncia pouco esclarecedor: “As letras, que se costumãõ muitas vezes trocar hūas com outras nesta nossa linguagem, sam estas, que se seguem: C, S, Z; e isto nace de muitos nam saberem a differença, que há de hūas ás outras na pronūciaçãõ. E assim ha nesta parte erros tã manifestos, e tambem recebidos de algūas pessoas, que cuidam, que dous ss, em meyo de diccam, tem muitas mais semelhança de Z, que de C; no que totalmente se enganaõ; porq dous ss tem mais semelhança de C, que de Z; assi como *remissam, profissaõ, &c.* e hum mais de Z, q de C, (digo em meyo de diccam entre duas vogaes) assi como: *casa, peso, &c.* q se estiver diante de cõsoante, ainda que seja em meyo de diccam, hum só terá a mesma força, que tem dous: assi como, *defensaõ, descanso, &c.* Finalmente esta letra s em principio de dicçaõ, e em meyo diante de consoante, e ainda quando dous ss se poem entre dous ss se poem entre duas vogaes, sempre tem hūa mesma força: e se pronuncia de sorte, que parece ter mais semelhança de C, que de Z” (pp.21-22). Para reforçar estas distinções recorre ao Latim, cujo conhecimento se torna necessário a quem pretenda fazer uso correcto das diversas grafias. Relativamente a <ç<sup>a, o, u</sup>>, ou seja, c com *plica*, que merece tratamento diferenciado dos grafemas precedentes, é de salientar a sua equivalência ao valor de <s>, mesmo integrado na sequência <cç>, a respeito da qual menciona variantes decorrentes de erros de impressão (*diccam-dicçaõ*, cf. supra). As grafias dobradas <cc>, <ss>, <ll>, <nn>, <rr> e <ff> são justificadas em nome da composição, ocorrendo em palavras começadas em a, i, o, di (*affirmo, accidente, asseguro, illustre, innumeravel, irregular, dificuldade*), mas também nos exemplos *elle, daquillo, delles, fallar*. Apesar de o autor nada esclarecer a propósito dos grupos consonânticos, eles aparecem decerto em obediência ao princípio etimológico, que não ao fonético (*escriptas, escriptura*).

Por último, <h> serve para grafar as formas verbais *há* e *he*, a interjeição *Ah*, e uns quantos vocábulos mais onde é etimológico (*homem, honra, honestidade, historia, p.12*), ou tem função anti-hiática (*cahiam*), que contrastam com *avia, aver, avendo*;

não há, todavia, qualquer menção especial nem aos dígrafos greco-latinos (ch, ph, rh, th), nem aos dígrafos vernáculos (ch, lh, nh), em que ele figura. Sublinhe-se, por outro lado, a alusão ao fenómeno de indistinção, embora com carácter dialectal, entre os valores de <x> e o de <ch>, ou seja a não oposição entre uma fricativa palatal surda e uma africada palatal, ambas surdas, ao declarar que “(...) em muitas partes de Portugal, que não só dizem, mas escrevem *xa* em lugar de *cha*, como *xapeu*, avendo de pronunciarse, e escreverse *chapeu*, *chave*, e não *xave*, *peixe*, e não *peiche*, *puxar*, e não *puchar*, *deixáram*, e não *decharam*” (Prologo).

No capítulo dos diacríticos, verifica-se a adopção de acentos gráficos apenas dirimir ambiguidades entre palavras de *duvidosa significação*, aianda que nesta matéria muito tenham discrepado os ortógrafos, visto uns aplicarem acento, onde outros aplicam circunflexo, por exemplo. Ainda assim, Silva Álvares propõe o uso de acento agudo nas contracções de preposição e de artigo (*á-ás*), nos monossílabos com vogal aberta (*sá, sé, só*), e, sobretudo, na grafias de formas verbais de mais-que-perfeito e de futuro imperfeito do indicativo (*alcancára-alcancára, louvára-louvará, aggradecêra-aggradecerá*) ou de pretérito perfeito e de futuro (*alcançáram-alcançarão, louváram-louvarão*), nas quais o acento marca uma oposição de carácter gramatical ou morfogramática (cf. 1º vol., I), cumulativamente com a diferente terminação nasal. Afora estes exemplos, o acento, sobre todos os grafemas vocálicos, serve para evitar a ambiguidade quanto à posição da tónica (*rémora, chamaríz, policia, rubi, tresvario*).

No âmbito do chamado plano extra-alfabético, Álvares trata dos diferentes níveis da pontuação, a saber, a de palavra, a de frase e a de texto. Na pontuação de palavra compreendemos as marcas gráficas que conferem individualizam (por ex. a maiúscula) ou delimitam (o hífen ou o apóstrofo) a palavra na dupla vertente de unidade fónica acentual e de unidade gráfica. A maiúscula de palavra é prescrita para os nomes próprios, sobrenomes de homens e mulheres, nomes de cidades, vilas, lugares, reinos, províncias, nações, rios, nomes *exquisitos de animaes* ou *bichos ferozes*, e meses do ano (pp.5-6). Ao indicar a divisão silábica da palavra, sobretudo na translineação, o hífen constitui uma modalidade de pontuação de palavra; de facto, a mudança de linha implica a adopção de critérios, a saber, a indivisibilidade de certos grupos consonânticos como <st> e <sp>, em *de-spacho, hone-stidade, con-stranger* (p.8), a separação das dobradas (*ap-provar, as-segurar, im-menso*, p.10). Não aparece, pelo

contrário, nem o hífen lexical, ou seja, aquele que marca a formação da palavra, cujo emprego regular é tardio (cf. 1º vol., II), nem o hífen morfo-sintático, dado que os pronomes enclíticos aparecem ligados aos verbos (*porseham* “por-se-ão”, *guardandolhes*), e outro tanto sucede com alguns proclíticos (*seporá* “se porá”~ *se usará*)

A maiúscula de frase representa, por sua vez, a abertura do enunciado gráfico, embora no verso ocorra por razões estéticas. Na pontuação de frase, da qual fazem parte unidades dotadas de valor sintático e semântico – os pontemas –, por isso diferentes dos grafemas, que em regra só têm relação com o nível fônico da língua, trata da *virgula*, do *ponto*, e *virgula*, dos *dous pontos*, do *ponto*, do *ponto*, e *interroçam*, e do *ponto*, e *admiraçam*. A vírgula tem função separadora dos segmentos do enunciados e usa-se nas enumerações, antes de relativo *que*, salvo antes de *porque*, *peraque*, *postoque*, *aindaque* (p.3), onde tem lugar o ponto e vírgula, como marca de incompletude do sentido; os dois pontos assinalam, por sua vez, a imperfeição do sentido do enunciado; ao invés dos anteriores, o ponto marca a completude do sentido e, por conseguinte, o encerramento do enunciado, seguido de maiúscula de frase; os pontos de interrogação e de exclamação evidenciam as modalidades interrogativa e exclamativa. A estes pontemas, junta-se, ainda que tratado juntamente com o parágrafo, o *parenthesis*, cuja função é ornar o sentido da oração.

Da chamada pontuação de texto, relativa às marcas ortotipográficas que organizam a mancha gráfica e o texto como produto estético, é referido o parágrafo, que assinala a mudança de assunto, tornando-a visível. Ainda no campo dos meios e das estratégias ortotipográficas, convém frisar que nesta obra a exemplificação é destacada graças ao jogo contrastivo entre os caracteres redondos usados no corpo do texto e o itálico que aparece quer nos exemplos, quer nos títulos de cada assunto. Por outro lado, regista-se a ocorrência de abundantes abreviaturas, em particular a de *que*, reduzido a *q* com um traço ou til sobreposto, o que constitui decerto uma herança da tradição manuscrita, cuja função no impresso era garantir a igual extensão das linhas e, por conseguinte, a uniformidade da mancha gráfica.

### 3.3. Manuel de Andrade de Figueiredo (1720/1722)

Natural do Espírito Santo (Brasil), Manuel Andrade de Figueiredo (1670-1735), viveu em Lisboa, cidade onde se notabilizou como calígrafo e reputado mestre de senhores e fidalgos da Corte de D. João V<sup>85</sup>, a quem dedica a sua **Nova Escola para aprender a ler, escrever & contar**, em cujo **Terceiro Tratado** trata da **Orthographia** (pp.57-80). Impressa sem data, pelas licenças situa-se em 1722 (Lisboa Occidental, Na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho). À semelhança de outras produções setecentistas, esta obra era uma propedêutica da leitura, caligrafia, ortografia e aritmética, respondendo, portanto, às evidentes necessidades de autodidactismo<sup>86</sup> que se farão sentir em numerosas publicações congêneres, como se verá no caso do **Breve Tratado** de João Pinheiro Freire da Cunha (cf. 1º vol., I), que conhecerá um notável trânsito editorial para a sua época, demonstrativas da insuficiente resposta do ensino em matéria de alfabetização, para a qual o pedagogo visava contribuir ao defender o método.

Na continuidade de textos precedentes, Figueiredo trata do *abcedario* composto por vinte e uma letras, divididas em vogais e consoantes, sendo estas últimas classificadas como mudas (...*por sy sòs não pòdem pronunciar, nem soaõ sem ajuntamento da vogal...b, c, d, g, k, p, q, t, p.58*) e semivogais (...*estas não são taõ imperfeytas como as mudas, nem taõ pouco tem tanta perfeyccão de som, que se possaõ chamar de vogaes; pelo que valem meyas vogaes...f, l, m, n, r, s*), das quais quatro são líquidas junto de oclusiva (l, m, n, r) e duas dobradas (x, z). A isto, junta os assuntos seguintes: o uso da maiúscula (*Regra Primeyra-Para se escrever letra grande, a que chamaõ Mayuscula*); a pontuação, nela compreendendo tanto a de frase como a de texto, e, em parte, a de palavra (*Regra segunda-Da pontuaçaõ das clausulas, notas, & accentos da Orthografia*); as grafias gramaticais (*Regra Terceyra-Para se escreverem os nomes no plural*); as grafias dobradas (*Regra Quarta-Das razões que ha para se não*

---

<sup>85</sup> Cf. Inoc., t.V, p.355.

<sup>86</sup> Vide, Rogério Fernandes, **O pensamento pedagógico em Portugal**, 1978, pp.41-46.

letras consoantes, Regra Sexta-Para os meninos saberem quando dobraõ as letras consoantes); tratamento de áreas problemáticas da representação gráfica, como os grafemas <c, s, z>, <b, p, m, n>, <i, j, y>, <u, v> (Regra Setima-Advertencias para bem escrever). Note-se que a representação vocálica não é objecto de especial atenção.

Quanto à representação dos campos consonânticos mais problemáticos, é de salientar o uso dos grafemas correspondentes às sibilantes surda e sonora: assim, enquanto <z> se usa nos patronímicos (*Fernandez, Alvarez, Henriquez*), nos oxítonos em <-az, -ez, -iz, -oz, -uz> (*efficaz, Portuguez, arroz, arcabuz*, p.78), nas terceiras pessoas dos verbos fazer, dizer, trazer, e nos numerais (*dez, onze, doze, treze, quatorze*), já <s> ocorre em todos os outros contextos (*naturesa*, por ex.). Em virtude da fonotáctica, a nasalidade vocálica é marcada por <m> antes de <b, p, m>, mas nos restantes casos grafa-se com <n> (*Ambrosio, importuno, immovel~confio, pondo, angustia*). Mais do que a habitual distinção caligráfica e ortotipográfica entre <i-j>, vale a pena atentar na função conferida por Figueiredo ao *ypsilon* <y> – representar apenas a semivogal anterior dos ditongos (*pay, mãy, ley, ruyvo*, p.79), sendo de notar que a ilustração destes três grafemas repeti-la-á Madureira Feijó (1734). Paralelamente, o pedagogo apresenta semelhante distinção cali-tipográfica entre as grafias <u-v>, representativas da vogal posterior /u/ e da consoante fricativa lábio-dental sonora /v/, sendo que a segunda fere as vogais seguintes (*viver, valverde, breve*), enquanto que primeira se realiza *como bramido de lobo* (p.79).

Com respeito às grafias duplas, no caso das vogais Figueiredo considera-as obsoletas porque muitas delas foram substituídas pela acentuação (*Fee~Fè, See~Sè*) no das consoantes, os critérios que ainda as sustentam são de diversa índole: a natureza das palavras, decorrente do uso (*gotta, cavallo*, p.69), a derivação (*gotta-gotteyra*, ib.), a significação (nos diminutivos, por ex. *fraquette, pequenette, bonitette, verdette*, ib.)<sup>87</sup>, por corrupção (*vosso, pessoa*, ib.), por variação (*amasse, lesse*), a composição (*irrational, agravar, appetite*). O critério da pronúncia é aduzido, contudo, para fundamentar algumas destas duplicações, como <c, l, m, n, r, s>, em *acção, dicção*,

---

<sup>87</sup> Este tipo de exemplos já havia sido apontado nas **Regras da Orthografia da Lingua Portugueza recopiladas por Amaro de Roboredo** (cf. supra).



*occidente, accidente*, nas quais o primeiro elemento é pronunciado separadamente do segundo, e outro tanto em *immenso, immortal, immundo* (p.70) e *pella*, este mais discutível do que os anteriores, porque neles a duplicação corresponderia decerto à nasalidade da vogal inicial seguida de nasal bilabial; pelo mesma razão dobrar-se-á em *Anno, innocente, innovar ou ennastrar, ennobrecer*. Note-se que nas palavras compostas com prefixo inicial realizado [i] e [ɛ], as sequências gráficas <mm, nn> foram reduzidas já em pleno século XX, em 1945, exceptuando por exemplo *connosco*, ao arripio do critério mantido durante séculos, facto que terá conduzido, provavelmente, à subsequente desnasalação da vogal referida, por interferência da grafia sobre a pronúncia<sup>88</sup>. No critério fonético se sustentam também as grafias dobradas da vibrante e da sibilante, ambas em posição intervocálica, cujo valor se opõe ao das correspondentes grafias simples: assim, enquanto que <-rr-, -ss-> representam a vibrante forte e a sibilante surda, <-r-, -s-> grafam a vibrante simples e a sibilante sonora (*passo, visse-rosa, riso, carro-carro*). Por outro lado, importa referir que a distinção entre <ʃ-s> é de ordem meramente tipográfica, sendo que o segundo tipo, o chamado s latino, em geral ocorre em posição inicial de palavra (*ʃeguinte, ʃejaõ*), quando precedido ou seguido de outro grafema consonântico (*eʃta, aʃpera, conʃoantes*), ou dobrado em posição intervocálica (*diffimular, impossivél*), ou apenas no primeiro elemento (*poʃeʃsor, maʃsa, poʃuir*), ao passo que em posição e nos restantes contextos só aparece <s>, distinção de natureza grafética<sup>89</sup>, quer dizer, material, que não afecta a

---

<sup>88</sup> A base XII da **Convenção Ortográfica Luso-Brasileira** (1945), estabelecida pelo decreto nº35:228, prescreve a redução destas sequências nos termos seguintes: “Em complemento dos preceitos de representação das vogais nasais, importa notar que nas combinações dos prefixos *in* (tanto o que exprime interioridade como o que exprime negação) e *en* (diferente do elemento *en*, resultante da preposição *em*: *enfim, enquanto*) com elementos começados por *m* ou *n*, não se admitem, quanto à escrita normal, as sequências *mm* e *nn*, as quais se reduzem, respectivamente, a *m* e a *n*: *imergir, inovação, inato* (quer no sentido de «congénito», quer no de «não nascido»), e não *immergir, inovação, innato, emagreecer, emoldurar, enegreecer, enobrecer*, e não *emmagreecer, emmoldurar, ennegreecer, ennobrecer*”, p.64. A estes, Rebelo Gonçalves acrescenta outros exemplos (*Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*, 1947, p.127), igualmente afectados pela simplificação, como *emalhetar, emouquecer, emudecer, emurchecer, enastrar, enevoar, enodoar, enublar, emergente, imergir, imersão, imigração, imigrante, imigrar, inarrável, inervar, inerve*. Sobre as consequências destas reduções, vide: Ivo Castro et alii, *A demanda da ortografia portuguesa*, Sá da Costa, 1987, pp.46-47.

<sup>89</sup> Segundo Nina Catach, *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol.VI (Français), 1990, p.46, a grafética diz respeito às realizações concretas, aos processos de leitura e de escrita, e às suas condições materiais, designadamente a ortografia, opondo-se por isso à grafémica que trata da análise das unidades

Cont. na página sgte.

relação entre grafemas e fonemas, porquanto esta permanece a mesma independentemente do desenho do grafema (gótico, itálico, redondo, grande, pequeno, negrito, etc.).

Com respeito à maiúscula como pontuação de palavra, importa salientar que ela está associada a uma escala de valores em que os de ordem religiosa (nome de Deus, nomes de divindades tomados em sentido gentílico) encabeçam a lista dos usos da maiúscula, seguidos dos antropónimos (*Mello, Albuquerque*), nomes de regiões, reinos e topónimos (*Alentejo, Minho, Beyra, Portugal, Espanha, Santarem, Evora, Alamquer*), nomes de nações (*Portugues, Francez, Castelhana*), rios, fontes, meses, e bem assim todos os nomes de dignidades, como *Pontifice, Cardeal, Arcebispo, Rei, Duque, Marquez*, nomes de ciências e artes nobres. Por outro lado, a maiúscula de frase e de texto aplica-se no princípio de todos os escritos, capítulos, cláusula ou período, depois de ponto, por vezes, depois de dois pontos, e a seguir aos pontos de interrogação e de exclamação.

Quanto à pontuação de frase, Figueiredo trata de vários *sinaes*, a saber, a vírgula também denominada *coma, inciso ou meyo ponto*, como também referiam ortografistas anteriores dando terminologia da tradição latina, designadamente àquela que fora veiculada por Santo Isidoro de Sevilha; o *Ponto, & virgula*, ou *Colon imperfeyto, Dous pontos* ou *colon perfeyto, ponto final, ponto, & interrogaçãõ, ponto, & admiraçãõ, parenthesis, divisãõ, paragrafo*, aos quais acrescenta também os *accentos* (agudo, grave e circunflexo).

A funcionalidade de todos estes pontemas é descrita com base no critério pausal, ou seja, na referência à gradação de menor para a maior da duração das pausas necessárias à respiração e intelecção do discurso, critério historicamente é o primeiro a justificar a existência deste tipo de unidades gráficas marginais ao texto, pois serviam apenas de orientação para quem lia em voz alta, se bem que Figueiredo mencione igualmente a perfeição ou imperfeição da sentença. Assim sendo, a *virgula* [,] marca a respiração, usando-se depois do verbo e suas expansões (*casos*), antes de conjunção, antes do relativo *que*, entre adjectivos, substantivos e verbos seguidos; o ponto e vírgula

---

gráficas como unidades funcionais. Sobre os conceitos de grafética e de ortotipografia, vide 1º Vol., II, *passim*.

[;], que assinala a sentença imperfeita, usa-se entre palavras ou sentenças contrárias, e sempre que, de acordo com a expressão tradicional, *naõ basta virgula; nem tambem dous pontos*; ao invés do ponto e vírgula, os dous pontos [:] marcam a completude da sentença e servem para introduzir as palavras alheias, seguidos de maiúscula de frase; o ponto [.] são a marca de encerramento e completude do período, círculo ou cláusula (*sentença perfeyta*); o ponto de interrogação [?] assinala a modalidade interrogativa, seguido de maiúscula; o de admiração [!] inidica, por sua vez, a modalidade exclamativa, referente ao espanto ou à indignação; o *Parenthesis* [( )] permite incluir palavras alheias no enunciado. A estes pontemas junta o autor outras unidades, cujas funções são de ordem diversa das anteriores: a *Divisaõ* [-] é sinal da translineação e da divisão silábica, distinta da marca de *ajuntamento*, que é, por sua vez, o hífen ou figura *Hyfea*, cuja função é ligar enclíticas ao verbo ou para mostrar justaposição (*vio-me, retirou-se, ouvindo-os, Canceler-mòr, menor-idade*, p.64); pertencente à chamada pontuação de texto, ao *Paragrafo* [¶], também denominado *aforismo* ou *Artigo*, cabe a a divisão interna ou conteudística dos textos, representada concomitantemente por um alinhadamento distinto das restantes linhas do texto. Do mesmo modo que o hífen e o parágrafo, o *accento* (agudo, grave e circunflexo), termo que refere quer o fenómeno supra-segmental, quer o indicador gráfico da posição da sílaba tónica, é tratado também no âmbito dos outros sinais ou notas, aplicando-se para evitar casos de homografia (*vós~vòs, amàra, lèra~amarà, lerà, por~pôr, esta~està*), mas na **Nova Escola** ocorre apenas o grave, apesar de Figueiredo sugerir que num nível propedêutico apenas se use do agudo. Ao *til* é atribuída por sua vez a função de elemento supletivo de m ou n (*daño, año*), função que cumpre em geral nas abreviaturas ao suprir uma ou várias letras da palavra abreviada. Servindo para delimitar graficamente a palavra fónica ou unidade acentual, o *Apostrofo* ou *Viraccento* [ ' ] é uma das modalidades de pontuação de palavra, à semelhança da maiúscula de palavra, cuja função é assinalar a elisão vocálica registada na fala (*d'armas, d'Almeida*)

### 3.4. Contador de Argote (1721/1725)

D. Jerónimo Contador de Argote (1676-1749), natural de Colares, era clérigo regular teatino e académico da Academia Real de História. As suas **Regras da Lingua**

**Portugueza, espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza** (Lisboa, Off. de Mathias Pereira da Silva & João Antunes Pedroso, 1721), na primeira impressão (228p.) vieram a lume com o pseudónimo de P. Caetano Maldonado da Gama; mas o nome do autor figura já na segunda, muito acrescentada e correcta (Lisboa, Off. da Musica, 1725), com 356 páginas.

Adoptando a estratégia expositivo-pedagógica do diálogo entre mestre e discípulo, já antes adoptada por Gandavo, Roboredo e Bento Pereira, D. Jerónimo Contador de Argote encerra a sua obra gramatical com um **Tratado Breve da Orthografia da Lingua Portugueza** (pp.341-356), destinado a quem não possui ainda rudimentos de latim, no qual a ortografia continua a ser definida como *arte de escrever as palavras, e Oraçoens com acerto* (p.341), nela identificando o plano alfabético (...*escrever as palavras, e Oraçoens com as letras...*, p.342) e o extra-alfabético (...*e pontuação com que se devem escrever, ib.*).

Para a indicação do uso de algumas unidades gráficas prescinde de descrições articulatórias e limita-se à exposição doutrinal dos acidentes da unidade mínima, a saber, a letra e suas propriedades: a *figura*, que é o significante da unidade gráfica, definido como *debuxo da letra* (p.342), o *nome*, que consiste na (...) *palavra, que dizemos para significa a figura, ou letra* (p.343), definição demonstrativa da distinção entre as substâncias gráfica e fónica, e *poder*, que é o valor ou correspondência da unidade com o nível fonético-fonológico (*he o som, que lhe damos quando a pronunciamos, ibid.*). Relativamente ao valor dos grafemas, note-se que Contador de Argote reconhece a existência de numerosos casos de polifonia, ao apontar especificamente os casos das unidades <c, g, l, n, s, v, z>, que têm diversos valores, em função da fonotáctica<sup>90</sup>, quer dizer, da combinatória com outras unidades: assim, a primeira delas tanto na sequência <c<sup>e, i</sup>> como quando é *plicado* <ç<sup>a, o, u</sup>> representa uma sibilante surda, ao passo que em <c<sup>a, o, u</sup>> representa uma oclusiva velar surda, sendo de registar que não alude a qualquer distinção articulatória entre o primeiro e <s>; a segunda, na sequência <g<sup>a, o, u</sup>> tem o valor de oclusiva velar sonora, enquanto

---

<sup>90</sup> Para uma definição do conceito, cf. 1º Vol. I, II.

que em <g<sup>e</sup> i> corresponde a uma fricativa palatal sonora; quanto à terceira, sendo recente a distinção ortotipográfica entre <i> e <j>, não é de estranhar que o gramático refira um único grafema <I> dotado do duplo valor vocálico e consonântico (*Tio-Joaõ*), sem descrever a figura do grafema referente à fricativa lábio-dental sonora /v/, como haviam feito Vera e Franco Barreto, por exemplo; a quarta é marca da nasalidade vocálica, mas tem também valor consonântico (*Anno-Antonio*); a quinta <s> tem o valor sibilante sonoro de <z> em posição intervocálica, sendo que este grafema grafa a sibilante surda em posição final (*Voz, Noz*). Afora os problemas decorrentes da polifonia destas unidades, Contador de Argote trata das unidades gráficas de valor zero, como as grafias duplas <bb, dd, ff, gg, ll, pp, tt, ss>, que, inscritas na “etimografia”, ou seja, na grafia regida pelo princípio etimológico, e baseadas, portanto, na relação com a etimologia e história das palavras, carecem de valor fonográfico. A função destas unidades é, por isso, de natureza histórico-semântica (*serve humas vezes de mostrar donde se deriva a palavra, outras serve de mostrar a significação*, p.346). A primazia do princípio etimológico terá levado Verney (cf. 1º vol., II) a condenar o sistema de Argote em diversas ocasiões.

Com respeito à representação dos ditongos, apenas indica dois exemplos *Outo* e *Idea*, ambos representativos do desacordo entre grafia e pronúncia, visto então já se realizarem como [oj] e [ej], respectivamente.

Os factores perturbadores da ortografia decorrem da *diminuição*, *augmento*, *mudança* e *transposição* de letras, processos referentes à descrição da evolução fonética.

No capítulo das unidades extra-alfabéticas ou pontuação, o ortógrafo e gramático atém-se ao nível frástico, visto tratar unicamente dos pontemas de frase, a saber, *virgula*, *ponto*, e *virgula*, *dous pontos*, *ponto*, *ponto*, *admiração*, *ponto interrogação*, e *parenthesis*, servindo o primeiro para marcar a incompletude do sentido, e anteceder os relativos, as conjunções copulativas e disjuntivas, antes de nominativo absoluto, entre nomes ou verbos seguidos; o segundo, para assinalar que o sentido não é perfeito nem imperfeito; o terceiro, para separar a parte perfeita de orações extensas; o quarto, para encerrar orações perfeitas e independentes; o quinto, para exprimir a modalidade admirativa; o sexto, para a modalidade interrogativa; o

sétimo, para inserir palavras no enunciado, sem alterar o seu sentido. Contador de Argote fica-se, portanto, no nível da pontuação de frase.

### 3.5. D. Rafael Bluteau

Para além da sua monumental produção lexicográfica – o **Vocabulario Portuguez e Latino, Coimbra** (10 vols., 1712-1720; 2 vols. de suplemento, 1728) –, onde já se registam algumas notas acerca do sistema gráfico adoptado e suas implicações na elaboração da obra, o teatino de origem francesa, D. Rafael Bluteau deixou-nos umas interessantes reflexões sobre a ortografia na **Prosa Apologetica** e, sobretudo, na **Prosa Grammatonomica, portugueza, ou regras, e leys, para o uso das letras do alfabeto portuguez, na scrittura, e na pronunciação**, incluídas nas suas **Prosas Portuguezas recitadas em diferentes Congressos Academicos** (II, Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Antonio da Silva, 1728, Parte Primeira e Segunda - [pp. 170-185 e 186-228]). No **Vocabulario** (t. p.125), no enunciado lexicográfico Bluteau aponta quatro ortografias ou sistemas ortográficos distintos entre si, a saber, o de Nunes de Leão, o de Ferreira de Vera, o de Barreto e o do jesuíta Bento Pereira, mas a única autoridade clássica invocada é Quintiliano.

No *Suplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino*, Bluteau avança também algumas considerações a respeito da ausência de uniformidade gráfica, resultante das discrepâncias doutrinais entre os autores consultados:

“Neste Suplemento, como tambem nos oito volumes do Vocabulario, não está a Orthografia certa, porque até agora não achei no idioma Portuguez regras de Orthografia tão certas, nem Authores nesta arte tão uniformes, que tenham assentado com geral aceitação, e approvação dos Doutos, o verdadeiro modo de escrever; huns principião a mesma dicção com H, outros com I, ou com O, ou com outra vogal; outros em alguns vocabulos uão do Y em lugar do I, outros do I em lugar do Y, outros antepoem, ou pospoem o R, ou o L, às vogaes de algumas palavra; finalmente na Orthografia Portugueza, como na casa onde não ha pão, todos gritão, e ninguem tem razão, porque até não assentarem os Doutos, como o tem feito os das outras naçoens, o modo com que se ha de escrever, sempre haverá contendas, e não saberá o vulgo quem tem razão. Eu, que (como Estrangeiro) não tenho voto na materia, muitas vezes me achei tão confuso, que não sabendo que partido seguir, em huns vocabulos me conformey com a Orthografia de huns Authores, em outros com a de outros; e o peor he, que ja não tem remedio esta diversidade, por que nem posso fazer outra

impreſſão, nem já me he poſſível emendar o que eſcrevi” (Advertencias a Todo o Leitor para uſo deſte Supplemento).

As ideias metaotográficas de Bluteau encontram-se amplamente expendidas na **Prosa Apologetica, justificação de huma soberana Princeza injustificadamente excluſa das doutas Conferencias da Academia Real de Lisboa** (Recitada na Sala Academica do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes), e na **Prosa Grammatonomica Portugueza, ou regras, e leys, para o uso das letras do alfabeto Portuguez, na escritura, e na pronunciaçãõ**, nas quais o teatino faz exhibição da sua vasta erudição. Na primeira, menos extensa, como preâmbulo para futura exposição doutrinal, o autor chama a atenção para um tema que julga ter sido muito desatendido nas **Conferências Académicas – a Senhora Orthografia**.

Faça-se aqui um parêntese para referir que o Conde de Ericeira, em cuja casa tiveram lugar as sessões académicas, se manifestou se manifestou acerca do melhor sistema ortográfico ao responder em 29 de Novembro de 1734 (*Resposta original do Conde de Ericeira. Vota que todas as vezes que sem alterar as letras da origem latina ou grega se podesse conservar a eymologia, esta se seguisse*) a uma consulta dirigida pelo Padre João Baptista de Castro (B.P.E.: COD CXII/2-7 a fl.421- “Qual seria mais acertado methodo na lingua e orthographia portugueza, manter as suas dicções dentro da etymologia latina, ou expresa-las pelo rigor da pronunciação?”), aos eruditos da corte de Lisboa. Em relação à mesma solicitação o Marquez de Valença *Vota que se sigam os grandes mestres da lingua, Camões, Barros, Vieira, Fr. Luiz de Sousa e Jacinto Freire*.

Depois de rasgados elogios à figura excelsa do Ericeira, na **Prosa Apologética** Rafael Bluteau tece diversas considerações acerca da incúria a que fora votada a ortografia, qual dama vilipendiada; várias são as causas para o estado da ortografia, estropiada pelos amanuenses, pisada pelos impressores, e aniquilada pelos ignorantes (p.172). Definida primeiro como *arte de eſcrever as vozes, com as letras convenientes à ſua origem, e recta pronunciaçãõ, que o uſo tem introduzido* (ibid.), e depois como *palavra Grega, derivada de Orthos, que quer dizer Direito, e Graphein, que ſignifica Eſcrever; e aſſim confeſſo, que Orthografia não he outra couſa, que arte de eſcrever recta, e directamente em qualquer idioma; iſto he, de eſcrever as palavras com as letras*

*devidas, e fômente neceſſarias, ſem pôr huma por outra, nem alguma de mais, ou de menos* (p.184), a ortografia é elevada à condição de supremo grau de evolução da escrita dos povos, cujas origens, históricas e mitológicas, o autor passa em revista. Contrária a ela, é a cacografia fruto da perversão do trabalho de amanuenses e tipografias. À perniciosa intromissão destas figuras na ortografia dos autores voltará, de resto, Bluteau em outras ocasiões, sobretudo para lhes imputar a responsabilidade de incoerências e erros detectados no seu próprio **Vocabulario**, como se comprova pelas suas palavras: “No meu vocabulario, ſobre a palavra *ſelva*, achará o Leitor *ſylva* com Y Grego, mas foy erro, ou do Amanuense, ou do Impreſſor; e bem ſe vê, que não foy eleição minha, porque no dito Vocabulario, no Latim de *ſilvano*, e *ſilvestre*, eſtá no Latim com i Latino *ſilvanus*, e *ſilveſtris*” (**Prosa Grammatonomica**, p.217).

Dela constam *huns pontos, e humas virgulas, huns accentos, e huns cedilhos, humas vogaes, e ſemivogaes, huns diphtongos, e humas aſpiraçoens* (p.176), que affectam todos as manifestações escritas da vida em sociedade: *das Escolas dos Meſtres de eſcrever, até aos Cabinetes dos Principes; da mais infima Chancellaria, até o Capitolio, em Diplomas Regios, e Bullas Pontificias* (ibid.). Assim pretende demonstrar o alcance e o poder da ortografia, visto ela perpetuar a arte e a ciência. Importa realçar, por outro lado, até que ponto a tipografia e seus conſtragimentos se repercutiam negativamente nos textos impressos: de facto, diversas são as referências de Bluteau à intervenção das Oficinas Tipográficas em matéria de soluções ortográficas, em virtude da falta de uniformização<sup>91</sup>, sendo responsáveis, em última instância, pela proliferação de sistemas gráficos diferentes ou de variantes dentro de um mesmo sistema.

Relativamente às discrepâncias entre os ortógrafos portugueses, destaca o autor alguns dos aspectos mais controversos: a exclusão de <h> etimológico, a substituição de <y> por <i>, a variedade no número de ditongos ou a exclusão de <aõ>, por ex.

---

<sup>91</sup> Vejam-se as seguintes: “(...) e nas Officinas Typographicas he taõ nobremente aſſiſtida, que para ſervilla trabalhaõ muitos officiaes, todos bem lidos, e eſtaõ em continuo movimento carros, adufes, tympanos; nem ainda quando gemem, ſentem dor alguma os Prelos” (p.177); “Os impreſſores ſaõ os theſoueiros dos homens Letrados, com as folhas que daõ à luz, colhem os frutos do ſeu ſaber, e muitas vezes por falta de compradores, eſtas riquezas de letras ſaõ theſouros de duendes, que em carvaõ ſe convertem” (p.178)



Nestas controvérsias são aludidos João Franco Barreto, relativamente à supressão de <h> etimológico, e António de Melo Fonseca, pseudónimo de José de Macedo, verdadeiro autor do **Antidoto da Língua Portuguesa, oferecido ao mui poderoso rei D. João V, Nosso Senhor** (Amsterdã, em Casa de Miguel Dias, com dedicatória de 1710), com respeito à proscricção da grafia <aõ>. De facto, o autor do **Antidoto** pretendia erradicar o que considerava ser o pior mal não só da ortografia, mas da língua portuguesa, em geral, polémica da qual Bluteau nos fornece um depoimento bem elucidativo:

“Para tirar do idioma Portuguez o *aõ*, já sahiraõ volumes inteiros; contra estes libellos diffamatorios outros acodem ao pobre *aõ*, e dizem que se da nossa lingua se tirar o *aõ*, será necessario, que em primeiro lugar se tire o *ao*, porque este diphtongo consta das duas vogaes, que pedem mayor hiato, e abertura da boca, a saber, *a*, e, *o*, e na pronuncia do nosso *aõ* não he grossaria, nem aspereza, senão a que procede das duas ditas vogaes *a*, e, *o*; que o til, que sobre o *aõ* se poem, não he letra, mas risco, ou para dizer melhor, coroa das duas mais sonoras vogaes do alfabeto, *a*, e *o*. No *aõ* Portuguez o til, supprindo a letra *n*, não causa dureza, mas antes suaviza o diphtongo *ao*, que sem til ainda parece mais duro, que com til, como se experimenta na pronunciação das nossas dicções, que acabaõ em *ao*, como são *Pao*, *Babao*, *Birimbao*, *Catimbao*, &c. Logo se do idioma Portuguez tirarmos todo o *aõ*, por esta mesma razão será preciso tirar do fim de muitas palavras todo o *ao*; e não será esta reforma tão facil, nem sahirá tão airoza, como se persuadem os que não reparaõ na desordem, que a esta mudança se ha de seguir” (p.183).

O teatino vem, pois, quebrar uma lança em favor do perseguido ditongo português, comparando-o até às extravagâncias gráficas de outras línguas, sem que, todavia, isso lhes cause prejuízo<sup>92</sup>.

Seguindo a ordem alfabética, na **Prosa Grammatonica** Bluteau entra directamente na discussão de soluções concretas para as áreas problemáticas da representação gráfica do português; ao mesmo tempo, faz demonstração de um vasto

---

<sup>92</sup> Cf. p. 184: “Na linguagem Franceza, que sem contradicção he huma das mais cultas da Europa, tem os estranhos em que reparar. Se elles muito estranhaõ os nossos *aõs*, não nos matamos muito pelos seus *eux*; e muito menos pelos seus *yeux*, *vioux*, *pieux*, *lieux*, *cieux*, e *dieux*. *Yeux*, olhos; *vioux*, velhos; *pieux*, piadosos; *lieux*, lugares; *cieux*, *Ceos*; *dieux*, Deoses. Se pois a Orthografia, nossa Princeza, assim como tem penna para escrever, tivera boca para fallar, estou para dizer, que ella antes se habituara a pronunciar o sonoro dos *aõs*, do que o doce dos ditos *ieux*, ou *yeux*”.

leque informativo sobre a história do alfabeto e da escrita. Em primeiro lugar, esclarece o sentido do termo *grammatonomica* (do Grego *Gramma*, *id est*, *Letra*, e *Nomos*, *id est*, *Ley*, ou *Regra*, p.186), que faz equivaler a *Orthografica*; depois, em conformidade com paradigma definicional clássico, define as letras como “elementos” dotados de determinado valor, para de seguida dar início à exposição sobre cada letra do alfabeto em em cuja âmbito realiza excursos sobre a ortografia francesa, a italiana, entre outros assuntos. Ao invés do lexicógrafo, examinaremos por um lado os grafemas respeitantes à representação vocálica, e, por outro, os da representação consonântica.

Assim, com respeito a <a>, Bluteau descreve não só a sua articulação (...*se fôrma com hum natural movimento, e abertura dos beiços, e não he necessario saber fallar para pronunciar...*, p.186)<sup>93</sup> como também fenómenos dialectais que a afectam, designadamente a introdução de uma vogal anti-hiática (*a agua~ay agua, a alma~ay alma*) nas regiões de Entre Douro e Minho e das Beiras. Quanto à formação e grafia dos plurais em que intervém este grafema, estipula as seguintes soluções: para as palavras terminadas em -al admite <-ais> e <-ays> como grafias alternativas (*animal-animais, curral-currais*, p.187); do mesmo modo, aceita a dupla representação, mediante <-am> ou <-aõ>, do ditongo nasal [ãw] em posição final de certos substantivos cujos plurais têm, por sua vez, o ditongo [õj] grafado com <-oens>, ou com <-ões> (*trovam~trovaõ-trovões, padraõ~padram-padrões, esquadraõ~esquadram-esquadrões*); a esta regra subtraem-se aqueles nomes cujo plural é <-aõs> ou em <-aens> (*cortezãõ-cortezãõs, cidadãõ-cidadãõs, irmaõ-irmaõs, capitãõ-capitaens, paõ-paens*), aspectos que o autor retirou de Bento Pereira (Regra 4). Entre os excursos feitos a propósito do grafema <a>, existe uma indicação da pronúncia do grafema em vários contextos na língua francesa e nova referência à discussão acerca do ditongo <aõ>.

Ao tratar dos valores [ɛ] e [e] do grafema <e>, cuja distinção requer o recurso à acentuação para distinguir homógrafos (*bésta-besta*), Bluteau discrepa da doutrina dos

---

<sup>93</sup> Esta descrição é ampliada nos termos seguintes: “Manda-se o A fóra da boca com espírito mais cheyo, que nenhuma das outras vogaes, reduzindo-se o gorgomillo, e o espaço em que se fôrma a voz, a mayor redondeza, e abaixando-se o grosso da lingua para dar sahida mais larga ao flato, que faz a tal voz, e o restante da boca com os beiços, fica em sua ordinaria postura, senão em quanto he necessario accommodar a abertura da boca à voz que sahe”.

ortógrafos seiscentistas Álvaro Ferreira de Vera e João Franco Barreto (*Legisladores da Orthografia Portuguesa*, p.192), quer da do quinhentista Nunes de Leão, embora apenas cite textualmente este último. Com respeito ao grafema <i>, em cujo tratamento se incluem as três figuras de *i*, como era habitual, ou seja: *J comprido* (consonântico), representativo da consoante palatal /ʒ/, o *i curto* (vocálico), e, ainda, o *i Grego*, que se distinguem fonica e cali-tipograficamente nos exemplos *cajado*, *caido*, *cayado*, os mesmos que Madureira Feijó aduzirá na sua *Orthographia* (1734/1739), nos quais se observa que a semivogal vernácula é grafada com <y> pseudo-etimológico, com valor diacrítico. Embora em sentido contrário à de Platão, que associava <i> à expressão de coisas delicadas e subtis, a descrição deste grafema é ainda de ordem semiótica: segundo Rafael Bluteau, em vez da *brandura*, *gentileza* e *benignidade*, em português <i> pode manifestar negação (*irreligiosidade*, *injustiça*, p. 202). Por outro lado, salienta o autor a confusão ou hesitação entre <i> e <e>, quer na pronúncia quer na grafia (*informaçãõ~enformaçãõ*, *inquirir~enquirir*, *investir~envestir*, p.203).

Afora os valores do grafema <o>, importa sublinhar a função da alternância entre [o] e [ɔ] na oposição entre formas do singular e as correspondentes do plural (*corvo-córvos*), função à qual se acrescentam outras de ordem semiótica, como a manifestação do nojo, alegria, exclamação e vitupério. De acordo com a ordenação alfabética latina, <u> é descrito no âmbito de <v>, portanto a seguir à letra <t> e antes de <x>. Mais uma vez, a distinção fonética e cali-tipográfica entre <u> e <v>, tem uma parte de leão no tratamento deste grafema, visto ser relevante distinguir a vogal posterior da consoante fricativa lábio-dental /v/, tanto em caracteres minúsculos como em maiúsculos<sup>94</sup>. Com respeito ao grafema <y> retoma a doutrina de João Franco Barreto, do qual diverge, pelo menos quanto à vernaculização gráfica das palavras gregas admitida por esse ortografista seiscentista. Por isso, Bluteau grafa *symmetria*, *hydripico*, *hyperbole*, *pyramide*, etc.

---

<sup>94</sup> Cf. p.221: “Distinguemse estas duas letras na pronuncia, porque o V consoante fere a vogal a que se junta, no principio, ou no meyo da dicçãõ; no principio, como nestas palavras valo, verdade, viſta, vontade, vulto; no meyo, como nestas, adverbio, divertimento, diviſãõ, divida, divorcio, duvida, &c”.

Quanto aos ditongos, mais do que doutrina propriamente dita, de resto escassamente desenvolvida devido à sequência alfabética seguida na exposição, vale a pena atentar na prática evidenciada na **Prosa Grammatonomica**. Nela se detecta, à semelhança de ortógrafos precedentes, que a semivogal /j/ dos ditongos orais decrescentes em posição final e interior é grafada por meio de <y>, como se vê em *vay, sey, rey, ley, pay, payo, Mayo* (passim). O critério histórico determina, por outro lado, a grafia <ae> do ditongo oral dos plurais dos nomes em -al (*vogaes, pluraes, naturaes, carnaes*, p.227). As grafias <eo> e <io> representam respectivamente os ditongos [ew] e [iw], por ex. em *nasceo* e *advertio*. Relativamente aos ditongos nasais, há a salientar que [ãw] é grafado sistematicamente com <aõ>, quando tónico ou átono, por exemplo em *deci/aõ, opiniaõ, Leaõ, fariãõ, davaõ* (passim); [õj] aparece grafado com <oen>, ou seja, sem o til (*relaçõens, naçoens, dicçoens*, passim); o ditongo[ãj] apenas será grafado com <aõ> na palavra *mãy*, grafando-se com <aen> nos restantes casos.

Da representação do consonantismo são de destacar diversos aspectos, sendo de destacar a sistemática informação histórica acerca de cada grafema consonântico. Se pouco adianta cerca de <b>, representativo da oclusiva bilabial, já a respeito de <p>, grafema correspondente à sua correlata surda, é mais esclarecedor: para além da distinção meramente gráfica entre <p> e o dígrafo etimológico <ph>, Bluteau trata também de <pt>, grupo que inclui aquele grafema com valor zero, por ex. em *promptuario* (< lat. PROMPTUARIU-), palavra que outros grafam, pelo contrário, como *promptuario*. No campo representativo das dentais, os grafemas <t> e <d> não envolvem grande dificuldade; ainda assim, refere as consequências gráficas da evolução de <t> latino para português em diferentes contextos (*servitium* > *serviço, exercitium* > *exercício, sciencia* > *sciencia, patientia* > *paciencia*, p.219), e, sobretudo, o grupo greco-latino <th>. A propósito deste, acaba por tratar de forma alargada dos restantes, a saber, <ph>, <rh> e <ch>, dos quais nos ocuparemos adiante.

Mas no campo representativo das oclusivas Bluteau detém-se particularmente no caso das velares surda (*No C Portuguez ha muito que obfervar*, p.190) sonora, mas já o mesmo não se observa a respeito das bilabiais e das dentais, decerto por serem menos problemáticas quanto à grafia. Assim, o lexicógrafo distingue <c> de <ch>, apesar de enjeitar o uso deste grupo etimológico (*Chorus* “coro”-choro, *chimera*~*quimera*,

*monarchia~monarquia*, ib.)<sup>95</sup>, gerador de ambiguidade relativamente ao dígrafo vernáculo <ch>, correspondente a /ʃ/. Para demonstrar que <ç> não é exclusivo do sistema gráfico português e distingui-lo de <c>, Bluteau invoca a doutrina dos ortógrafos João Franco Barreto e Nunes de Leão: se a respeito daquele faz uma remissão bibliográfica correcta e completa (*capitulo 26 da sua Orthografia*, pag. 116), já o conhecimento deste parece ter-lhe chegado em segunda mão, mais exactamente por meio das citações apresentadas por Barreto, a julgar tanto pela referência vaga como pelos termos da citação.

Quanto à intervenção de <c> no grupo consonântico <ct>, o autor aceita-o, por um lado, nas palavras em que ele sendo mudo tem, todavia, função distintiva (*acto-ato*, por ex.), e, por outro lado, naquelas em que ele é realizado (*compacto, invicto*, p.191). A estes, por motivos diferentes dos da distintividade e da pronúncia, junta também *insecto, facto, ficto, convicto, abstracto, extracto, infecto, exacto, olfacto*<sup>96</sup>. Discrepa, por outro lado, de Ferreira de Vera, que admitira <ç> antes de vogal anterior ou palatal, não obstante este reconhecer a inutilidade do *rasgo* ou *cifra* (*cedilho*, para Bluteau) nesse contexto. Mas nada adianta não só quanto ao valor ou realização do grafema <c> como à distinção com respeito a <s>. Já no que toca ao uso de <q> Bluteau é mais esclarecedor, recorrendo à sua principal fonte metaortográfica, a saber, João Franco Barreto, abundantemente citado nesta **Prosa Grammatonomica**: de facto, o autor do **Vocabulario Latino-Portuguez** invoca o ortógrafo seiscentista, desta feita na qualidade de impugnador do uso do grafema <q> seguido de suporte vocálico, para em nome do princípio fonético refutar a sua proposta de substituição de <qu> por <k> sobretudo quando a referida sequência é realizada como [kw] (ex. *kadrupede-quadrupede, kadro-quadro, kadrangulo-quadrangulo*, p.214), reforma que se lhe

---

<sup>95</sup> Cf. p.190: “De algumas palavras derivadas do Latim, ou do Grego, he necessario tirar i h, para evitar a equivocação, ou para não alterar a substancia da palavra (...). Estas, e outras muitas aspirações, quando immediatamente se seguem ao C Portuguez, em boa escritura não se admittem”.

<sup>96</sup> Cf. p.191: “(...) e por outras razoes tem o uso introduzido (...), e outros assim substantivos, como adjectivos, que sem a letra C, não teriaõ o significado tão claro, nem tão certo”.

afigura, portanto, causadora de não poucos equívocos<sup>97</sup>. Em nome da etimologia, aceita do mesmo modo a sequência <qu+o> em *quociente* e *quotidiano*, cuja grafia será por isso preferível a *cuociente* e *cotidiano*. À vista disto, apesar de a inclusão de <k> no alfabeto português ser objecto de controvérsia entre os ortógrafos, que na sua maior parte a consideram “letra” *superflua* e *ociosa*, ficará reservado para grafar palavras de origem grega. De novo, invoca Bluteau João Franco Barreto (*Orthografia*, pag. 143), defensor de uma reforma profunda que consistia na adopção generalizada de <k> na representação da oclusiva velar surda /k/ (cf. supra, João Franco Barreto), para refutar, por um lado, a afirmação deste segundo a qual no alfabeto francês não figura esta unidade e, por outro lado, invalidar a substituição <k> por <c> ou <qu> no início de palavras oriundas do grego (*kalendas*, *kiries*, *kermes*), conquanto a aceite nas restantes situações (cf. infra) e nas de origem estrangeira (*Kent*, *Kessel*).

Para a exposição do valor e do uso do grafema <g>, de novo se socorre Bluteau da sua principal fonte metaortográfica, a saber, Franco Barreto, ao qual se juntam, neste caso, os nomes de Ferreira de Vera, Terêncio Escauro e Vossius, mas é doutrina barretiana sobre a distinção entre o uso de <g> e <j> que lhe serve de ponto de partida para a sua própria reflexão sobre o assunto: sublinha, assim, a confusão entre os dois valores [gw] e [g], derivada da inadequação dos métodos de ensino da leitura praticados pelos mestres de primeiras letras (*gue-ge*)<sup>98</sup>, e a distinção entre <g> e <j>, quando ambos correspondem a uma fricativa palatal sonora, com base na analogia, não obstante

---

<sup>97</sup> Cf. pp.214-215: “Na pronunciaçãõ, na escriptura, e no sentido della, quanta confusaõ haverá pelos equívocos, que se originarem deste genero de Orthografia ? O adjectivo *quanto* se equivocará com o substantivo *kanto*, e se se escrever com C, com *kanto*, que he *cantiga*, ou *angulo*. *Quarta*, que he *vaso*, se equivocará com *karta*, ou *carta* missiva, ou com a qual se joga. Na mayor parte das palavras Portuguezas, que escriptas por qua, na pronunciaçãõ se ajuntaõ com u, perderãõ o soido da dita letra, e assim será necessario pronunciar *kadrado*, ou *cadrado*, por *quadrado*, *kadril* ou *cadril* por *quadril*, *kal* ou *cal* por *qual*, *kalquer* ou *calquer* por *qualquer*, *kando* ou *cando* por *quando*, *kartilho*, ou *cartilho* por *quartilho*, *katro*, ou *catro* por *quatro*, &c.”.

<sup>98</sup> Cf. p.196: “Mas não deixo de estranhar a impropriedade com que muitos pronunciaõ o G, quando immediatamente se lhe a vogal, porque escrevem v.g. *gerra*, e pronunciaõ *guerra*. A causa desta impropriedade (se não me engano) he que os Mestres da escola, quando ensinaõ a soletrar, e ajuntar as vogaes, que se seguem ao G, fazem dizer aos seus discipulos, *ga*, *gue*, *gui*, *go*, *gu*, e os que desde a sua infancia se acostumaraõ a dizer, *gue*, e *gui*, vãõ continuando com a mesma pronunciaçãõ, quando na escriptura vem hum G, seguido de hum E, ou de hum I”.

a falibilidade deste princípio, devido ao desconhecimento dessa língua, e o uso levar a melhor sobre aquele em muitos casos, donde se conclui não ser uma regra.

Para o grafema <l>, o teatino aponta dois valores: o fonema lateral representado pelo grafema simples, e o fonema palatal lateral /λ/ (*L aspirado*), na expressão grafado pelo dígrafo <lh>. Admite a grafia dobrada <ll>, com o mesmo valor da lateral da grafada o correspondente grafema simples (...*com tudo não acho, que carreguem os Portuguezes sensivelemente nestes dobrados LL...*, p.207).

Da representação das fricativas há a sublinhar sobretudo o caso das sibilantes, grafadas com <s> e <-ss->, bem como o das chiantes palatais, grafadas com <x> e <ch>. De facto, Bluteau consagra a <s> um dos artigos mais extensos (pp.215-219) da **Prosa Grammatonica**, se bem que não teça grandes considerações relativas à pronúncia: depois de apresentar as descrições tradicionais deste grafema, com base na doutrina de Antigos (Marciano Capela), e de modernos (Escalígero), passa então a examinar uma série de palavras em que ocorre <s>. Relativamente à realização oral de <-ss->, variante contextual do grafema simples <s>, Bluteau apenas menciona a equivalência entre ambos<sup>99</sup>; para a distinção entre <-s-> e <-z-> intervocálicos remete tão só para o princípio etimológico ou da derivação latina. É também no âmbito da exposição sobre a “letra” <s> e sua duplicação em contexto intervocálico que o autor trata do uso das consoantes dobradas. A encerrar o inventário alfabético, descreve o uso do grafema <z> em vocábulos oxítonos e seu plural (por ex. *rapaz, goraz, endez, xadrez, chamariz, chafariz, nariz, noz, albernoz, avestruz*, p.228); em posição inicial regista-se em certos topónimos estrangeiros (*Zamora, Zelanda, Zurich*).

Por último, referir-nos-emos ao grafema mudo <h>, a oitava unidade segundo a ordem alfabética, que ocupa quatro páginas da **Prosa Grammatonica**: entre os Antigos esta unidade gráfica originara já intensa discussão sobre a sua natureza – letra ou aspiração –, visto ser exterior às relações fonográficas da maior parte dos grafemas precedentes. Rafael Bluteau parece preferir a segunda classificação (aspiração), ainda

---

<sup>99</sup> Cf. p.216: “Dos Portuguezes (Je não me engano) Je poderia dazer a mesma queixa, porque com todas as letras dobradas, v.g. com dous PP, com dous NN, com dous TT ujaão o mesmo, e taõ levemente os tocaõ, que ao ouvido parecem huma só”.

que na língua portuguesa ela não exista, discordando, porém, do radicalismo fonético de João Franco Barreto, que propusera a sua proscricção em início de palavra, ponto que nem Nunes de Leão, nem Álvaro Ferreira de Vera, nem tão pouco Bento Pereira haviam ousado, facto que não é de estranhar se atentarmos nos princípios que consubstanciam as ortografias dos autores em causa; assim, nome do uso mais consensual<sup>100</sup> Bluteau perfilha o <h> inicial. Afora este caso, Bluteau refere ainda a função desta unidade nos dígrafos vernáculos <ch, lh, nh>; porém, em palavras de origem grega o dígrafo <ch> difere do primeiro daqueles tanto na origem como na pronúncia, embora o autor preveja a sua vernaculização, quer dizer, a sua substituição por <c> ou <qu>, conforme dissemos acima.

Quanto aos grafemas representativos da palatal chiante surda /ʃ/ partir da definição clássica de <x> como “letra dobrada”, Bluteau descreve o valor deste grafema em correspondência com o do dígrafo vernáculo <ch>, embora trace com nitidez a diferença articulatória entre uma fricativa e uma africada palatal, ao afirmar que “Nós, com a pronunciação Arabica pronunciamos o X quasi como *ch*, porque dizemos *enxame*, *enxerto*, *enxerto*, e outros semelhantes, como se estivera escrito *enchame*, *enchergar*, *encherto*, &c. Só tem alguma differença no C, porque na pronunciação do nosso *ch*, como *chover*, *chuva*, *chave*, *chea*, &c. não dizemos simplesmente *xover*, *xuva*, *xoveo*, *xea*, &c. mas carregamos alguma coufa no C, como se tivera hum principio de T” (p.224). A este valor de <x>, outros acrescenta ainda Bluteau: assim, discrepando de Ferreira de Vera com respeito à pronúncia de <x> como [ks], por ex. em *extraordinario*, *exceder*, *exame*, *exercito*, *exercitar*, *exemplo*, *excellente*, realização que

---

<sup>100</sup> Assim, a sua posição nesta matéria não deixa lugar a dúvidas: “Se pois nenhum dos ditos Authores he taõ riguroso, que do principio dos vocabulos, que começã por vogaes, exclua o H, tenhaõ os fautores, e padrinhos de Joaõ Franco Barreto paciencia, se neste particular não figo o seu parecer. Muito menos me posso conformar com elle depois que considerey, que as outras tres filhas da lingua Latina, e irmãas da lingua Portugueza [castelha, francesa e italiana], à imitação de sua mãy a lingua Latina, admittirão o H em syllabas, com que principião algumas das suas palavras (...)” (p.198). Acrescenta depois: “Pois que? Ao uso commum de todos os Orthografos Latinos, Castelhanos, Italianos, e Francezes, prevalecerá a fantasia, ou antipathia de Joaõ Franco Barreto, perseguidor, e exterminador de huma letra, que não só no meyo da dicção, mas ainda nos ditos vocabulos, occupando o primiero lugar, he taõ modesta, que senão faz sentir a quem a pronuncia, e só quando se vê escrita, se divisa. Em quantos absurdos cahirá, e com quantos equivocos se confundirá o idioma Portuguez, se nos vocabulos que começam por vogal, senão conservar o H?” (p.199).



o lexicógrafo não entende ser geral<sup>101</sup>. Os grafemas <f> e <v>, que representam as fricativas lábio-dentais surda e sonora respectivamente, não suscitam controvérsia, excepto em termos cali-tipográficos, como já se observou acerca da distinção entre a figura de <u> e a de <v>. De facto, <f> apenas sofre a concorrência de <ph>, ainda assim apenas em vocábulos de origem grega. Depois de confrontar as opiniões de João Franco Barreto (1671), Álvaro Ferreira de Vera (1631) e Bento Pereira (1666) – segundo a ordem apresentada por Bluteau –, e de sublinhar a diferença entre o uso do vulgo e o uso dos homens literatos, estudiosos e cientes, acaba por postular três critérios para a vernacilização ou conservação das grafias cultas (cf. infra).

Com respeito a <m> e <n>, grafemas representativos das consoantes nasais bilabial e dental respectivamente, com funções diacríticas ao assinalarem a nasalidade vocálica em diversas posições e contextos, há a sublinhar diversos aspectos. Primeiro, o facto de Bluteau aponta três valores para <m>, que na verdade se reduzem a apenas, conforme se vê em *mimosamente*: um é o valor de consoante nasal bilabial; outro, o de marca da nasalidade. Por outro lado, em nome da derivação ou etimologia, nos compostos estipula manutenção de <m> como marca da nasalidade, conquanto confesse ter vernaculizado essas grafias no seu *Vocabulário* (*circumferencia~circunferencia, circumflexo~circunflexo, contigo, comnosco*, p.208); como marca da nasalidade vocálica ocorre ainda em posição final (*homem, viagem*, p.209), onde não tem, portanto valor consonântico<sup>102</sup>. Mais controvérsia entre os ortógrafos tem suscitado o grafema <n>: por um lado, confronta as opiniões respeitantes à pronúncia e à grafia do grupo <gn>, sendo que se uns postulam a vernaculização em consonância com o critério fonético outros, pelo contrário, defendem a preservação do vínculo etimológico e a

---

<sup>101</sup> Cf. p.224: “(...)mas duvido muito, que esta exceção tenha a aprovação de todos, porque para estas, e outras semelhantes dicções serem pronunciadas com X Latino, que no idioma Portuguez tem a força, e potestade de cs, seria preciso pronunciar as ditas palavras com o som seguinte *ecstraordinario, ecsceder, ecfame, Ecsercito, ecsercito, ecsemplo, ecscellente*, &c. o que muitos (Je não me engano) totalmente não observão”.

<sup>102</sup> Cf. p.209: “Da pronuniação do nosso M no fim de varias dicções se collige, contra a opiniaõ dos nossos Orthografos, que nem sempre pronunciamos como escrevemos, *Homem, viagem, pentem*, e muitos outros vocabulos, que acabaõ com M na boca dos Portuguezes não se pronunciaõ como se escrevem, porque a escritura na ultima diz *em*, e a pronuncia diz *en*. (...) Quando acabamos de pronunciar *hominem, pectinem*, e outros vocabulos, cuja ultima letra he M, temos a boca cerrada; e quando acabamos de pronunciar *homem, pentem*, &c. ficamos com a boca aberta”.

consequente reintrodução da consoante muda na pronúncia (*ignorante, dinidade, benino, inorante~ inorancia, dino~digno*, p.209); por outro lado, trata do problema da nasalidade vocálica, designadamente do ditongo grafado com <aõ>, no qual se realiza um <n> final, da terminação *-em* e da sílaba inicial em *en-*, de cuja descrição parece poder concluir-se que nesses contextos se realiza então uma vogal nasal [ɛ̃], e não um ditongo como registam autores posteriores<sup>103</sup>.

Menos extenso é o depoimento relativo ao grafema representativo da vibrante simples ou múltipla, a *canina littera*, como era conhecida entre os Latinos, visto Bluteau apenas aludir à ocorrência de vibrante no infinitivo dos verbos. Todavia, é no âmbito da exposição sobre a duplicação <ll> que encontramos uma referência à oposição funcional entre o grafema simples <r> e o duplo <-rr->, distinção contextual que assenta no princípio fonético.

Dos dígrafos greco-latinos se ocupa o lexicógrafo à medida que trata das diferentes “letras” com eles relacionadas, ou seja, <f>, <p>, <r>, e <t>, se bem que os princípios ortográficos que assistem à doutrina relativa a este aspecto do sistema gráfico se encontrem reunidos de forma mais sistemática no âmbito do tratamento de <f>. São eles: a etimologia<sup>104</sup>, a tradição<sup>105</sup> e o uso dos doutos<sup>106</sup>. Embora confesse a existência

---

<sup>103</sup> As formas relatinizadas são avaliadas diferentemente: *magna* é admissível e *regno* foi substituído por *reyno*. Quanto à descrição da nasalidade, Cf. p.210: “(...) todos os noſſos ſubſtantivos, que no ſingular acabaõ em em, como *bagagem, vaſſalagem, romagem, &c.* e todas as terceiras peſſoas do indicativo plural dos verbos, que ſe terminaõ em *em*, por exemplo *fazem, dizem, vivem, &c.* na pronunciação da ultima ſyllaba fazem hum ſoido, ſemelhante a *en*; tanto aſſim, que podem ſervir de primeira ſyllaba de todos os noſſos verbos, que começaõ por *en*, como v.g. *enſadar, enſernar, entoar, entibiar, &c.*”

<sup>104</sup> Cf. p.194: “Porque eſcrevendo-as com Orthografia Portugueza, ordinariamnte não podem dar razaõ do ſeu ſignificado, nem entendem bem o que eſcrevem; v.g. muitos, que eſcrevem *Filofofia*, não ſabem, que as duas primeiras ſyllabas do dito vocabulo ſe derivaõ do Grego *philos*, amor, e as tres ultimas de *sophia*, *ſapiencia*; e aſſim ignoram que *Philofophia* vem a ſer o meſmo, que *Amor da ſapiencia*”.

<sup>105</sup> Cf. p.194: “Convem, que com ph, th, e não com F, nem T ſimplez, os Portuguezes eſcrevaõ em Portuguez as palavras Greco-Latinas, porque faltandolhe eſte requiſito, nos Vocabularios Latinos não acharãõ facilmente os vocabulos, de cuja intelligencia neceſſitaõ, v. g. quem ſe coſtumar a eſcrever *Anfiloquia, anſitrite* (...) buſcando as ditas palavras por *anf*, e não por *amph*, não as achará, nem poderá ſaber, que *Amphiloquia* he Cidade da Grecia (...)”.

<sup>106</sup> Cf. p. 194: “A terceira, e ultima razaõ, que poderia perſuadir a introducção da Orthografia Grega no uſo das palavras Greco-Latinas, aportuguezadas, reſpeita aos noſſos nobres, e literatos do Reyno. Na China ha huma linguagem, que com diſtinção ſe falla na Corte; nas Cortes pede o decoro, que a nobreza, e os doutos no fallar, e no eſcrever ſe diſtingaõ do vulgo. Em Portugal he hoje muito facil eſta diſtinção na Orthografia das palavras derivadas do Grego. (...) Para aportuguezallas, e vulgarizallas com o ſeu proprio ſignificado, o meyo mais facil, e mais facil, he uſar dellas com a meſma Orthografia, com que na dita

Cont. na página sgte.

de não poucas confusões no seu **Vocabulario**, ora seguindo a Ortografia Grega, ora a Latina, incoerências que justifica com base na ausência de reflexão prévia sobre os princípios ortográficos a adoptar na confecção do referido **Vocabulario**<sup>107</sup>, Bluteau investe as obras lexicográficas de uma relevante função social de elucidação ortográfica, independentemente das doutrinas metaortográficas, facto ao qual não deverão ser estranhos nem o carácter consultivo nem os objectivos pedagógico-didácticos dessas obras. Contudo, no caso do dígrafo <ch>, para grafar as palavras de origem grega, admite o lexicógrafo a sua nacionalização gráfica, quer dizer, a sua substituição por <c>, antes de vogal central ou posterior, ou <qu>, junto de vogal anterior ou palatal, por ex. em *caridade, monarca, character, coro* e *quimera* (*charidade, monarcha, character, choro, chimera*, p.200).

Com respeito às fontes metaortográficas do teatino, merece destaque a sistemática referência à doutrina de João Franco Barreto, cujas citações não só são exactas como lhe permitiram aceder a fontes não estrangeiras: assim se justifica, entre outras, a remissão vaga e incompleta ao castelhano Bartolomé Jiménez Patán, que figurava na fonte seiscentista.

À vista da estratégia expositiva adoptada por Rafael Bluteau, é fácil de entender que muitos aspectos do sistema gráfico não tenham sido contemplados na **Prosa Grammatonomica**, como é o caso da acentuação e da pontuação, por exemplo. Ainda assim, no que diz respeito àquilo que denominamos de plano alfabético, a doutrina do teatino fica amplamente exposta: concomitantemente com a apreciação crítica das fontes invocadas, em especial a **Ortografia** de João Franco Barreto, toma posição perante as tendências antagónicas o autor, perfilhando por vezes a vernaculização, consubstanciada por exemplo na substituição dos dígrafos greco-latinos por grafemas

---

Profodia se achão impressas; o mudarlhe a Orthografia, he estropeallas, e privallas do seu genuino sentido (...)"

<sup>107</sup> Cf. p.195: "Eu, que nisto mesmo tenho faltado, confesso minha culpa, e sinto muito ter dado tão mau exemplo. Em muitas dicções do meu Vocabulario tenho confundido as duas Orthografias Grega, e Latina; porque como no principio, e continuação da obra ainda não tinha tomado partido, hum dia, à imitação de algum Author Portuguez, seguia a Orthografia dos Gregos, outro dia, à imitação de outro Author da mesma nação, seguia a dos Romanos; e quando quiz remediar, já não era tempo, porque a mayor parte dos volumes tinhaõ sahido à luz, e só com outra edição, (se a obra a merecer, e a conseguir) se poderãõ emendar estes, e outros erros".

simples (*monarquia*, por ex.) ou na rejeição de grupos consonânticos (*regno*, por ex.). Em outros aspectos, porém, mantém inalterada a componente etimológica e analógica, como por exemplo sucede com as duplicações e certos grupos consonânticos (*attribuir*, *differentes*, *ellas*, *accusativo*, *Scaligero*), e grafemas e dígrafos cultos (*syllaba*, *Orthografia*). Daqui resulta um sistema ortográfico misto semelhante aos de autores setecentistas e oitocentistas (cf. 1º vol., I, II), sistema que, com as diferenças assinaladas de resto pelo próprio autor das **Prosas**, é o mesmo do **Vocabulário**, obra que se repercutirá intensamente nas obras gramaticais e ortográficas posteriores, precisamente devido ao seu carácter de instrumento pedagógico-didáctico, tanto mais que foi a primeira lexicográfica de grande fôlego.

É denotar o significativo impacto que as **Prosas** académicas tiveram no seu tempo e nas décadas ulteriores, valendo por isso a pena referir as abundantes alusões, explícitas ou não, de que foram objecto por ex. no **Verdadeiro Método de Estudar**, como demonstrou o Prof. Salgado Júnior na sua edição comentada da obra verneiana. De facto, enquanto que Verney acedeu à doutrina de alguns ortógrafos por intermédio de Bluteau, este mostra delas ter conhecimento directo. Na **Prosa Grammatonomica**, terá o Barbadinho encontrado não só matéria para reflexão sobre a questão ortográfica, como também informação acerca das soluções ortográficas de autores portugueses, porque confessa, a dado passo, não ter lido Leão ou João de Barros<sup>108</sup>. Acrescente-se, no entanto, que as alusões verneianas à doutrina metaortográfica do teatino nem sempre é precisa, sendo mencionados três dos textos metaortográficos de Bluteau, a saber, a **Prosa Apologetica** (V. Mét., p.25), as **Decisoens Academicas** (V. Mét., p.33, 6ª conferência), denominadas opúsculos, e a **Prosa Grammatonomica** (V.Mét., pp.28,

---

<sup>108</sup> Cf. **Verd. Método**, p.33: “Lendo eu a este intento o Bluteau nos-opusculos, fiquei confirmado, que poucos omens pensam bem, ainda dos-que tem bom nome. confesa, que muitos eram de parecer, que s’escrevese Filozofia, sem ph: e que nem sempre se-avia de seguir a pronuncia, pois era esta a maior excelencia do-Portuguez; no-qual as letras dobradas eram inutis. Que desta opiniam era Duarte Nunes de Leam, 6 joam de Barros, nas suas Ortografias; e outros muitos autores, que escreveram da-lingua. contudo diz, que na academia do-Ericeira se-asentára, que nem sempre se-devia escrever como a pronuncia: Mas aqueles nomes que conhecidamente encerravam origens sem corrusam, s’inscrevesem como na sua etimologia, quando as letras nam fosse como a pronuncia: e asim *Coro*, e nam *Choro: Monarquia*, e nam *Monarchia*: E que os zz s’evitasem muitas vezes, servindo-se dos- confeso a V. P. que nam pude ler isto sem rizo. eu nunca li as obras do-Leam, ou Barros, nem me-cansei em buscalas: mas agora fico formando melhor conceito deles”.

38). Mesmo assim, o Barbadinho alude vagamente à obra de Bluteau, ao observar “(...) tive curiosidade de ler, o que dise nesta materia o P. Bluteau. cuja leitura me confirmou, no-meu propozito, e me-convida, a abrir-me mais prontamente: porque alfim vejo, que tenho mais padrinhos, doque nam cuidava” (p.16). De qualquer forma, Bluteau parece ter sido a principal referência doutrinal de Verney, mesmo quando discorda – e muitas vezes isso acontece – do lexicógrafo teatino.

#### 4. Nota final

Feita que foi uma revisão às principais obras metaortográficas impressas em português entre 1536, data da primeira gramática vernácula, e 1734, data da **Orthographia, ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua Portugueza** (Lisboa Occidental, Na Oficina de Miguel Rodrigues), de João de Morais Madureira Feijó. Como se dizia na **Introdução**, percorreram-se textos metaortográficos e gramaticais representativos do humanismo renascentista até aos prenúncios do racionalismo. Tecer-se-ão agora algumas considerações acerca das ideias ortográficas vigentes ao longo desse período de quase duzentos anos ~~em~~ procurando-se o seu enquadramento ideológico-cultural.

Na verdade, como já tivemos ocasião de salientar<sup>109</sup>, ao analisarmos o seu sistema gráfico, Madureira Feijó é o máximo expoente da corrente etimológica ou latinizante, a qual se vinha delineando nos seus principais contornos desde a segunda metade de quinhentos. A posição deste ortografista e gramático, na história das ideias ortográficas em Portugal, decorre de uma estratégia metodológica que articula, para além de uma instrução gramatical mínima, a exposição-prescrição dos princípios e das soluções gráficas, assim como uma ampla ilustração, em formato de pequeno vocabulário, que cumpria pelo menos em parte as funções de um dicionário de língua ao incluir paradigmas definicionais das entradas. A conjugação destas vertentes era suficientemente vantajosa ao ponto de explicar a popularidade da obra nos meios

---

<sup>109</sup> Da autora deste trabalho, vide: **Madureira Feijó, ortografista do século XVIII. Para uma história da ortografia portuguesa**, Lisboa, ICALP, 1992.

escolares setecentistas e oitocentistas, e por, conseguinte, o avultado número de edições conhecidas, ao mesmo tempo que era favorecida pela situação privilegiada do autor como continuador da tradição alvarística nas suas **Explicationes** e pelo proteccionismo às obras da escola jesuítica, situação só alterada pela perseguição aos membros da Companhia durante o Pombalismo.

Sem retomarmos a análise do sistema gráfico proposto por Madureira Feijó (1688-1741), não serão contudo despiciendas algumas reflexões sobre a importância desta **Orthographia** para as ideias ortográficas em Portugal, incluindo também a produção brasileira nesta matéria.

Incidiremos, em particular, na relação entre trânsito editorial de um manual deste género no Portugal de setecentos, só largamente ultrapassado pela **Arte da Grammatica da Lingua Portugueza** (1770) de António dos Reis Lobato (cf. I), de vido às condições políticas, sociais e culturais que permitiram a longevidade desse manual<sup>110</sup>. Assim, conquanto admitamos a existência de outras não localizadas, indiquem-se as seguintes edições do manual ortográfico de Feijó:

**1ª impressão:** Orthographia, / ou/ Arte de ESCREVER, E/ Pronunciar com acerto /A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DI EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES MADUREYRA FEIJÓ / Presbitero do habito de S. Pedro, Bacharel em Theolo- / gia, e Prégador. divide-se em tres Partes, a primeira de cada hã das letras, e / sua pronunciaçaõ. Das vogaes, e Dithongos. Dos accentos, / tons da pronunciaçaõ. A segunda de como se dividem as pa- / lavras. Da pontuaçaõ, algũas abbreviaturas, conta dos Roma- / nos, e Latinos, Calendas, Nonas, e Idos. A terceira dos erros / do vulgo, e emendas da Orthografia, no escrever, e pronunciar / toda a lingua Portugueza, verbos irregulares, palavras du- / bias, e as suas significaçoens. Hã breve instrucçaõ para os Mestres das Eschólas. Lisboa Occidental, Na Officina de Miguel Rodrigues, 1734.

**2ª impressão a.:** ORTHOGRAPHIA, / OU/ ARTE DE ESCREVER, / E Pronunciar com acerto / A LINGUA PORTUGUEZA. / PARA USO / DO

---

<sup>110</sup> Cf. Carlos Assunção Costa, **Para uma gramatologia portuguesa**, 2º vol., Universidade de Alto Douro e Trás-os-Montes, 1996.

EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREYRA FEIJÓ, / Da Nobilissima Casa dos Morgados de Parada. solar dos Madurey- / ras Feyjós deste Reyno, Bacharel em Theologia, e Prior da / Igreja Parochial da Villa de Ansaã. (...), Segunda Impressão, Coimbra, Na Officina de Luis Secco Ferreyra, 1739.

**2ª impressão b.:** ORTHOGRAPHIA, / OU Arte de ESCREVER, E / Pronunciar com acerto / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO DO EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREYRA FEIJÓ, / Da Nobilissima Casa dos Morgados de Parada. Solar dos Madurey- / ras Feyjós deste Reyno, Bacharel em Theologia, e Prior que / foi da Igreja Parochial da Villa de Ansaã. (...), Segunda Impressão, Coimbra, Na Officina de Luis Secco Ferreira, 1739.

**2ª impressão c.:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E Pronunciar com acerto / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO EXCELLENTISSIMO / DUQUE / DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREIRA FEIJO', / Da Nobilissima Casa dos Morgados de Parada. Solar dos Madu- / reyras Feyjós deste Reyno, Bacharel em Theologia, e Prior / que foi da Igreja Parochial da Villa de Ansaã. (...), Segunda Impressão, Coimbra, Na Officina de Luis Secco Ferreira, 1739.

**2ª impressão d.:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E Pronunciar com acerto / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO DO EXCELLENTISSIMO / DUQUE / DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREIRA FEIJÓ, / Da Nobilissima Casa dos Morgados de Parada. Solar dos Madu- / reyras Feyjós deste Reyno, Bacharel em Theologia, e Prior / que foi da Igreja Parochial da Villa de Ansaã. (...), Segunda Impressão, Coimbra, Na Officina de Luis Secco Ferreira, 1739.

**2ª impressão e.:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, E / Pronunciar com acerto / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREYRA FEIJÓ, / Presbytero do habito de S. Pedro, Bacharel em Theolo- / gia, e Prégador. (...), [Segunda Impressão], Lisboa Occidental, Na Officina de Miguel Rodrigues, 1739.

**2ª impressão f.:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, E /  
Pronunciar com acerto / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO  
EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE  
MORAES / MADUREYRA FEIJO', / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em  
Theologia, / e Prégador. (...), [Segunda Impressão], Lisboa Occidental, Na Officina de  
Miguel Rodrigues, 1739.

**3ª impressão:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E /  
PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA / PARA USO / DO  
EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE  
MORAES MADUREYRA FEIJÓ, / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em  
Theologia, e Prégador. DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Terceira Impressão mais  
correcta, Lisboa, Na Regia Officina Typographica, 1781.

**4ª impressão:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E /  
PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO  
EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE  
MORAES MADUREYRA FEIJÓ, / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em  
Theologia, e Prégador. / DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Quarta Impressão mais  
correcta, Lisboa, Na Regia Officina Typographica, 1786.

**5ª impressão:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E /  
PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO  
EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE  
MORAES MADUREYRA FEIJÓ, / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em  
Theologia, e Prégador. / DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Quinta Impressão mais  
correcta, Lisboa, Na Regia Officina Typographica, 1797.

**6ª impressão:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E /  
PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO  
EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE  
MORAES MADUREYRA FEIJÓ, / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em  
Theologia, e Prégador. / DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Sexta impressão mais  
correcta, Lisboa, Na Regia Officina Typographica, 1802.

**7ª impressão:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E /  
PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO



EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREIRA FEIJO', / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em Theologia, e Prégador. / DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Setima impressãõ mais correcta, Lisboa, Na Impressão Regia, 1806.

**8ª impressão a.:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E / PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREYRA FEIJO', / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em Theologia, e Prégador. / DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Oitava impressãõ mais correcta, Lisboa, Na Impressão Regia, 1814.

**8ª impressão b.:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E / PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREIRA FEIJO', / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em Theologia, e Prégador. / DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Oitava Impressãõ mais correcta, Lisboa, Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1815.

**9ª impressão:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E / PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREIRA FEIJO', / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em Theologia, e Prégador. / DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Nona impressãõ mais correcta, Lisboa, Na Typographia Lacerdina, 1818.

**10ª impressão:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E / PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA./ PARA USO / DO EXCELLENTISSIMO / DUQUE DE LAFOENS. / PELO SEU MESTRE / JOAÕ DE MORAES / MADUREIRA FEIJO', / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em Theologia, e Prégador. / DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Decima impressãõ mais correcta, Lisboa, Na Impressão Regia, 1824.

**Nova impressão mais correcta:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E / PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA; / SEU AUCTOR, / JOAÕ DE MORAES / MADUREIRA FEIJO'. / DIVIDE-SE EM

TRES PARTES (...), Decima impressãõ mais correcta, Lisboa, Na Typographia de Eugenio Augusto, 1836.

**Nova edição:** ORTHOGRAPHIA, / OU / ARTE DE ESCREVER, / E / PRONUNCIAR COM ACERTO / A LINGUA PORTUGUEZA / POR JOAÕ DE MORAES / MADUREIRA FEIJÓ. / Presbytero do Habito de S. Pedro, Bacharel em Theologia, e Prégador. / DIVIDE-SE EM TRES PARTES (...), Decima impressãõ mais correcta, Lisboa, Na Typographia Rollandiana, 1861.

A julgar pelo número de versões (6) da segunda impressão, o êxito da obra de Feijó não oferece dúvidas, não obstante a sua **Arte Explicada**, que alinhava na tradição alvarística, ter sido proibida por Alvará Régio do Marquês de Pombal (1759), após a expulsão dos Jesuítas: na verdade, apesar de a sorte daquela obra gramatical para o ensino do latim se ter repercutido na da **Orthographia**, já que entre a segunda impressão (1739) e a terceira (1781) edições medeiam quarenta e dois anos, durante os quais se registou precisamente a substituição dos manuais escolares jesuíticos pelos dos oratorianos<sup>111</sup>. A interrupção da impressão da obra ortográfica de Feijó prende-se portanto com as mudanças ideológicas e pedagógicas, mas a **Orthographia** volta ao circuito editorial ao tempo de D. Maria I, passando até a ser impressa na Regia Officina Typographica ou Impressão Regia (1781, 1784, 1797, 1802, 1806, 1814, 1824), o que parece indicar pelo menos um abrandamento da perseguição da obra ortográfica de Madureira Feijó. A história editorial da segunda impressão é deveras curiosa, pois existem seis versões, com ou sem indicação de serem segundas: quatro pelo impressor Luís Seco Ferreira, de Coimbra, e duas por Miguel Rodrigues, de Lisboa, o impressor da 1ª impressão. Sem aprofundarmos uma questão que levaria para um campo que se afasta dos nossos objectivos – a crítica textual – esta situação explicar-se-á à luz da situação editorial vivida naquela época, dado que proliferavam as edições mais ou

---

<sup>111</sup> Vide, Maria Helena de Teves Costa, *Livros Escolares de latim e de grego adoptados pela reforma pombalina dos Estudos Menores*, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XIV, Paris, 1979, pp.287-329; Telmo Verdelho, *Historiografia e história do ensino. A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal*, *Brigantia* (sep.), 2, 4, 1982, pp.347-383.

menos clandestinas devido ao incremento do número de casas de impressão no Portugal setecentista.

Do mesmo modo, da oitava edição existem duas versões, uma de 1814, pela Impressão Régia, outra de 1815 por António Rodrigues Galhardo<sup>112</sup>, ambas com igual número de páginas, a mesma disposição da folha de rosto e as mesmas características gráficas. O certo é que, não obstante estes avatares editoriais, cento e vinte sete anos depois de vir a lume e a escassos anos das movimentações sónicas, a **Orthographia** continuava a ser reimpressa e a ser objecto de abundantes citações (cf. 1º vol., II).

### 5. Lista cronológica de autores (1536-1734)

- (1536) Fernão de Oliveira
- (1540) João de Barros
- (1574) Pêro de Magalhães de Gandavo
- (1576) Duarte Nunes do Leão
- (1606) Duarte Nunes de Leão
- (1615) Amaro de Roboredo (Lisboa, por António Aluares, s.d. 1671, Lisboa, Officina Joaquiniana)
- (1619) Amaro de Roboredo
- (1623) Amaro de Roboredo
- (1624) Manuel Severim Faria
- (1631) Álvaro Ferreira de Vera
- (1666) Bento Pereira
- (1699) António Franco
- (1671) João Franco Barreto
- (1710) José de Macedo
- (1715) António da Silva Álvares
- (1721/1725) D. Jerónimo Contador de Argote

---

<sup>112</sup> A actividade deste impressor prolonga-se de 1761 até dentro do século XIX. Vide: Ângela M. M. Barcelos da Gama, *Livreiros, editores e impressores em Lisboa no século XVIII*, *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, 1967, XIII, nº49-52, pp. 36-37.

- (1721/1728) D. Rafael Bluteau
- (1722) Manuel Andrade de Figueiredo
- (1734) João de Moraes Madureira Feijó

## **6. Impressores (até 1734)**

- António Álvares (Lisboa)
- António de Siqueira (Lisboa)
- Belchior Rodrigues (Lisboa)
- Casa de Miguel Dias (Amsterdão)
- Domingos Carneiro (Lisboa)
- Germão Galharde (Lisboa)
- João da Barreira (Lisboa)
- João da Costa (Lisboa)
- José António da Silva (Lisboa)
- Manoel de Carvalho, Impr. da Universidade (Évora)
- Manuel de Lira (Évora)
- Manuel Ribeiro (Lisboa)
- Mathias Rodrigues (Lisboa)
- Of. de Manoel Antonio Monteiro (Lisboa)
- Off. de Valentim da Costa Deslandes (Lisboa)
- Officina da Musica (Lisboa Occidental)
- Officina Joaquiniana da Musica de Bernardo Fernandez Gayo (Lisboa Occidental)
- Paulo Craesbeeck (Lisboa)
- Pedro Craesbeeck (Lisboa)
- Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus (Coimbra)
- Tip. da Universidade (Évora)
- J. Antunes da Silva (Coimbra)

## **ANEXO 2**

### **BIBLIOGRAFIA**

## **BIBLIOGRAFIA**

### **1. ORTOGRAFIAS e GRAMÁTICAS**

#### **SÉCULO XVI:**

- **ALVAREZ, António, Exemplos de diversa sortes de Letras, tirados da Poligraphia de Manvel Baratta**, escriptor portuguez, accrescentados pello mesmo autor, pera commum proveito de todos. Dirigidos ao Excellentissimo Dom Theodosio Duque de Bragança, & de Barcelos, &c. Condestable dos Reynos de Portugal. Acostados a elles hum tratado de arimetica & outro de Orthographia Portuguesa, 1590 (a custa de João de Ocanha livreiro de sua excellencia, onde se vendem) [Inclui: Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia Portuguesa, com hum Dialogo que adiante se segue em defensão da mesma lingua autor Pero de Magalhães de Gandauo. Impressor com licença: em Lisboa por Belchior Rodriguez, Anno de 1590].
  
- **ALVAREZ, Manuel, Arte da Grammatica**, Évora, 1599 (1ª edição de 1572)  
[B.M.Elvas: P.H.2661(1572; P.H. 6015 (1599)
  - Emmanuelis Alvari e Societate Iesu de institutione grammatica libri tres, Lisboa, João de Barreira, 1572.
  - Outras edições: Lisboa, Manuel Ribeiro, 1578, 1585; Évora, Manuel de Lira, 1596, 1599; Évora, Tipografia da Universidade, 1694, 1741, 1744, 1748, 1751, 1755.
  
- **ANCHIETA, Pe. José de, Arte da Grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil. Feita pelo Padre Joseph de Anchieta da Cōmpanhia de Jesu**, Coimbra por António de Mariz, 1595.
  
- **BARATA, Manuel, Arte de Escrever**, Lisboa, 1572.
  - **Exemplos de diversas sortes de letras, tirados da polygraphia Manuel Barata escriptor portuguez** (Acostados a elles hum tratado de

Aritmetica e outro de Orthographia Portugueza accrescentados pelo mesmo autor), Lisboa, Antonio Alvarez, 1590. B.P.E.: Res. 187

- **BARROS**, João de, **Grammatica portuguesa**, Olyssipone, Apud Ludouicum Rotorigium Typographum, MDXL [1540]- 60 fls.
  - Reprodução fac-similada in: João de Barros, **Gramática da Língua Portuguesa**, edição de Maria Leonor Buescu, Publicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
  
- **CASTANHO**, Porfirio da Mata, **Papel Mataburrão: aque passaram envoltos em pretas lagrimas de penoso instrumento, os sentidissimos ays e dolorosos gritos da senhora D. Grammatica**, 1fol., Madrid, 1572(?) B.M.Elvas: P.H. 3269 (Borrão lançado no papel de Mata Burrão ou rolha de papel fino para tapar a boca à D. Grammatica, 1 fol., Madrid, s.d.; P.H. 3270
  
- **GÂNDAVO (Gandavo)**, Pero de Magalhães de, **Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum dialogo que adiante se segue em defensam da mesma lingua**, Lisboa, Na Officina de António Gonçalves, 1574. B.M.Évora: Gab. E. 6-C (in 4º 8187). Edições: 2ª ed. 1590 (Bechior Rodrigues), 3ª 1592 (Antonio de Siqueira) e, também 3ª, 1592 (Ocanha, em conjunto com os Exemplares de diuersas sortes de letras de Manuel Baratta e um Tratado de Aritmetica).
  
- **LA MOLLIÈRE**, A portuguese grammar, London, 1662.
  
- **LEÃO**, Duarte Nunes de, **Orthographia da Lingua Portuguesa**, Lisboa, João de Barreira, 1576. B.M.Elvas: P.H.1162 (ed. 1784)
  - **Origem da Lingoa Portvgueza**, Lisboa, por João de Barreira Impressor del Rei N. S., MDLXXVI. CLUL: R. 1073
  - Edições: **Origem e Orthographia da Lingua Portugueza**, Nova edição, Lisboa, Na Typ. Rollandiana, 1784.CLUL: R. 1074-806.90-1 LIA

- **Origem e Orthographia da Lingua Portugueza**, Nova Edição (3ªed.), Typographia Panorama, Lisboa, 1864.
  
- **OLIVEIRA**, Fernão de, **Grammatica da lingoagem portuguesa**, Lisboa, Germão Galharde, 1536.
- **Grammatica da linguagem portugueza...2ª edição** conforme a de 1536, publicada por diligencia e trabalho do Visconde d'Azevedo e Tito de Noronha, Porto, Imprensa Portuguesa, 1871. B.P.Évora: N. RES.-726; B.M.Elvas: P.H.5008
- **A Gramática da linguagem portuguesa. Introdução, leitura e notas** por **Maria Leonor Carvalhão Buescu**, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.
- **Grammatica da Lingoagem Portuguesa**, ed. crítica, acompanhada de fac simile, 1989.
  
- **SOARES**, João, **Cartinha para aprender a leer: cõ as doutrinas da prudencia e regra de viuer em paz. nouamente imprimida**, Lisboa, por Germão Galharde, 1534. BNL: Res. 3.837 P.
- Idem, nouamente imprimida em Lisboa por German Galhardo, 1554 (?)  
B.P.E: Res. 265-B/ Res. 300-A/ Res.300-B/Res. 309.

## **SÉCULO XVII:**

- **BARREIRA**, **Plantas da escriptura em portugues**, 1 t., Lisboa, 1698.
  
- **BARRETO**, João Franco, **Ortografia da lingua Portugueza**, Lisboa, Na Oficina de João da Costa, 1671.B.P.Évora:N.RES./188 e BAZul 3911; B.M.Elvas: P.H.790 (2ªed.1681?) e P.H. 2353 (1ª ed.).
  
- **CHORRO**, Bartolomeu Rodrigues, **Curiosas advertencias da boa grammatica no compendio do P. Manuel Alvares; em lingua portugueza**, Coimbra, Officina de João Antunes, 1693.



- **FARIA**, Manuel Severim de, **Discurso Varios Politicos por...** Chantre, & Conego na Santa Sê de Euora. Com as licenças necessarias. Em EVORA, Impressos por Manoel Carvalho Impressor da Uniuersidade, anno 1624. Discurso II- Das partes que ha de hauer na lingoagem para ser perfeita, & como a Portuguesa as tem todas, & com alguas com eminencia de outras lingoas (fls. 62 a 86 v.)
  
- **FIGUEIRA**, Pe. Luís, **Arte de Grammatica da Lingua Brasilica**, Na Officina de Miguel Deslandes, Lisboa, 1687.
  
- **FRANCO**, António, **Promptuario da Syntaxe, dividido em duas partes**, Evora, na Offic. da Universidade, 1699. 8º / Lisboa, Off. de Miguel Deslandes, 1699. B.N.L.: L. 1.846 P.  
 - Idem, 3ª Impr. (Sahe novamente acrescentada com muitas advertencias, & cousas singulares, Indice copioso), Lisboa, Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1709. B.N.L.: L. 548 P.
  
- **FREIRE**, P. João Nunes, **Anotaçoens Ad Rudimenta Grammaticae nas regras geraes d'ella com huma instrucção brevissima para se começar a compôr e instruir Vulgo Syntaxinha...com duas regras gerais da Orthographia ordenadas pelo (...)**, Lisboa, imp. viúva Manuel Carvalho, 1676. B.P.É: N. Res. Maniz. 881  
 - **Margens da syntaxe, com a construcção em Portuuez, posta na interlinea do texto das regras d'ella pela arte do P. Manuel Alvares**, Coimbra, Manuel Dias, 1653.
  
- **LEÃO**, Duarte Nunes de, **Origem da lingoa portugueza**, Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1606 [4ª de 150p.]. B.P.Évora: Reser.-Gab. E.5-C.1nº 32 /Res.163; B.N.L.: Res. 5.143 P.

- **PEREIRA, Bento, Thesouro da Lingua Portuguesa, 1649. B.P.Évora:**  
Azul/8069
  - **Regras gerays, breves, e comprehensivas da melhor ortografia com que se podem evitar erros no escrever da Lingua Latina. & Portugueza, Para se ajuntar à Prosodia, Ordenadas pelo Author dellas o P. D. Bento Pereyra da Companhia de Jesus, Qualificador do s. Officio; Approvadas per Varoës peritissimos em huma, & outra lingua. Dividemse em tres partes: a primeira he das regras commuas à lingua Latina, & Portugueza. A segunda he das tocantes só à Latina. A terceyra he das tocantes só à Portugueza, Lisboa, Por Domingos Carneiro, 1666 (8+105 pp.). B.N. Lisboa: F.4386/ L. 291 P**
  - **Regras gerais, breves e comprehensivas da melhor Orthografia com que se pôdem evitar erros no escrever da lingua Latina, & Portugueza. Para se ajuntar à Prosodia: Ordenada pelo Author della (...). Aprovadas por Varoës peritissimos em huma & outra lingua. 2ª ed. (Coimbra, José Antunes da Silva, Impressor da Universidade), 1733 [8º de IV-64p. e mais 20 sem numeração no fim].**
  - **Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingoa portuguesa: dividida em duas partes para se ajuntar a prosodia e thesouro Portugues como appendiz ou complemento, Lisboa, por Paulo Craesbeeck, 1655 [1733: of. de José Antunes da Silva, 3+ 81pp.]**
  - **Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanicum & Hispanum digesta, Eborae, apud Emmanuelem Carvalho, Academiae Typographum, Anno Domini, 1634; Lisboa, 1643?; Lisboa, 1656?; Lisboa, 1661; Lisboa, 1669?; Lisboa, 1674; 1683; Évora, 169; Évora, 1711; Évora, 1723; Évora, 1732; Évora 1741; Évora, 1750.**
  - **Ars Grammaticae pro Lingua Lusitana (...), Ad finem ponitur. Orthographia, ars recté scribendi, etc, etc, 1672.**
  - **Thesouro da Lingua Portugueza, Évora, Tipografia da Academia, 1697.**
  
- **PEREIRA, Fr. Frutuoso, Arte de grammatica latina, portugueza benedictina, Lisboa, Lourenço Craesbeeck, 1636 (é a 3ª ed. da Arte de Grammatica**

**Latina**, de D. João de Castelo-Branco, cuja 1ª ed., impressa em Lisboa, data de 1636).

- **PESSOA**, António (P.), **Ortografia Practica**, manuscrito [1640?][estava no colégio de Évora] [S.B.L.]
  
- **ROBOREDO**, Amaro de, **Regras da orthographia portugueza**, Lisboa, por António Aluares, 1615.
  - **Methodo grammatical para todas as lingoas**, Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1619 [4º de 241p.] B.P.Évora: Reservados-Gab. E 7- C nº32(722); B.N.L.: L. 148 V.
  - **Recopilaçam da grãmatica portugueza, e latina**, pela qual com as 1141 sentenças insertas na arte se podem entender ambas as linguas. Ao senhor D. Duarte da Castelbranco Coutinho, primogenito de S. D. Francisco (...), Em Lisboa, por Pedro Craesbeeck. 1619.
  - **Porta de linguas ou modo accomodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola**. Agora accrescentada a Portuguesa com numerosas interlineaes...[Seguidas de] Raizes da lingua latina mostradas em hum trattato e dictionario... Lisboa, Na Oficina de Pedro Craesbeeck, 1623. B.P.Elvas: P.H.3866 e B.N.L.: L. 4.210 V.
  - **Regras da Orthografia da Lingoagem Portugueza**, recopiladas por Amaro de Roboredo. Expostas em Forma de Dialogo. Novamente correctas: Com a Taboada exactissima de Andre do Avellar, Lente de Mathematicas na Universidade de Coimbra: Ampliada com algumas curiosidades pelo P. Bento da Victoria: Offerecidas ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Lucio de Portugal. Filho dos Excellentiss. SS. Marquezes de Valença, e Successor, depois dos largos annos de seus excell. Pays, de tão Excellentissima Casa, &c. Por Bernardo Fernandez Gayo. Lisboa Occidental: Na Officina Joaquiniana da Musica de Bernardo Fernandez Gayo, na Calçada de Paes-Navaes [s/d. ] (1738?) - 8º de viii-47 p.A.C.: 11-arm. 4.6.50 (Bento da Victoria, pseud. do Pe. Victorino José da Costa, para fazer esta reimpressão).

(Segundo Barbosa Machado, há uma reedição setecentista do tratado de 1615, presumivelmente de 1738; refere-se à ed. s.d da Academia das Ciências de Lisboa).

- **VERA, Álvaro Ferreira de, Orthographia ou modo para escrever certo na lingua Portugueza. Com hum trattado de memoria artificial, outro da muita semelhança, que tem a lingua Portuguesa com a Latina**, Lisboa, Mathias Rodrigues, 1631 [in 4º, 143\* 93] 8] + 88fols.]. B.P.Évora: N.RES.Maniz.1029; B. M.Elvas: P.H.4994
- Idem, 1638. BNL: H.G. 6.562 V. (não existente).
- **Breves Louvores da Lingua Portuguesa, com notaveis e os da muita similhaça que tem com a lingua latina**, Lisboa, Matias Rodrigues, 1631. BNL: L.358 V.

#### **SÉCULO XVIII:**

- **ACADEMIA Real das Sciencias, Diccionario da Lingoa portugueza**, Lisboa, Tipografia da Real Academia das Sciencias, 1793.
- **ALMEIDA, António de, Dous artigos sobre o systema preferivel na Orthographia Portugueza, defendendo a opinião de que a escripta deve ser em tudo conforme á pronuncia assignados por um conimbricense**, in *Jornal Encyclopédico*, cadernos de Março de 1789 e Janeiro de 1790 [2º Inoc., citado por Simão Cardoso].
- **ÁLVARES, P. António, Orthographia da lingua latina**, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1758 (2ª ed. 1759). B.N.L: L. 15.827P.
- **ÁLVARES, António da Silva, Regras de se escrever certo, e exemplar de contas, em que se ensina com toda a claresa o methodo da boa orthographia, e juntamente a praxe das quatro especies de contas**, Coimbra, no Real Collegio das Artes, 1715. [B:N:L: 40.339 P /-obra microfilmada : F. 2.278 ]

- **ARAÚJO**, António Jacinto de, **Nova arte de escrever, oferecida ao principe nosso senhor para instrucção da mocidade**, Lisboa, na Offic. de António Gomes, 1794- 25p. [B.N. L.: S. A. 3.868 A.]
  
- **ARGOTE**, Jerónimo Contador de, **Regras da lingua Portugueza, espelho da Lingua Latina**, 2ª ed., Lisboa Occidental, Officina de Musica, 1725. (1ª edição: Regras da Lingua Portugueza, Espelho da Latina, ou disposiçam para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portugueza. Composto pelo Padre Caetano Maldonado da Gama, Lisboa Occidental, Na Officina de Mathias Pereira da Silva e João Antunes Pedroso, MDCCXXI). B.N.Lisboa: F.4389 (ed.1725) / L.601 / 602P. / L.18138P. / F. 1541 (ed.1721) / L.614P; B.P.Braga: L.267A. (ed.1725); CLUL: R. 3598-806.90-5 GAM.
  
- **BACELAR**, Bernardo de Lima e Melo, **Diccionario da Lingua Portuguesa, em que se acharão dobradas palavras do que traz Bluteau e todos os mais dicionaristas juntos: a sua propria significação: as raizes de todas ellas: a accentuação: e a selecção das mais usadas, e polidas: a Grammatica Philosophica, e a Orthographia Racional no principio, e as explicaçoens das abbreviaturas no fim desta obra**, Lisboa, na Offic. de Joze Aquino Bulhoens, 1783.  
B.P. Évora: B Azul/ 25095; B.M.Elvas:P.H.2794; v. Manuscrito da BPE.
- **Grammatica Philosophica e Orthographia racional da Lingua Portugueza**; para se pronunciarem, e escreverem com acerto os vocabulos deste idiôma. Compostas por (...), Lisboa, Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, 1783.
  
- **BARBOSA**, Jerónimo Soares, **Schola Popular das primeiras letras, dividida em quatro partes, Parte Primeira Orthoepia ou Boa Pronunicação, e leitura da lingua portugueza**, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, Anno de 1796 (Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço, com selo da R.B. P.]. Parte I: Orthoepia, ou boa pronunicação e leitura da lingua

portuguesa, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1796. Parte II: Catecismos (...). Parte III: Da Caligraphia, e Orthographia, ou Arte de escrever bem, e certo a Lingua Portuguesa. Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1796. Parte IV: Arithmetica vulgar. Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1796. V. Século XIX

- **BLUTEAU, Rafael, Prosas Portuguezas**, t. I, 1828, pp. 1-25 (*Decisoens Academicas de palavras portuguezas, propostas, e examinadas nas conferencias eruditas, que se celebrarão na Livraria do conde da Ericeira, de que foy a primeira Domingo 12. de Fevereiro de 1696, morando então o dito Conde no Bairro Alto, nas casas do Cunhal das Bolas: Oratorio requerimento de palavras portuguezas aggravadas, desconfiadas, e pertendentes [a]presentado no no tribunal das letras, erigido anno de 1696. na Bibliotheca do conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, com titulo de Conferencias Eruditas, pelo Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular, pp. 3-15; Vocabulos Portuguezes, cujo genuino significado ficou assentado em varias Conferencias, pp. 16-21; Preambulo Breve na Renovação da Academia dos Generosos, Nas Casas do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, pelo Padre D. Rafael Bluteau, anno de 1717, pp. 22-27).*
- **Prosas Portuguezas recitadas em diferentes Congressos Academicos**, Segunda Parte (*Prosa Apologetica, justificação de huma soberana princeza, injustamente excluida das doutas Conferencias da Academia Real de Lisboa, recitada na Sala Academica do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, pp.170-185; Prosa Grammatonomica, portugueza, ou regras, e leys, para o uso das letras do alfabeto portuguez, na scrittura, e na pronunciação, pp. 186-228*). Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Antonio da Silva, 1728 [186-228 pp.]. B.P.Évora: CAzul/1429
- **Vocabulario Portuguez e Latino**, vols. I-IV, Coimbra, 1712, 1713; vols. V-VIII 1716, 1720, 1721, Lisboa; 2 vols. de suplemento, Coimbra, 1728. B.M.Elvas: P.H.2719

- **CAMPOS**, Joaquim Dias da Silva e, **CAMPOS**, Liberato Dias da Silva, **Proluzões da grammatica Portugueza, que na sessaõ publica, e abertura do Duodecimo Curso da Academia Orthográfica Portugueza, depois de recitada a oração academica, auxiliando João Pinheiro Freire da Cunha, Professor Publico de Grammatica Latina, e Portugueza, sustentaraõ Joaquim Dias da Silva Campos e Liberato Dias da Silva Campos (socios academicos). Na Igreja de Sancta Maria Magdalena desta Corte. No Domingo 28 do prezente Outubro pelas duas horas da tarde. Questão Principal: Se o discutir-se filozoficamente a Grammatica Materna he em causa geral util, e necessario a todos os Nacionaes ? Affirm., Lisboa, Off. António Gomes, 1787-4fl. [B.N.L.: L. 357<sup>6</sup> V.] L. 655 <sup>7</sup> V.**
  
- **CARDOSO**, Francisco Nunes, **Arte ou novo método de ensinar a ler a lingua portugueza**, Lisboa, Officina de Simão Tadeo Ferreira, 1788.  
B.N.L: L.368 V.; B.PBraga: L.3923 V.

  - **Arte da orthographia portuguesa conforme o novo systema**, Lisboa, Off. Simão Taddeo Ferreira, 1790. [B.N.L.: L. 357 V.]
  - **Exame crítico das regras da ortografia Portugueza**, Lisboa, 1790.  
CLUL:R1068- 806.90-1CAR; B.M.Elvas: P.H. 2975; B.N.Lisboa: L. 5283A/  
L. 9814 V./L. 5.285 A.  
CLUL: R. 1068( MDCCLXXXX)

  
- **CARMELO**, Frei Luis do Monte, **Compendio de Orthographia, com sufficientes Catalogos, e novas Regras, para que em todas as Provincia, e Dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a Orthologã, e a Prosodia, isto he, a recta Pronunciaçam, e Accentos proprios, da Lingua Portugueza: Acrescentado com outros catalogos, e explicaçam de muitos Vocabulos antigos, e antiquados, para intelligencia dos antigos Escritores Portuguezes; de todos os Termos Vulgares menos cultos, e mais ordinarios, que sem algũa necessidade nam se-devem usar em Discursos eruditos; das Frases, e Dicçoens Cómicas de mais frequente uso, as quaes sem hum bom discernimento nam se-devem introduzir em Discursos graves, ou sérios; e**

finalmente dos *Vocabulos*, e diversos *Abusos da Plebe*, mais conhecidos, e contrarios ao nosso *Idioma*, os quaes sempre se-devem corrigir, ou evitar: composto pelo R.P.M. [...], Religioso Carmelita Descalço, Escritor da sua Ordem, Consultor do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens Militares: Impresso á custa de hum amigo do R. Auctor, Lisboa, Na Officina de António Rodrigues Galharado, 1767-xxviii-772p. B. M.Elvas: P.H. 3687; B.P.Évora: SN E 36-C5

- **CASTRO**, Jacob de, **Grammatica lusitano-anglica ou portugueza, e ingleza, a qual serve para instruir aos portuguezes no idioma inglez**, Lisboa, Na Officina de Manoel Coelho Amado, 1777. BPE
- **Compendio breve da grammatica portugueza, para uso das meninas que se educam no Mosteiro da Visitação de Lisboa, por uma religiosa do dito.** BNL: L. 4923 V.
- **COSTA**, Vitorino José da (e depois Fr. Vitorino de S. Gertrudes), **Regras da Ortografia da Ling. Portug. recopiladas por Amaro de Roboredo.** [em nome de Bento da Victoria] Lisboa, 1738 (?) . V. ROBOREDO, Amaro (séc. XVII).
- **CUNHA**, João Pinheiro Freire da, **Breve tratado da orthographia para os que não os estudos ou diálogos...** Lisboa, 1770. B.P.Évora:A Azul/258; B.M.Elvas: P.H.6755
  - **Breve Tratado**, 2ª impressão muito accrescentada, e mais correcta, Lisboa, Offic. Joseph da Silva Nazareth, 1770-3fl.+128p.[B.M.P.: I-4-22/B.N.L.: L.57.462 P.]; **Breve Tratado**, 5ª impressão mais accrescentada, e correcta do que as antecedentes, Lisboa, Na Off. de Francisco Sabino, 1778; **Breve Tratado**, 6ª imp., Lisboa, Off. de Antonio Gomes, 1788-202p. BNL: L. 660P; **Breve Tratado**, 7ª impressão mais accrescentada, Lisboa, Na Off. de Antonio Gomes, 1792; **Breve Tratado**, 8ª impressão, mais accrescentada, Lisboa, Na Typ. Lacerdina, 1813.



CLUL: (2ª ed. - 1770) 806. 90-1 CUN; 5ª, Lisboa, Na Officina de Francisco Sabino dos Santos, MDCCLXXVIII [1778]; 6ª impr. Lisboa, Na Officina de Antonio Gomes, MDCCLXXXVIII -202p, R. 1077; 7ª, R. 1078; 8ª, Lisboa, Typ. Lacerdina, MDCCCXIII [1813], R. 1079.

- **Generos Portuguezes conhecidos pela regras da terminação, uteis para não errar a concordancia dos adjectivos em nossa linguagem**, 2ª impr. accrescentada, Lisboa, Officina Patriarcal, 1798- viii-79p. BNL: L. 645 P.

- **Conjugações Portuguezas regulares e irregulares, methodicamente ordenadas para uso dos seus academicos nacionaes, e de toda a mais mocidade estudiosa**, Lisboa, Officina Antonio Gomes, 1791-viii-87p.

BNL: L. 100/2 V. BPE: S.N. E. 43. C. 4

- **Proluzões da Grammatica Portugueza que na sessão publica, e abertura do duodecimo Curso da Academia Orthografica Portugueza**, depois de recitada a oração academica, auxiliando João Pinheiro Freire da Cunha, Professor Publico de Grammatica Latina, e Portugueza, sustentaraõ Joaquim Dias da Silva Campos e Liberato Dias da Silva Campos socios academicos Na Igreja de Santa Maria Magdalena desta Corte. No Domingo 28 do prezente Outubro pelas duas horas da tarde. Questão Principal: Se o discutir-se filozoficamente a Grammatica Materna he em causa geral util, e necessario a todos os Nacionaes ? Affirm, Lisboa, Officina de António Gomes, 1787-9 p. [B.N.L.: L. 954 V./ L.655<sup>7</sup>V.]

- **Proluzões da Grammatica portugueza (...)**, Lisboa, Officina de João Rodrigues das Neves, 1806-7p.BNL: L. 357 V.

- **Academia Orthográfica Portugueza**, em que são interlocutores Sabino Prezidente Severo Arguente Deziderio Discipulo (Conferencia II), Lisboa, Officina de Antonio Gomes, 1789.

- **Progresso da Academia Grammatical. Sessam quatro deste prezente mez, e discurso, que recitou o Porteiro da Salla Grande**, Lisboa, s.d. - 8p. BNL: L. 320<sup>3</sup>V.

- **Theses da Grammatica portugueza, systema pinheirense**, que recitada a oração de abertura do 32º curso da Academia Orthographica Portugueza,

- auxiliar de J. P. Freire da Cunha, sustentara Franc. Solano Pereira Campos, etc, Off. de João Rodrigues Neves, 1807 [in 4º-18 pp.] [B.N.L.: L. 357 V.]
- **Novo methodo de grammatica portugueza composto e offerecido ao Exmo -sr. D. Thomás de Almeida**,... por..., 1790, 1 vol. [ fol. gr., 116p.].  
BPE: cod. CXIII-2-25
  - **Methodico Systêma de Ensinar Em Breve Tempo os Meninos a Ler Com Perfeição por (...)** Com Aula na Rua Aurea nº72, Lisboa, Typ. de J. V. dos S. Corrêa, Rua da Mouraria nº38, 1849 [40 p.+ 1 fl.]. B.N.L.: L.638
  - **Memórias da Academia Orthográfica Portugueza de Pinheiro escritas por (...)**, Lisboa, na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1804.BNL: L. 957
  - **Abertura do Vigésimo Nono Curso da Academia Orthográfica Portugueza de Pinheiro**...Lisboa, na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1804.
  - **Abertura do trigesimo segundo curso da Academia Orthographica Portugueza**, Lisboa, Off. João Rodrigues Neves, 1806 (2fls.). BNL: L. 357<sup>7</sup> V.
- **FARINHA**, Bento José de Sousa, **Dialogo sobre a lingua portugueza**, 1784 [ed. 1786, Biblioteca Lusitana Escolhida, Officina Antonio Gomes].  
B.P. Braga: 440 A
- **FEIJÓ**, João de Moraes Madureira, **Orthographia, ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua Portugueza**, Lisboa Occidental, Na Officina de Miguel Rodrigues, 1734; 2ª impressão-Coimbra, Na Officina De Luis Secco Ferreira, 1739 - B.P.Évora: BAzul/ 2617
- Outras impressões: 1781 [CLUL], 1786 [CLUL], 1814 [CLUL-8ª], 1815 [RGPL-RJ], 1818 [CLUL], 1824 (10ª: Na Impressão Regia), 1836 (Nova impress. mais correcta) [B.M.Elvas: P.H.787]; "Nova edição", Lisboa, Typographia Rollandiana- 1861 R.G.P.L. RJ..
- **Arte Explicada: I-Principios; II-Syntaxe; III-Scholios, Syntaxe Figurada, e Syllaba**, Coimbra, na Officina de Luis Secco Ferreira, 1739; 2ª

impressão pelo seu Auctor, Coimbra, Na Officina de Luis Secco Ferreira,  
1753. B.P.Évora: ...?.. CLUL

- **FIGUEIREDO**, António Pereira de, **Observações sobre a Língua e Orthographia Latina**, 1 vol., Lisboa, Na Officina de Francisco Luís Ameno, 1765. B.M.Elvas: P.H. 1697
- **Apparato Critico para a Correção do Diccionario Intitulado PROSODIA IN VOCABULARIUM DIGESTA**, Lisboa, 1755.
- **FIGUEIREDO**, Manuel de Andrade de, **Nova Escola para aprender a ler, escrever & contar**, 1 vol., Lisboa Occidental, Na Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1722 (1719 1ªed.?). B.M.Elvas: P.H.2193 (?); B.N.L.: SA 4431, SA 45444 (R. 71057) CLUL: R. 4901; Ed. fac-similada: Lisboa, Edição da Livraria São Carlos, 1973.
- **FIGUEIREDO**, Pedro José de, **Arte da grammatica portugueza, ordenada em methodo breve, facil, e claro**, Lisboa, Regia Officina Typographica, 1799. B.N.L.: L.294V. a consultar microfilme: F.5306; 3ª edição Arte da Grammatica Portugueza, Ordenada em Methodo Breve, Facil, e Claro, Offerecida a sua Alteza Real o serenissimo Principe da Beira, terceira edição para uso do Collegio Real de Nobres, e do Seminario do Patriarchado//, Lisboa, Na Impressão Regia, 1811. B.N.L. : L.295 [Não inclui uma parte referente à ortografia] Em Cardoso Simão: 1837-160p.(com a data de 1827): B.N.L.: L. 57. 753 P.
- **FOLQMAN**, P. Carlos, **Diccionario Portuguez e Latino, no qual as dicções e frases...** Lisboa, 1755.
- **FONSECA**, (P.) Bartolomeu Soares da, **Lucerna grammatical em que se explica com brevidade e clareza o modo de escrever, pronunciar e compor as partes da oração**, Lisboa, por Pedro Ferreira, 1728 - 8º, de xxii-320p. B.M.P.: I-3-24 // B.N.L.: L. 522<sup>1</sup> P.

- **FONSECA, Pedro José da, Rudimentos de grammatica portugueza, accomodados, e confirmados com selectos exemplos de bons autores,** Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799 [XVI-353 pp.].
- **Rudimentos da Orthographia Portugueza,** Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo, 1809 [VIII-50 pp.anónimo]; Nova edição (anónima), Lisboa, Na typ. Rollandiana, 1842 [B.N.L. L.638 P]. 1ªed. 1799: B.N.L.: L.644-P (Mau estado) v.séc. XIX.
- **Diccionario Portuguez e Latino,** Lisboa, Regia Officina Tipografica, 1771; Lisboa, 1791; 5ª ed. 1839, Lisboa; Lisboa, 1852; Lisboa, 1861; Lisboa, 1872; Lisboa, 1879 [B.M.Elvas: P.H.743].
- **Parvum Lexicon Latinum Lusitana interpretatione adiecta,** 1762; Lisboa, 1785; Lisboa, 1788; Lisboa, 1793; Lisboa, 1847.
  
- **GRAMMATICA anglo-lusitanica,** Lisboa, 1705.
  
- **LIMA, D. Luis Caetano de, Grammatica Franceza, ou arte para aprender o Francez por meyo da lingua Portugueza, regulada pelas notas e reflexoens da Academia de França, Parte I,** Lisboa, Na Officina da Congregação do Oratorio, MDCCXXXIII [1733]. B.P.Évora
- **Orthographia da lingua Portugueza,** Lisboa Occidental, Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, MDCCXXXVI [1736-xxii-217p.]. [B.P.Évora: SN E.29-C4// B.N.L.: L. 24.950 P.]
- **Grammatica Italiana e arte para aprender a lingua Italiana por meyo da lingua Portugueza,** Lisboa, 1756. B.P.Évora: BAzul/1370
  
- **LOBATO, António José dos Reis, Arte da Grammatica da lingua Portugueza, composta e offerecida Ao Illmo e EXmo Senhor Sebastião José Carvalho e Mello,** Lisboa, Na Regia Officina Typografica, Anno MDCCLXX. CLUL: R. 288--806.90-5LOB (outras edições: Lisboa, Regia Officina Typografica, 1771; 1781; Impressão Regia, Lisboa; Regia Off. Typografica, 1797; 1788; 7ª ed. 1805, Impressão Regia; 10ª ed. Lisboa, Impressão de

Alcobia, 1823; Nov. ed., Lisboa, Typografia Rollandiana, 1824; Lisboa, M. P. de Lacerda, 1825; 14ªed., Lisboa, João Nunes Esteves, 1829; 15ª ed. accresc. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1826; Nov. ed. Lisboa, Matias José Marques da Silva, 1830; outra de Paris, J. P. Aillaud, 1837; Nov. ed. Lisboa, António Lima de Oliveira, 1838; Nov.ed. Lisboa, Rolland, 1842; Nov. ed. Lisboa, José Baptista Morando, 1848; Nov. ed. Lisboa, Tipografia Rolladiana, 1849; 1850, Typ. Mathias José Marques da Silva, Lisboa; 1852, Typographia Jose Baptista Morando; 1866, Typ. do Ultramar, Margão; 1866, Imprensa Nacional; 1869, Typographia do Ultramar; 10ª ed. aum. Lisboa, Impressão Regia, 1812); 10ª Impressão cuidadosamente corrigida dos erros das anteriores e acrescentada com hum indice, Lisboa, Na Imp. Regia, 1812 (BPE: A Azul 226 - S.N. E.29-C1 / B.G.C: ed.1825-1(23)-21-279; 1866, Nova Goa (BPE: SN-XXXI/2)

- **MACEDO**, José de (com o pseud. de António de Melo da Fonseca), **Antidoto da Lingua Portugueza, oferecido ao mui poderoso rei D. João V, Nosso senhor**, Amsterdam, em Casa de Miguel Dias (sem indicação do ano, porém a dedicatória é de 1710).B.P.Évora: BAZul/10322 e 10323 (SN E.38. C.8); B.M.Elvas: P.H. 1977
  
- **MAGALHÃES**, Manuel Luís de, **Reflexões sobre as quatro partes da grammatica latina, etymologia, orthographia, e sintaxe (...)**, Porto, Off. de António Álvares Ribeiro, 1794.
  
- **MASCARENHAS**, José Freire de Montarroio, **Nova arte de Orthographia**, 17???. [S.B.L.]
  
- **MELDOLA**, Abrãao, **Nova Grammatica Portuguesa, dividida em seis partes, a saber: 1ª Ortographia. 2ª Etymologia. 3ª Syntaxe. 4ª Prosodia. 5ª Louvores da Lingua. 6ª Miscelanea**, Hamburgo, Offic. de M. C. Boeck, ed do autor, 1785 [672 pp.] B.N.L.: L.611 V.

- **MELO**, Francisco de Pina e de, **Balança Intelectual, em que se pezava o merecimento do Verdadeiro Methodo de Estudar: que ao illustrissimo , e Excellentissimo senhor Marquez de Abrantes offerece (...), Moço Fidalgo da Casa Real, e Academico da Academia Real**, Lisboa, Na Officina de Manoel da Silva, 1752.
  
- *OBSERVASOINS ORTOGRAFICAS acerca das duas letras G, e Q por \*\*\* Conimbricense*, **Jornal Encyclopedico**, Março, 1789, pp. 334-349.
  
- *CARTA DIRIGIDA aos Editores com Algumas Reflexões sobre a orthografia por um Conimbricense*, **Jornal Encyclopedico**, Lisboa, Off. de Antonio Gomes Janeiro, 1790 (Janeiro).
  
- **PAIVA**, Manuel José de (9 de Dezembro de 1706), **Balsamo Preservativo da Corrupção da Lingua Latina...por Silvestre Silverio da Silveira e Silva**, Mestre de Ler e Escrever, Valencia, 1750.
  
- **PIEIDADE**, Frei Arsénio da, **Reflexoens apologeticas á obra Veraddeiro Methodo de Estudar dirigida a persuadir hum novo methodo para em Portugal se ensinarem, e aprenderem as sciencias, e refutar o que neste Reino se pratica; expendida para desaggravo dos Portuguezes em huma Carta, que em resposta de outra escreveo da cidade de Lisboa para a de Coimbra o P. (...), Religioso da Provincia dos Capuchos; e Offerecidas ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Joaõ Joseph Ansberto de Noronha Conde S. Lourenço, do Conselho de S. Magestde, &c. Por Niculao Francez Siom**, Lisboa, Na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1748.
  
- **PURIFICAÇÃO**, Rafael da, **Letras simbólicas e sybilinas**, 1 vol. Lisboa, 1747.  
B.M.Elvas: P.H. 2043
  
- **RESPOSTA as Reflexoens, que o R. P. M. Fr. Arsenio da Piedade Capucho fez ao Livro intitulado: Verdadeiro Metodo de Estudar. Escrita por outro**

**Religioso da dita Provincia para dezagravo da mesma Religiam, e da Nasam, Valensa, Na Oficina de Antonio Balle, 1748.**

- **SOARES, José Pedro, Orthographia Latina, ou regras para escrever e pronunciar com acerto a lingua latina, Lisboa, Régia Oficina Tip., 1790.**  
B.N.L: L. 57.468P.
- **SOUTO-MAIOR, Francisco Felis Carneiro, Orthographia Portugueza ou regras para escrever certo, ordenadas paar uso de quem se quizer applicar, Lisboa, por Francisco Luís Ameno, 1783 [xxxi-111 p.]. B.M.Elvas: P.H. 3064; CLUL: R. 1080**
- **TRANSTAGANO, António Vieira, New Portuguese grammar, Londres, 1768.**
  - **A Dictionary of the Portuguese and English languages, Londres, J. Nourse, 1773.**
- **VERNEY, Luís António, Verdadeiro Metodo de Estudar para ser util à Republica, e á Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal. Exposto em varias cartas, escritas polo R. P. \*\*\* Barbadinho da Congregação de Italia, ao R. P. \*\*\* Doutor da Universidade de Coimbra, Nápoles, 1746.**
  - Valensa, na Oficina de Antonio Balle, 1747. B.P.Évora: N RES. 225-226; N. RES.712 (ed. Valensa, 1747).
  - Edição organizada por António Salgado Júnior, Lisboa, Sá da Costa, 1947.
  - **Grammatica Latina tractada por um methodo novo, claro e facil; para uso d'aquellas pessoas que querem aprendel-a brevemente e solidamente. Traduzida de francez em italiano e de italiano em portuguez, Barcelona, 1758.**
  - 3ª ed., Lisboa, MDCCLXXV [1 vol.-316 pp.]. BAC: 11- arm. 4.2.27/28; B.P.Elvas: P.H. 5451
  - **De Orthographia Latina liber, Romae, 1747.**
    - 2ª ed., Olisipone, 1759.

- **XAVIER**, António Pereira, **Arte da Grammatica Latina para uso das escolas**, 1 vol., Lisboa, 1778.

### **SÉCULO XIX:**

- **Arte ou facil e Breve Methodo de Ensinar a ler**, escrever e contar aos Meninos, contendo tambem regras da moral e civilidade e a doutrina Christã // coordenada em harmonia com os parágrafos 1ª e 2ª do artº do cap. 1º do regulamento provisorio de 6 de Setº de 1843, 3ª ed. correcta e revista, Parte 1ª, Nova-Goa, Na Imprensa Nacional, 1858. B.P.E.: S.N. E. 32. C 4.

- **ABREU**, A. M. da S. Pinto, **Novo methodo para aprender a grammatica portugueza**, Porto, Tip. de F. P. de Azevedo, 1852 [136 p.]  
B.N.L.: L. 271 L. 12. 534<sup>3</sup> V.

- **ALBUQUERQUE**, Sebastião José Guedes, **Grammatica portugueza para uso do illustrissimo Senhor D. Francisco de Sales e Lencastre**, Lisboa, Impressão Regia, 1820-142p.  
B.N.L.: L. 605 P./L. 643 P.

- **ALMEIDA**, Carlos Afonso e A., **Instrucção Portugueza. Ensino Pratico-Analogico da prosodia e orthographia**, Porto, Imprensa Commercial (rua dos Lavadouros, 16), 1889.

- **ALMEIDA**, Francisco de, **Orthographia portugueza**, Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, 1886 176p. v. Valente CLUL: R.1084--806.90-1

- **ALVERNÁZ**, Diogo, Fernes, **Orthographia da lingua portuguesa, dividida em lições para uso de Todas Aquellas Pessoas que desejam escrever com acerto**, Angra do Heroísmo, Typ. de M. J. P. Leal, 1856 [in 8º -X-109 pp].  
B.N.L.: L.1666P (numa miscelânea do século XVI)



- **ALVES, João Carlos, Methodo de Escripta Theorico e practico, ou colecção de modelos Calligraphicos e Orthographicos [...], Lisboa, Litografis Matta & C<sup>a</sup>, 1884 [B.N. L.: B. a. 1634<sup>2</sup> V.]**
  
- **AMORIM, José da Mota Pessoa de, Compendio de grammatica portugueza para uso das escolas de instrucção primaria, Lisboa, Tip. de G. M. Martins, 1842 [IV- 90p.]. B. N. L.: L. 311 V. / L. 10. 623 P.**
  
- **ANDRADE, Francisco Martins de; SEIXAS, João Nepomuceno de, Opúsculo ácerca da origem da Lingua Portugueza, 1 vol., Lisboa, 1844. B.M.Elvas: P.H.6151**
  
- **ANDRADE, (P.) Jerónimo Emiliano de, Primeiros elementos de grammatica portugueza, Angra do Heroismo, s.ed., 1843. CLUL: R. 750--806. 90-5**  
 - Primeiros elementos das quatro partes da grammatica portugueza accomodadas ao uso das escolas de primeiras letras, 6<sup>a</sup> ed., mais correcta e augmentada, Lisboa, Typographia Universal, 1859. B.N. Lisboa: 7<sup>a</sup> ed. : L.18186 P; 10<sup>a</sup> ed. L. 58588 P (1864); 11<sup>a</sup>ed. (1868); 12<sup>a</sup> (1874); 13<sup>a</sup>(1876); 14<sup>a</sup> (1880); 15<sup>a</sup> (1883)  
 - **Regras da prosodia, e orthographia da lingua portugueza, 2<sup>a</sup> ed., Angra do Heroísmo, s. ed., 1845. CLUL: R 747--806.90-1**
  
- **ANDRADE, João Nunes de, Grammatica Elementar da Lingua Portugueza por Systema Philosophico, offerecido ao ill<sup>mo</sup> e ex<sup>mo</sup> sr. José Ferreira Pinto Basto, etc. Lisboa, 1841 [X-97pp.]. CLUL: R. 10036--806. 90-5AND e R. 2878**  
 - **Noções gerais de orthographia elementar da Lingua Portugueza, Lisboa, Typ. da Viúva Coelho e C<sup>a</sup>, 1843 [42pp.]. B. M.Elvas: P.H. 5638/ B.N:L: L. 357 V.]**

- **ANDRADE Jr., F. de, Princípios de Grammatica Portugueza**, Funchal, s. ed., 1844 [300 p] (ortografia pp. 265-288). CLUL: R. 837--806. 90-5
  
- **APOLINÁRIO**, Joaquim José, **Resumo orthographico, ou regras geraes de orthographia da lingua portugueza para uso Dos Meninos que frequentão as Aulas de Primeiras Letras**, Lisboa, Typ. R. Y. de Carvalho, Livreiros dos Paulistas, 1826 [48 pp]; 2ª ed. ibid., Typ. de Bulhões, 1831 [32pp]. BPE: Manizola M/4.885; CLUL: R. 290-806.90-1 (ed.1831); 1843 (Lisboa, Typ. de Salles, Rua de S. José nº 8)- BNL: L.639 P; 1846 (Lisboa, Na Imprensa Nevesiana, Vende-se na loja da Viuva Henriques e Filhos na Rua Augusta, nº1) - BPE: A. Azul 2530, E.13. C1. M2. A6).  
B.P.E.: Acompanha a "Nova Edição" da Arte da Grammatica da Lingua Portugueza de António dos Reis Lobato, Lisboa, Typographia Rollandiana, MDCCCXXIV - / B.N.L.: L.638 P.
  
- **APONTAMENTOS** auxiliares para o estudo da primeira e segunda parte da lingua portuguesa, 3ª ed. rev., Porto, Magalhães & Moniz, 1887 [19 cm, 112p].  
CLUL: 806. 90-5APO
  
- **ARAGÃO**, Manuel Pedro Tomás Pinheiro e, **Memorias curiosas para a grammatica philosophica da lingua portuguesa, compostas e arrançadas para uso dos alumnos**, Lisboa, na Imp. Régia, 1812 [80p.] B.N.L.: L. 642 P.
  
- **ARAÚJO**, João da Matta, **Lições Praticas de Orthographia ou Livro para o Dictado nas Escolas Primarias** por (...), Professor Publico de Instrucção Primaria no municipio da Côrte, etc. Obra approvada pelo Conselho Director da Instrucção Publica da Côrte, e adoptada pelo Governo Imperial para uso das escolas publicas de Instrucção Primaria, Segunda edição melhorada, Rio de Janeiro, Typ. do Apostolo (Rua Nova do Ouvidor 16 e 18), 1873 - 58 p. (3ª edição, Rio de Janeiro, 1877) B.N.R.J. BNRJ: III-32, 2, 27

- **ARNEIRO**, Jaulino Lopes, **Grammatica Portugueza em analogia com as linguas de que toma origem, principalmente latina e grega**, 1vol., Lisboa, Tip. de Desiderio Marques Leão, 1827 [xii-225p.]. B.M. Elvas: P.H.1176 [Tractado da Orthographia, pp. 154-252]
  
- **AULETE**, Francisco Júlio Caldas, **Dicionário Contemporâneo**, Lisboa, 1870.
  - **Diccionario Contemporâneo da Lingua Portugueza, feito sobre um plano inteiramente novo**, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1881 [4+23+1913 pp.].
  - **Grammatica Nacional**, Lisboa, Tip. da Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1864 [17cm, 96p] CLUL: 806.90-5/ R. 307; B.N.L.: L. 277-278 A; (2ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1865-R. 308; B.N.L.: L. 1 663 P.; 3ª ed, Ibidem, 1866-R. 309 ; 7ª ed., Lisboa, Typographia Universal, 1872 [1 folh. 128 p.] B.G.Coimbra: 5-11-52-4; CLUL: R. 310; 8ª, 9ª, Lisboa, A. M. Pereira, 1875; 10ª ed., Lisboa, A. M. Pereira, 1874, 1875, 1877- R. 311, R. 312, R. 313 (5ª edição: ortografia pp.77-84; 7ª edição: ort. pp.123-128).
  
- **AZEVEDO**, Domingos José de, **Grammatica Nacional ou Methodo moderno para se aprender a fallar e escrever sem erros e mesmo sem auxilio de mestre a Lingua Portugueza**, 1 vol., Lisboa, 1880 [23cm, 284p]; B.N.L.: L. 11.244 V. B.M.Elvas: P.H.1470(2ª ed. 1881: R. 993; 5ª ed. melh. e aum., Lisboa, António Maria Pereira, 1899-R.995; B.N.L.: L.10. 349 V.).
  - **Elementos de Grammatica Elementar, em harmonia com os programas dos exames de instrucção primária, portuguez e de admissão ás escholas normaes**, etc. (2ªed. Melhorada); Livraria Portuense, de Lopes & Cª Successor, 119, Rua do Almada, 123, Porto; 2ª ed. melh. Porto, Vitorino da Motta & Cª, 1901 [200p.]. CLUL: R. 329.
  
- **AZEVEDO**, Manuel Pinheiro de Almeida e, **Compendio de philosophia racional, contendo a psychologia empirica, a ideologia, a grammatica e a logica**, Braga, Tip. União, 1860.  
B. N.L: S.A. 8.774 V.

3ª edição, Porto, Tip. Pereira da Silva, 1872 [ 783p.] B.N.L.: S.A. 14.238 P.

- **A. T., Estudo da Lingua vernacula contendo o ensino methodico de etymologia, prosodia e orthographia**, Companhia Typ. do Brasil, 1903-112p.

CLUL

-**BAPTISTA, Antonio José, Compendio de Grammatica e Orthographia portugueza**, Lisboa, Neves, 1816. [B.N.L.: L. 616 P.]

- **BARATA, António Francisco, Advertencias curiosas sobre a lingua portugueza**, 1870; 2ª ed. Estudos de Língua Portuguesa, 1 vol. Lisboa, 1872; 3ªed. Estudos Practicos da lingua portugueza, 1900. B.M. Elvas: P.H.1566 (pseudónimo: Bonifaciano Tranca Ratos ou Bonifaciano, 1838-1910).

- **BARBOSA, Jerónimo Soares, As duas linguas ou grammatica philosophica da lingua portugueza comparada com a latina**, 1 vol. Coimbra, (1807?)[21cm, XVI+ 176p]. CLUL: 806. 90-5BAR ; B.M. Elvas: P.H.2097

- **Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á nossa Linguagem por J. S. B.**, Lisboa, Na Typografia da Academia das Sciencias, 1822 (com um artigo extrahido das Actas da Academia Real das Sciencias, da sessão de 29 de Julho de 1817 - Determina a Academia Real das Sciencias, que a Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, que lhe foi apresentada pelo seu Socio Jeronymo Soares Barboza, seja impressa á custa da Academia. Secretaria da Academia em 17 de Junho de 1820, José Correa da Serra, Secretario da Academia); 2ª ed. ibidem, 1930 (com artigo extrahido das Actas da Academia Real das Sciencias, da sessão de 5 de Novembro de 1829 - Determina a Academia Real das Sicencias, que a Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, que lhe foi apresentada pelo seu Socio Jeronymo Soares Barboza, seja reimpressa á custa da Academia, e debaixo do seu Privilegio. Secretaria da Academia em 2 de Setembro de 1830, Manoel José Maria da Costa e Sá, Vice-Secretario da Academia).

- **BAPTISTA, António Maria, Biblioteca do Povo e das Escolas... Lingua Portuguesa por...** Lisboa, Tip. das Horas Românticas, 1888. [B. N.L.: L. 45. 441 P.]
  
- **BARKER, António Maria, - Dialogo orthographico da Lingua Portuguesa, com reflexões sobre as diferentes opiniões dos orthographos,** Coimbra, Imprensa da Universidade, 1834 [32pp.].
- **Dialogo Grammatical da Lingua Portuguesa, que para a intelligencia das regras da Orthographia contem o que é absolutamente indispensavel, e o apenas se pode ensinar nas escholas,** Bombaim, Typ. Port. do Pregoeiro, 1841 [59pp.].
- **Dialogo orthographico da lingua portugueza, com reflexões e notas sobre as diferentes opiniões dos orthographos,** Porto, Tip. Comercial Portuense, 1843-32p. [B.M.P. : N°-9-35; B.N.L.: L. 358 V.]
- **Grammatica da lingua portugueza em forma de dialogo, que para intelligencia da orthographia contém o que é absolutamente indispensavel, e o que apenas se póde ensinar nas escholas,** Oitava edição, Rio de Janeiro, Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1860 - 59p. [B.M.P.: N°-9-35; B.N. L.: L. 18.286 P.]
- **Orthographia ou primeira parte da Grammatica da Lingua Portuguesa em forma de dialogo, Com reflexões e notas sobre as diferentes opiniões dos orthographos por (...),** Nona Edição, Rio de Janeiro (Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Cª), Em casa de D. J. Gomes Brandão; Brandão e Irmão 1855 [32pp.]. [B.N.L.: L.18.401<sup>11</sup> P.]; outra de 1862 (?) (É a mesma que a anterior. Em Portugal: **Dialogo orthographico da Lingua Portuguesa com Reflexões e notas sobre as diferentes opiniões dos orthographos,** Coimbra, Imprensa da Universidade, 1834- 32 pp.].
- **Syllabario portuguez ou arte completa de ensinar a ler, 1ª Parte, em que tracta das syllabas mais necessarias,** Porto, 1834.
- **2ª Parte, em que se tracta das lições de palavras, etc.,** Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & Cª, 1862.

- **BARROS**, José António Pessoa de, **Ensaios grammaticaes da lingua portugueza**, 2ª edição, correcta e augmentada por... Maranhão, Tip. de Ramos d'Almeida & Cª, Sucrs., 1894 [120p]. B.N.L: L. 37. 537 P.
  
- **BENSABATH**, Jacob, **Grammatica das escólas primarias. Curso theorico e pratico da lingua portugueza**, Porto, Clavel & Cª, 1882 [19cm,VIII+260p]. CLUL: R. 773
- **Grammatica preparatória da infancia**, Porto, Clavel & Cª, 1883. [19cm,IX+132p].CLUL: R. 774
- **Novo methodo portuguez para o ensino da leitura sem soletração**, Porto, Edição de Chardron, s.d. [6ª edição rev. e corr. Porto, Liv. Portuense, 1890-vii-120p.
  
- **BORDALO**, José Joaquim, **Tratado de Orthografia**, 3ªed., Lisboa, Na Typ. de L. C. da Cunha, 1852.
- **Tratado d'Orthographia**, 4ª ed., Lisboa, Na Typografia de Luiz Correa da Cunha (Costa do Castello, nº15), 1857- 47p.
- **Tratado de Orthografia**, 5ª Edição, Lisboa, Typ. de Vicente Alberto dos Santos, 1865 - 48p.  
B.N. Lisboa: L.33554 16 P (4ªed.); L.16.473 4 P (5ªed. para acompanhar a Grammatica de Lobato de acordo com a Prefação, Lisboa, Typ. de Vicente Alberto dos Santos, 1865); L.9943 P (3ªed. 1852).
- **Idem**, in Lobato, António dos Reis, **Arte da Grammatica...** Lisboa, Na Typ. de S. J. R. da Silva, Rua do Jardim do Regedor nº2 1º andar, 1842, pp.123-132. B.N.L.: L. 47.801 P.; BPE: - SN. E.40 C1.
- **Directório fundamental da Instrucção Primária**, Lisboa, 1839.
  
- **BORGES**, Abílio César, **Resumo da Grammatica da Lingua Portugueza**, 7ª edição, augmentada e melhorada segundo as grammaticas mais modernas, adoptadas em varias escolas publicas do Imperio do Brasil, Bruxellas, Tip. Guyot, 1877. B.N.L: L. 7.935 P.

- **BOSCOLI**, José Ventura, **Grammatica Portugueza**, 1894; 2ª ed. corrigida e augmentada, Rio de Janeiro, Livraria Alves, 1899- (248+399p). FLUP: F.P. 806. 90 B 753 j
- **Orthographia. Estudo raciocinado segundo os principios modernos da Sciencia**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1885 - 86p. B. N. RJ.
  
- **BOTELHO**, Manuel F. Medeiros, **Grammatica Portugueza elementar para uso das escolas e lyceus nacionaes**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1887.  
CLUL: 806.90-5BOT / R. 2087
- **Projecto de Reforma Geral de instrucção primaria e secundaria**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1871 [77 pp.] B.G. Coimbra: R.B.- 32-12 (17)
  
- **BRAGA**, Theophilo, **Grammatica portugueza elementar, fundada sobre o methodo-comparativo**, Porto, Livraria Portuguesa e Estrangeira, 1876.(Porto, João E. da Cruz Coutinho, 1876) CLUL: 806.90-5BRA / R. 2279; B.N.L.: L. 5. 187 V.  
B.G.Coimbra: 415:460.0 (07) BRA
- **Parnaso português moderno**. B.G.Coimbra: 806.0-1PAR(082.2)
  
- **BRASIL**, J. P. de Assis, *Estudo e fixação de um systema orthographico da lingua portuguesa*, **Boletim de 2ª Classe da Academia de Ciências**, I, p. 71.  
- *Carta ao Dr. Theophilo Braga sobre a uniformisação da orthographia portuguesa*, **Boletim de 2ª Classe (Academia de Ciências)**, I, p. 77.
  
- **BRITO**, Rosalino Candido de Sampaio e, **A Orthographia Sonica e as Minhas Duvidas**, 189...(?). L. 10.757//9 V. (Colecção de obras do mesmo autor).
  
- **BROU**, Francisco P., **Grammatica particular ou estudos sobre as principaes dificuldades da lingua portuguesa**, coordenada segundo o programma

- official para o estudo d'esta lingua nos lyceus por...** Lisboa, Livraria Progressista, 1875. CLUL:R.826--806.90-5/B.N.L.: L. 9.171V.
- **CABANITA**, José da Silva, **Lições Praticas de Portuguez**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.[423p]. B.N.L.: L. 5. 710 V.
- **CALDAS**, José Joaquim da Silva Pereira, **Duas palavras sobre a pronunçiação portugueza em palavras derivadas da lingua latina com formas consimilhantes**, Braga, Tip. de Bernardo A. de Sá Pereira, 1885-15p. [B.N.L.: L.11.977<sup>14</sup> V. e Res. 853<sup>5</sup> V. ]
- **CALHEIROS**, Francisco Xavier, **Escripta sem letras ou novo systema d'escripta syllabica. Inventada por Francisco...**Porto, Tip. José Pereira da Silva, 1866-29p+2 fl. desd. [B.N.L.: L. 2.713 V.]
- **CAMPOS**, Antonio de, **A lingua portuguesa é filha da latina**, Lisboa, 1843 (Anónimo).
- **CAMPOS**, Francisco Solano Pereira de, **Thezes da grammatica portugueza. Systema pinheirense, que, recitada a oração de abertura do trigesimo segundo curso da Academia Orthográfica Portugueza, auxiliando João Pinheiro da Cunha, sustentará...** [Lisboa], Off. João Rodrigues Neves, 1807-9 fl. [B.N.L.: L. 357<sup>11</sup> V.] V. Cunha, João Pinheiro Freire da
- **CARDOSO**, Cónego Domiciano H. Perdigão, **Compendio de grammatica portugueza**, 2ª ed., Pará, Tavares Cardoso & Cª, 1889 [17cm,148p]. CLUL: R. 775
- **CARDOSO**, João Feliciano Gonçalves, **Estudos Philologicos**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1876.



- **CARNEIRO**, Manuel Borges, **Grammatica, orthographia, e arithmetica portugueza**...Lisboa, Impressão Regia, 1820. (ort. pp.133-238+ outras)  
CLUL: R. 323--806.90-5
  
- **CARTA em que um amigo responde que foi perguntado mostra a outro qual deve ser a nosa Ortografia**, de F. de A. de F., Porto, Na Typ. que foi de Antonio Alvarez Ribeiro, 1812. BNL: L. 357 V (13) // F. 7368
  
- **CARVALHO**, Coelho de, **Prosodia e orthographia** (Carta ao Dr. João de Deus Ramos), **Sep. da Revista A Instrucção do Povo**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1910.
  
- CARVALHO**, Felisberto Rodrigues Pereira de, **Elementos de Grammatica Portugueza para uso dos alunmnos da instrucção primaria**, Rio de Janeiro: Livraria Clássica Alves & C<sup>a</sup>, 1896. [96p]. B.N.L: ? / CLUL
  
- **CASIMIRO**, João Joaquim, **Methodo grammatical resumido da Lingua Portugueza**, Porto, na Officina de António Alves Ribeiro, 1789 ou 1792. B. M. P.: I- 4- 3 // 3<sup>a</sup> edição, Lisboa, Impressão Regia, 1814 (vende-se no Porto na loja de Costa Paiva e Companhia) B. N. RJ- Ficheiro de Livros Antigos.
  - **Methodo grammatical do idioma portuguez, recopilado para uso dos seus discipulos**, Porto, na Imp. do Gandra, 1822-74p. [Inocência diz ser diferente das obras anteriores] B.L.L.: L. 64 5<sup>4</sup> P.
  
- **CASTILHO** (Barreto e Noronha), Antonio Feliciano de, **Camões**, Ponta Delgada, 1849 [296pp].
  - **Methodo Portuguez**, Na Officina de Antonio Alvares Ribeiro, 1853.
  - **Methodo Castilho para o Ensino Rapido e Aprasivel do Ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever** (obra tão propria para as escólas como para uso das familias), 2<sup>a</sup> edição (interiramente refundida, aumentada, e ornada de um grande numero de vinhetas), Lisboa, Imprensa Nacional, 1853.

- **Methodo Portuguez Castilho para o ensino do ler e escrever: obra accomodada tanto ao uso das escholâs, como ao uso das familias.** Com mappas e vinhetas [XXIII-112pp.]; 3ª ed., Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista, 1853 (3ª edição da obra *Leitura Repentina - Methodo experimentado e efficacissimo para em poucas lições e com muito recreio se aprenderem a ler impressos e numeração, approvedo pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Reino, Lisboa, 1850.*
- 4ª ed: **Methodo Portuguez Castilho para o ensino rapido e apravel do ler, escrever, e bem falar (...)**, Lisboa, Typ. Progresso, 1857 [144pp].
- 5ª edição-tomos LXI-LXIII das **Obras Completas**, Tomos LXI-LXIII, revistas, anotadas e prefaciadas por um dos seus filhos, Lisboa, s.d.[1908, 3 vols. 140, 156 e 152 pp.].
- **Revista Peninsular**, vol. II, 1857, pp.561-564. (Artigo)
  
- **CASTILHO**, José Feliciano de (Barreto de Noronha e), **Orthographia portugueza e missão dos livros elementares; correspondencia official relativa ao "Iris classico"**, 2ª edição correctâ e augmentada, Rio de Janeiro, Typ. de Bernardo X. Pinto de Sousa, 1860 [200pp].
- **TRATADO ELEMENTAR DA PONTUAÇÃO da LINGUA PORTUGUEZA ensinada por meio de exemplos extrahidos dos melhores classicos acompanhado de ensaio sobre o uso das letras capitaes. Opinião do conselheiro Castilho ácerca do uso do accento agudo sobre aletra a e Catalogo de erros de pronuncia com a emenda ao lado**, Rio de Janeiro, Editores-Proprietarios Eduardo & Henrique Laemmert (68, Rua do Ouvidor, 68), 1870. BNRJ
  
- **CASTRO**, Eugénio vaz Pacheco do Canto e, **Orthographia e majusculação. Estudos gerais II.** Por Eugénio...(Ext. dos nºs 160-161 d'"O Preto no branco" [Ponta Delgada], Imp. Eugénio Pacheco, 1899-31p. [B.N.L.: L. 69.516 P.]
  
- **CASTRO**, J. S. de Figueiredo e, **Elementos de Grammatica Portugueza coordenados para uso das escholâs d'instrucção primaria**, 4ª ed. corr. e

augm., Porto-Deposito Geral Livraria Lello-Editor Antonio de Freitas Sucena, Agueda, 1887.

- **C.D.M.** (Carlos Duarte de Magalhães), **Epitome de Grammatica Portugueza, composto de elementos extrahidos de varios grammaticos e philologos e coordenados por...** de melhor nota, Porto, Na Typographia de Sebastião José Pereira (Praça de Santa Thereza, nº28), 1851.
  
- **CODESSO**, Joaquim Ferreira, **Breve tratado de orthographia para os que não frequentã os estudos ou dialogo sobre as mais principaes regras da Orthografia util para o povo menos instruido, e para os que não tendo frequentado as aulas, se achão já empregados nos escriptorios publicos, e desejão acertar na prática sem grande multiplicidade de regras, que lhes são difficeis de comprehender, e muito mais proveitoso aos Meninos, que frequentão as Eschólas. Método conciso, claro, e facillimo.** Seu Auctôr (...) Professor de Grammatica Latina, e Portugueza. Segunda Impressão muito mais acrescentada, e correcta, do que a antecedente, Lisboa, Na Typog. de R. J. de Carvalho (Livreiro dos Paulistas nº 54 e 55), 1826- 46 p.
  - **Apendice ao breve tractado de orthographia (...) com explicação Etymologica, E Analógica ácerca das dúvidas, que varios sujeitos sem fundamento, principios, e razão põe na Orthographia: huns pela pronunciação patria; outros pelo costûme, e habito de escreverem; outros por não terem cabedaes para o fazerem, e por isso nótão; porque para notar, hum çapateiro basta; e para satisfazer, não basta Vieira,** Lisboa, Tip. de R. J. de Carvalho, 1826. [B.N.L.: L. 639 P.] Segunda Impressão, Ibidem: B.N.L.: L. 666 P.]
  
- **COELHO**, Francisco Adolfo, **A Língua Portugueza, phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe,** Coimbra, Imp. da Universidade, 1868. B.N.L.: L. 5. 292 V. ; - 2ªed. Porto, Magalhães e Moniz Editores, 1887. B.P. Évora: A/9965 (P.L.)

- **Noções elementares de grammatica portugueza**, Porto, Lemos e C<sup>a</sup>, Tip. Artur José de Sousa & Irmão, 1891. CLUL: R. 809; B.N.L.: L. 8.890/91 P.
- **Questões de Língua Portuguesa**, ?
- **O relatório do Sr. Latino Coelho ácerca Diccionario da Academia** examinado por F Adolpho Coelho, Lisboa, Travessa da Victoria, 1870.
- e **AULETE**, Francisco Júlio Caldas, **Encyclopedia das Escolas Primarias**, 1869.
  
- **COELHO**, José Maria Latino, *Estudos sobre os diferentes methodos de ensino do ler e escrever*, **O Panorama**, XI, 3<sup>o</sup> da 3<sup>a</sup> série-Jan<sup>o</sup>-Dez<sup>o</sup>, 1845, Lisboa, pp.214-215, pp.226-227.
- (relator) **Parecer apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa sobre a reforma orthographica proposta pela Comissão da cidade do Porto** [São seus subscritores M. Pinheiro Chagas e A. M. Couto Monteiro], Lisboa, Typographia da Academia, 1879 [20pp]. B.N.L.: L. 951 V.
- **Relatorio da Comissão encarregada de propor á Academia Real das Sciencias o modo de levar a effeito a publicação do Diccionario da Academia**, 1870.
- **Novo Relatório apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa ácerca do Diccionario da lingua portugueza**, pelo sr. Latino Coelho, 1887.
  
- **COMPENDIO de analyse gramatical para uso das aulas de portuguez dos lyceus segundo o decreto de 10 de Abril de 1860**, Porto. B.M. Elvas: P.H.6309
  
- **COMPENDIO de Grammatica Portugueza** collegido e ordenado para uso dos alumnos do Seminario de Macau JHS, Macau, Typographia do Seminario, 1865.
- **COMPENDIO orthographico ou orthographia resumida por um professor da cidade da Bahia**, Lisboa, Imp. Régia, 1812 [B.N.L.: L. 643 P.]
- **CONSTÂNCIO**, Francisco Solano, **Grammatica Analytica da lingua portugueza**, Paris, Em Caza de Sousa Laemert e C<sup>a</sup>, 1831. [Paris, V.J. P.

Aillaud, 1855] B.N.Lisboa: (1955: Paris, J. P. Aillaud) L.743 P.; CLUL: R. 732 e R.733 (ed. 1855); B.G.C.: 5- (1)-14

- **Novo Dicionário critico e etymologico da lingua portugueza da Lingua Portugueza**, Paris, Na Officina Typographica de Casimir, Editor Angelo Francisco Carneiro, 1836. B.P.Braga: L. 1097 V. ; B.P.Évora: BAZul / 16277. 7ª edição, Paris, Angelo Carneiro Filho.

- **CORTESÃO**, António Augusto, **Noções Elementares da Grammatica**

**Portuguêsa** (pelo método indutivo), 1896.

- **Nova gramática portuguesa** (refundição da de B. José de Oliveira), 6ª ed., 1904; 7ª ed. Coimbra, F. França Amado, 1907 (ortog. pp.144-152) B.G. Coimbra: 5-7-23; CLUL: R. 1008 (7ª ed., 1907).

- **Manual de Orthographia da lingua nacional**, Rio de Janeiro, 1852; 2ª edição, Ibid. Tip. de Maximiano Gomes Ribeiro, 1861 - 47p.

- **CORTE-REAL**, António Moniz Barreto, **Proposta de Reforma Orthographica**,

Submettida á Academia Real das Sciencias de Lisboa, Angra do Heroismo, 19 d'abril de 1877 - 4 p., Angra do Heroismo, Typ. Angrense, 1877 (seguida de: Alfabetu çoniku i çua korrespondencia kom u itimulojiku - 3p.; as **Reconsiderações** (1876), antecidas de epígrafe e aumentadas, em 11 de maio de 1877; “Appensos”: Copia; Exercicios de Transição gradual da orthographia etymologica para a phonetica; artigo publicado no nº 1679 do “Angrense” - Kestõis urtugrafikas; Officio do dr. advogado Theotonio Simão Paim d’Ornellas Bruges; Officio do sr. advogado José Tristão da Cunha Silveira Bettencourt, de 4 de junho de 1877; Officio do sr. advogado Telles Palhinha, de 13 de junho de 1877; Resposta de Manuel José Marinho, director da alfandega d’Angra do Heroismo, de 6 de julho de 1877; Resposta do director interino, José Estevão Affonso; Resposta do comando do quartel general de Angra, General José Maria Gomes, de 13 de julho de 1877; Comunicado em o “Angrense” nº 1691, de 24 de julho de 1877, como resposta a artigo de a “Ideia Nova” nº 43; Movimento da Reforma Ortografika; Origem e divercidade das linguas cegundo a Biblia, de 28 de

- setembro de 1877. Angra do Heroísmo: Typ. Angrense, 11 de maio de 1877 [32pp.]. A. C.: 1. 93. 19. 10
- **Reconsiderações sobre a ortografia portugueza.** Angra do Heroísmo, 3 de julho de 1876. B.G.C Coimbra: RB-32-12(19) 411:469-0 LEA; BAC
  - **Notícia ortografica Do parecer da qomição nomeada pela Aqademia Real das Ciências açerqa da reforma ortografica, qe lhe foi çubmetida por uma qomição qongregada na çidade do Porto em 1878,** Tip. Angrençe, Angra do Eroísmo, 1879. BGUC
  - **Epitome da Grammatica Portugueza.** Por António Moniz... Angra do Heroísmo, Tip. M. J. P. Leal, 1859-5 fls+191p. [ortografia: pp. 164-176] B.N.L.: L. 50. 864 P.
- 
- **CORUJA, António Álvares Pereira, Compêndio da Orthographia da lingua nacional,** dedicado a S. M. I. o sr. d. Pedro II, Rio de Janeiro, Tip. Franceza, 1848-iv-262p. B.N.L. : S.C. 33.813 V. / B.M.RJ.
  - **Compendio da Grammatica da lingua nacional, dedicado á mocidade rio-grandense,** Porto Alegre, 1835.  
Idem, Rio de Janeiro, Tip. Francisco, 1847. B.N.L: L. 18. 216<sup>6</sup> P.
- 
- **COSTA, Bento José da, Grammatica Infantil ou lições simples de grammatica,** Tavares Cardoso & Irmão, 1903 [ 18cm, 108p]. CLUL: R. 737
- 
- **COSTA, Manuel Olímpio Rodrigues da, Grammatica portugueza destinada ao curso do 1º anno do Imperial Collegio de Pedro Segundo,** Rio de Janeiro, 1876.
  - **Idem, Grammatica Portugueza,** 2ª edição. Rio de Janeiro, Tip. da Escola, [1887]. B.N.L: L. 21. 638 P.
- 
- **COSTA, Rodrigo Ferreira da, Tratado de orthographia portugueza, deduzida das suas tres bases, a pronunciação, a etymologia e o uso dos doutos, e accomodados a intelligencia das pessoas que ignoram o grego e o Latim,** Lisboa, Impressão Regia, 1818 [135 pp.]. [B.N.L.: L. 643<sup>2</sup> P.]

- **Reflexões e observações previas sobre a escolha do melhor systema de orthographia portugueza, e deducção dos seus principios capitaes**, Lisboa, Typ. da Academia de Sciencias, 1821 [52 pp.]. [B.G.U.C.: ficheiro antigo]
- In: **História e Memórias da R. Academia das Siencias de Lisboa**, Tomo VIII, Parte I, Lisboa, 1823. [B.N.L.: L. 1.206 A.]
  
- **COUTINHO**, Luís Gonçaves, **Breve tratado ou explicação do que é grammatica**, Lisboa, 1817. CLUL: R. 759 (enc. com o Resumo)
- **Resumo orthographico da Lingua portugueza, extrahido dos melhores authores**, 2ª impressão mais acrescentada, e correcta do que a primeira, Lisboa, Impressão Regia, 1812 (1ª edição 1811) B.N.L.: L. 78.326 P.
- **Resumo Orthográfico da Lingua Portugueza**, composto e Offerecido ao Illmº Senhor Doutor Jozé Telles da Silva por (...) Professor Régio nesta Côrte. Para o uzo dos seus Académicos Nacionaes, e estrangeiros, e de toda a mais Mocidade estudióza, 5ª impr. mais acrescentada, e correcta, do que as antecedentes, Lisboa, Impressão Regia, 1816) CLUL: R. 759 CLUL: R.758 (1ª ed.); B.G.Coimbra (ficheiro antigo): 7-58-23-8 [microfilme]; B.N.Lisboa: L. 78326 P. 4ª impressão, Lisboa, Impressão Régia [VI-118pp.].
- **Novo methodo da grammatica, e orthographia portugueza**, 9ª ed. aum., Lisboa, João António da Silva Rodrigues, 1838. B.N.L.: L. 645 P. /CLUL: R. 760- Novo Metodo, etc. Parte sistemática, Lisboa, Impr. Régia, 1817 [127pp].
- **Nova carta de todas as figuras das letras e syllabas, ou o perfeito syllabario da lingua portuguesa**, 1ª parte, 2ª ed., Lisboa, Impressão Regia, 1818 [16cm, 30p]. CLUL: R.759
  
- **COUTO**, António Mário do, **Diccionario da maior parte dos termos homónymos e equivococ da Lingua Portugueza**, 1 vol. Lisboa, 1842. B.M. Elvas: P.H.2900
  
- **CRUZ**, José Augusto Vieira da, **Nova grammatica**, Coimbra, 1870. B.M.Elvas: P.H.6440

- CRUZ**, Luís Adelino Lopes da, **Resumo da orthographia portugueza...3ª edição**, correcta e aumentada, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870-vii-56p.  
[B.N.L.: L. 954 V.]
- **Resumo de algumas regras gerais de Orthographia portugueza para uso dos mancebos que frequentam as aulas de instrucção primaria**, Coimbra, Imp. Conimbricense, 1856. [B.N.L.: L. 2.460 V.]
- **CUNHA**, A. Estevão da Costa e, **Manual do Examinando de Portuguez: reportorio philologico grammatical e litterario da lingua materna**, Rio de Janeiro, Livraria Academica de J. de Azevedo, 1883 [416p]. BNL: L. 763P.
- **DAVID**, Abílio e Mendes, Fernando, **Curso de grammatica portugueza**, Lisboa, J. J. Nunes & Cª, 1891 [18cm, 224+IIp.]. CLUL: R. 857
- **DAVID**, António, **Grammatica portugueza elementar**, Lisboa, Ferreira & Oliveira, Lda, 1905 [20 cm, XXXVI+ 255p. ]. CLUL: R. 1013
- **DENIS**, Almáquio, **A Reforma ortográfica**. Bahia, Ofic. do "Diário da Bahia", 1907-18 p. [B.N.L.: L. 19.835<sup>4</sup> P.]
- **DEUS**, João de, **Cartilha maternal ou Arte de leitura por ...Publicada pelo seu amigo Candido J. A. Madureira, Abbade de Arcozelo**), 1ª ed., Porto, Na Livraria Universal de Magalhães & Moniz (12-Largo dos Loyos-14), 1876; 3ª ed., correcta e augmentada, Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.
- **DIAS**, A. Epifânio da Silva, **Grammatica portugueza elementar**. Obra approvada pela Junta Consultiva de Instrucção Publica, 4ª edição revista, Porto, Livr. Universal, 1881-159p. [B.N.L.: L. 10.176 V.]; 5ª ed. rev. Lisboa, A. Ferreira Machado & Cª, 1882 [CLUL. R. 810]; 6ª ed. Porto, Livr. Escolar de A. Fernandes Machado & Cª, 1884-151p. [B.G.U.C.: 415: 469.0 (07) DIA; C.L.U.L.] (1889-R. 811); (9ª ed.1894); (12ª ed. 1905 - R. 813)



- **Grammatica practica da lingua portugueza para uso dos alumnos do primeiro anno do curso dos lyceus**, Porto, s.ed., 1870. [refundida em 1875]  
CLUL: R. 812
  
- **DIAS**, Carlos Claudino, **Rudimentos de grammatica portugueza. Extrahidos com previo consentimento do auctor da Grammatica Portugueza Elementar de A. Epiphanio da Silva Dias**, Lisboa, 1878 (10ª edição. Lisboa, A. Ferreira Machado & Cª, 1903).B.N.L: L. 6.; 554 V / L. 9. 688 V.
  
- **DIAS**, João António, **Noções geraes de Orthographia Portugueza**. Porto, 1850 [32 pp]. Idem. Segunda edição; Ibid., 1853.
  - **Novissima Grammatica da Lingua Portugueza** (accommodada ao systema actual da instrucção publica, cujos exemplos formão o resumo da Historia Portugueza), Lisboa, Imprensa de Hermenegildo Pires Marinho [Rua da Boa Vista nº 14], 1854. B.N.L: L. 270 V.
  
- **DIRECÇÃO GERAL da instrucção Publica**. Conjugação dos verbos e synopses gramaticais, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898 [20 cm +54p.].
  
- **EPÍTOME da Orthographia Portugueza, extrahido dos melhores grammaticas, dividido em lições, por J. B. Wolfio**, Guimarães, na Imp. Vieirense, 1822.
  
- **ELEMENTOS da grammatica portugueza para uso das aulas**, Lisboa, Bertrand & Filhos, 1867. CLUL: R. 5278-806.90-5.ELE
  
- **ESPADA**, João Crisóstomo Vallejo, **Grammatica Portugueza para os alumnos que frequentam as escolas de instrucção primaria, e o curso de portuguez dos lyceus**, Lisboa, L. C. da Cunha, 1861 - vii-235p.[16cm. 249p].  
CLUL: R. 741; B.N.L.: L. 17. 881 P.
  
- **FARIA**, Eduardo de, **Dicionário da Língua Portuguesa**, 2 vols. Quarta edição para os portugueses e brasileiros, refundida, correcta e aumentada com

grande número de termos antigos e modernos por D. José Maria d'Almeida e Araújo Corrêa de Lacerda, Lisboa, No Scriptorio de Francisco Artur da Silva, 1859.

- **Novo Dicionario da Lingua Portugueza.** Contendo todas as vozes da lingua portugueza, antigas ou modernas, com as suas varias accepções accentuadas conforme a melhor pronuncia, e com a indicação dos termos antiquados, latinos, barbaros ou viciosos (...), 4 vols., Lisboa, Typographia Lisbonense, 1849 (XXVIII+315 pp.; 489 pp.; 463 pp.; 478 pp.).

- **FARINHA Júnior**, Francisco Adriano de, e **FONSECA**, Tiago dos Santos,  
**Quadros sinópticos da grammatica portugueza.**

B.N.L.: L. 924 <sup>17</sup> V.

- **FERRAZ**, João do Carmo, **Compendio orthographico extrahido dos melhores authores** aprovado pelo Lyceu de Portalegre coord. por (...), professor do ensino primario na villa de Campo-Maior, 2ª ed., Lisboa, Typ. de Joaquim Germano de Sousa Neves (Travessa do Cemiterio de Santa Catharina nº 4-A), 1855; 3ª ed., Lisboa, Tipografia de J. G. de Sousa Neves, 1868. [B.N.L.: L. 1.663 P. ; L. 6.908 (3) P. // CLUL: R. 348]

- **FERREIRA**, Francisco Soares, **Elementos de grammatica portugueza, ordenados segundo a doutrina dos melhores grammaticos**, para aplanar á mocidade o estudo da sua lingua, Lisboa, Impressão Regia, 1819 [18cm, 140p.]. CLUL: R. 736; B.N.L.: L.30.576 P.

- **FERREIRA**, Pires, **Notas sobre a lingua portuguesa.** s.l., 1894.

- **FERREIRA**, Silvestre Pinheiro, *Dos principios geraes e elementares da orthographia*, **Panorama**, vol. I, série 2ª (Janeiro a Dezembro), 1842, pp. 419-420.

- *Observações grammicaes*, **Panorama**, vol. II, série 2ª, (Janeiro a Dezembro), Lisboa, Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1843, pp.27-28.
- *Observações grammicaes*, **Panorama**, vol. II, série 2ª, 1843, pp. 42.
- *Novas observações sobre a orthographia portugueza*, **Panorama**, vol. III, série 2ª (Janeiro a Dezembro), 1844, pp. 179-180.
- **FIGUEIREDO**, A. Correia Pinto de, **Orthoepia Pratica da Lingua Portugueza para uso das escholae de instrucção primaria**, Porto, Typ. Commercial (Rua de Bellomente nº 57), 1844.
- **FIGUEIREDO**, Cândido de, **A questão orthographica. Carta ao prezidente da Comissão Nomeada na Academia Real das Sciencias acerca da Orthographia que deverá ser adoptada no Diccionario da mesma Academia**, Lisboa, 1887 - 8p. A.C: s. cota.
- **Tosquia de um grammático, dedicada aos filólogos mirandezes, aos críticos extremenhos e aos boticarios de Palmella**, por..., 2ª ed. (aliás 1ª ed.); Lisboa, Tipographia de O Dia, 1891.
- **O golpe de misericordia. Execução literaria de Zé filólogo Leite de Vasconcelos acusado de varios delitos contra grammatica, o bom senso e a salubridade publica**, por J. Caturra Junior, 3ª (aliás 2ª), Lisboa, Livraria Ferreira, 1892.
- **Lições práticas da Língua Portugueza** (Cartas de Caturra Júnior á redacção do Portuguez), 2ª ed. Lisboa, 1891; 3ª ed. 1900. B.M.Elvas: 2456
- **Novas Lições Práticas da Língua Portugueza** (Diário de J. Caturra Junior), Lisboa, Livraria Ferreira, 1893. V. SÉC. XX
- **FONSECA**, I. J., **Considerações de Orthographia**, Rio de Janeiro, 1897, 18p.  
[B.N. R.J.: III-324, 3, 32 nº6 ]

- **FONSECA, José da (?)**, **Diccionario da Lingua Portugueza**, recopilado de todos que até o presente se tem dado a luz, Paris, 1830 [in 12º, 2ª edição ibid, 1836].
  
- **FONSECA, Pedro José da**, **Rudimentos da orthographia da lingua portugueza**, Lisboa, na Offic. de António Rodrigues Galhardo, 1809. 8º de viii-50p. [B.N.L.: L. 644 P.]
  - Idem, Nova edição, Liv. Tip. Rolandiana, 1842. [B.N.L.: L. 638 P.]
  
- **FONSECA, Roque da**, **Compendio da orthographia de lingua portugueza, oferecido aos seus discipulos**, coordenado por (...) Prof. do Ensino Primario e oferecido aos seus discipulos, Margão, Typ. do Ultramar, 1860 [VII-65pp.].  
B.P.Évora: SN E 32. C 4
  
- **FOULCHE-DELBOSC, R.**, **Abregé de grammaire portugaise**, Paris, 1894.  
BAC: 1.99. 22.
  
- **FREIRE, Francisco José (Cândido Lusitano)**, **Reflexões sobre a lingua portugûesa, escritas por... com algumas anotações pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis Parte Primeira: trata do valor das palavras e correcções da Grammatica; Parte II: Tratado que pertence á pronunciação**), Lisboa, 1842.  
B.P.Évora: B Azul-21949SN/EST.24-C-4 / Manuscrito: Cod.CXIII/2-1, 1 vol. fol. grande 137 folhas [Catálogo B.P.E, tomo II, p.621]; B.M.Elvas: P.H.2695
- **Ilustração critica a uma carta que um philologo de Hespanha escreveu a outro de Lisboa acerca de certos Elogios lapidares, etc.**, Lisboa, 1751 [VIII-80p].
  
- **FREIRE, Zacarias Nunes da Silva**, **Novo Resumo de orthographia para uso dos principiantes das primeiras lettras**, Bahia, Tip. de José Bruno dos Santos, 1861-19p.

- **FREITAS**, Manoel José de, **Compendio da grammatica ingleza e portuguesa**, Rio de Janeiro, s. ed., 1820. CLUL: R. 2114
  
- **FREITAS**, Urbino de, **O ensino natural da linguagem**, Porto, Tipografia Central, 1884. CLUL: R. 10039-806.90-5FRE
  
- **FURTADO**, J. I. Arnizaut, **Epitome Orthographico**, 1881.
  
- **F. P. C.**, **Novo resumo de Orthografia da Lingua Portugueza**, composto por (...) Professor de Primeiras Letras na Cidade do Porto PARA USO DOS SEUS DISCIPULOS, Lisboa, Na Impressão Regia, 1814.
  
- **GATO**, Piero, **Orthografia fonetica da lingua luzo-brazileira**, Baía, s.d.
  
- **GODINHO**, Manuel Nunes, **Preceitos calligraphicos para a instrucção da mocidade adoptados para o ensino**, 3ª ed corr. e aum. Lisboa, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1862-51p.+2 map. dob.+22 f. CLUL: R. 7435
- **Bosquejo orthographico da lingua portugueza**, Lisboa, Tipografia Univ., 1866-82p. CLUL: R. 1173; B.N.L: L.650
  
- **GOMES**, António Gil, **Regras Elementares sobre a Pontuação, segunda parte da Orthographia**, escriptas por (...), Rio de Janeiro, Typ. Imperial e Constitucional de E. Seignot- Plancher (rua do Ouvidor, nº 95), 1831, xxij-35p. [B.N.R.J.: Livros antigos]
  
- **GRAMMAIRE portugaise**, Hambourg, 1811.
  
- **GRAMMATICA da ESCHOLA PRIMARIA especialmente cooredenada para uso dos alumnos do COLLEGIO DE LAMEGO**, Porto, Typographia do Commercio [Rua da Ferraria nº 102 a 112], 1866. B.N.L: L. 650 P.

- **GRAMMATICA moderna da lingua portugueza**, Lisboa, A. S. Coelho, 1840.  
[16cm, 126p]. CLUL: R. 318
  
- **GRAMATICA portugueza**, Lisboa, David Corazzi, 1882 [17cm, 63p].  
CLUL: R. 3248-806.90-5GRA
  
- **GRAMMATICA portugueza**, 4ª ed., Lisboa, Lallemon Frères, 1880. [198p].  
CLUL: R. 284
  
- **GRAMMATICA Portugueza**, Lisboa, Imp. Imperial e Real, 1826 [116p].  
B.N.L: L. 615 P.
  
- **GRIVET, Adriano, Grammatica Analytica da Lingua Portugueza**, Rio de Janeiro, Typographia de Thevenet e Cª, 1865.
  
- **GUERRA grammatico-crítica declarada por dois professores a hum**, Madrid, s.ed, 1807 [22cm, 139p].CLUL: 806.90-50GUE
  
- **GUIA para servir de auxilio na composição das obras em que fôr demandada seguir a orthographia usada na Imprensa Nacional**, Lisboa, Imprensa Nacional, s.d.[16pp].
  
- **HAMONIERE, G., Grammaire portugaise**, Paris, Chez Théophile Barrois Fils, 1820. [2ª ed. 1829]. CLUL: R. 856 (19cm, VIII+397)
  
- **INÁCIO, Pe. Manuel, Grammatica portugueza dedicada a meninos**, Porto, Tip. Vasconcelos, 1840 [65p]. B.N.L: L. 53.250 P.
  
- **INFERMIDADES da lingua e arte, que ensina a emmudecer para melhorar.**  
s.l., s.ed. s.d [20cm, 213p.] CLUL: 806. 90-5INF

- **LACERDA, D. José Maria de Almeida e Araújo Correia de, *Compendio da grammatica portugueza para uso das escholas*, Lisboa, No Escritorio de Francisco Arthur da Silva, 1859-iv-72 p.; 2ª ed. Lisboa, Tip. de Sousa & Filhos, 1861. B.N.L.: L.18.216<sup>4</sup> P. / 3ª edição, Lisboa, Escritorio de Francisco Arthur da Silva, 1862.**
  
- **LAGE, José Gonçalves, *Novissima grammatica portugueza*, Coimbra, Livraria Portugueza e Extrangeira do Editor Manuel de Almeida Cabral, 1882 [23cm, 102p]. (2ª ed. 1883: coordenada em harmonia com o programma official dos lyceus e accommadada ás Escholas Normaes, 2ª ed. correcta e augmentada, Approvada pela Junta Consultiva de Instrucção Publica, Coimbra, Livraria Portugueza e Estrangeira do Editor, Manuel de Almeida Cabral-163, Rua de Ferreira Borges) B.N.L: L. 431 V.  
B.N. Lisboa: L. 507-8-9 V.(1883); B. G. Coimbra: 415: 469-0(07)LAG  
CLUL: R. 996 (Ortografia pp. 173-190)**
  
- **LEÃO, José Barbosa, *Considerações sobre a orthographia portugueza. Memoria offerida ao illmo. e exmo. sr. conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, ministro e secretario d'estado dos negocios do Reino*, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1875. B.P.Évora: BAZul/8985; B.G. Coimbra: RB- 32-12(19) / RB-32-14 (29) / 411.469.0 LEA**
- **Parecer da Comissão da reforma orthographica**, Porto, Tip. de A. J. da Silva Teixeira, 1877. [B.N.L.: L. 18.777<sup>10</sup> P.]
- **Representação á Academia Real das Ciências sobre a reforma da ortografia**, Lisboa, Imp. Nacional, 1878. [B.N.L.: L. 4. 489 P.]
- **Colêção de Estudos e Documentos a favor da reforma da ortografia em sentido sónico**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1878 [vii-149 pp.] (Inclui: Considerações e parecer da Comissão orthographica do Porto; criticada por M. Pinheiro Chagas, A. M. de Couto Monteiro Monteiro, J. M. Latino Coelho no Parecer apresentado a Academia Real das Sciencias de Lisboa sobre a Reforma orthographica proposta pela Commissão da cidade do Porto, Lisboa,

Typ. da Academia, 1879 (6 de fev.). P.M.Elvas: F.G.20853 (31-IV) /P.H.1455 e P.H.1720; B.G.Coimbra: R.B.-32-11(30) // B.N.L.: L. 10.392 V.

- **A Academia Real das Ciências de Lisboa e a Comissão de Refórma Ortográfica do Porto**, Porto, Imprensa Portuguesa, 1879.

- **A ortografia sónica e os seus adversários**, s.d [1883], n.l. [B.N.L.: L. 10.400<sup>5</sup> V.]

- **Elementos da gramática portugueza**, Porto Comp. e Imp. na Tip. de António José da Silva Teixeira, 1886 [22cm, XIV+261p]. Teve uma edição póstuma em 1906 (Apud: Rui Vieira de Castro, Para a análise do discurso pedagógico, 1995, p.467). CLUL: R. 985; B.P.Évora: B Azul / 837; BAZul/12721; BAZul/ 11.200

- **Princípios e Régras para Escrever em Ortografia Sónica**, Porto, Livraria Gutenberg de Antonio Jozé da Silva Teixeira, 1886. [23 pp.]

- **LEITE, P. Joaquim José, Lustina, ou Luso-Latina, isto é Grammatica portugueza e latina, a que acede mytologia e versificação portugueza**, Lisboa, 1843 (Anónimo).

- **LEITE, Francisco José Monteiro, Nova Grammatica Portugueza**, Porto, Clavel & C<sup>a</sup>...A. J. da Silva Teixeira, 1882 B.N.L: L. 496 /99 V.

- **Grammatica portugueza dos lyceus**, Porto, Civilização, 1887 [19cm, 247p]. CLUL: R. 985

- **A Ortografia etimológica e a sónica**, Porto, Livraria Central de Campos & Godinho, [1887]-46[2]p. B.N.L.: L. 10.413<sup>0</sup> V.]

- **Estudo crítico sobre a Moderna Ortografia da Língua Portuguesa**, por... Precedido de um prefácio do Dr. Alberto Pinheiro Torres, Porto, Rafael Pereira dos Santos, Tip. do Bolhão, 1915-168+1p. [B.N.L.. L. 45. 057 P.]

- **Resumo da Nova Ortografia Portugueza**, Porto, Liv. Civilização. [B.N.L.: L. 423/4 V.]



- **LEMOS, Joaquim José de Campos Abreu de, O desaggravo da grammatica, ou reflexões criticas sobre a grammatica portugueza, ordenada por José Guedes Albuquerque, Lisboa, Galhardo, 1820.**
  
- **LEMOS, Miguel, Orthographia Pozitiva, Rio de Janeiro, 1888. BNL: L. 1675 P.**
  - **Aviso sobre algumas modificações no nosso systema ortografico, Rio de Janeiro, 1890.**  
BNRJ: IV-201, 4, 17 n<sup>o</sup>9
  - **Simplificações ortográficas, praticadas desde já por todos e uzadas em nossas publicações, Rio de Janeiro, 1893. BNRJ: IV- 201, 4, 18 n<sup>o</sup>3**
  - **La question de la Réforme Orthographique, Apostolat Positiviste du Brésil, Rio de Janeiro, Au siège de l'apostolat positiviste (Travessa de Ouvidor, 7), Décembre, 1888. BNL:**
  
- **LEONI, Francisco Evaristo, O genio da lingua Portugueza, Lisboa, 1858.**  
B.P.Évora
  
- **LIGORNE, B. A., Elementos de gramática portuguesa, 3<sup>a</sup>, ed. melh., Lisboa, Avelar Machado, s.d. CLUL: R. 1015**
  
- **LISBOA, Miguel Maria, Memoria sobre a orthographia portugueza (?), 1820.**
  
- **LOPES, David, Bases de ortografia que deve ser adoptada no Dicionário da Academia. [B.N.L.: L. 4.256 A.]**
  
- **LOPES, João Baptista da Silva, Discurso sobre a necessidade de fixar a orthographia da lingua portugueza, lido em sessão de 8 de Março de 1843.**
  - **Grammatica da Lingua Portugueza com um systema de neographia (inédita).**

- **LOPES**, Joaquim José Pedro, *Reflexões sobre qual dos systemas da orthographia devera ser adoptado, etc.*, **Jornal Encyclopedico de Lisboa**, Tomo I, 1820, pp.225-242.
  
- **LOPES**, José Quintino Travassos, **Grammatica elementar da lingua portugueza**, 3ª ed. aum., Lisboa, A. M. Pereira, 1881. (20ª ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1896-18cm, 125p.) CLUL: R. 755
  
- **LOURENÇO**, Domingos, **Grammatica da Lingua Portugueza para uso dos meninos. Extrahida de diferentes autores classicos e offerecida ao seo paiz**, Margão, Na Typographia do Ultramar, 1860. B.P.É.
  
- **LUZES**, A., **O Guia Phonologico ou Regras de Phonetica, Prosodia e Orthographia. Para fallar e escrever correctamente**, Rio de Janeiro, Typ. de Moraes (rua de S. José 35), 1896. B.N. RJ.
  
- **MACEDO**, Joaquim Freire de, **Compêndio de grammatica portugueza, colligido e coordenado para uso dos alumnos d'instrucção secundaria**, Lisboa, Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1862 [vii-184p] CLUL: R. 829; B.N.L.:L.16.610 P.
  - 2ª ed. corr. Lisboa, Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1865.
  - 3ª ed. corr. Lisboa, s.ed. 1867. [B.P E B/Azul 7. 550 F] 4ª ed., Lisboa, Lallemon Frères, 1871~.
  - 5ª ed. Lisboa, Lallemon Frères, 1875.
  - **Resumo do compendio de grammatica portugueza**. 6ª ed. Lisboa: Lallemon Frères, 1877 [15cm, 80p]. (7ª ed. Lisboa, Tomás Quintino Antunes, 1881) CLUL: R. 834
  
- **MACEDO**, José Tavares de, **Elementos de Orthographia Portugueza** (sem o nome do autor), Lisboa, Imprensa Nacional, 1834 - 47 p. [B.N.L.: 18. 429<sup>2</sup> P.] (2ª ed. já com o nome do autor, Lisboa., 1861-51 p. B.N.L.: L. 10.755 V.). B.M.Elvas: P.H.7007

- **Obras inéditas: Ensaio sobre o estudo historico das línguas; Elementos de Grammatica Portugueza**, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística (Para a história da Linguística em Portugal - Caderno II) 1996.
  
- **MACHADO**, Ulisses, **Gramática portugueza ensinada pelos exemplos**, 2 vols., Lisboa, J. A. Rodrigues & C<sup>a</sup>, 1897-1917. CLUL: R. 799  
5<sup>a</sup> ed., Lisboa, José Assis & A. Coelho Dias, 1911.
  
- **MACIEL**, Maximino de Araújo, **Grammatica Analytica baseada nas doutrinas modernas satisfazendo ás condições do actual programma**, Rio de Janeiro, Typ. Central, de Evaristo Rodrigues da Costa, 1887.
  
- **MARQUES**, Joaquim José, *Demonstração de um voto sobre a orthographia*, **Jornal do Commercio**, nº 5058 e 5061-62, de 6, 9 e 10 de Setembro de 1870.
  
- **MARTINS**, A.B. Santos, **Grammatica elementar da lingua portugueza**, Lisboa, s. ed. 1892 [18cm, 96p.] - Encadernado com o Curso de grammatica portugueza. CLUL: ? B.N.L. L. 5. 260
  - **Pontos de grammatica portugueza e exercicios praticos para applicação das principaes regras de syntaxe e uso das fórmas vivas da lingua**, 3<sup>a</sup> ed., Lisboa, Manoel Gomes, 1899.
  - **Pontos de grammatica teórica e aplicada para auxilio dos estudantes de portugês**, Lisboa, Imp. Lucas, 1891. B.N.L: 11. 785 P.
  
- **MASSA**, José de Noronha Napoles, **Grammatica Analytica da Lingua Portugueza**, Composta e Offerecida aos Brasileiros pelo Padre (...), natural da provincia da Bahia, Rio de Janeiro, Imprensa a vapor H. Lombaerts & Comp. (7- Rua dos Ourives -7), 1888. B. N. RJ.
  
- **MATOS**, Pe. José Joaquim de Afonseca, **Compendio de grammatica portugueza**, colligida e ordenada para uso dos alumnos do seminario de Macau, por um professor do mesmo, Macau, Tip. do Seminário, 1865 [vi-92p].

B.N.L: 4.866<sup>4</sup> A

- **MATTA**, Antonio Sérvulo da, **Compilação Synopse das anotações grammaticaes da selecta portugueza dos Srs. Luis Filippe Leite e Bernardo Valentim Moreira e Sá**, Lisboa, s.ed. 1888 [20cm, 45p.]. CLUL: R. 2310-806.90-5MAT
  
- **MELO**, João Crisóstomo do Couto e, **Caderno das Lições do Dirétôr das Escolas Militares aos Senhores Professôres d'elas em Gramática Portuguêza. Caligrafia, Ortografia e Linguagem de Cálculo**, Lisboa, 1819.  
- **Gramática Filosófica da linguagem portuguesa**, Lisboa, Impressão Regia, 1818. [1 fl. , XXVIII, 5-265 p.]. B.N.Lisboa: L.304 V./ L.357 V/L.9701; CLUL: R. 992  
B.P.Braga: L 481 V / B.G.Coimbra: 5-1-14
- **Idêa geral dos nóvos métodos de ensinar a lêr, escrever e contar, ensaiados na escola geral de Belem, e mandados seguir nas Escolas particulares do Eisercito (cic) e Marinha**. Por ordem de sua Magestade, Lisboua [sic], Imprensa Regia, 1816 [15pp.].
- **Nôvo méthodo de ensinar e aprendêr a pronunção e lêitura da Linguágãe Portuguêza**, pãra úso das Escolas Particulares do Exército e oferecido a sua Majestáde Fidelíssima pêlo Dirétôr da Escóla Gerál o bacharel formado ãe matemática, Parte elementar, Lisboa, Imprensa Regia, 1817 [88-II pp.]. B.N. Lisboa: L 357 V / L 9701
- **Novo methodo etc.** Parte systematica. Ib. 1817. (Misc.VIII do Legado de Leite de Vasconcelos à Fac. de Letras)
- **Orthografia philosophica da linguagem portugueza**. Ib. 1818-xii-40p. (Faculdade de Letras de Lisboa, Sala José Leite de Vasconcelos)
  
- **MELLO**, Manuel de, **Da Glottica em Portugal, carta ao Auctor do Diccionario Bibliographico Portuguez**, Rio de Janeiro, Typ. Perseverança, 1872 [343pp.].

- **MENDES, Fernando, e outro, Curso de grammica portugueza.** Lisboa, J.J. Nunes e C<sup>a</sup>, 1891 [18cm, 224+ II p.]. CLUL: R. 857
  
- **MENDES, José António Soares, Proluzões, que auxiliando João Pinheiro Freire da Cunha sustentará Jozé António Soares Mendes [...] na Sala da Academia Orthográfica Portugueza,** Lisboa, Offic. João Rodrigues Neves, 1806 [4 fl.] B.N.L.: L. 357<sup>8</sup> V.]
  
- **MENDONÇA, Júlio Teixeira Cabral de, Compendio de orthographia portugueza. Com um appendice contendo um vocabulario geográfico,** Lisboa, Tip. de Moreira de Madre de Deus, 1860-277[7]p. [B.N.L.: L. 655 P.]
  
- **MENEZES, Fr. Diogo Mello e, Arte Grammatico-Filosofica de Ensinar, e Aprender Latim Em pouco tempo,** dirigida ao Poderosissimo, e Fidelissimo Principe Regente de Portugal D. João, Nosso Senhor, para uso do Serenissimo Principe da Beira, e Seus Augustos Irmãos, por Fr. Diogo de Mello e Menezes, Monge do Padroado do Mosteiro de Belém, e Professor Régio da Lingua Latina, Lisboa, Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor dos Conselhos de Guerra e do Almirantado, Anno M.D.CCC.III/ Por Ordem Superior. B.M.Elvas: 4587
  
- **MIDOSI, Francisco, Compendio de Grammatica Portugueza para instrucção da mocidade e uso das escólas,** Lisboa, Na imprensa Nacional, 1842 [92P]. B.N.L.: 639<sup>3</sup> P.
  
- **M. M. M., Exercícios de cacografia portuguesa,** Lisboa, José Rodrigues, 1864. CLUL: R. 325
  
- **MONACI, E., e outro, Manualetti d'introduzione agli studi neolatini, II.** Portoghese, Imola, Ignacio Galeati e Figlio, 1881 [24cm, 96]. CLUL: R.684

- **MONTEIRO**, José Luís Coelho, **Compendio Grammatical da Lingua Portugueza ordenado e offerecido ao illustrissimo Senhor Joaquim Navarro de Andrade**, Do Conselho de S. M. F., Fidalgo Cavalleiro da Sua Real Casa, Commendador da Ordem de Christo, Fisico Mór do Reino, Graduado, Director da Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto, E Socio Correspondente da de Lisboa, por (...) Professor da sobredita disciplina n' aquella Academia, Lisboa, Na Impressão Regia, 1828.
  
- **MONTEIRO**, José Luís de Sousa, **Alfabeto Portugueza, exposto por um methodo novo e facil**, 1ª parte-2ª parte, Porto, Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1797; 2ª ed. **Alphabeto Portugueza, ou arte completa de ensinar a ler por methodo novo e facil**, 1ª parte, 2ª parte, ibid., 1806.
- **Alfabeto Portuguez, ou Arte completa d'ensinar a lêr por methodo novo e facil**, Nova ed. correcta e accrescentada pelo mesmo autor. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade, 1812 (2ª ed. ; 1ª ed. 1797; com edições até 1880). B.N.L.: L. 617 P./L. 583/L. 584 ( ed.1880).
  
- **MONTEIRO**, José de Sousa, *A minha resposta ao projecto do Questionario ortografico do socio sr. Gonçaves Viana*, **Sep. do Boletim de 2ª Classe da Academia das Sciencias de Lisboa**, 1902.
  
- **MONTEVERDE**, Emilio Achilles, **Elementos de grammatica portugueza**, desenvolvidos com a maior clareza possivel para uso das aulas, Lisboa, 1833 [72p.].  
Idem, Lisboa, Tip. Universal, 1867. B.N.L: L. 641 P.
- **Manual Encyclopedico**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1837.
  
- **MORAIS**, L. de, **Método práctico de escrever sem erros**, Lisboa, Clássica Editora, 1918-55p. [C.L.U.L.]
  
- **MOURA**, Augusto Pereira de, **Elementos de grammatica portugueza e coordenados em harmonia com os modernos processos de analyse...**, 2ª ed.

muito melhorada, Coimbra, Livraria Central de J. Diogo Pires, 1892.

B.G.Coimbra: 415:469.0(07)MOU

- **NETO**, António Maria de Almeida, **O Escholiaste Portuguez ou Subsídios Litterarios, Grammaticaes, Philologicos e Rhetoricos compilados dos melhores auctores (...)**, 1ª parte, Lisboa, Typographia Universal (De Thomaz Quintino Antunes, impressor da Casa Real), 1884.
  
- **NORONHA**, D. Alexandre José Botelho de Vasconcellos de Mello e Mattos de, **Quadro pedagogico dos elementos da leitura, ou tratado da Orthologia portugueza por um novo systema**, Évora, Imp. do Governo Civil, 1865 [73pp.+2 est. lith.].
  
- **NUNES**, António Castanheira, **Duas palavras a respeito da orthographia actual e projecto de reforma**, Lisboa, Casa Portugueza, 139, rua Larga de S. Roque, 1879.
  
- **OLIVEIRA**, Bento José de, **Nova grammatica portugueza**, 20ª ed. melhorada, Coimbra, Fr. França Amado, 1890. [1ª edição: 1862 (CLUL); 4ª ed. Coimbra, J. Augusto Orcel, 1867- R. 998 ; 9ª ed. Coimbra, L.A. Orcel, 1875; 10ª ib., 1876; 12ª ib., 13ª ed.-1880; 1879; 17ª, ib., 1886; 18ª, ib., 1887; 21ª, Coimbra, Francisco França Amado, 1887; 22ª, ib., 1893; 23ª, ib., 1895; 26ª, ib., 1904).
  
- **ORTHOGRAPHIA Simplificada da Lingua Portuguesa**, Porto, Typographia Nacional (Rua da Picaria, 35 e 37), 1889.
  
- **PACHECO**, Eugenio, **Orthographia e majusculação, O preto no branco**, 1899  
B. N. L:

- **PACHECO**, Luís Bernardino, **Grammatica Elementar e Pratica da Lingua Portugueza para as escolas de instrucção primaria. Curso theorico e pratico**, Lisboa, Universal, 1894. CLUL: R. 739
  
- **PEREIRA**, Alberto Feliciano Marques, **Schemas grammaticaes ou quadros auxiliares do estudo da grammatica portugueza**, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1895. CLUL: R. 2494
  
- **PEREIRA**, João Félix (médico, engenheiro civil, agronomo, tachygrapho, professor jubilado do Lyceo Nacional de Lisboa), **Carta sobre a orthographia portugueza dirigida ao sr. dr. José Barbosa Leão, cirurgião da Brigada**, Lisboa, Typ. da Bibliotheca Universal (Rua dos Calafates, 93), 1879 [15p.].  
B.N.L.: L. 655<sup>5/6</sup> V. / Academia das Ciências
- **Vocabulario Sonico ou Enumeração das Principaes Palavras Portuguezas** (Escriptas segundo as regras da orthographia phonetica / PRECEDIDO / Da refutação da orthographia etymologica / E SEGUIDO / D'um episodio dos Lusíadas, escripto sonicamente), Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista Torres (Rua Diario de Noticias, 93), 1888. A. C. 1. 2.
- **Os Synonymos e Homonymos da Lingua Portugueza por (...)** Médico, engenheiro civil, agronomo, antigo preofessor da Escola do Commercio de Lisboa e professor jubilado do Lyceo Nacional da mesma cidade, 2 tomos, Lisboa, Tipographia de Lucas Evangelista Torres (Rua dos Calafates, 93), 1885.
- **Epitome de Grammatica Geral**, Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista Torres, 1889.
  
- **PERES**, António, **Reflexões Varias da Lingua Portugueza no seu abecedario, sobre a harmonia das palavras e musica das letras**, Lisboa, Na Impressão Regia, 1807.



- **PERTEENCE, e VERGUEIRO, Compendio da Grammatica Portugueza accommodado ao uso das escolas**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1861.
  
- **PESTANA, Daniel Ferreira (D.F.P.), Principios de Grammatica Geral applicados à Lingua Portugueza. Publicados e offerecidos á Mocidade de Goa**, Nova-Goa, Imprensa Nacional, 1849.
  
- **PIMENTEL, António de Serpa, Apontamentos para um systema de orthographia. Opiniões do sr. Antonio José Viale e do sr. Antonio de Serpa Pimentel**, Academia das Sciencias, 1856 [80p]. V. Viale
  
- **PINHEIRO, F. Mendes, Grammatica Elementar da Lingua Portugueza. Para uso das Escolas**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1869.  
B.G. Coimbra: 1-(23)-30
  
- **PINHEIRO, J. C. Fernandes, Grammatica da Infancia, dedicada aos Snrs. Pofs. de Instrucção Primaria** pelo Conego Doutor (...), Professor de Grammatica Philosophica do Imperial Collegio de Pedro II, etc. etc. 3ª ed. correcta e melhorada, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro Editor do Instituto do Brasil, 1870.
  
- **PIRES, Fernando (P.), Tratado da Orthographia Portugueza - manuscrito (S.B.L.)**
  
- **PIRES, Manuel Justino, Epitome orthographico**, 2ª edição[1 fol., 24p.], Lisboa, 1843. P.M.Elvas: P.H.1218; P.H.1154 [Lisboa,1857] (1ª ed.: Lisboa, Tip. Acad. Belas Artes,1842 - 24p.; B.N.L.: L. 26.401<sup>11</sup> P.)
  
- **PONTUAÇÃO I, Panorama**, vol. 2/63, Lisboa, Imprensa da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, 1838, pp.219-220.

- *PONTUAÇÃO* II, **Panorama**, vol. 2/65, Lisboa, Imprensa da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, 1838, pp.234-236.
  
- *PORTARIA de 20 de Setº de 1897*, **Diário do Governo de 24 de Setº de 1897**, nº 215.
  
- **PORTUGAL**, Tristão da Cunha (João da Cunha Neves e Carvalho), **Orthographia da lingua portugueza ensina da em quinze lições pelo systema de Madureira rectificado pelos principios da grammatica philosophica da lingua portuguesa de Jeronimo Soares Barbosa, acompanhada das principaes regras da boa pronunciação e seguida de um copioso catalogo das palavras portuguezas por ordem alphabetica, com a indicação de suas significações no uso actual, e dos erros mais ordinarios do vulgo na escriptura e pronuncia de algumas dellas [...]**, Paris, Na Livraria de J. P. Aillaud, 11, Quai Voltaire, 1837.  
 B.M.Elvas: P.H.2386; CLUL: R. 1069/ 2ª ed.(1856) R. 1070 // B.N.L.: L. 30.151 P.; 2ª ed.: 1856-360p. B.N. R.J. e C.L.U.L.
  
- **PORTUGAL**, José de, **Exercícios grammaticais**, Lisboa, Lucas Evangelista Torres, 1892-vii+120p. [C.L.U.L.]
  
- **PRINCIPIOS de grammatica geral applicados à lingua portugueza**, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1849 [20cm, VII+204p.]. CLUL: R. 797
  
- **QUADROS**, Camilo Xavier de, **Grammatica Filosofica** (para uso dos seus discipulos e de quem mais a quizer), Lisboa, Typographia Carvalhense, 1839.
  
- **QUESTÕES de ortografia** (Segundo a reforma oficial). Educação Nacional, Porto, Tip. da Empresa Gráfica "A Universal", A. Figueirinhas edit., s. d., 20 p.  
 [B.G.U.C.-ficheiro antigo]

- **RAMOS, João de Deus, Prosódia Portuguesa. Estudo prévio da orthographia**  
coordenado por (...), Coimbra, F. França Amado, Editor, 1909 [98 p.].
- **Guia Prático e Theorico da Cartilha Maternal ou Arte de Leitura,**  
Coimbra, Imprensa da Universidade, 1901.
  
- **RASCUNHOS sobre a gramatica portuguesa,** Rio de Janeiro, 1881. Academia  
das Ciências: vide: col. Dr. Sousa Pinto:1.93.16. 49
  
- **REGRAS de GRAMMATICA PORTUGUEZA segundo os principios de**  
**Grammatica Universal de Mr. Court de Gebelin, e de Mr. L'Abbé Sicard,**  
Lisboa, Typ. de Antonio Rebello, 1841.
  
- **REGRAS da orthographia portugueza - manuscrito [B.P.Évora: Cod. CX / 1-4 a**  
fl.]
  
- **REIFF, CL.PH., Epitome de grammatica geral,** Lisboa, Lucas Evangelista Torres,  
1889.  
CLUL: R.740-806.90-5
  
- **REIS, Francisco Sotero dos, Grammatica portugueza, accommodada aos**  
**principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica,**  
composta por... Prof. Jubilado de Lingua Latina, e Prof. da mesma Lingua e  
de Litteratura, do Instituto de Humanidades do Maranhão, dedicada pelo  
mesmo auctor ao Dir. do mesmo Instituto o Dr. Pedro Nunes Leal, Maranhão,  
MDCCCLXVI [1866].
- **Postillas de gramatica geral aplicada á lingua portuguesa,** Maranhão,  
1868. BAC: vide-Col. Dr. Sousa Pinto- 1. 99. 49
  
- **REPRESENTAÇÃO à Academia Real das Ciências sobre a refórma da**  
**ortografia,** Lisboa, Imprensa Nacional, 1878.



- **RIBEIRO**, António Carneiro, **Grammatica Portuguesae Philosophica**, Bahia, Imprensa Económica, 1881.
- **Serões Grammaticais ou Nova Grammatica Portuguesae**, Bahia, Imprensa Popular, 1890 (2ª edição, 1915).
  
- **RIBEIRO**, Antonio Leite, **Theoria do discurso. Applicada à lingoa portugueza; em que se mostra a estreita relação, e mutua dependencia das quatro sciencias intellectuais, a saber Ideologia, Grammatica, Logica, e Rhetorica**, Lisboa, Impressão Regia, 1819. B.N.L.: L 1 - 2 P./ L.17241 (Mau estado).
- 2ª ed.: Offerecida a sua Alteza o Serenissimo Senhor D. Pedro de Alcantara, Principe do Reino-Unido de Portugal, Brasil, e Algarves por Antonio Leite Ribeiro, Professor de Philosophia Racional, e Moral, de Historia Universal, e de Geographia do R. Collegio Militar, 2ª ed. correctae e emendada e propriedade do editor, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1836 (Vende-se na loja d'Orcel, defronte dos Martyres, nº20)- xx-274p. B.N.L: L. 3. 706 P.
  
- **RIBEIRO**, João, **Grammatica Portuguesae**, 2ª ed. corrigida e augm., Rio de Janeiro, Livraria Clássica, 1888 (2ª ed. 1898 - CLUL).
- Diccionario Grammatical**, 2ª ed. augmentada pelo distinto philologo M. Pacheco da Silva Junior, Rio de Janeiro, Livraria Classica de Alves & Comp., 1897.
  
- **RIBEIRO**, Júlio, **Grammatica Portuguesae**, 2ª ed. ref. e aum., S. Paulo, Teixeira & Irmão, 1885 [23cm, 387p + 2fol. dobr.]. CLUL: R.1446
  
- **ROCHA** (ou Roxa), Pedro Augusto Martins da, **Programma da Casa do ensino e educação de Coimbra**, Coimbra, Imp. Litteraria, 1883.
  
- **ROQUETTE**, Jose Ignacio, **Cacographia Portuguesae, ou collecção dos themas extrahidos dos melhores auctores portuguezes, escriptos errada e incorrectamente, destinada a exercitar a mocidade no estudo e applicação**

- das regras da orthographia, Paris, J. P. Aillaud, 1838 [ in 12° gr. XII-199 pp.]. CLUL: R. 935
- **Correcção da cacographia portugueza, segundo a grammatica publicada pela Junta da Directoria dos Estudos em Coimbra, etc**, Paris, J. P. Aillaud 1938 [in 12°gr. XII-200 pp.]. CLUL: R. 936 // B.N.L.: L. 60. 290 P.
- **Diccionario dos synonymos poetico e de epithetos da lingua portugueza**, Pariz, V<sup>a</sup>. J. P. Aillaud, Guillard, e C<sup>a</sup>, 1869. B.G. Coimbra: 469.0(03) ROQ; B. P. Braga: L. 1852 A (ed. 1858).
- **ROSA**, Francisco Ferreira da Rosa, **Elementos de Analyse Orthographica (Origem de regras para bem escrever compreendendo Phonetica, Prosodia e Orthographia)**, por (...) Professor Cathedratico do Collegio Militar, Rio de Janeiro-São Paulo, Livraria Classica Alves & C., 1895 - 35p. B. N. RJ.
- **RUBIM**, Joaquim Frederico Kiappe da Costa, **Novo Methodo de Grammatica Portugueza**, Porto, Inácio M. Correia, 1880. CLUL: R. 738
- **SÁ**, António Francisco Moreira de, **Compendio de Orthographia**, Lisboa, 1858. [Segundo Inocência, tem edições entre 1858 e 1863.] (2<sup>a</sup> ed.: Lisboa, Tip. de Salles, 1860-24 p. B.N.L.: L. 1.663 P.; Idem, Lisboa, Tip. Universal, 1862- B.N.L.: L. 18. 716<sup>10</sup> P.)
- **SABOIA**, Manuel (P.) Ferreira da Costa e, **Tratado da Orthographia Portugueza**  
- manuscrito (S.B.L.)
- **SAMPAIO**, **Grammatica da Infancia ou Intruducção ao Estudo da Grammatica Geral, e especialmente da Portugueza**. Pelo auctor da Arithmetica e Geographia da Infancia, Coimbra, Impr. da Universidade, 1851.
- **SAMPAIO**, Manuel de Castro, **Compendio de orthographia**, Macau, 1864.

- **SÃO LUÍS**, Francisco de (Cardeal Saraiva), **Glossario das palavras e frases da Lingua Franceza que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna; com juizo critico das que são adoptaveis nella**, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1827.
  - *Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portugueza he flha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vernacula dos lusitanos*, **Obras Completas**, Tomo IX, pp. 163-208 (Obras Completas, 10 tomos, Lisboa, 1872-1883)
  - **Ensaio sobre alguns Synonimos da Lingua portugueza**, 2 vols, Lisboa. B.M. Elvas: P.H.2072/ P.H.2531/ P.H. 1681
  
- **SEILBTZ**, D. Jorge Eugenio de Locio, **Grammatica da Lingua Portugueza oferecida á Juventude Lisbonense por (...) Director do Collegio do S.S. Coração de Jesus, e Socio Effectivo da Academia Lisbonense das Sciencias e das Letras**, Lisboa, Typ. de L. C. da Cunha, Costa do Castelo nº 15, 1844 [cap. ortografia: pp.87-95]. B.N.L. : L.638 P.
  
- **SILVA**, A. Freire da, **Compendio de Grammatica Portugueza**, São Paulo, J. Seckler, 1886.
  
- **SILVA**, António de Moraes, **Epitome Grammatical da Lingua Portugueza**, Lisboa, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1806. B.P.Évora: A Azul-4385
  
- **SILVA**, Joaquim José Ventura da, **Orthographia da lingua portuguesa, reduzida a regras geraes e especiaes, etc.** Divide-se em duas partes, a segunda das quaes seguida dum appendice que comprehende um facilimo e novo methodo de ensinar e de aprender a ler o portuguez, Lisboa, Imprensa Nacional, 1834 [xvi-199 pp.]. CLUL: R. 1071 // B.N.L.: L. 357 V.
  - **Nova Arte de ensinar e de aprender a ler o português. lisboa, imprensa Nacional**, 1834.

- **Regras methodicas para se aprender o character da lingua ingleza, acompanhadas de umas noções de arithmetica**, offerecidas ao Principe da Beira, Lisboa, na Officina de Simão Tadeo Ferreira, 1803-273p.
- **Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres das letras ingleza, portugueza, aldina, romana, gothica italica, gothica germanica, e gothica lusitana, off. ao Ser. mo Sr. D. Pedro, Principe da Beira**, 2ª ed. Lisboa, Impressão Régia, 1819.
  
- **SILVA, José Jorge Paranhos da, O Idioma hodierno de Portugal por...1ª Parte.** Rio de Janeiro, Typographia Lourenço de Winter, 1879.
- **O Idioma do Hodierno Portugal comparado como o do Brasil. Por um Brasileiro**, 2ª Parte, Rio de Janeiro, Typographia de Lourenço Winter, 1879. R.G. P. L. RJ.
- **Systema de Orthographia Brasileira pelo Auctor do Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brasil**, Rio de Janeiro, Typographia de Lourenço Winter, 1880 - 23 p.
- **Sistema de Orthographia Brasileira pelo auctor do Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brazil**, Rio de Janeiro, Typographia de Lourenço de Winter, 1880- 46 p.
- **Algãs Artigos què já forão e ôtros què ião ser publicados na Revista Brasileira por Jozé Jórje Paranhos da Silva**, Rio de Janeiro, Typographia de L. Winter, 1882.
- **Carta de nomes para se äsinar ä pôco tãpo a ler a pronüsia do Brazil dedicada a os mestres e paes brazilëiros por Jozé Jórje Paranhos da Silva autor do “Sistema de Ortografia Brazilëira”**, Rio de Janeiro, Tipografia de L. Winter, 1881.
  
- **SIQUEIRA, Pe Francisco Antunes de, Estudo sobre a Ortografia da Lingua Luzo-Brazileira (...).** Revista e aprovada pelos Doutor Jozé Ortiz e Luiz Alves de Azambuja Suzano), Victoria, Typographia do Espirito-Santense, 1877 - 31p.

- **SOARES**, José da Nóbrega, **Gramática da língua portugueza**, Lisboa, Tipografia da Viúva Sousa Neves, 1884 [22cm, 68p]. CLUL: R. 2312
  
- **SOROMENHO**, Augusto, **Origem da lingua Portuguesa**, Lisboa, 1867.
  
- **SOUSA**, Accacio Armando de, **A Orthographia Sonica. Resumo D'um Projecto**, Porto, Typ. da Empresa Litteraria e Typographica (178, Rua de D. Pedro, 184), 9 de Abril de 1911 - 16p.
  
- **SOUSA**, D. Agostinho de, **A Orthographia Phonetica confirmada pela Linguistica e Biologia**, Porto, Typ. Alliança, 1881. [B.N.L.: L. 45. 875 P.]
  
- **SOUSA**, J. A., *Escritura repentina. Nova tentativa de revolução orthographica*, **O Instituto**, 1853, pp. 384-385.
  
- **SOUSA**, Joaquim José Caetano Pereira e, **Noções sobre a orthographia da lingua portugueza**, Lisboa, Typ. Lacerdina, 1807. [B.N.L.: L. 24. 248<sup>5</sup> P.]
  
- **SOUSA**, José Luís de, **Alfabeto portuguez, ou Arte completa d'ensinar a lêr por methodo novo e facil**, Nova edição correcta e acrescentada pelo mesmo Autor, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1812.
  
- **SOUSA**, Luiz de, **Elementos theorico-praticos de grammatica portugueza para uso das escolas de instrucção primaria**, Lisboa, Pedro António Borges, 1878 [18cm, VII, 208p]. CLUL: R. 769
  
- **SOUSA**, M. B. da F. Claro da Silva e, **Abbreviado de Orth. Moderna Portugueza organizado Sobre a Primeira Necessidade da Lingua** Pelo professor Publico (...) Em Beneficio dos Alumnos, que não podem demorar-se nas escolas; Cedido a Mathias José Marques da Silva, Lisboa, Na Typ. de Mathias José Marques da Silva, Rua do Ouro nº 5, 1849. B.N.L.: L.638 P?.



- **SOUSA, Manuel Dias de, Grammatica Portugueza**, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1804. (ortografia pp. 227-282) B.G.Coimbra: RB 1-(23)-22-317
  
- **SOUSA, Paulino de, Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée**, Paris, Garnier Frères, Libraires-Editeurs, 1870. 2ªed. 1872. B.P.Braga: L. 49 A; CLUL: R. 729 e 730 (ed. de 1872?)
  
- **SUSANO, Luís da Silva Alves de Azambuja, Compendio de Orthographia**, extrahido de varios auctores, para facilitar á mocidade o estudo d'esta parte da grammatica, Rio de Janeiro, Tip. de Torres, 1826-iii-54 p.
  
- **SYNOPSE ORTHOGRAPHICA ou compendio de orthographia**, dedicada pelo Padre... na cidade de Braga no anno de 1709. - manuscrito. B.P.Évora: cod. CX / 1-11 a fl.
  
- **TAVARES, Herculano Maria dos Reis, Grammatica da Lingua Portugueza dedicada á Infancia**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1853. B. N. L:
  
- **TRATADO BREVE DE ORTOGRAFIA. JUNTO DO COMPENDIO DOS SEGREDOS**  
A.C.: nº 3.4.1.1. Est. 377.6
  
- **VALDEZ, Manuel do Canto e Castro Mascarenhas, Arte orthographica da lingua portugueza**, compilada...com uma carta do sr. Conselheiro D. José de Lacerda, Lisboa, Typ. Lallemont Fr., 1875 -144 p. [CLUL: R. 771] // B.N.L.: L. 1.663 P. (= Idem, ed. 1873)
  
- **VALENTE, João Rodrigues Marques, Novo método de ensinar a escrever**, Porto, Imp. do Professorado, 1886. [8º-B.N.L.: S. A. 8.438<sup>5</sup> V.]

- **VALENTE**, João (P.) Saraiva, **Arte de escrever bem, e Ortografia**. -manuscrito. (S.B.L.)
  
- **VALENTE**, Dr. Santos, e **ALMEIDA**, Francisco de, **Ortografia Portugueza**, Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, 1886-176 p.. CLUL: R. 1084
  
- **VASCONCELOS**, António Garcia Ribeiro de, **Pluralisação da linguagem**. **Estudo bíblico-linguístico**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1887.
  - **A questão orthographica e "O Instituto de Coimbra)**, **Documentos e explicações**, Coimbra, Typ. França Amado, 1896 [LXXXI pp.].(Anónimo)
  - **Grammatica Portuguêsa, para uso dos alumnos dos Lyceus**, Paris, Guillard-Aillaud & C<sup>a</sup>, 1898-1899?.
  - **Grammatica histórica da língua portuguesa**, Paris/Lisboa/Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, Aillaud, Alves, Francisco Alves, 1900. CLUL: R. 1031 e 1030
  
- VASCONCELOS**, José Leite de, **A evolução da linguagem**, Porto, Tipographia Ocidental, 1886.
  - **Esquisse d'une dialectologie portugaise**, Paris-Lisbonne, Aillaud, 1901 [220p].
  - **O Gralho Depennado. Réplica ás Caturrices Philologicas do Sr. Candido de Figueiredo**, 3<sup>a</sup> ed., Porto, Magalhães & Moniz, Editores, 1894.
  
- **VASCONCELOS**, José de Seixas de, **Orthographia Pratica da lingua Portugueza**. - manuscrito. (S.B.L.)
  
- VASCONCELOS**, J. Teixeira de, **Grammatica portugueza e latina e de latinidade**, Porto, Typographia Commercial, 1857.
  
- **VASCONCELOS**, Lourenço Geraldês de (Professor do Ensino Primario em Penafiel), **Compendio de Grammatica Logica coordenado por ...** Porto, Typographia Commercial (Bellomonte n<sup>o</sup>19), 1864.

- **VASCONCELOS**, Lourenço Geraldês de, **Compendio de Grammatica Logica** coordenado por (...), Professor d'ensino primario em Penafiel, Porto, Typographia Commercial (Bellomonte nº19), 1864.
  
- **VELHO**, António José Vaz, **Opúsculo sobre ortografia dividida em serões de inverno**, Lisboa, Impr. Nacional, 1856. [B.N.L.: L. 325 V.]
  
- **VENTURA**, Duarte, **Arte de aprender a ler a letra manuscripta**, Paris, Aillaud Guillard e C<sup>a</sup>, s.d.-108 p. CLUL: 2.309
  
- **VIALE**, António José, **Projecto de bases para uma orthographia da Lingua Portugueza**, 1856. (v. Pimentel)
  
- **VIANA**, A. R. (Aniceto dos Reis) **GONÇALVES**, **Estudos Glotológicos. Gráfica e fonética. O Livro da Escrita do professor Paulman**, Porto, Imp. Comercial, 1881-3fl [B.N.L.: L. 4.502 V.]
  - *O Livro da Escrita do Prof. C. Faulmann, Positivismo*, IV.
  - *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise. D'après le dialecte actuel de Lisbonne*, **Romania**, Tome XII, Paris, Impr. Daupeley, 1883 [70pp.]; 2<sup>a</sup> ed., separ. do **Boletim de Filologia**, tomo VII, fasc. 2, 1941.
  - **Nomenclator. Indice de todos os nomes proprios de pessoas, nações, localidades, etc. e bem assim de alguns appellativos, mencionados no texto do Compêndio de História Universal de Consiglieri Pedroso**, 2<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1884.
  - *Livros. Miguel Lemos. Ortografia positiva | Nota avulsa | Distribuição gratuita* | Rio de Janeiro, 1888, **Revista Lusitana**, vol. I, Porto, Livraria Portuense, 1887-1889, pp.389-390.
  - *A Reforma Orthographica em França*, **Revista de Educação e Ensino**, nº 6, Junho, 1889, pp.235-244. B.G.Coimbra: 414:469.0 VIA-9
  - *Notre alphabet, Le maître phonétique*, 1889.

- *A Reforma Orthographica em França*, **Revista de Educação e Ensino**, nº 1, Janeiro, 1890, pp.14-20.
- *Fonologia histórica portuguesa . I. O s diferenciado do ç ao sul do Tejo no século XII*, **Revista Lusitana**, vol. II, 1890-1892, pp. 332-338.
- **Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892 -101pp. e mais 3 innum. de índice e erratas. B.P.Évora: CAzul/3286 // B.N.L.: L.6.439<sup>1</sup> V.
- *Transcrição usual portuguesa d'alfabetos estranhos (Esclavonicos)*, **Revista de Educação e Ensino**, t. III, pp. 66-71.
- **Proposta para a fixação da acentuação gráfica portuguesa, Apresentada à Comissão Asiática Sociedade de Geografia de Lisboa**, Lisboa, Typ. do "Commercio de Portugal", 1894 [14pp.]
- **Bases de transcrição portuguesa de nomes estrangeiros**, 1900.
- **As Orthographias Portuguesas. Estudo das suas anomalias e meio de as remediar, instituindo-se ortografia nacional**, Lisboa, Typ. da Academia, 1902 (com um prefácio de 20 de Dezembro de 1902; Questionário das pp. XXVII-XL e Respostas pp.1-118). B.N.L.: L. 10.433 V.
- *A ortografia portuguesa*, **Revista de Educação e Ensino**, vol. I, 183-184pp. e vol. II, 81-84 pp. B.G.U.C.: ficheiro antigo
- **Proposta de um Questionário para se formularem as regras de orthographia portuguesa uniforme tendo-se em atenção as principais divergencias que se observam na maneira por que se encontram escritos os vocabulos portugueses nos diferentes escritores antigos e modernos por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Proposta apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa na sessão ordinaria de 10 de maio de 1900**, Lisboa, Por ordem e na Typographia da Academia, 1900 (impresso por proposta do presidente, sr. Silveira da Mota). Republicado no **Boletim da Segunda Classe**, I, 1903.
- *Respostas aos quesitos do Questionário orthographico (em 1901)*, **Boletim de 2ª Classe** (Academia das Ciências), I, 1903, p.131-134.
- **Ortografia Nacional. Simplificação e Uniformização Sistemática das Orthografias Portuguesas**, Lisboa, Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso,

1904. [xvi+454 pp.]. [B.N.L.: L. 3.629-30 A.] Diversos exemplares com anotações manuscritas do autor: Academia das Ciências, CLUL, Coimbra, CLUL: Há um ex. corrigido e anotado em ms. pelo autor, com vista à 2ª edição, que não chegou a publicar-se. Temos informação de que o Prof. Evanildo Bechara possui outro exemplar anotado, que terá adquirido no Rio de Janeiro).

- **Simplification possible de la composition des caractères arabes.**

**Mémoire présenté à la Xe session du Congrès International des Orientalistes, Lisboa, 1892.**

- *Transcrição portuguesa de nomes propios e comuns pertencentes a idiomas falados nas colonias portuguesas, Revista Lusitana, t. II, pp.56-67 (I - África), pp. 143-155 (II- Asia).*

- **Os Lusíadas, Edição anotada para a leitura da infância e do povo por F. de Salles Lencastre, e precedida de uma exposição sobre a pronuncia da lingua portugueza por...Canto I, Lisboa, Imp. Nacional, 1892 [LIX-114pp.].**

- **Proposta para a fixação da acentuação gráfica portuguesa, Lisboa, Tip. do Comércio de Portugal, 1894. [B.N.L.: S. C. 7. 344<sup>3</sup> V.]**

- **Proposta de um questionario para se formularem as regras de orthografia portuguesa uniforme tendo-se em atenção as principaes divergencias que se observam na maneira por que se encontram escritos os vocabulos portugueses nos diferentes escritores antigos e modernos por (...), Lisboa, Tip. da Academia, 1900-22 p. [B.N.L.: L. 5.687<sup>8</sup> A.] //in **Boletim da Segunda Classe, Lisboa, 1903, pp.304-318.****

- **Portugais. Phonétique et Phonologie. Morphologie. Textes, Leipzig, Treubner, 1903 (IV+148pp).**

- *Ortografia Portuguesa, Revista Limia, Viana do Castelo, dir. João Rocha, vol. I, pp.85-86.*

- *"Informação acêrca do s entre vogais, etimológico, ser substituído por z", dada na sessão da Academia da Academia das Sc. de Lisboa em 8 de junho de 1911, Boletim da Segunda Classe, vol. IV, p. 455.*

- **Bases para a unificação da ortografia**, Lisboa, Imp. Nacional, 1911-49 p.  
[B.N.L.: S.C. 10.371<sup>1</sup> P.].
- **Formulário ortográfico conforme o plano de regularização e simplificação da escrita portuguesa. Extraído do vocabulário ortográfico e remissivo de [...]**, Lisboa, Rio de Janeiro / S. Paulo, Tip. "A Editora", 1916.  
[B.N.L.: L. 14. 942<sup>2</sup> P.]
- **Palestras Filológicas, I Vocabulário, II Gramatica, III Varias**, Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Comp., 1910; **Palestras Filológicas**, 2ª ed. acrescentada pelo autor, Lisboa, Imprensa Nacional, 1931.
- **Estudos de Fonética Portuguesa**, Lisboa, IN-CM, 1973. V. Dicionários
- e **ABREU**, Guilherme de Vasconcelos (orientalista), **Bases da Ortografia Portuguesa**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1885-14 p. [B.N.L.: L. 11.025<sup>5</sup> V.]  
(Impr. para circular gratuitamente B.N.L.: L. 951<sup>10</sup> V.) B.G.Coimbra: RB-32-14(16)
  
- **VIEGAS**, José Constancio, **Synopses grammaticae organisadas para uso do 1º e 2º graus do ensino primario**, 3ª ed., Bombaim, s.ed., 1900 [19cm, 104p].  
CLUL: R. 845
  
- **VIEIRA**, Carlos Augusto de Figueiredo, **Ensaio sobre a orthographia portugueza**, Porto, 1844 (1844) [233 pp.]. CLUL: R. 327-806.90-5VIE // B.N.L.: L. 666 P.; (2ª ed. 1859; 10ª ed. 1859; 15ª ed. 1869; 19ª ed. 1877; 21ª ed. 1881)
- **Compendio elementar da grammatica portugueza**, 3ª ed., Porto, 1848.
  
- **VIEYRA TRANSTAGANO**, Anthony, **A new portuguese grammar**, 2nd ed. London, J. Nourse, 1777. CLUL: R. 1160 (6ª ed. London F. Wingrave, 1808 [21cm, 166p].
  
- **WAKE**, Polycarpo, **Compendio de Grammatica Portugueza, para uso das aulas** (dedicado ao Reverendissimo Sr. Padre José Ilsley), Lisboa, Impr. de Francisco Xavier de Sousa, 1851.

- **WOLFIO, J. B., Epitome da Orthographia Portugueza, extrahido das melhores grammaticas, dividido em lições, por (...), Guimarães, Imp. Vieirense, 1822.**

## **SÉCULO XX**

- **ACADEMIA das Sciencias de Lisboa, Boletim da Segunda Classe. (Actas, Comunicações, Pareceres), Vol. I (1898-1902), Por ordem e na Typographia da Academia, Lisboa, 1903.**
- **ACADEMIA das Sciencias de Lisboa, Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. II (1902-1909), Por ordem e na Typographia da Academia, Lisboa, 1910.**
- **ACADEMIA das Sciencias de Lisboa, Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. III (1909-1910), Por ordem e na Typographia da Academia, Lisboa, 1911.**
- **ACADEMIA das Sciencias de Lisboa, Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. IV, Fasc. nº 5 (Fevereiro-Março), 1911.**
- **ACADEMIA das Sciencias de Lisboa, Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. V, Fasc. nº3 (Novembro-Dezembro), 1911.**
- **ACADEMIA das Sciencias de Lisboa, Boletim da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. V, 1911, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1912.**
- **ACADEMIA das Ciências de Lisboa, Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa, vol. X (Homenagem a Gonçalves Viana), Fasc. nº 3, Agosto-Setembro de 1916.**

- **ACADEMIA das Ciências de Lisboa, Relatório Apresentado à Assembleia Geral sobre o Convite para a Colaboração na Reforma da Ortografia Portuguesa feito à Academia Brasileira, Lisboa, Imprensa Nacional, 1914 (pp.3-12).**
  
- **ACADEMIA das Ciências de Lisboa, Bases da Ortografia que deve ser adoptada no Dicionário da Academia. Relatório da Comissão do Dicionário, Lisboa, Imprensa Nacional, 1916.**
  
- **ALMEIDA, Berta Valente de, Primeiras noções de gramática histórica da língua portuguesa, 1923.**
  
- **BARRADAS, António Vieira, Sinopse da Ortografia Portuguesa Oficial, 1913.**
  
- **BARRETO, Mário, A questão ortográfica (Inquérito nacional), Últimos Estudos, 1ª ed, 1944; 2ª ed. fac-similar, Rio de Janeiro, Presença, col. Linguagem, 1986, pp.89-95 (publicado em Correio da Manhã, 31-VII-1930).**
- **Novos Estudos da Língua Portuguesa, 1911; 2ª ed. 1921; 3ª ed., Rio de Janeiro, Presença, col. Linguagem, 1980, pp.35-46 (Ortografia Portuguesa); pp.47-52 (As terminações ês e ez); pp.53-71 (O livro do sr. dr. Ramiz Galvão).**
  
- **BASTOS, António de, Grammatica intuitiva da lingua portugueza, Porto, António Figueirinhas, 1901 [19cm, VII+160p]. CLUL: R. 827**
  
- **BONANÇA, João, Grammatica portugueza segundo a indole e os principios da lingua primitiva. Com a reforma orthographica e a verdadeira origem das lettras e das palavras, Lisboa, Cooperativa Militar, 1905 [23cm, 335p]. CLUL: R. 1011**
  
- **BRUNSWICK, Henrique, Sistema ortográfico da língua portuguesa, Braga, Cruz e Compª, 1912.**



- **CONFERÊNCIA INTERACADÊMICA de Lisboa para a unificação ortográfica da língua portuguesa**, documento nº 1 - Conclusões complementares do Acordo de 1931 (Lisboa, 10 de Agosto de 1945), pela comissão de redacção Ruy Ribeiro Couto, José de Sá Nunes e Francisco da Luz Rebelo Gonçalves; Documento nº 2 - Bases Analíticas do Acordo Ortográfico de 1945, Lisboa 29 de Setembro de 1945, aprovado em e de Outubro de 1945, na 24ª sessão da Conferência (Julio Dantas, presidente, Pedro Calmon, Ruy Ribeiro Couto, Olegario Marianno, Gustavo Cordeiro Ramos, José Maria de Queiroz Velloso, Luiz da Cunha Gonçalves, Francisco da Luz Rebelo Gonçalves, José de Sá Nunes, relator).
  
- *A Convenção Ortográfica Luso-Brasileira, Revista de Portugal, Série A - Língua Portuguesa*, vol. IV, Janeiro de 1944, p.1.
  
- **CAMARA**, Alfredo B. de, **Gramática portuguêsã**, Funchal, Henrique A. Rodrigues & Cª, 1912 [21cm, 241p]. CLUL: R. 1012
  
- **CAMPOS**, Agostinho de, *O caos ortográfico, Paladinos da Linguagem*, 2ª ed., vol. III, Lisboa, Bertrand, 1922 [LIX-276 p.; artigo: pp. XI-XXXVI].
  
- **CARVALHO**, António de Araújo Melo Carvalho (A. de A. Mello Carvalho), **O s e o z no português (estudos philologicos)**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1911 (com data de Outubro de 1910).
  - **A propósito da “A graphia de Brasil” (resposta aos meus críticos)**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1911 (com data de Setembro de 1910).
  
- **CORTESÃO**, Antonio Augusto (bacharel formado pela Universidade de Coimbra), **Noções Elementares de Grammatica Portugueza** (organizada segundo os programmas officiaes para as escolas de Instrucção Primaria Coimbra, Francisco França Amado-Editor (141, rua Ferreira Borges-143), 1896. N

- **Nova gramática portuguesa**, 7ª ed., 1907.
  
- **DECRETO nº 35:228, Diário do Governo de 8 de Dezembro de 1954** (1ª série, nº 273).
  
- **DEUS, João de, Prosódia Portuguesa. Estudo prévio da orthographia** coordenado por (...), Coimbra, F. França Amado, 1909 (48p.).
  
- **DINIZ, Almachio, A reforma ortografica**, Bahia, Officinas do "Diario da Bahia", MCMVII. B.N.L: L. 19. 835
  
- **FERNANDES, Ivo Xavier, Questões de Língua Pátria**, 1923 (cap. I - A questão ortográfica, pp. 15-73)
  
- **FIGUEIREDO, Antonio Cândido de, Estrangeirismos**, Lisboa, 1902.
  - **Falar e Escrever. Novos estudos práticos de língua portuguesa ou consultório popular de enfermidades da linguagem**, 3 vols., Lisboa, Clássica Editora, 1906.  
CLUL: R. 881/ 882R. 260
  - **Lições Práticas**, III, 1906.
  - **O que se não deve dizer**, 2ª ed., Lisboa, 1907.
  - **A Ortografia no Brasil (a propósito da reforma ortográfica votada pela Academia Brasileira). História e crítica**, Lisboa, A. M. Teixeira & Cª, 1908; 2ª ed. aumentada, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1921; 3ª ed. com aditamentos (Parte final, pp.195-209), Lisboa, Livraria clássica Editora, 1929.  
[B.N.L.: L. 11. 854/55 P.]
  - **A Reforma ortográfica em meia-dúzia de palavras**, Lisboa, Guimarães & Cª, 1911.
  - **V. Dicionários**

- **FONTES, Alexandre** (ou Alexandre Magno de Fontes), **A Questão Orthographica**, Lisboa, Tip. da Coop. Militar, 1910. B.G.Coimbra: 7-30-31-36; B.N.L.: L. 12.518/9 P./L. 52268 (?)
- **A escripta Nacional ou a orthographia portugueza, etymologica e tradicional. Licção theorico-pratica**, Lisboa, Liv. Ferin, s.d.[1908-210p.] B.M.Elvas: P.H.4.603; CLUL: R. 6047;
- 2ª edição correcta, ibid. Typ. do Annuario do Commercio, 1909 [446-2p.] B.N.L.: L. 4.658 A // C.L.U.L.].
- **Mandamentos da boa orthographia segundo (...)**, 2ª ed., Editor: O Auctor, Registado Composição, Impressão e Deposito na Typographia e Papelaria Academica, de Pires & Cª (48, Rua dos Poiais de S. Bento, 50), Lisboa, 1911.; 3ª ed. Lisboa, 1911. B.N.L.: L. 21.733<sup>3</sup> P.//C.L.U.L.
- **Gralhos depenados. A questão ortográfica**, 1912 [32pp.l]. B.G. Coimbra: 7-32-15-32
- Idem, 3ª edição, Ibidem, 1911-1/2 folha B.N.L.: L. 16.003 P.
- **Orthoepia e orthographia da lingua portuguesa**, Lisboa, Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1913 [72pp.]. B.N.L.: 25. 334<sup>4</sup> P. // B.G.Coimbra: 7-24-8-66
- **A orthographia portugueza (Vocabulário)**, 2ª ed., 1910. [284p.] B.G. Coimbra: 7-32-11-51; CLUL: R. 1067( 2ª ed., 1919) // B.N.L.: 11.887 V.
  
- **Formulário da ortografia nacional. Relatório e bases fixadas pela Comissão nomeada por Portaria de 15 de Fevereiro de 1911**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1911 [54p.] B.G.U.C.: 6-5-13-117
  
- **GONÇALVES, Rebelo, Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa** (com prefácio de Couto Ribeiro), Coimbra, Atlântida, 1947 [XXXIX-543-169pp].
  
- **GRAINHA, Manuel Borges, Duas Portarias diferentes Sobre a Ortografia Nacional (1911-1920) ou a Comissão nomeada pelo Governo em 1911 que teve muitas sessões e a Comissão nomeada pelo Sr. Candido de Figueiredo**

- em 1920 que não teve sessão nenhuma, Lisboa, Papelaria e Tipografia Fernandes & C<sup>a</sup>. Ld<sup>a</sup> (33, Rua do Rato, 35), 1922. BNL: L. 10.785<sup>3</sup>V.; L. 10.786 V.
- **Método intuitivo legográfico e mecânica para ensinar a ler, escrever e contar**, 2<sup>a</sup> ed.
- **GUIA resumido da ortografia oficial em conformidade com o decreto de 1 de Setembro de 1911**, Lisboa, Depositários Libânio da Silva, & C<sup>a</sup>, s.d.- xxi+196p. [C.L.U.L.]
- **GUIMARÃES**, António José Gonçalves, **Algumas reflexões sobre a ortografia portuguesa. Parecer apresentado a comissão da reforma ortográfica**, Coimbra, Imp.da Universidade, 1903. [B.G.U.C.: ficheiro antigo // B.N.L.: L. 11.033<sup>5</sup> V.]
- *Instrumento do Acordo firmado entre a academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, em 30 de Abril de 1931, para a unidade ortográfica da língua portuguesa*, **Diário do Governo**, de segunda-feira, 25 de Maio de 1931, I Série, nº 120.
- **J. I., Gramática portuguesa ortográfica...** Vizeu, Tip. Central, 1912. [B.N.L.: L. 5.820<sup>2</sup> A.]
- **KLINGER**, Bertoldo, **Ortografia Simplificada Brasileira** (Solução racional, radical para o problema da simplificação da ortografia, Rio de Janeiro, 1940 - 57p.
- **LEÃO**, António da Costa, **Prontuário de Ortografia**, 1<sup>a</sup> ed., Tipografia da Empresa Diário de Notícias, 1921 (4<sup>a</sup> - 1931; 5<sup>a</sup> - 1934; 10<sup>a</sup> - 1943; 11<sup>a</sup> - 1946; 12<sup>a</sup> - 1951, 13<sup>a</sup> 1953).

- **LOPES, David, Bases da ortografia que deve ser adoptada no dicionário da Academia** (Relatório da Comissão dos Dicionários), 1916.  
  - Bases da ortografia que deve ser adoptada no Diccionario da Academia.  
A.C.: Ms 1339
  
- **LOURO, A. Augusto, Phonologia Portugueza (Com todas as régras geraes de pronunciação e orthographia para se aprender a ler e escrever confôrme se fála corréctamente a língua portugueza)**, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva (87, Rua do Norte, 103), 1901.  
  - **Ortografia Portugeza Sónica. Novas rrégras ortográficas para aprender a ler e escrever como se fála corrétamente a lingua portugeza**, Imprensa de Libânio da Silva, Rrua do Norte, 87 a 103, Lisbôa, 1901.
  - **Ortografia Portuguêsa**, Lisboa, Imprensa Beleza, 1943. BNL: 35.538<sup>11</sup> P
  
- **MOURA, Américo de, Orthographia Portuguesa**, Campinas, 1913. CLUL: R. 1512-. 806.90-1 (81) MOU
  
- **NOBILING, Oscar, Reforma da orthographia**, S. Paulo, 1913. A.C.: 10.52
  
- **NOBRE, José Barros Nunes de Lima, Gramática elementar da lingoa portuguesa** (1º curso), Coimbra, F. França Amado, 1910. CLUL: R. 1016-806.90-5NOB
  
- **NOGUEIRA, Rodrigo de Sá, Da necessidade de se reformar a gramática**, Lisboa, José Fernandes Júnior, 1929. CLUL: R. 43--806.90-5NOG
  
- **PEREIRA, Francisco Luiz, Glosas ao relatório da comissão nomeada por portaria....de 15 de Fevereiro 1911, para simplificar e unificar a orthographia**, Manãos, Livraria Universal. B.G.Coimbra: 411: 469. 0 PER
  
- **PINTO, Álvaro, A Nova Ortografia e o Descôrdo Reinante**, Edição de Terra de Sol, Rio de Janeiro, 1931.

- *PORTARIA de 1 de Fevereiro de 1901, Diário do Governo de 8 de Fevereiro de 1901, nº 31.*
  
- *PORTARIA de 1 de Setembro de 1911, Diário do Governo, de 4 de Setembro de 1911, nº 206.*
  
- *PORTARIA nº 2.553 de 29 de Novembro de 1920 (Bases para a Unificação Ortográfica que deve ser Adoptada nas Escolas e Publicações Oficiais. Relatório da comissão Nomeada por Portaria de 15 de Dezembro de 1911. Revistas pela ...), Lisboa, Imprensa Nacional, 1920.*
- *Idem, Diário do Governo de 30 de Dezembro de 1920, nº 266.*
  
- *PORTARIA nº 6. 409 de 23 de Setembro de 1929 (Símbolos e Notações das Grandezas Eléctricas), Diário do Governo de 11 de Outubro de 1929, nº 233, pp.2158-2160.*
  
- *PORTARIA nº 7. 117 de 27 de Maio de 1931, Diário do Governo, de 1 de Junho de 1931, nº 126.*
  
- *Bases do Acordo aprovadas pelas duas Academias e escritas de maneira diferente, A nova Ortografia e o Desacordo Reinante (de Álvaro Pinto), Rio de Janeiro, Edição Terra do sol, pp.81-87.*
  
- *Decreto-Lei nº 292 de 23 de Fevereiro de 1938, Diário Oficial de 28-2-938 (in: Brant Horta, Vocabulário Ortográfico Oficial, 3ª ed., 1939, pp.25-16.*
  
- *Decreto nº 35.228 de 8 de Dezembro de 1945, Diário do Governo de 8 de Dezembro de 1945, nº 273.*

- *PORTARIA n° 11212 de 27 de Dezembro de 1945. Governo Geral do Estado da Índia: Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, Imprensa Nacional, Goa, 1955, p. 1.
  
- *PORTARIA n° 17052 de 4 de Março de 1959 e Portaria n° 17053 de 4 de Março de 1959, Uma Resolução Oficial Oportuna*, **Revista de Portugal**, vol. XXIV, 1959, pp. 219-220.
  
- *PORTARIA n° 17661 de 4 de Abril de 1960, Mais Resoluções Oficiais Oportunas*, **Revista de Portugal**, vol. XXV, 1960, pp.295-296.
  
- **RAPOSO**, Bettencourt, *Contra a orthographia official. Vantagens e apologia da dificuldade no aprender infantil, pueril e juvenil...*, sep. dos **Arquivos da Universidade de Lisboa**, 1925.
  
- **RAPOSO**, Hippolyto, *Sentimentalismo ortográfico*, **A Monarquia**, n°2, fev. 1917.
  
- *Reforma ortográfica*, **Lusitânia, Revista de Estudos Portugueses**, I, 1924, pp. 450-451.
  
- *RELATÓRIO e bases fixadas pela Comissão nomeada por portaria de 15 de Fevereiro de 1911*, **Diário do Governo**, n°213, de Outubro de 1911.
  
- *RELATÓRIO da COMISSÃO nomeada, por portaria de 15 de Fevereiro de 1911, para fixar as bases da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e nos documentos oficiais e outras publicações feitas por conta do Estado*, **Diário do Governo**, 12 de Setembro de 1911, n°213.
  
- **SAMPAIO**, Albino Maria Pereira Forjaz de, **Prosa Vil**, Lisboa, 1911 [228pp. 1 cap. sobre a questão ortográfica].

- **SARDINHA**, António, *Testemunho de uma geração, Prol do Commum-Doutrina e História*, Lisboa, Ferin, 1934 [pp1-35].
  
- **SARMENTO**, Hermínio, **Gramática Histórica e Comparativa da língua portuguesa**, Póvoa de Varzim, Vasconcelos & Brito, 1917 [223p].CLUL: R.1029
  
- **SILVA**, José de Carvalho e, **Grammatica portuguesa**, Lisboa, s. ed., 1907 [22cm, XIV\* 404p]. CLUL: R. 1010
  
- **GUIA do ensino da grammatica**, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, 1904 (XVI- 401p.). Porto: FLUP: 801.5 S 58g
  
- **SILVA**, Manuel I. Abúndio da, **Noções elementares da grammatica portuguêsa**, Lisboa, J. A. Rodrigues & C<sup>a</sup>, 1905. CLUL: R. 836
  
- **SOARES**, José Pinto, **A Ortografia Portuguesa Segundo as Bases da Convenção Luso-Brasileira de 1945**, Braga, Livraria Cruz, 1946.
  
- **SOUSA**, Acácio Armando de, **A orthographia sonica. Resumo d'um projecto**, Porto, Typ. da Emprêza Litteraria e Typographica, 1911 - 16p.
  
- **TAVARES**, José Pereira, **Ortografia Portuguesa. Manual do estudioso da língua**, Coimbra, Impr. da Universidade, 1928 [X-85pp, Apêndice - Ortografia portuguesa: notícia histórica, pp.61-83].
  
- **VASCONCELOS**, Carolina Michaëlis de, **A ortografia nacional, Revista Lusitana**, XIV, 1911, pp.200-226.
- **Lições de Filologia Portuguesa, segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13, seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico**, Lisboa, Dinalivro, 1976, pp.100-128.



- **VASCONCELOS**, João Teixeira de, **Curso de Grammatica Portugueza e Latina e de Latinidade** (Parte 1ª Grammatica Portugueza e Latina), Porto, Typographia Commercial (Rua de Bel-Monte nº 74), 1857.
  
- **VIEIRA**, Custódio José, **A propósito da reforma da Ortografia portuguesa. Carta ao distintíssimo filólogo e omem de lêtras sr. Cândido de Figueirêdo**, Lisboa, Imprensa Lucas, 1912 [30-1pp.]. [B.N.L.: L. 7.497 / 98 V.]

## **2. DICIONÁRIOS:**

- **ACADEMIA** das Ciências de Lisboa, **VOCABULÁRIO Ortográfico da Língua Portuguesa (Cap. II - Normas da Escrita Portuguesa)**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1940, pp. XXXI-LXIV.
  
- **ALMEIDA**, Francisco de, **Novo Diccionario Universal Portuguez (...)**, 2 vols., Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, 1891.
  
- **ALMEIDA**, Francisco de, e Brunswick, Henrique, **Diccionario Illustrado da Lingua Portugueza (Segundo o methodo Larousse)**, 2 vols, Lisboa, Pastor, 1898.
  
- **AMARAL**, António Peixoto, **Chave dos Dicionários**, Porto, Lopes, 1892.
  
- **AULETE**, Júlio Caldas e **VALENTE**, A.L. Santos, **Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza feito sobre um plano inteiramente novo**, 2 vols., Lisboa, A. M. Pereira, 1881.
  
- **BACELAR**, Bernardo de Lima e Melo, **Diccionario da Lingua Portugueza**, Lisboa, Na Offic. de Jozé de Aquino Bulhoens, 1783.

- **BANDEIRA**, José da Silva, **Diccionario de Synonimos**, 1923.
  
- **BARBOSA**, Agostinho, **Dictionarium Lusitanico Latinum**, 1 vol., Bracharae, MDCXI.
  
- **BARRADAS**, António Vieira, **Ortografia portuguesa oficial. Pequeno vocabulário ortográfico. Precedido do Formulário e do Prontuário que acompanham o Relatório da Comissão nomeada para estabelecer as bases para a unificação da ortografia e seguido da indicação das principais modificações feitas nas grafias correntes, constituindo assim um resumo das regras da ortografia portuguesa oficial por...Porto, 1911; 2ª edição melhorada, Porto, Livraria Moderna, Editora, 1916-104p. B.G.U.C.: ficheiro antigo**
  
- **BASTOS**, José Timóteo da Silva, **Diccionario Etymologico, Prosódico e Orthographico da Lingua Portuguesa. Contendo grande cópia de novos termos e accepções e um suplemento**, Lisboa, A. M. Pereira, 1912 (2ª edição, Lisboa, A. M. Pereira, 1928).
  
- **BLUTEAU**, D. Rafael, **Vocabulario Portuguez e Latino**, vol. 1-4, Coimbra, Colegio das Artes, 1712-1713; vol. 5-8, Lisboa: Pascoal da Sylva, 1716-1721; **Suplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino**, 2 vols., Lisboa, Joseph Antonio da Sylva, 1727, Patriarchal Officina da Musica, 1728.
  
- **CABRAL**, Manuel de Pina, **Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum**, Lisboa, 1780.
  
- **CARDOSO**, Jerónimo, **Dictionarium Latinolusitanicum & vice versa**, Coimbra, João de Barreira, 1569/70.

- **CARVALHO**, António José de, e **DEUS**, João de, **Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil**, Lisboa/ Rio de Janeiro, Pacheco & Barbosa/A.A. Lopes do Couto, 1877; 2ª ed. 1878).
  
- **COELHO**, Francisco Adolfo, **Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza contendo a significação e prosodia**, Lisboa, P. Plantier, 1890.
  
- **COELHO**, Latino, e **AULETE**, Francisco Júlio Caldas, **Diccionario Nacional. Orthographia, pronuncia, etymologia e regencia**, Lisboa, Imprensa Nacional.
  
- **CONSTÂNCIO**, Francisco Solano, **Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza**, Paris, Casimir, 1836.
  
- **CORREIA**, João Diogo, **Vocabulário ortográfico para Portugal e Brasil**, Porto, s.d. B.N.L: L. 43.179P.; B.N.L: L. 37.483P.  
 - (Auxiliar da Comissão organizadora do Vocabulário da Academia das Ciências de Lisboa), **Novo Vocabulário Ortográfico (Abreviado)**. Em harmonia com o Acordo Luso-Brasileiro de 1945; Lisboa, Livraria Bernardo, 1946.
  
- **CORTESÃO**, António Augusto, **Subsídios para um dicionário completo (histórico-etymológico) da língua portugêsa, compreendendo a etymologia, as principaes noções e leis phonéticas, muitos elementos de dialectologia de onomatologia, tanto topònymica como antropònymica, archaismos, neologismos, etc, etc.**, Coimbra, França Amado, 1900.
  
- **COUTO**, António Maria do, **Diccionario da Maior Parte dos Termos Homonymos e Equivocos da Lingua Portugueza**, Lisboa, António José da Rocha, 1842.

- **CUNHA**, Antônio Geraldo da, **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**, 2ª ed. revista, Rio de Janeiro Editora Nova Fronteira, 1986.
  
- **DANTAS**, Miguel Martins, **Novo Dicionario Portatil da Lingua Portueza**, Paris, Aillaud/Guillard, 1858.
  
- **DICCIONARIO GERAL DA LINGUA PORTUGUEZA**, por três literatos nacionais, 3 vols., Lisboa, Imprensa Regia, 1818-1821.
  
- **DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA ETYMOLOGICO, PROSODICO E ORTHOGRAPHICO**, Lisboa, Corazzi, 1884.
  
- **FARIA**, Eduardo de, **Novo Dicionario da Lingua Portueza, seguido de um Dicionario de sinonimos**, Lisboa, 1849 (2ª edição: Lisboa, Typ. Lisbonense de José Carlos d'Aguiar Vianna, 1850-1853; 3ª: 1855-1857).
  
- **FIGUEIREDO**, António Cândido de, **Novo Dicionario da Lingua Portueza**, 2 vols., Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, 1899.
  
- **FRANCO**, António, **Indiculo Universal. Contem distinctos em suas classes os nomes de quazi todas as cousas que ha no mundo, & os nomes de todas as Artes e Sciencas (...)**, Évora, Universidade, 1716.
  
- **GALVÃO**, (Barão) Benjamim Ramiz, **Vocabulario Etymologico, Orthographico e Prosodico das Palavras portuguezas derivadas do grego**, Rio de Janeiro, 1900.
  
- **HORTA**, Brant, **Vocabulário Ortográfico Oficial**, Getúlio M. Costa Edit. s. l. (Brasil, Minas Gerais), 1939.

- **LACERDA**, José Maria de Almeida e Auaujo Correia de, **Diccionario da Lingua Portugueza de Eduardo de Faria**, 4ª ed....refundida, correcta e augmentada...seguido de um **Diccionario de Synonimos**, 2 vols., Francisco Artur da Silva, 1858/1859.
  
- **LA FAYETTE**, Levindo Castro de, **Novo Vocabulario Universal da Lingua Portugueza**, Paris, Garnier, 1889.
  
- **LEMOS**, Maximiano Augusto de Oliveira, **Encyclopedia Portugueza Illustrada e Diccionario Universal**, 11 vols., Porto, Lemos e Sucessor, s. d.
  
- **MACHADO**, José Pedro, **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, 3ª ed., 5 vols. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
  
- **MARQUES**, Gaspar Álvares, **Vocabulario Orthographico da Lingua Portugueza ou methodo seguro de escrever correctamente todas as palavras do nosso idioma**, 2ª ed., Lisboa, Tomás Quintino Antunes, 1866-318p. (2ª ed. ? de 1867, 3ª 1873; 4ª 1878; 5ª 1896) CLUL: R. 863 até R. 867; 1ª edição, Lisboa, Tipografia Universal, 1863-xvi-430p. B.N.L.: L. 7.674 P.  
 - **Novíssimo Dicionário ortográfico e prosódico da língua portugueza**, Lisboa, Emp. Ed. da Biblioteca das Maravilhas, 1881. [B.N.L.: F. P. 1238]
  
- **MENDES**, Fernando, **Diccionario da lingua portugueza (Prosodico e Orthographico)**, Lisboa, João Romano Torres, 1910.
  
- **NORONHA**, Eduardo Alves de, **Diccionario Universal Illustrado Linguistico e Encyclopedico**, 1909.
  
- **PASSOS**, João Alexandre, **Diccionario Grammatical Portuguez**, Rio de Janeiro, Typ. de Antonio Gonçalves Guimarães & Cª., 1865 [358p.]. C.C.: 1.94.14

- **PEREIRA, Bento, Prosodia in Vocabularium Trilingue Latinum, Lusitanum et Castellanicum digesta**, Evora, 1834
  - **Thesouro da Lingua Portugueza**, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1647.
  
- **PESTANA, José, Pereira, J. A. Dias, O novo Dicionário Português** (elaborado de harmonia com a Reforma Ortográfica), Porto, 1913.
  
- **POMEY, Francisco, 1716, Indiculo universal, contem distinctos em suas classes os nomes de quzi todas as cousas, que ha no mundo, & os nomes de todas as Artes, & Ciencias,...** Feito Frances Latino pelo P. Fr. Pomey da Companhia de Jesus...Feito novamente Luzitano...Evora, Officina da Universidade, 1716.
  
- **POYARES, Pedro, Diccionario Lusitanico-Latino de Nomes Proprios**, Lisboa, 1667.
  
- **RODRIGUES, Francisco Augusto Xavier, Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**, Lisboa, Paulo Guedes & Saraiva, 1912. 2ªed. 1915. B.M.Elvas: P.H. 3.518; CLUL: R.345 B.N.L: L. 13077 P.
  - **Vocabulario ortográfico e ortoépico da lingua portugueza**, 3ª ed. aum. Lisboa, Livraria Rodrigues, s.d. [1920 ?] CLUL: R. 869
  
- **ROQUETE, José Inácio, Diccionario da Lingua Portugueza de José da Fonseca**, feito inteiramente de novo, e consideravelmente augmentado por José I. R., Paris/Lisboa, Guillard/Aillaud, 1848.
  - Idem, 1881.
  
- **SAID ALI, Manuel Vocabulario Ortográfico precedido das regras concernentes ás principaes difficuldades orthographicas da nossa lingua**, Rio de Janeiro, 1905. BNRJ: III- 75, 4, 30.

- **SILVA, António de Moraes, Dicionario da Lingua Portugueza, composto pelo Padre Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado, 2 vols., Lisboa, Ferreira, 1789.**
- 2ª edição: **Diccionario da Lingua Portugueza recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta edição novamente emendado, e muito accrescentado por...natural do..., 2 vols., Lisboa, Typ. Lacerdina, (a primeira em que Moraes se declara autor do Dicionário), Lisboa, Typographia Lacerdina, 1813.**
- 3ª ed. recopilada de todos os trabalhos publicados até então: **Diccionario da Lingua Portugueza, recopilado de todos os impressos até o presente por...natural...Lisboa, Typ. de M. P. de Lacerda, 1823.**
- 4ª ed. reformada, emendada e muito acrescentada pelo mesmo autor, posta em ordem correcta e enriquecida de grande número de artigos novos e dos synonymos por Theotonio José de Oliveira Velho: **Diccionario da Lingua Portugueza. Composto por... natural do..., 2 vols., Lisboa, Impressão Régia, 1831.**
- 5ª ed. aperfeiçoada e acrescentada de muitos artigos novos e etymologias: **Diccionario da Lingua Portugueza. Composto por... natural do..., 2 vols., Lisboa, Typ. de Antonio José da Rocha, 1844.**
- 6ª ed. melhorada e muito acrescentada pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão: **Diccionario da Lingua Portugueza. Composto por...natural do..., 2 vols., Lisboa, Typ. de Antonio José da Rocha, 1858.**
- 7ª ed.: 1877/1878; 8ª: 1891; 9ª: s. d.; 10ª ed. revista, corrigida, muito aumentada e actualizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado: **Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 2 vols., Lisboa, Editorial Confluência, 1949-1959.**
  
- **SOUSA, Fr. João de, Vestígios da lingua arábica em Portugal ou léxico etimológico das palavras e nomes portugueses que têm origem arábica, 1 t., Lisboa, Tipografia da Academia, 1789 (XX-160 p.).**

- **VASCONCELOS**, Augusto de Pinto Duarte de, **Diccionario Homofonologico da Lingua Portuguêsa (unico no genero em Portugal)**. Colligido, coordenado, anotado e exemplificado, em harmonia com os mais recentes trabalhos orthoepicos, glottologicos, orthographicos, etymologicos, linguisticos, onomatologicos e logotechnicos por..., Porto, António Figueirinhas, 1901.
  
- **VIANA**, Aniceto dos Reis Gonçalves, **Apostilas aos Dicionários Portugueses**, 2 vols., Lisboa, 1906.
  - **Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa conforme a ortografia nacional do mesmo auctor**, Porto, Tip. do "Porto Médico", 1909-xxvi-1-943 p. [C.L.U.L.] (2ª ed. 1913-667 p.)
  - **Vocabulário ortográfico e remissivo da língua portuguesa**, Paris, Aillaud, Alves & Cª, 1912-650 p. [C.L.U.L.] (2ª ed. Lisboa, 1912).

B.G.U.C.: 5-20-32
  
- **VIEIRA**, Frei Domingos, **Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza**, 5 vols. (com introdução de Adolfo Coelho), Porto, Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.
  
- **VITERBO**, Fr. Joaquim de Santa Rosa de, **Elucidario das Palavras, Termos e Frases que em Portugal antigamente se usaram**, Lisboa, 1798 (ed. de M. Fiúza, Porto - Lisboa, Livraria Civilização, 1965).

### **3. MANUSCRITOS sobre ortografia e gramática:**

#### **- Biblioteca Pública de Évora**

B.P.E - COD CXIII -1-19: **Arte de Gramática, e orthographia Portugueza distinta da Latina, e qualquer otra lingua** (Dedicada ao Real Colegio das Artes), [s.d. 1600 ? Seundo Rivara, é posterior a Bluteau].

B.P.E. - COD CV/1-6 a fl 62: **Apontamento de Orthographia**.

B.P.E - COD CX/1-4 fl: **Regras da Orthographia Portugueza**. [Letra de José Lopes Mira; talvez cópia de impresso].



B.P.E. - COD CXII/2-7 a fl. 421: **Orthografia Portugueza.**

B.P.E. - CODCX/1-11 a fl 421 com folhas Folio: **Synopse orthographica ou compendio de orthographia dedicada pelo Pe.... na cidade de Braga no anno de 1709.**

B.P.E -COD CXII -2-7: **[Ortografia Portuguesa]** - Proposta que fez o Padre João Bautista de Castro aos eruditos da corte de lisboa [Qual seria mais acertado methodo na lingua e orthographia portugueza, manter as suas dicções dentro da etymologia latina, ou expresa-las pelo rigor da pronunciação?].

- **Resposta original do marquez de Valença. Vota que se sigam os grandes mestres da lingua, Camões, Barros, Vieira, Fr. Luiz de Sousa e Jacinto Freire.**

- **Resposta original do Conde de Ericeira. Vota que todas as vezes que sem alterar as letras da origem latina ou grega se podesse conservar a eymologia, esta se seguisse.** Manuscrito [Lisboa occidental, 29 de novembro de 1737 - 4 folhas fol.] B.P.Évora: Cod. CXII / 2-7 a fl. 421

**- Biblioteca geral da Universidade de Coimbra**

B.G.U.C.: Ms 138: **Discurso feito na Academia dos Aplicados em 27 de Mayo 1721 (?) Sendo Mestre de Ortografia José Freire de Montarroyo.**

**- Biblioteca Nacional de Lisboa**

B.N.L: COD. 3261 (L.4-18) - 6 p.- **Methodo // De ordenar o Apparato para a Orthografia da Lingua Portugueza.**

B.N.L: COD 7002 A. (v-1-12): **Orthographia ou arte para escrever certo na lingua portuguesa** (Ed. Lx, 1631).

B.N.L: COD 6888: **Carta sobre a orthographia portugueza, dirigida ao Sr. Dr. José Barbosa Leão.** (A mesma que seria publicada por João Félix Perreira em 1879 ?).

B.N.L.: COD. 8463-65: **Grammatica Portuguêza Offerecida á Academia Real das Sciências...** por Avelino Augusto de Paiva-47fl.

B.N.L.: Ms. nº 325 a 374

**- Biblioteca da Academia das Ciências:**

**Ms 1339-** David Lopes de Melo, **Bases da ortografia que deve ser adoptada no Diccionario da Academia.** Publicadas com o mesmo título: B.N.L: L. 4.256 A.

**Ms. 353 (Memórias da Academia de Literatura que não tiverão lugar nas colecçoens, Tomo 3º):**

**- nº3 - Plano de Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, 1781 - fl.90-170v.**

**- nº4 - Grammatica Philosophica/ da/ Lingua Portuguesa/ que pretende levar o premio da / Academia - fl. 171-205.**

**nº5 - Grammatica Philosophica/ da/ Lingua Portuguesa - fl. 206-224.**

**nº 6 - Grammatica Filozofica da/ Lingua Portugueza/ composta, organizada segundo o espirito/ e Plano da Illustre/ Academia das Sciencias de Lisboa, erigida/ debaixo dos gloriozos Auspicios/ da/ augustissima e Fidelissima Senhora Raynha D. Maria 1ª de/ Portugal - fl. 225-354v.**

**nº 7 - Grâmatica Portuguesa Filosofada oferecida/ á Academia das Sciencias de Lisboa- fl. 355-373 (precedida da folha 355 cujo reverso é preenchido com um aviso ao leitor; 355-373 - em diálogo entre um “ermitão e um “escrivão”).**

**-340-341 (?) estes dois códices contêm apenas:**

**- Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza (Portada - à Academia das Sciencias/ de Lisboa/ Grammatica Philosophica/da/ Lingua Portugueza/ dividida em oito livros separados em dois volumes/. Para o concurso do anno de/ 1784.**

**- Biblioteca do Palácio da Ajuda:**

**- Breuis Noticia circa Praecepta Orthographiae. 49-III-251 e 2 (nº1)**

#### **4. OUTROS AUTORES (latinos, românicos e outros)**

- **ALDRETE**, Bernardo José de, **Del origen y principio de la lengua castellana ò romance qu hoi se usa en España**, Roma, Carlo Willisto, 1606 (ed. de Lidio Nieto Jiménez, Biblioteca Filológica Hispana/10, Madrid, Visor Libros, 1993).
  
- **ALEMÁN**, Mateo, **Ortografía castellana**, México, Empronta de Ieronimo Balli, 1609, (Ed. de José Rojas, El Colegio de México, 1950).
  
- **ÁLVARES**, Manuel, **Emmanuelis Alvari è Societate Iesu de Institutione Grammatica Libri tres**, Lisboa, João da Barreira, 1572.
  
- **ARAUJO**, Fernando, **Estudios de fonetika kastellana**, Santiago de Chile, 1894.
  
- **ARNAULT**, Antoine, e **LANCELOT**, Claude, **Grammaire Générale et Raisonnée**, 1660.  
- et **NICOLE**, Pierre, **La Logique ou l'Art de Penser**, Coll. Tel, nº 211, Paris, Editions Gallimard, 1992 (1ère éd. 1662).
  
- **BARRA**, Eduardo de la, **Ortografia fonetica**, 1897.
  
- **BAUTISTA de MORALES**, Cristóbal, **Pronunciaciones generales de lenguas, ortografia, escuela de leer, escribir y contar, y sinificación de letras en la mano**, Montilla, 1623.
  
- **BEAUZÉE**, Nicolas, **Grammaire générale ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues**, 2 vols., Paris, 1767 (col. Grammatica Universalis, Friedrich Fromman Verlag, Stuttgart-Bad Cannstatt, 1974, 2 vols.).

- **BECERRIL**, Juan, **Ortografía verdadera de la lengua española o sean reglas fijas i sencillas para eskribir el español segun aztualmente se abla**, Balladolid, 1881.
  - **Estudios de fonétika kastellana**, 1894.
  
- **BELLO**, Andrés, *Indicaciones sobre la conveniencia de simplificar i uniformar la ortografía en américa*, **Biblioteca Americana**, Londres (11 de abril), 1823, pp. 56-62.
  - *Ortografía kastellana*, **Repertorio Americano**, t. III, Londres, 1827, pp. 50-56.
  - *Bosquejo del oríjen i progresos del arte de eskribir*, **Repertorio Americano**, t. IV, Londres, 1827, pp.11-25.
  - **Principios de ortoloxía i métrica de la lengua kastellana**, Santiago, Impr. de la Opinión, 1835.
  - *Ortografía*, **El Araucano**, Santiago (10 de mayo), 1844, p.1, cols. 1-3, e p.2, cols. 1-2.
  - *Ortografía*, **El Araucano**, Santiago (24 de mayo), 1844, p.1, cols. 1-3, e p.2, col. 1.
  - *Reformas ortográficas*, **Revista de Santiago**, 2, 1844, pp. 251-257.
  - **Obras Completas**, vol. V (Obras Gramaticales), Caracas, Ministerio de Educación, 1951.
  - e **CUERVO**, Rufino José, **Gramática de la lengua española kastellana**.
  
- **BEMBO**, Pietro, **Le Prose di Messer Pietro Bembo cardinale Nelle quali si ragiona Volgar Lingua**, Antonio Berno Librario e Stampatore, Verona, 1548 (1ª ed.Veneza, 1525).
  
- **BUOMATTEI**, Benedetto **Della lingua toscana**, Florença, 1643.
  
- **CONDILLAC**, Etienne Bonnot, **Essai sur l'origine des connaissances humaines ouvrage où l'on réduit à un seul principe tout ce qui concerne l'entendement humain**, Paris, 1746.

- **Cours d'études pour l'instruction du Prince de Parme** (Grammaire, De l'art d'écrire, De l'art de raisonner, De l'art de penser), 1775.
- **CORREAS**, Gonzalo, **Ortografia kastellana, nueva i perfecta**, Salamanca, 1630 (Espasa Calpe, 1971).
- **COVARRUBIAS**, Sebastián de, **Tesoro de la Lengua castellana o española**, 1611 (Madrid, Castalia, 1994).
- **CUERVO**, Rufino José, *Disquisiciones sobre la antigua ortografía y pronunciación castellana*, *Revue Hispanique*, II, 1895, pp. 1-69; V, 1898, pp. 273-307.
- **Apuntaciones críticas sobre el Lenguaje Bogotano**, Bogotá, 1884.
- **DIDEROT**, Denis, e **D'ALEMBERT**, **Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences et des Métiers para une société de gens de lettres**, t. I, II, IV, V, IX, XI, XIII, XV, XVI, XVII, 1ª ed., Neufchastel, Chez Samuel Faulche & Compagnie, Libraires et Imprimeurs, 1751-1780 (2ª ed. A Lucques, Chez Vincent Giuntini Imprimeur, 1758-1720).
- **DIOMEDES**, **Artis Grammaticae**, ed. Keil, I.
- **DOLET**, Etienne, **De la ponctuation de la langue Françoise**, Dolet, 1540.
- **DONATUS**, Ælius, **Ars Grammatica** (ed. Keil, IV), Leipzig, 1864, pp. 367-402.
- **DU MARSAIS**, César Chesneau, **Les véritables principes de grammaire, ou nouvelle grammaire raisonnée pour apprendre la langue latine**, 1629.
- **Principes de grammaire ou Fragmens sur les causes de la parole**, 2 vols., Fr. Dufart édit., 1793.
- **ECHEVERRÍA I REYES**, Aníbal **Prontuario de la ortografía castellana, usada con particularidad en Chile**, Santiago, Impr. de «La Gaceta», 1895.

- **ENCYCLOPÉDIE MÉTHODIQUE: Grammaire et littérature**, 3 vols., éd. par Beauzée et Marmontel, Paris-Liège, Panckoucke et Plomteux, 1782-1786.
  
- **ESCRICHE, Reforma de la Ortografía Castellana**, 1890.
  
- **GELMETTI, Riforma ortografica**, 1881.
  
- **JIMÉNEZ PATÓN, Bartolomé, Epítome de la ortografía latina y castellana. Instituciones de la Gramática española**, Baeza, 1614 (Estudio y edición de Antonio Quilis y Juan Manuel Rozas, Madrid, Clásicos Hispánicos, C.S.I.C., 1965).
  
- **LENZ, Rodolfo, Observaciones sobre la ortografía castellana, La Libertad Electoral** (30 de diciembre), 1891, p.1, col.8, p. 4, cols. 1-4.
  - *De la ortografía castellana, AUch* (Anuario Universitario de Chile), LXXXVII, Santiago, 1894, pp. 559-569.
  - *Apuntaciones de un texto de ortología i ortografía de la lengua castellana, AUch* (Anuario Universitario de Chile), LXXVIII, 1894, Santiago, pp. 117-136.
  
- **LINACRE (Linacro), Thomas, De Emendata structura Latini sermonis, libri sex**, Londres, 1524.
  
- **LOMBARDELLI, Orazio (Tranquillo Humoroso), L'arte del Puntar gli scritti**, Siena, Appresso Luca Bonetti, 1585.
  
- **MARIUS VICTORINUS, Ars Grammatica**, ed. Keil, VI.
  
- **NEBRIJA, Antonio de, Introductiones in latinam grammaticam**, Salamanca, 1481.
  - **Grammatica sobre la lengua castellana**, Salamanca, 1492.

- **Reglas de orthographía en la lengua castellana**, Alcalá de Henares, 1517 (ed. de A. Quilis, Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1977).
  
- **ORTOGRAFIA Moderna Italiana per uso del Seminario di Padova**, 1772 (1ª ed. 1721).
  
- **PEROTTI**, Nicolo, **Rudimenta grammatices**, 1464 (?).
  
- **PRISCIANUS**, **Institutionum Grammaticorum**, ed. de Keil, II, III (Grammatici Latini, 7 vols., Leipzig, Teubner, 1857-1878).
  
- **PROBUS**, **Instituta Artium**, IV, ed. H. Keil (Grammatici Latini, 7 vols., Leipzig, Teubner, 1857-1878).
  
- **QUINTILIANUS**, **Instituciones oratorias**, trad. de Ignacio Rodríguez y Pedro Sandier, Madrid, Hernando, 1942.
  
- **RAMUS**, Petrus (Pierre de la Ramée), **Scholae Grammaticae**, Paris, 1559.
  
- **REAL ACADEMIA ESPAÑOLA**, **Orthographia Española**, Madrid, Imprenta de la Real Academia Española, 1741.
- **Ortografía de la lengua castellana**, Madrid, Imprenta de Gabriel Ramírez, 1754.
- **ORTHOGRAPHIA de la lengua castellana por la Real Academia Española**, 3ª ed., Madrid, Imprenta de Don Antonio Pérez de Soto, 1763.
- **Ortografía de la lengua castellana**, Madrid, 1815.
- **Gramatica de la lengua castellana**, compuesta por la Real Academia Española, 1ª ed., Madrid, 1771 (1 vol. XXV-473 p.). ed. facsímil de Ramon Sarmiento, Madrid, 1984.
  
- **ROBLES**, Francisco de, **Reglas de Orthographia**, 1533.

- **SALINAS**, Frei Miguel, **Libro Apologético que defiende la buena y docta pronunciación que guardaron los antiguos en muchos vocablos y accentos**, 1563.
  
- **SÁNCHEZ de las BROZAS** (Sanctius), Francisco, **Minerva seu causis linguae latinae**, Salamanca, João e André Renaut, 1587.
  
- **SAN ISIDORO de SEVILLA**, **Etimologías**, vols. I (De Grammatica) e II (Edição bilingue preparada por Jose Oroz Reta y Manuel-A. Marcos Casquero; introd. geral por Manuel C. Díaz y Díaz), e<sup>a</sup> ed., Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.
  
- **SCALIGER** (Escalígero), Julius Caesar, **De causis Linguae latinae libri tredecim**, Lyon, 1540.
  
- **SCIOPII (SCHOPP)**, Gasparii (Gaspar), **Grammatica Philosophica**, Amstelodami, 1628 (outra ed. 1664).
  
- **TERENTIANUS**, **De Litteris**, ed. Keil, VI.
  
- **TOLOMEI**, Claudio, **Il Cesano de la lingua toscana**, 1555 (ed. critica a cura di Ornella Pollidori, Leo S. Olschki, firenze, 1974).
  
- **TRISSINO**, Gian Giorgio, **Epistola de le lettere nuovamente aggiunte ne la lingua italiana**, 1524.
  
- **UNAMUNO**, Miguel de, **Acerca de la ortografía castellana**, 1896.
  
- **VALDÉS**, Juan de, **Diálogo de la lengua**, 1535 (ed. de Francisco Marsá, Barcelona, Planeta, 1986).



- VALLA, Lorenzo, **Elegantarium linguae Latinae opus**, 1471 (1444 ?).
- VANEGAS, Alexo **Tractado de orthographia e accentos en las tres lenguas principales**, Toledo, 1531.
- VARRÃO, M. T., **De Lingua Latina**.
- VIVES, Juan Luis, **De causis corruptarum artium**, 1531.
- VOCABULARIO DE LA CRUSCA, 2ª ed., Veneza, 1623.
- VOSSIUS, Gerardus Joannes, **De arte grammatici libri septem**, Amsterdam, 1635.

## 5. ESTUDOS sobre os ORTOGRAFISTAS E GRAMÁTICOS PORTUGUESES:

- ALMEIDA, Justino Mendes de, **Sobre a Porta de Linguas (Ianva lingvarum)**, de Amaro de Roboredo, **Revista de Guimarães**, vol. LXXIX, nº 1-2, 1969, pp.5-40.
- *Lexicógrafos portugueses da língua latina -3 a Prosódia de Bento Pereira*, **Revista de Guimarães**, vol. LXXVII, 1/1, Jan./Jun., 1967.
- ASSUNÇÃO, Carlos Costa, **Para uma gramatologia portuguesa**, 3 vols. (1º - Edição crítica da Arte da Grammatica da Lingua Portuegeza de António José dos Reis Lobato; 2º - António José dos Reis Lobato - Gramático Iluminista; 3º - Manuscritos e outros textos subsidiários), Tese de Doutoramento, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1996.
- **Reis Lobato - Gramático Iluminista**, Para a História da Linguística Portuguesa - Caderno III, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1997.

- **BUESCU**, Maria Leonor Carvalhão, *Dois ortografistas do séc. XVI*, **Boletim de Filologia**, Lisboa, 1971, pp.33-42.
- *A Ortografia de Duarte Nunes do Lião*, **Revista da Faculdade de Letras**, série IV, nº 1, 1976/1977, Lisboa, 1977, pp. 253-260.
- **Gramáticos portugueses do século XVI**, col. Biblioteca Breve, 18, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1978.
- **Babel ou a ruptura do signo. A gramática e gramáticos portugueses do século XVI**, Lisboa, IN/CM, 1983.
- **Historiografia da Língua Portuguesa**, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1984.
  
- **CARDOSO**, Simão, **Historiografia Gramatical (1500-1920)**, Faculdade de Letras do Porto, 1994.
  
- **COSERIU**, Eugenio, **Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira**, Rio de Janeiro, Presença, 1991 (ed. original: «Taal en functionaliteit» bei Fernão de Oliveira, Ut Videam. Contributions to an understanding of linguistics. For Peter Verburg on the occasion of his 70th birthday (Edited by Werner Abraham), Lisse, Peter Ridder Press, 1975, pp. 67-90).
  
- **CASTRO**, Ivo, Duarte, I., Leiria, I, **A demanda da ortografia portuguesa. Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da Questão que se lhe seguiu** (vol. org. por Ivo Castro, Inês Duarte e Isabel Leiria), Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1987.
- *Ortografia Portuguesa, Falar Melhor, Escrever Melhor*, Lisboa, Selecções do Readers Digest, 1991, pp.361-399.
  
- **CASTRO**, Rui Vieira de, *A Questão Ortográfica e a Linguística como Argumento, A Demanda da Ortografia Portuguesa* (org. Ivo de Castro et alii), Sá da Costa, 1987, pp.117-128. V.9.
  
- **DOMINCOVICH**, Ruth, **Portuguese Orthography to 1500**, Philadelphia, University of Pennsylvania, 1948.

- **FÁVERO**, Leonor Lopes, **As concepções linguísticas no século XVIII: a gramática portuguesa**, Campinas- São Paulo, 1996.
  
- **FREEMAN**, Ludmila Cermak, **A history of portuguese orthography since 1500**  
(A dissertation in the department of romance languages. Presented to the faculty of the graduate school of arts and Science of the university of Pemsylvania in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy); Philadelphia, 1965, Ann Arbor, University Microfilms International, Reprint, 1986.
  
- **FREIRE**, A., A «*Gramática Latina*» do Padre Manuel Álvares e seus *impugnadores*, **As Grandes Polémicas Portuguesas**, I, Lisboa, Editora Verbo, 1964, pp. 333-389.
  
- **GAMA**, Eurico, *Curiosidades Linguísticas. A Ortografia da Língua Portuguesa de João Franco Barreto. Separata da Revista de Portugal, Série A- Língua Portuguesa*, vol. XXXII, 1967, pp.101-109.
  
- **GONÇALVES**, Maria Filomena, *Notas para a história da pronúncia portuguesa*, **Actas do VI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, 1990, pp. 145-151.
  
- **Madureira Feijó**, **ortografista do século XVIII. Para uma história da ortografia portuguesa**, Lisboa, ICALP, 1992.
  
- *Para uma história da pontuação portuguesa. Dos pontos aos punctemas*, **VIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Actas)**, Lisboa, FCSH, 1993, pp.225-237.
  
- *Lexicografia e ortografia no dicionário da Academia (1793)*, **XXe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes (Actes)**, Tome IV, Section VI (Lexicographie/Iberoromania), Tübingen, Gunther Narr Verlag, 1993, pp.651-664.

- *A ortografia na antiga gramaticografia portuguesa*, **Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística** (Lisboa, 1995), Lisboa, Colibri, 1996, pp.39-52.
- *As ideias linguísticas em Portugal no século XVIII*, **Confluência** (Revista do Instituto de Língua Portuguesa), nº14, 2º semestre de 1997, Rio de Janeiro, pp.36-59.
  
- **KEMMLER**, Rolf, *Ensino da Ortografia: cursos de Línguas e discussão de normas no Portugal dos séculos XVIII/XIX: A Academia Orthográfica Portuguesa*, **Actas das Segundas Jornadas da Associação Alemã de Lusitanistas** (7-9 de Setembro de 1995).
- **Esboço para uma história da ortografia portuguesa. O texto metaortográfico e periodização da ortografia do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911**, Magisterarbeit zum Fach Romanische Philologie I (Portugiesisch), Tübingen, Eberhrard-Karls-Universität Tübingen, März, 1996.
  
- **KOSSÁRIK**, Marina, A., *A doutrina linguística de Amaro de Roboredo*, **Actas do XII Encontro Nacional de da Associação Portuguesa de Linguística**, vol. II, Lisboa, APL, 1997, pp. 429-443.
  
- **LEÃO**, Manuel Barbosa, **Cartas e publicações relativas ao falecido Dr. José Barbosa Leão que, em memória do seu saudoso irmão reuniu e mandou imprimir (...)**, Porto, Imprensa Commercial, 1889.
  
- **MACHADO**, José Pedro, *Um trabalho desconhecido da Academia ortografica portugueza*, **Revista de Portugal-Série A**, XXVII-nº201 (janeiro),1962, pp. 17-25 (Estudo de um opúsculo impresso em 1787 sob o título **Proluzões da gramatica portugueza**).
- **Factos, pessoas e livros**, I, Lisboa, Livraria Porugal, 1961-1971.

- **MACIÉL**, Carlos Alberto Antunes, *Les majuscules en portugais. Quelques réflexions pour une étude. Le XVIe siècle. La normalisation. L'usage actuel*, **Études Portugaises et Brésiliennes**, Université de Haute Bretagne (Nouvelle Série, III), 1980, pp. 107- 118.
  
- **MARQUILHAS**, Rita, *O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas, A Demanda da Ortografia Portuguesa. Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da Questão que se lhe seguiu* (vol. org. por Ivo Castro, Inês Duarte e Isabel Leiria), Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1987. (v. CASTRO, Ivo)
  - **Norma gráfica setencista. Do autógrafo ao impresso**, Lisboa, INIC, 1991.
  
- **MARTINS**, Nilce Sant'Anna, **História da Língua Portuguesa**, V, São Paulo, Editora Ática, 1988.
  
- **MARUYAMA**, Toru, *Some Aspects of Father João Rodriguez' Portuguese Orthography – Its importance for the understanding of 16th-17th century Christian documents on Japanese*, **ACADEMIA Literature and Language**, 50, Offrint January 1991, pp.177-199.
  - **Selective bibliography concerning the jesuit mission press in the sixteenth and seventeenth centuries**, Nanzan Kokubun Ronshu 20, Department of Japanese Language and Literature, Nanzan University, Nagoya, Japan, 1996.
  - e **ARAÚJO**, Antonio Martins de, *The Accentuation of the “Novíssimo Acordo Ortográfico” in the light of early Portuguese Treatises*, **ACADEMIA - Literature and Language**, 45, September 1988.
  - *A acentuação do novíssimo Acordo Ortográfico à luz de antigos tratados portugueses*, **Estudos Portugueses: Homenagem a Luciana Stegagno Picchio**, Lisboa, Difel, 1991, pp. 863-886.
  - *Portuguese hyphenation*, **ACADEMIA Literature and Language**, 49, Offrint 1992, pp.55-81

- The orthographical utopy of Luis Antonio Verney's Verdadeiro Metodo de Estudar*, **ACADEMIA Literature and Language**, 55, Offrint September 1993, pp.79-102.
- **MEIER**, Harri, *A Maiúscula, problema ortográfico e semântico*, **Ensaios de Filologia Românica**, Lisboa, Ed. da Revista de Portugal, 1948, pp.165-190.
- **MONTEIRO**, José Lemos, *A Ortografia de Álvaro Ferreira de Vera*, **Verba - Anuario Galego de Filoloxía**, vol.19, Santiago de Compostela, 1992, pp. 79-94.
- **MATEUS**, Maria Helena Mira, *A prosódia nas gramáticas portuguesas*, **Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, 1995), vol. III, Lisboa, Colibri, 1996, pp.123-142.
- **MENÉNDEZ**, Fernanda Miranda, *Alguns aspectos da evolução do discurso de D. Raphael Bluteau*, **Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística** (Lisboa, 1995), Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1996, pp.137-150.
- **MURAKAWA**, Clotilde de Almeida Azevedo, *A lexicografia praticada por António de Morais Silva*, **Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística** (Lisboa, 1995), Lisboa, Colibri, 1996, pp.151-158.
- **NAGEL**, Rolf, *Die Orthographieregeln des Pêro de de Magalhães de Gândavo* (4ª edição), **Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte. Portugiesische Forschungen der Görresgesellschaft**, Erste Reihe, Herausgegeben von Hans Flasche, 9 Band, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster, 1969, pp. 110-135.

- **NOGUEIRA**, Rodrigo de Sá, et alii, **Bibliografia Filológica Portuguesa** (Dicionários, gramáticas, ortografias, etc. 1544 fichas, coord. por...), Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1935-1950.
  - **A língua Portuguesa**, V, 80-84.
  - **Boletim de Filologia**, IV, 84-91.
  
- **OLIVEIRA**, António, *Álvaro Ferreira de Vera, arbitrista*, **Revista Portuguesa de História**, vol. XIX, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1982, pp.271-296.
  
- **PAIVA**, Maria Helena, *Variação e evolução da palavra gráfica: o testemunho dos textos metalinguísticos do século XVI*, **Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, vol. II, Lisboa, APL, 1997, pp.233-252.
  
- **PEREIRA Filho**, Emmanuel, *As "Regras de Orthographia" de Pero de Magalhães de Gândavo*, **Revista Brasileira de Filologia**, vol. 6, tomo I, Junho, 1961, pp.1-30.
  
- **PRISTA**, Luís e **ALBINO**, Cristina, **Filólogos Portugueses entre 1868 e 1943** (Catálogo da exposição organizada para o XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Faculdade de Letras de Lisboa, 1995), Lisboa, Colibri/ Associação Portuguesa de Linguística, 1996.
  
- **REVISTA do INSTITUTO de CULTURA e LÍNGUA PORTUGUESA**, nº de Julho de 1986 (Acordo Ortográfico).
  
- **SCHÄFER**, Barbara, *Amaro de Roboredos Methodo Grammatical para todas as linguas (1619)*, **Beihefte zu Lusorama**, 3, Band/Tomo III, pp. 55-74, TFM, Frankfurt, 1990.

- *Zwei grammatiken von 1771: die Gramática de la lengua castellana der R.A.E. und Lobatos Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, **Lusorama**, n°21 (Juni 1993), FFM, Frankfurt, 1993, pp. 20-33.
- *Die verbal modi in den grammatiker von Manuel Alvares (1572) und Bento Pereira (1672)*, **Historiographia Linguistica**, XX, 2-3, Amsterdam 1993, pp. 283-308.
- *Contribution à la grammaire idéologique au Portugal*, **Europäische Sprachwissenschaft um 1800**, Band 2, Münster, 1991, pp. 101-177.
  
- **SCHLIEBEN-LANGEN**, Brigitte, *Letra, figura und força bei Fernão de Oliveira, De orbis Hispani linguis historia moribus. Festschrift für Dietrich BRIESEMEISTER zum 60. Geburtstag, Herausgegeben von Axel Schönberger und Klaus Zimmermann*, Frankfurt am Main, Domus Editoria Europae, 1994, pp.17-28.
  
- **SILVEIRA**, Olmar Guterres da, *A Gramática de Fernão d'Oliveira*, 1954.
  
- **SPRINGHETTI**, Emilio, *Storia e fortuna della Grammatica di Emmanuele Alvares*, S. J., **Humanitas**, vols.XIII e XIV, Coimbra, 1961-1962, pp.283-304.
  
- **TEYSSIER**, Paul, *La prononciation des voyelles portugaises au XVIème siècle d'après le système orthographique de João de Barros*, **Annali dell'Istituto Universitario Orientale** (Sezione Romanza), Napoli, 1966, pp. 127-198.
- *Portugiesisch: Graphetik und Graphemik (graphétique et graphémique)*, **Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)**, Herausgegeben von Günter Holtus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt, Band VI, 2, Galegisch/Portugiesisch, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1994, pp. 148-160.
  
- **TORRES**, Amadeu, *Gramaticalismo e especulação. A propósito da «Grammatica Philosophica» de Jerónimo Soares Barbosa*, **Revista Portuguesa de**



- Filosofia**, XXXVIII-2 (Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, 1981), Braga, 1983, pp. 519-542.
- *Das fronteiras sem gramática à gramática sem fronteiras*, **Actes du Colloque « Les rapports culturels entre le Portugal et la France**, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1983, pp. 635-651.
  - *Ainda a «Grammatica Philosophica» de Bernardo de Lima e Melo Bacelar*, **Anais da Academia Portuguesa de História** (Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva), 1995.
  - **Gramática Filosófica da Língua Portuguesa de Bernardo de Lima e Melo Bacelar** (Reprodução fac-similada da edição de 1783. Com introdução e notas pelo Académico correspondente...), Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1996.
- **VASCONCELOS**, Carolina Michaëlis de, **Lições de Filologia Portuguesa**, segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911/1912 e de 1912/1913, seguidas de Lições Práticas de Português Arcaico, Lisboa, Dinalivro, s.d.
  - **VASCONCELOS**, Frazão de, *Ortografistas portugueses dos séculos XVI a XVIII*, **Liceus de Portugal**, III, Lisboa, 1932, pp.273-278.
  - **VERDELHO**, Evelina, *O emprego das maiúsculas, segundo as gramáticas, ortografias e reformas ortográficas da Língua Portuguesa*, **Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística** (Coimbra, 1993), Lisboa, Colibri, 1994, pp. 445-463.
  - **VERDELHO**, Telmo, *Historiografia Linguística e Reforma do Ensino. A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal*, **Brigantia** (Sep. de) 2, 4, 1982, pp.347-383.
  - *Latinização na história da língua portuguesa – o testemunho dos dicionários*, **Arquivos do Centro Cultural Português**, vol. XXIII, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp.157-187.

- *Portugiesisch: Lexikographie (Lexicografia)*, **Lexikon der Romanistischen Linguistik**, (LRL), Herausgegeben von Günter Holtus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt, Band VI, 2, Galegisch/Portugiesisch, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1994, pp. 673-692.
- **As origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas**, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995 (Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, 1988).
- **WINCKELMANN, Otto**, *Portugiesisch: Geschichte der Verschriftung*, **Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)**, Herausgegeben von Günter Holtus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt, Band VI, 2, Galegisch/Portugiesisch, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1994, pp. 472-498.
- **WOLL, Dieter**, *Bedeutung und Verwendung von língua und linguagem in der ersten portugiesischen Grammatiken von Fernão de Oliveira und João de Barros*, pp. 57-74.
- *Portugiesisch: Grammatikographie (Gramaticografia)*, **Lexikon der Romanistischen Linguistik**, (LRL), Herausgegeben von Günter Holtus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt, Band VI, 2, Galegisch/Portugiesisch, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1994, pp. 649-672.

## **6. TIPOGRAFIA, CALIGRAFIA, LIVROS e LIVREIROS:**

- **ARAÚJO**, Norberto de, e **MENDES**, Artur Pereira, **Aspectos da Tipografia em Portugal**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1914.
- **CAEIRO**, Francisco da Gama, **Livros e Livreiros Franceses em Lisboa nos Fins de Setecentos e no Primeiro quartel do Século XIX**, Coimbra, 1980.
- **CHOPPIN**, Alain, **Les manuels. Histoite et actualité**, Paris Hachette, 1992.
- **CUNHA**, Xavier da, **Impressões Deslandesianas**, 1, Lisboa, 1895.

- **DESLANDES**, Venâncio, **Documentos para a história da tipografia portuguesa nos séculos XVI e XVII**, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.
- **ESTEVES**, Rosa, *Gabinetes de Leitura em Portugal nos Séculos XIX e XX*, **Revista da Universidade de Aveiro- Letras**, nº 1, 1984.
- **FONSECA**, Martinho da, **Subsídios para um Dicionário de Pseudónimos, Iniciais e Obras Anónimas**, Lisboa, 1896.
- **GAMA**, Ângela Barcelos da, *Livreiros, editores e impressores em Lisboa no século XVIII*, **Arquivo de Bibliografia Portuguesa**, 1967, XIII, nº 49-52, p.36.
- **GUEDES**, Fernando, **O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua história (Séculos XVIII-XIX)**, Lisboa-São Paulo, Editorial Verbo, 1987.
- **LAPA**, Albino, **Dicionário de Pseudónimos compilado por Maria Teresa Vidigal**, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.
- **LIMA**, Alda, *Contribuição para o Estudo do Livro Romântico em Portugal*, **Arquivo de Bibliografia Portuguesa**, ano IX, nº 33-36, 86p.
- **LIMA**, Henrique de Campos Ferreira, **Subsídios para um dicionário bibliográfico de calígrafos portugueses**, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1923.
- **MEDIAVILLA**, Claude, *Caligraphie*, Paris, Imprimerie Nationale, 1993.
- **OLIVEIRA**, Apto de, **Iniciação do Compositor Tipográfico**, Lisboa, Livraria Pacheco, 1929.
- **OLIVEIRA**, Custódio José de, **Diagnosys Typographica**, Lisboa, Na Imprensa Regia, 1804.

- **MONTE**, Gil do, *Subsídios para a História da Tipografia em Évora nos Séculos XVI a XVIII* (Évora, 1968, nº96, 102, 277, 272, 384, 395 e 402).
- **PEDRO**, Manuel, **Dicionário Técnico do Tipógrafo**, Porto, Imprensa Moderna, 1948.
- **PEIXOTO**, Jorge, *História do Livro Impresso em Portugal*, **Arquivo de Bibliografia Portuguesa**, nos X-XII.
- **RAMOS**, Vítor, **A Edição de Língua Portuguesa em França (1800-1850)**, Paris, 1972.

## **7. ESCRITA, ORTOGRAFIA, GRAFEMÁTICA, PONTUAÇÃO:**

- **ACHARD**, Pierre, *La spécificité de l'écrit est elle d'ordre linguistique ou discursif?*, **Pour une théorie de la langue écrite** (Édité par Nina Catach), Paris, Éditions de CNRS, 1988, pp. 68-76.
- **ALARCOS-LLORACH**, *Les représentations graphiques du langage*, **Le Langage. Encyclopédie de la Pléiade** (org. André Martinet), Paris, pp. 513-567.
- **ANIS**, Jacques, *Une graphématique autonome ?*, **Pour une théorie de la langue écrite** (Actes de la Table Ronde Internationale CNRS-HESO), Paris, Éditions du CNRS, 1988, pp. 213-223.
- avec collab. de **CHISS**, Jean-Louis et **PUECH**, Christian, **L'Écriture. Théories et descriptions**, Bruxelles, De Boeck, 1988.
- **ARONOFF**, M., **Orthography and Linguistic Theory: the syntactic basis of Masoretic Hebrew Punctuation**. *Language*, Baltimore, Linguistic Society of America, 61, 1, 1985, pp. 28-72.

- **AVRAM, Andrei**, *Sur Quelques Particularités des Systèmes Graphématiques*,  
**Cahiers de Linguistique Théorique et Appliquée**, 1, 1962, pp. 9-16.
  
- **AUGST, Gerhard**, *Descriptively and explanatorily adequate models of orthography*, **New Trends in Graphemics and Orthography** (Edited by Gerhard Augst), Berlin/New York, De Gruyter, 1986, pp.25-42.
  
- **BACK, Otto**, *Towards a Diatopic Approach to Orthographic Phenomena of European Languages*, **New Trends in Graphemics and Orthography** (Edited by Gerhard Augst), Berlin/New York, De Gruyter, 1986, pp. 155-163.
  
- **BARBOSA, Jorge Morais**, *Notes sur la ponctuation de la langue portugaise*,  
**Bulletin des Jeunes Romanistes**, 1, 1960, pp. 15-19.
  
- **BLANCHE-BENVENISTE, Claire**, et **CHERVEL, André**, **L'Orthographe**, Paris, François Maspero, 1978.
  
- **BURIDANT, Claude**, *Le strument et et ses rapports avec la ponctuation dans quelques manuscrits médiévaux*, **Théories Linguistiques et Traditions Grammaticales** (Prép. par Anne-Marie Dessaux-Berthonneau), Presses Universitaires de Lille, 1980, p. 13-53.
- et **PELLAT, Jean-Christophe**, **Bibliortho. Essai de Bibliographie Raisonnée de l'Orthographe Française et des Systèmes Graphiques**, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, 1992.
  
- **CARNICER, Ramón**, **Sobre ortografía española**, Madrid, Visor Libros, 1992.
  
- **CATACH, Nina**, **L'Orthographe Française à l'Époque de la Renaissance** (Auteurs, Imprimeurs, ateliers d'imprimerie), Genève, Droz, 1968.
- **L'Orthographe**, Coll. Que sais-je ?, Paris, PUF, 1978.

- **La Ponctuation. Recherches historiques et actuelles** (Actes de Colloque), 2 vols., Paris-Besançon, Publications du CNRS, 1977-1979.
- **L'Orthographe Française. Traité théorique et pratique**, Paris, F. Nathan, 1980.
- *The Grapheme: its position and its degree of autonomy with respect to the system of the language*, **New Trends in Graphemics and Orthography** (Edited by Gerhard Augst), Berlin/New York, de Gruyter, 1986, pp. 1-10.
- *Retour aux Sources, Traverses*, n° 43, Paris, Centre Georges Pompidou, 1987, pp. 33- 47.
- **Pour une Théorie de Langue Écrite** (Actes de Colloque), Paris, Presses du CNRS, 1988.
- **Les Délires de l'Orthographe**, Paris, Plon, 1989.
- *Graphétique et Graphémique, Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. V, I (Le Français), Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1990, p. 46-58.
- *Approches systémiques de la ponctuation: oralité et écriture, Storia e Teoria dell'interpunzione* (Actes du Colloque de Florence 1988), Rome, Bulzoni, 1992, pp. 523-539.
- **La Ponctuation**, Coll. Que-sais-je ? n° 2818, Paris, PUF, 1994.
  
- **CHISS**, Jean-Louis, Puech, Christian, *La linguistique et la question de l'écriture: enjeux et débats autour de Saussure et des problématiques structurales*, **Fondations de la Linguistique**, Bruxelles, De Boeck, 1987, pp. 85-109
- *Le Cours de Linguistique Générale et la "représentation" de la langue par l'écriture*, **Pour une Théorie de la Langue Écrite** (Actes de la Table Ronde Internationale CNRS-HESO, édités par Nina Catach), Paris, Éditions du CNRS, 1988, pp.47-55.
  
- **CONTRERAS**, Lidia, **Ortografía y grafémica**, Madrid, Visor Libros, 1994.
  
- **CORREIA**, João da Silva, *Reflexos filológicos dos sinais gráficos e seu aprendizado*, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**, t. I, n°1-2, 1933, pp. 65-189.

- **COULMAS, F.**, *The Writing systems of the world*, Blackwell, 1989.
  
- **DE BRUYNE, Jacques**, *Eutrapelias del alfabeto español*, Madrid, Visor Libros, 1995.
  
- **DEMANUELLI, Claude**, *Points de Repère: Approche interlinguistique de la ponctuation française*, 1987.
  
- **DERRIDA, Jacques**, *L'écriture et la différence*, Paris éditions du Seuil, 1967.  
 - *De la Grammatologie*, Paris, Éditions de Minuit, 1967.
  
- **DESBORDES, Françoise**, *Idées Romaines sur l'Écriture*, Presses Universitaires de Lille, 1990.  
 - *La prétendue confusion entre l'écrit et l'oral dans les théories de l'antiquité, Pour une théorie de la langue écrite* (Édité par Nina Catach), Éditions du CNRS, 1988, pp. 27-33.
  
- **DRILLON, Jacques**, *Traité de la Ponctuation Française*, Paris, Gallimard, 1992.
  
- **DUCARD, Dominique, HONVAULT, Renée, JAFFRÉE, Jean-Pierre**, *L'Orthographe en Trois Dimensions*, Paris, Nathan, 1995.
  
- **ESTEVE SERRANO, Abraham**, *Estudios de teoría ortográfica del español*, Publicaciones del Departamento de Lingüística General y Crítica Literaria de la Universidad de Murcia, 1982.
  
- **FAYOL, M, JAFFRÉ, J.-P.** (coord.), *Langue Française*, n° 95, sept. 1992 (L'orthographe: perspectives linguistiques et psycholinguistes), Paris, Larousse, 1992.

- **FERREIRA**, José de Azevedo, *La ponctuation dans la version portugaise du Fuero Real d'Alphonse X*, **Actes du XVII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes**, vol. 9, 1986, pp. 235-253.
  
- **FEVRIER**, James G., **Histoire de l'Écriture**, Paris, Payot, 1984 (1<sup>a</sup> ed. 1959).
  
- **FÓNAGY**, Yvan, *La Structure Sémantique des Guillemets*, **Traverses**, n°43, 1987, pp. 90-101.
  
- **FORESTI**, F., *Il Rapporto Tra Sistemi Grafici e Sistemi Fonologici, con particolare riguardo all'italiano*, **Rivista Italiana di Dialettologia**, Scuola Società Territorio, 1, 1977, pp. 121-147.
  
- **GELB**, Ignace J., **Pour une Théorie de l'Écriture**, Paris, Flammarion, 1973 (1<sup>a</sup> ed. A study of writing, The University of Chicago Press, 1952).
  
- **GOODY**, Jack, **La raison Graphique. La domestication de la pensée sauvage**, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979 (1<sup>a</sup> ed. The domestication of the savage mind, Cambridge University Press, 1977).
  - **La Logique de l'Écriture. Aux origines des sociétés humaines**, Paris, Armand Colin, 1986.
  
- **GÜNTHER**, Hartmut, *Was the Alphabet discovered or invented? On the alleged common processes in speech and writing*, **New Trends in Graphemics and Orthography** (Edited by Gerhard Augst), Berlin/New York, De Gruyter, 1986, pp. 248-261.
  
- **HAMMARSTRÖM**, Göran, *Graphème, Son et Phonème dans la Description des Vieux Textes*, **Studia Neophilologica**, XXXI, Uppsala, 1959, pp. 5-18.
  - *Type et typème, graphe et graphème*, **Studia Neophilologica**, Uppsala, XXXVI, 1964, pp. 332-340.



- **HARRIS, Roy, La Sémiologie de l'Écriture**, coll. Langage, Paris, CNRS Éditions, 1993.
- **HIGOUNET, Charles, L'Écriture**, 7e éd., Paris, PUF, 1986.
- **HONVAULT, Renée, Problématique et présentation, Liasons-HESO (Systèmes d'Écriture)**, n°21-22, déc., 1992, p.3
- **JAFFRÉ, Jean-Pierre, La Ponctuation du Français: études linguistiques contemporaines, Pratiques**, n° 70, juin 1991, p. 61-83.  
- *L'Orthographe: approches linguistiques et psycholinguistiques, Langue Française*, n° 95, septembre 1992, pp.3-26.
- **JEAN, Georges, L'écriture. Mémoire des Hommes**, Coll. Découvertes Gallimard, 24, Paris, Gallimard, 1987.
- **KOVRT, Manfred, The term "grapheme" in the history and theory of linguistics, New Trends in Graphemics and Orthography** (Edited by Gerhard Augst), Berlin/New York, De Gruyter, 1986, pp. 80-96.
- **LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia), Aspectos linguísticos da pontuação, Revista de Portugal - Língua Portuguesa (Série A)**, 24, 1959, pp. 77-94.
- **LEVINSON, J. P., Punctuation and the Orthographic Sentence: a Linguistic Analysis**, Ann Arbor, University Microfilms International, 1992.
- **LUELSDORFF, Philip A. (ed.), Orthography and Phonology**, Amsterdam/Philadelphia, 1987.
- **MACIEL, Carlos Alberto Antunes, Les majuscules en portugais, Etudes Portugaises et Brésiliennes**, 15, 1980, pp. 107-118.

- **MALKIEL**, Yakov, **La configuración de las letras como mensaje propio**, Madrid, Visor Libros, 1993.
  
- **MARCHELO-NIZIA**, Christiane, *Ponctuation et unités de lecture dans les manuscrits médiévaux, ou: je ponctue, tu lis, el théorise*, **Langue Française**, 40, 1978, pp. 32-43.
  
- **MARTINEZ de SOUSA**, José, **Reforma de la ortografía española. Estudio y pautas**, Madrid, Visor Libros, 1991.
  
- **MARTIN**, Robert, *L'écrit comme lieu de conventions*, **Pour une théorie de la langue écrite** (Édité par Nina Catach), Paris Éditions du CNRS, 1988, pp. 57-65.
  
- **MARTINS**, Ana Maria, *Aspectos da pontuação num manuscrito medieval português*, **Actes du XVII congrès International de Linguistique et Philologie Romanes**, vol. 9, 1986, pp. 255-266.
  
- **MASSON**, Michel, **L'Orthographe: guide pratique de la réforme**, Paris, Le Seuil, 1991.
  
- **MEYER**, Ch. F., **A Linguistic Study of American Punctuation**, Peter Lang, 1987.
  
- **MORAIS**, José, **L'Art de Lire**, Paris, Editions Odile Jacob, 1994.
  - *Compréhension / décodage et acquisition de la lecture*, **Actes de la Villette (Colloque "Acquisition de la Lecture / Écriture et Psychologie cognitive)**, Nathan-Pédagogie, 1993, pp. 10-21.
  
- **MOSTERÍN**, Jesús, **Teoría de la escritura**, Barcelona, Icaria Editorial, 1993.

- **NOGUEIRA**, Rodrigo de Sá, **Guia alfabética de pontuação**, 2ª ed., Clássica Editora, 1989 (1ª ed. 1973).
  
- **NUNBERG**, G., **The Linguistics of Punctuation**, Stanford, Centre for the Study of Language and Information/Stanford University, 1990.
  
- **PARKES**, Malcolm Beckwith, **Pause and Effect: An introduction to the history in the west**, Scolar Press, 1993.
  
- **PELLAT**, Jean-Christophe, *Indépendance ou interaction de l'écrit et de l'oral ? Recensement critique des définitions du graphème, Pour une théorie de la langue écrite* (Actes de la Table Ronde Internationale CNRS-HESO), Paris, Éditions du CNRS, 1988, pp. 133-146.
  
- **PEREIRA**, Maria Lídia da Costa, **A ortografia portuguesa nos séculos XVI e XVII** (dissertação dactilografada), Coimbra, 1950.
  
- **POLO**, José, **Ortografía y ciencia del lenguaje**, Madrid, Paraninfo, 1974.
  - **Manifiesto ortográfico de la lengua española**, Madrid, Visor Libros, 1990.
  
- **PRUDÊNCIO**, C., Rebelo, D., Atalaia, L. Costa, C., Marques, C. Lacerda, Namorado, L., Martins, M. R. Delgado, **Linguagem Oral e Ortografia**, Lisboa, INIC, 1976.
  
- **PULGRAM**, Ernst, *Phoneme and Grapheme: a parallel*, **Word**, VII, I, 1951, pp. 15-20.
  - *Graphic and Phonic Systems: Figurae and Signs*, **Word**, XXI, 1965, pp. 208-224.
  
- **REBELO**, Jaime, **Pontuação e Análise Sintáctica**, Coimbra, 1957.

- **REY-DEBOVE**, Josette, *A la recherche de la distinction oral/écrit, Pour une théorie de la langue écrite* (Actes de la Table Ronde Internationale CNRS - HESO, Paris, 23-24 octobre 1986, édités par Nina Catach), Paris, Éditions du CNRS, 1988, pp. 77-90.
  
- **ROSA**, Maria Carlota Amaral Paixão, **Pontuação e Sintaxe em impressos renascentistas** (Tese de Doutorado em Lingüística), 2 vols., Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.
  
- **ROSETTI**, A., *Remarques sur l'interprétation des graphèmes dans les textes écrits*, **Revue de Linguistique Romane**, 39, 1975, pp. 394-399.
  
- **SALVADOR**, Gregorio, e **LODARES**, Juan R., **Historia de las Letras**, Col. Espasa de la Lengua, Madrid, Espasa Calpe, 1996.
  
- **SAMPSON**, Geoffrey, **Writing Systems. A Linguistic Introduction**, Stanford-California, Stanford University Press, 1985.
  
- **SCHERRER**, Eckart, *Orthography and Lexical Access*, **New Trends in Graphemics and Orthography** (ed. Gerhard Augst), 1986, pp. 262-286.
  
- **TOURNIER**, Claude, *Histoire des idées sur la ponctuation, des débuts de l'imprimerie à nos jours*, **Langue Française**, n°45, 1980, pp.28-40.
  
- **TROUBETZKOY**, N. S., *Note pour une science pure de l'écriture*, **Le Cercle de Prague**, Paris, Seuil, 1969, pp. 85-87.
  
- **VACHEK**, Josef, *Zum Problem der geschriebenen Sprache* (1939), **Travaux du Cercle Linguistique de Prague**, 8, pp. 94-104.
  
- **Written Language. General Problems and problems of English**, The Hague, Mouton, 1973.

- **VÉDÉNINA**, Ludmilla, *La triple fonction de la ponctuation dans la phrase: syntaxique, communicative et sémantique*, **Langue Française**, n° 45, 1980, p. 60-66.
- **Pertinence Linguistique de la Présentation Typographique**, Paris, Peeters/Selaf, 1989.
- **VENDRYÈS**, Joseph, **Le Langage, Introduction Linguistique à l'Histoire**, Paris, Albin Michel, 1968 (1a ed. 1923).
- **WITTING**, Claes, *Phone et Phonème, Graphe et Graphème*, **Studia Neophilologica**, XXXII, 1960, pp. 320-326.

## **8. Linguística, Filologia, História da Língua, Historiografia**

### **Linguística**

- **ACHARD**, Pierre, **GRUENAI**S, Max-Peter, **JAULIN**, Dolores (dir.), **Histoire et Linguistique** (Actes de la Table Ronde "Langage et Société", ENS, Paris-28, 29, 30 avril 1983), Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1984.
- **AUROUX**, Sylvain (dir.), **L'Encyclopédie: «Grammaire» et «Langue» au XVIIIe siècle**, Paris, Mame, 1973.
- **Histoire des idées linguistiques**, 2 vols., Bruxelles, Mardaga, 1989-1992.
- e **CALVET**, Louis-Jean, *De la phonétique à l'apprentissage de la lecture. La théorie des sons du langage au XVIIIe siècle*, **La Linguistique**, 9, Presses Universitaires de France, 1973/1, pp.71-88.
- **BARBOSA**, Jorge Morais, **Etudes de phonologie portugaise**, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965; 2ª ed. Universidade de Évora, 1983.
- *Notas sobre a pronúncia portuguesa nos últimos cem anos*, **Biblos**, vol. LXIV, 1988, pp.329-382.

- **Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português**, Coimbra, Libraria Almedina, 1994.
  
- **CASTRO**, Ivo (coord.), **Curso de História da Língua Portuguesa**, Lisboa, Universidade Aberta, 1991. V.7.
  
- **CINTRA**, Luís Filipe Lindley, **Estudos de Dialectologia Portuguesa**, Lisboa, Sá da Costa, 1983.
  
- **COSERIU**, Eugenio, *La "découverte" des voyelles nasales*, **Diachronie et variation** (édité para Rika van Deyck), Studies in Language (SiL), Gent, Communication & Cognition, 1994, pp.7-19.
  
- **COUTINHO**, Ismael de Lima, **Pontos de Gramática Histórica**, 7ª ed., Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1976.
  
- **DROIXHE**, Daniel, **La linguistique et l'appel de l'histoire (1600-1800). Rationalisme et révolutions positivistes**, Genève, Droz, 1978.
  
- **DUBOIS**, Jean, **GUESPIN**, **GIACOMO**, **MARCELLESI**, **MÉVEL**, **Dictionnaire de Linguistique et des Sciences du Langage**, coll. Trésors du Français, Paris, Larousse, 1994.
  
- **LÁZARO CARRETER**, Fernando, **Diccionario de términos filológicos**, 3ª ed. corregida, 8ª reimpr., Madrid, Gredos (Biblioteca Románica Hispánica, Manuales, 6), 1990 (1ª ed. 1953).
  
- **LEWANDOWSKI**, Theodor, **Diccionario de Lingüística**, Madrid, Ediciones Cátedra, 1992.
  
- **LIPSKI**, John, *External history and linguistic change: brazilian Portugueses -s*, **Luso-Brazilian Review**, 12, vol. III, pp. 213-224.

- **MAIA, Clarinda de Azevedo, História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno), Linguística - 9, Coimbra, INIC, 1986.**
  
- **MARTINET, André, La linguistique synchronique, Paris, Presses Universitaires de France, 1965.**
  - **Elementos de Linguística Geral, 10ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1985 (1ª ed. orig fr.: Paris, Armand Colin, 1970).**
  
- **MOUNIN, Georges, Dictionnaire de la linguistique, “Quadrige”, Paris, Presses Universitaires de France, 1993 (1ère éd. 1974).**
  
- **NAGEL, Rolf, Die Antoniuspredigt António Vieiras an die portugiesisch Generalstände von 1672. Kritischer Text und Kommentar, Münster, Aschendorff, 1972.**
  
- **NARO, Anthony, Estudos diacrônicos, Col. Perspectivas Lingüísticas, Petropólis, Editora Vozes Lda, 1973.**
  
- **NUNES, José Joaquim, Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, 9ª ed., Lisboa, Clássica Editora, 1989.**
  
- **PADLEY, G. A., Grammatical Theory in Western Europe, 1500-1700: the Latin Tradition, Cambridge, Cambridge University Press, 1976.**
  - **Grammatical Theory in Western Europe, 1500-1700: Trends in Vernacular Grammar I, Cambridge, Cambridge University Press, 1985.**
  - **Grammatical Theory in Western Europe, 1500-1700: Trends in Vernacular Grammar II, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.**

- **PINTO**, Adelina Angélica, *A africada c em português: estudo sincrónico e diacrónico*, **Boletim de Filologia**, tomo XXVI, Lisboa, INIC, 1980/1981, pp. 139-244.
- *A neutralização da oposição fonológica b-v em português: estudo sincrónico e diacrónico*, **Biblos**, vol. LVI, Coimbra, Faculdade de Letras, 1980, pp. 599-651.
  
- **SAUSSURE**, Ferdinand de, **Cours de Linguistique Générale**, Ed. critique préparée par Tullio de Mauro, Paris, Editions Payot, 1972 (réed. de 1985 avec postface de Louis-Jean Calvet).
  
- **SAMPSON**, Rodney, *The origin of Portuguese -ÃO*, **Zeitschrift Für Romanische Philologie**, Band 99, Heft 1/2, 1983, pp. 33-68.
  
- **TEYSSIER**, Paul, **História da Língua Portuguesa**, 2ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1984 (ed. original franc.: Paris, Presses Universitaires de France, 1980).
  
- **VASCONCELOS**, José Leite de, **A Filologia Portuguesa**, Lisboa, Bertrand, 1888.
- **Lições de Filologia Portuguesa**, 2ª ed. (melhorada), Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926 (II-Ano Lectivo de 1904-1095, pp.223-226). V. 1.
- **Opúsculos**, I (Filologia - Parte II), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928; IV (Filologia - Parte II), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929.
  
- **VÁZQUEZ CUESTA**, Pilar, e **LUZ**, Maria Albertina Mendes da, **Gramática da Língua Portuguesa**, Lisboa, Edições 70, 1983 (1ª ed. esp. 1971).



- **VENDRYÈS, Joseph, Le langage. Introduction linguistique à l'histoire**, Paris, Editions Albin Michel, 1968.
  
- **VILELA, Mário, Gramática da Língua Portuguesa**, Coimbra, Almedina, 1995.
  
- **WILLIAMS, Edwin B., Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa**, 5ª ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991 (1ª ed. inglesa, 1938; 1ª ed. brasil. 1961).
  
- **XAVIER, Maria Francisca, e MATEUS, Maria Helena Mira, Dicionário de Termos Linguísticos**, vol. 1, Lisboa, Edições Cosmos, 1990.
  
- **ZAMBONI, Alberto, La etimología**, Madrid, Editorial Gredos (II. Estudios y Ensayos, 358), 1988 (ed. orig. italiana, 1976).

## **9. Contexto cultural e varia**

- **ALMEIDA, P. Teodoro de, Recreação Filozófica ou dialogo sobre a Filosofia Natural, para instrução de pessoas curiozas, que não frequentarão as aulas**, 3ª impr. muito mais aumentada, e correcta, que as precedentes, T. I, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1758.
  
- **ANDRADE, António Alberto, Breve história da pedagogia dos oratorianos em Portugal, Colóquio - Revista de Artes e Letras**, nº 31, Dezº, 1964.
- *A polémica verneiana, As Grandes Polémicas Portuguesas*, I, Lisboa, Editorial Verbo, 1964, pp.279-331.
  
- **ANDRADE, A. A. Banha de, Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica em Portugal**, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

- **A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários**, vol. 2 - Documentos, Coimbra, Universidade, 1981.
- **Verney e a projecção da sua obra**, Biblioteca Breve, nº 49, ICALP, 1980.
  
- **ANSELMO**, António J., **Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI**, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.
  
- **ALMEIDA**, Justino Mendes de, *Um Catálogo setecentista de "Artes e Gramática"*, *Euphrosyne*, 8, 1977.
  
- **BARILLI**, Renato, **Retórica**, Lisboa, Editorial Presença, 1985.
  
- **BASTO**, Cláudio, *A. R. Gonçalves Viana*, **Revista Lusitana**, XVII, 1914, pp.209-221.
  
- **CARVALHO**, Rómulo de, **História do Ensino em Portugal. Das origens ao tempo de Salazar**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
  
- **CASTRO**, Rui Vieira de, **Para a análise do discurso pedagógico: constituição e transmissão da gramática escolar**, col. Colectânea de Estudos em Educação e Psicologia, 4, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Pedagogia, 1995.
  
- **CIDADE**, Hernâni, **Lições de Cultura e Literatura Portuguesas**, 2 vols., 7ª ed. corr. actual. e ampl., Coimbra Editora, Lda, 1984.
  
- **COELHO**, Francisco Adolfo, **A reforma do Curso Superior de Letras**, Lisboa, Imp. de Lucas Evangelista, 1889.
- **Educação e Pedagogia**, Lisboa, Comp. e Imp. Nacional (Arº do boletim Da Direcção Geral de Instrucção Publica, vol. I, Ano, I, 1902), 1905.
- **Cultura e Analfabetismo**, Biblioteca da Educação, Porto, Tipografia da "Renascença Portuguesa", 1916.

- **COELHO**, Jacinto do Prado (dir.), **Dicionário de Literatura**, 3ª ed., Porto, Figueirinhas, 1978.
  
- **COLOMBAT**, Bernard, B. Colombat, *La place des Grammatici Latini dans l'horizon de retrospection des grammairiens de l'Encyclopédie*, **L'Héritage des Grammaticiens Latins de l'Antiquité aux Lumières**, Louvain, Peeters, 1988, pp.344-345.
  
- **COLÓQUIO sobre o Livro Antigo - V Centenário do Livro Impresso em Portugal, 1487-1987 (Actas)**, Lisboa, 23-25 de Maio de 1988, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1992.
  
- **DIAS**, José Sebastião da Silva, **O ecletismo em Portugal no século XVIII. Génese e destino de uma atitude filosófica**, Coimbra, 1972.
  
- **FERNANDES**, Rogério, **Os caminhos do ABC. Sociedade Portuguesa e Ensino das Primeiras Letras (Do Pombalismo a 1820)**, Porto Editora, Col. Mundo de Saberes, 1994.
- **O pensamento pedagógico em Portugal**, Biblioteca Breve, Lisboa, ICALP, 1978.
  
- **FIGUEIREDO**, Francisco de Paula de, **Santarenaida. Poema Eroi-Comico**, Coimbra, Na Regia Officina Typographica, 1792.
  
- **GARRETT**, J. B. da S. L. de Almeida, **Da Educação**, Livro 1º (Educação Doméstica ou Paternal), Londres, Em Casa de Sustenance e Stretch, 1829.
  
- **HAZARD**, Paul, **O pensamento europeu no século XVIII**, 3ª ed. port., Lisboa, Editorial Presença, 1989.

- **O HUMANISMO PORTUGUÊS (1500-1600)**, Lisboa, Academia das Ciências, 1988.
- **LAUSBERG**, Heinrich, **Elementos de Retórica Literária**, 3ª ed. port., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982 (1ª ed. alemã, 1967).
- **LÁZARO CARRETER**, Fernando, **Las ideas lingüísticas en España durante el siglo XVIII**, Barcelona, Editorial Crítica, 1985 (1ª ed. Revista de Filología Española, Madrid, CSIC, 1949).
- **GOMES**, Pinharanda, **Dicionário de Filosofia Portuguesa**, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987.
- **GONÇALVES**, Francisco Rebelo, *História da Filologia Portuguesa*, **Boletim de Filologia**, 4 (1-2), Lisboa, 1936.
- **MACHADO**, Diogo Barbosa, **Biblioteca Lusitana**, 2ª ed., Lisboa, 1931.
- **MOURELLE LEMA**, Manuel, **La teoría lingüística en la España del siglo XIX**, Madrid, Prensa Española, 1968.
- **NETO**, Serafim da Silva, **Manual de Filologia Portuguesa**, 2ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1957.
- **NEVES**, Álvaro, *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Bio-bibliografia*, **Boletim de Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa**, X, 39-66.  
- *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana*, **Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa**, X, 1915-1916, pp. 972-1010.
- **NOGUEIRA**, Rodrigo de Sá, *Contribuições para a História da Filologia Portuguesa*, **Congresso do Mundo Português**, vol. XIII, Lisboa, 1940, pp. 559-570.

- **OLIVEIRA**, Francisco Xavier de (Cavaleiro de), **Cartas Familiares, historicas, politicas e criticas. discursos serios e jocosos (...)**, 2 vols., Amsterdam (A la Haye, Chez Adrien Moetjens), 1721; 3º vol. 1855.
  
- **PALMA-FERREIRA**, João, **Academias literárias dos séculos XVII e XVIII**, Série Estudos e Ensaios, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.
  
- **PEREIRA**, António das Neves, **Mechanica das Palavras em ordem á harmonia do discurso eloquente, tanto em prosa como em verso**, Lisboa, Regia Offcina Typographica, 1787.
  
- **PRATT**, Oscar de, *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana*, **Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal**, 1ª série, t. II, 2ª parte, pp. 93-98.
  
- **PROENÇA**, Martinho de Mendonça Pina, **Apontamentos para a educação de um menino nobre**, Porto, 1734.
  
- **SAMPAIO**, José Salvado, **O Ensino Primário, 1911-1969. Contribuição monográfica**, vol. I (1º Período - 1911-1926), Lisboa, Instituto Gulbenkian da Ciência, 1975.
  
- **SARAIVA**, António José, e **LOPES**, Óscar, **História da Literatura Portuguesa**, 8ª ed., Porto Editora, s.d.
  
- **SERRÃO**, Joaquim Veríssimo, **História de Portugal**, vol. VIII (1832- 1851), Lisboa Editorial Verbo, 1986, reimp. 1988; vol. IX (1851-1890), Lisboa, Editorial Verbo, 1986, reimp. 1989; vol. XI, - e **MARQUES**, A. H. de Oliveira, **Nova História de Portugal**, vol. XI, Lisboa, Editorial Presença, 1991, pp. 519-576 (Escolas e Ensino).

- **SERRÃO**, Joel (dir.), **Dicionário de História de Portugal**, 5 vols., Porto, Livraria Figueirinhas, s.d. [1992].
  
- **SILVA**, Francisco Inocêncio, **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Estudos de (...) applicaveis a Portugal e ao Brasil, vários volumes, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858 (1º vol.).
  - **Diccionario Bibliographico Portuguez**. Estudos de (...) applicaveis a Portugal e ao Brasil. Continuados e ampliados por Venceslau Brito Aranha, vários volumes, Lisboa, Imprensa Nacional.
  
- **SILVA**, Nady Moreira Domingues da, **O sistema filosófico de Silvestre Pinheiro Ferreira**, Biblioteca Breve, nº 117, Lisboa, ICALP, 1990.
  
- **VASCONCELOS**, José Leite de, *Gonçalves Viana. Apontamentos para a sua biografia*, **Boletim de Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa**, X, 1917, pp.607-630.
  - e **NUNES**, J. J., *Vida e obras de Gonçalves Viana*, **Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa**, X, 1915-1916, pp. 607-648.

## **ANEXO 3**

### **LISTA DE IMPRESSORES/ TIPOGRAFIAS E SUA LOCALIZAÇÃO**

### **ANEXO 3. Lista de impressores / tipografias e sua localização (1734-1911)**

A. Ferreira Machado & C<sup>a</sup> (Lisboa)  
A. M. Pereira (Lisboa)  
A. S. Coelho (Lisboa)  
António de Freitas Lucena (Águeda)  
Antonio Figueirinhas (Porto)  
Antonio José da Rocha (Lisboa)  
Antonio Lima de Oliveira (Lisboa)  
Antonio Maria Pereira (Lisboa)  
Atlântida (Coimbra)  
Avelar Machado (Lisboa)  
B. L. Garnier, Livr. Edit. do Instituto do Brasil (Rio de Janeiro)  
Bertrand & Filhos (Lisboa)  
Casa de Sustenance e Stretch (Londres)  
Casa Portuguesa (Lisboa)  
Caza de Sousa Laemmert & C<sup>a</sup> (Paris)  
Civilização (Porto)  
Clavel & C<sup>a</sup> (Porto)  
Comp. Typ. do Brasil (Rio de Janeiro)  
Coop. Militar (Lisboa)  
David Corazzi (Lisboa)  
Cruz e Comp<sup>a</sup> (Braga)  
Edições de Chardron (Porto)  
Editores Eduardo & Henrique Laemmert (Rio de Janeiro)  
Emp. Ed. da Biblioteca das Maravilhas (Lisboa)  
Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes (Porto)  
Escriptorio de Francisco Artur da Silva (Lisboa)  
Ferreira de Oliveira (Lisboa)  
França Amado (Lisboa)  
Garnier Frères, Libraires-Editeurs (Paris)



Gazeta dos Caminhos de Ferro (Lisboa)  
Henrique A. Rodrigues & C<sup>a</sup> (Funchal)  
Imp. de Eugénio Pacheco (Ponta Delgada)  
Imp. de Gandra (Porto)  
Imp. de Hermenegildo Pires (Lisboa)  
Imp. do Governo Civil (Évora)  
Imp. Económica (Bahia)  
Imp. Lucas (Lisboa)  
Imp. Popular (Bahia)  
Imp. Portuguesa (Porto)  
Imp. Vieirense (Guimarães)  
Impr. Beleza (Lisboa)  
Impr. de Francisco Xavier de Sousa (Lisboa)  
Impr. Vieirense (Guimarães)  
Imprensa a vapor H. Lombaerts & Comp. (Rio de Janeiro)  
Imprensa Lucas (Lisboa)  
Imprensa Nacional (Lisboa)  
Imprensa Nacional (Nova Goa)  
Imprensa Nevesiana (Lisboa)  
Imprensa Portuguesa (Porto)  
Impressão de Alcobia (Lisboa)  
Inácio Maria Correia (Porto)  
J. A. Rodrigues & C<sup>a</sup> (Lisboa)  
J. Augusto OrceI (Coimbra)  
J. J. Nunes & C<sup>a</sup> (Lisboa)  
J. P. Aillaud (Paris)  
J. P. Aillaud / Guillard & C<sup>a</sup> (Paris)  
J. Seckler (São Paulo)  
João Romano Torres (Lisboa)  
José Assis & A. Coelho Dias (Lisboa)  
José Baptista Morando (Lisboa)  
José Rodrigues (Lisboa)

Lallemont Frères (Lisboa)  
Libânio da Silva (Lisboa)  
Litografis Matta & Cª (Lisboa)  
Livr. Gutenberg de Antonio José da Silva Teixeira (Porto)  
Livr. Portugueza e Extrangeira do Editor Manuel de Almeida Cabral (Coimbra)  
Livraria Ac. de J. de Azevedo (Rio de Janeiro)  
Livraria Alves (Rio de Janeiro)  
Livraria Carvalhense (Lisboa)  
Livraria Central de Campos & Godinho (Porto)  
Livraria Central de J. Diogo Pires (Coimbra)  
Livraria Clássica Alves & Cª (Rio de Janeiro)  
Livraria Cruz (Braga)  
Livraria Escolar de A. Fernandes Machado & Cª (Lisboa)  
Livraria Ferreira (Lisboa)  
Livraria Moderna (Porto)  
Livraria Portuense, de Lopes & Cª Successor (Porto)  
Livraria Portugueza e Extrangeira do Editor Manuel de Almeida Cabral (Coimbra)  
Livraria Portugueza e Estrangeira (Porto)  
Livraria Progressista (Lisboa)  
Livraria Universal (Manáos)  
Magalhães & Moniz (Porto)  
Manuel de Almeida Cabral (Coimbra)  
Off. da Congregação do Oaratorio (Lisboa)  
Off. da Musica (Lisboa)  
Off. da Universidade (Evora)  
Off. de Antonio Alvarez Ribeiro (Lisboa)  
Off. de Antonio Balle (Valensa)  
Off. de Antonio Gomes (Lisboa)  
Off. de Antonio Gomes Janeiro (Lisboa)  
Off. de Antonio Isidoro da Fonseca (Lisboa)  
Off. de Antonio Rodrigues Galhardo (Lisboa)  
Off. de Bernardo da Costa Carvalho (Lisboa)

Off. de Francisco Sabino dos Santos (Lisboa)  
Off. de João Rodrigues das Neves (Lisboa)  
Off. de Joseph da Silva Nazareth (Lisboa)  
Off. de Jozé de Aquino Bulhoens (Lisboa)  
Off. de M. C. Boeck (Hamburgo)  
Off. de Manuel Coelho Amado (Lisboa)  
Off. de Mathias Pereira da Silva & João Antunes Pedroso (Lisboa)  
Off. de Miguel Rodrigues (Lisboa)  
Off. De Simão Thaddeo Ferreira (Lisboa)  
Off. Deslandesiana (Lisboa)  
Off. do “Diario da Bahia” (Bahia)  
Off. Joaquiniana da Musica de Bernardo Fernandez Gayo (Lisboa)  
Off. Luis Secco Ferreira (Coimbra)  
Off. Patriarchal (Lisboa)  
Off. Patriarchal de Francisco Luiz Ameno (Lisboa)  
Off. Typographica de Casimir (Paris)  
P. Plantier (Lisboa)  
Pastor (Lisboa)  
Patriarchal Officina da Musica (Lisboa)  
Paulo Guedes & Saraiva (Lisboa)  
Pedro Antonio Borges (Lisboa)  
Pedro Ferreira (Lisboa)  
Real Collegio das Artes (Coimbra)  
Regia Off. Typographica (Lisboa)  
Sociedade Typ. Franco-Portugueza (Lisboa)  
Tavares Cardoso & C<sup>a</sup> (Rio de Janeiro)  
Teixeira & Irmão (S. Paulo)  
Tip. Angrense (Angra do Heroismo)  
Tip. Central (Porto)  
Tip. Central (Viseu)  
Tip. da Empreza Gráfica “A Universal” , A. Figueirinhas Ed. (Porto)  
Tip. da Escola (Rio de Janeiro)

Tip. da Real Academia das Sciencias (Lisboa)  
Tip. das Horas Românticas (Lisboa)  
Tip. de Antonio Sebastião Coelho (Lisboa)  
Tip. de Bernardo A. de Sá Pereira (Braga)  
Tip. de Desiderio Marques Leão (Lisboa)  
Tip. de F. P. Azevedo (Porto)  
Tip. de G. M. Martins (Lisboa)  
Tip. de José Bruno dos Santos (Bahia)  
Tip. de José Pereira da Silva (Porto)  
Tip. de Lucas Evangelista Torres (Lisboa)  
Tip. de Maximiano Gomes Ribeiro (Rio de Janeiro)  
Tip. de Moreira de Madre de Deus (Lisboa)  
Tip. de O Dia (Lisboa)  
Tip. de Ramos d'Almeida (Maranhão)  
Tip. Franceza (Rio de Janeiro)  
Tip. Guyot (Bruxellas)  
Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve (Rio de Janeiro)  
Tip. Universal (Lisboa)  
Tip. Vasconcelos (Porto)  
Tipografia União (Braga)  
Tomás Quintino Antunes (Lisboa)  
Typ. Alliança (Porto)  
Typ. Central de Evaristo Rodrigues da Costa (Rio de Janeiro)  
Typ. Commercial (Porto)  
Typ. da Bibliotheca Universal (Lisboa)  
Typ. da Emprêsa Litt. e Typographica (Porto)  
Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis (Lisboa)  
Typ. de A. J. da Silva Teixeira (Porto)  
Typ. de Antonio Gonçalves Augusto Guimarães & C<sup>a</sup> (Rio de Janeiro)  
Typ. de Bernardo X. Pinto se Sousa (Lisboa)  
Typ. de J. V. dos S. Corrêa (Lisboa)  
Typ. de Joaquim Germano de Sousa Neves (Lisboa)

Typ. de Lourenço de Winter (Rio de Janeiro)  
Typ. de M. J. P. Leal (Angra do Heroísmo)  
Typ. de R. J. de Carvalho (Lisboa)  
Typ. de R. Y. de Carvalho (Lisboa)  
Typ. de S. J. R. da Silva (Rio de Janeiro)  
Typ. de Sebastião José Pereira (Porto)  
Typ. de Thevenet e C<sup>a</sup> (Rio de Janeiro)  
Typ. de Vicente Alberto dos Santos (Lisboa)  
Typ. do Apostolo (Rio de Janeiro)  
Typ. do Commercio (Porto)  
Typ. do Ultramar (Margão)  
Typ. Imperial e Constitucional de E. Seignet-Plancher (Rio de Janeiro)  
Typ. L. C. da Cunha (Lisboa)  
Typ. Lallemond fr. (Lisboa)  
Typ. Lisbonense (Lisboa)  
Typ. Moraes (Rio de Janeiro)  
Typ. Ocidental (Porto)  
Typ. Perseverança (Rio de Janeiro)  
Typ. Progresso (Lisboa)  
Typographia do Espirito-Santense (Victoria)  
Typographia do Seminario (Macau)  
Vasconcelos & Brito (Póvoa de Varzim)  
Vitorino da Motta & C<sup>a</sup> (Porto)

## **ANEXO 4**

### **LISTA DE TERMOS RELACIONADOS COM ORTOGRAFIA**

## **ANEXO 4 - LISTA DE TERMOS RELACIONADOS COM A ORTOGRAFIA e GRAMÁTICA**

**Abcdario, abecedario**

**Abreviatura, abbreviatura**

**Accento**

**Accento agudo**

**Accento breve**

**Accento grave**

**Accento lomgo, accento longo**

**Accento medeano**

**Accentos consoantes**

**Accentos sobagudos**

**Accentos vogaes**

**Accentuação**

**Acidente, accidente**

**Acento**

**Aférese**

**Alfabeto, alphabeto**

**Alphabeto de uso**

**Alphabeto typographico**

**Alterantes ou consoantes**

**Ambiguo ou surdo**

**Amphibologia**

**Analogia**

**Angulo**

**Angulo ou entrelinhas**

**Antítese, antithese**

**Apices, apices**

**Apodose, apódose**

**Aposiopese**

**Apostrofe ou sinalefa**  
**Apostrophe**  
**Apostropho**  
**Apostropho ou suppressor**  
**Apostropho ou viraccento**  
**Apposição**  
**Appuntuaçãõ**  
**Articulo**  
**Articulações**  
**Aspaços**  
**Aspa horisontal**  
**Aspas, Áspas**  
**Asterisco, Asterisco**  
**Bafejos**  
**Barbarismo**  
**Bastarda**  
**Bastardinho**  
**Bastardo**  
**Branda**  
**Brachía, braquias**  
**Branquias**  
**Breve**  
**Cabidula**  
**Capitæes**  
**Capítula**  
**Character aldino**  
**Character redondo**  
**Caracteres**  
**Caracteres litteræes**  
**Caracteres prosodicos**  
**Caret, carete**  
**Cedilha**



**Cedilho, cedílo**  
**Cercilho**  
**Chave**  
**Chiantes**  
**Cifra**  
**Cimalha, cimalhas**  
**Circumflexo, circunflexo**  
**Claras**  
**Colchetes**  
**Cólon imperfectum**  
**Cólon perfectum**  
**Comas**  
**Cómas**  
**Commas**  
**Composiçã**  
**Composiçãõ**  
**Composição**  
**Conjunção ou hyphen**  
**Consoante duplices**  
**Consoantes continuadas ou proferiveis**  
**Consoantes dobradas**  
**Consoantes explosivas ou improferiveis**  
**Consoantes ou inflexões**  
**Consoantes simples**  
**Consonancias**  
**Consonâncias**  
**Continuação**  
**Cráse**  
**Crisis**  
**Cursivo maior**  
**Cursivo menor**  
**Dactylicos**

**Dentaes**  
**Derivação**  
**Derivação**  
**Desunião ou Disjunção**  
**Diafonia**  
**Diástase**  
**Diastrase ou Risca de união**  
**Dicção**  
**Dicções**  
**Dieresis**  
**Dieresis ou dous pingos**  
**Diéresis**  
**Difthongos**  
**Diphthongo**  
**Diphthongos consonantæes**  
**Diphthongos imperfeitos**  
**Diphthongos mixtos**  
**Diphthongos perfeitos**  
**Diphthongos puros**  
**Dithongos nazaes**  
**Dithongodithongos puros**  
**Dithongos nazaes**  
**Ditongo**  
**Ditongos perfeitos**  
**Ditongos imperfeitos**  
**Divisâm**  
**Divisoria**  
**Divisão**  
**Dois pontos**  
**Dous pontos**  
**Dous pontos ou colon**  
**Duas virgulas unidas**

**Dupla virgula**  
**Eclípse**  
**Echliptico ou apostrophe**  
**Echliptico ou til**  
**Enclitica**  
**Entrelinhas**  
**Epêntese**  
**Escriptura ideographica**  
**Escriptura phonographica**  
**Escripturação**  
**Esdruxulos**  
**Esdrúxulos**  
**Etimologia**  
**Etymologia**  
**Ethymologia**  
**Euphonía**  
**Fallas**  
**Fechadas**  
**Figura**  
**Figura de dicção**  
**Fil**  
**Forte**  
**Fricativas**  
**Gancho**  
**Glossologia**  
**Gradação**  
**Grande aspa horisontal**  
**Griphe**  
**Guillemete**  
**Guillemette**  
**Gutturaes**  
**Guturaes compostas**

**Hifen**  
**Hyfen**  
**Hyphen**  
**Ideographia**  
**Improferiveis**  
**Improprio**  
**Inclusão**  
**Inciso**  
**Interposiçã**  
**Invogais**  
**Italico**  
**Junção, ou hyphen**  
**Labiaes**  
**Labio-dentaes**  
**Letra cursíva**  
**Letra grande**  
**Letras capitáes**  
**Letras cabidolas**  
**Letras romanans**  
**Letras compostas**  
**Letras majusculas ou cabidolas**  
**Letras unciáes ou versaes**  
**Letras onciáes**  
**Letras longobardicas**  
**Lettra grande**  
**Lettras alterantes**  
**Lexeologia**  
**Lexicografia**  
**Lexicographia**  
**Ligadura**  
**Linguaes**  
**Linguaes molhadas**

**Linguae palataes sibilantes**  
**Linguo-dentales**  
**Linguo-palataes**  
**Linha horisontal**  
**Linha de seguimento**  
**Linha de separação**  
**Linha de união**  
**Linha horisontal**  
**Liquiditas**  
**Logografia**  
**Logographia**  
**Longa**  
**Longobardicas**  
**Maiuscula**  
**Maiúscula**  
**Majusculation**  
**Mãosinha**  
**Membros do discurso**  
**Memorização**  
**Meta**  
**Methatese**  
**Minuscula**  
**Minúscula**  
**Morphologia**  
**Mudas**  
**Mudas ou explosivas**  
**Mutas**  
**Nasales**  
**Nasaladas**  
**Neographia**  
**Nome**  
**Notações prosodicas**

**Notações syntacticas**

**Notas**

**Obelisco**

**Obelisco**

**Oração**

**Oração**

**Oraes**

**Orthoepia**

**Orthografia**

**Orthografia das palavras**

**Orthographia**

**Orthographia da dicção**

**Orthographia Eclectica**

**Orthographia etymologica**

**Orthographia grammatical**

**Orthographia mixta**

**Orthographia natural**

**Orthographia philosophica**

**Orthographia phonetica**

**Orthographia popular**

**Orthographia Pronunciativa**

**Orthographia racional**

**Orthographia sonica**

**Orthographia usual**

**Orthographia de principios**

**Orthographia de pronuncia**

**Orthología**

**Orthophonia**

**Ortografia**

**Ortografia do discurso**

**Ortologia**

**Oxytonos**

**Palataes**  
**Palataes liquidas**  
**Palataes nazaes**  
**Paragóge**  
**Parallelas**  
**Parathése**  
**Parenthesis, parenthesis, parêntese, parênteses**  
**Parenthesis asterisco**  
**Paroxytonos**  
**Paragrapho, Parágrapho párrafo, parrapho, parágrafo**  
**Partes da pontuação**  
**Partes do discurso**  
**Pausas syntaxicas**  
**Pelica, plica**  
**Periodo, Período, Período**  
**Perispomenos**  
**Phonemas sonoros**  
**Phonographia**  
**Phonologia**  
**Pontinhos**  
**Ponto admirativo**  
**Ponto de abreviatura**  
**Ponto e virgula**  
**Ponto e virgula ou semi-colon**  
**Ponto final, Ponto simplex ou final**  
**Ponto interrogativo, Ponto de interrogação**  
**Ponto de admiração**  
**Ponto d'interjeição**  
**Ponctuação, pontoação, pontoação, pontuação, pontuasam**  
**Pontos de continuação**  
**Pontos de reticencia**  
**Predominante ou tonica**

**Predominantes**  
**Proclitica, proclítica**  
**Proferiveis**  
**Prolações**  
**Prolongadas**  
**Proparoxytonos**  
**Properispomenos**  
**Proposiçam, proпозиção**  
**Proprio**  
**Prosodia, prosódia**  
**Prótase**  
**Prothese**  
**Puras**  
**Redonda**  
**Regra**  
**Reticencia, reticencias**  
**Riscas**  
**Risquinha**  
**Romanas**  
**Ruidos articulados**  
**Secção**  
**Semivogaes**  
**Sentença**  
**Sibilantes**  
**Signaes denotativos**  
**Signaes de notação**  
**Signaes de pronunciação**  
**Signaes de sentido**  
**Signaes extraverbaes**  
**Signaes intraverbaes**  
**Signaes litteraes**  
**Signaes objectivos**



**Signaes orthographicos, sinaes orthograficos**

**Signaes subjectivos**

**Signal duplo**

**Signal de palavras alhêas**

**Signal de separação**

**Silabas complexas**

**Silabas incomplexas**

**Silabização**

**Sinalefa**

**Singulas**

**Sintaxe**

**Síntese**

**Solecismo**

**Sons compostos**

**Sons simples**

**Subitas**

**Subitas e continuas**

**Sublinha**

**Supressão**

**Surdas**

**Syllaba artificial ou orthographica**

**Syllaba de cadencia**

**Syllaba física**

**Syllaba simples**

**Syllaba usual**

**Syllabas**

**Synalefa**

**Synalepha**

**Syncope**

**Syneresis**

**Syntaxe**

**Systema**

**Talho do discurso**  
**Taquygrafia**  
**Til**  
**Tilar**  
**Tirete**  
**Tmese, Tmesis**  
**Tom**  
**Traço**  
**Traço de conjunção**  
**Traço de uniaõ**  
**Travessão**  
**Trema**  
**Tremolante**  
**Tremolante forte**  
**Tremolante liquida**  
**Triphthongo, trithongos, tritongo**  
**Unciaes**  
**Usual ou analogica**  
**Valor**  
**Versaes**  
**Vibrantes**  
**Viraccento**  
**Virgula, vírgula**  
**Virgulas dobres**  
**Virgula dupla**  
**Virgulação**  
**Virgulas dobradas**  
**Virgula ou comma**  
**Virgulas duplas**  
**Vogaes**  
**Vogal pospositiva**  
**Vogal prepositiva**

**Vogal subjunctiva**

**Voz**

**Vozeios**

**Vozes**

**Vozes constrictas**

**Vozes explodidas**

**Vozes Fixas**

**Vozes flexiveis**

**Vozes livres**

**Vozes modificadas**

## **ANEXO 5**

### **DOCUMENTOS ILUSTRATIVOS**

## **ANEXO 5. Documentos Ilustrativos**

### **I. Sistemas setecentistas**

1. Sistema verneiano: Verdadeiro Método de Estudar (1746)
2. Sistema da “Recreação Filozofica” (1758) do P. Teodoro d’Almeida
3. Sistema de o “Conimbricense” (1789/1790)
4. Sistema da “Santarenaida” (1792) de Francisco de Paula de Figueiredo

### **II. Propostas de reforma no século XIX: décadas de 70 e 80**

1. “Alfabetu çoniku i çua korrespondencia kom u itimolulojiku” (1877)
2. “Notiçia Ortografica” de António Moniz Barreto Corte-Real (1879)
3. José Jorge Paranhos da Silva (1879/1881): folha de rosto e ilustração do sistema do autor
4. Carta autógrafa de João Félix Pereira a Barbosa Leão (1879)
5. Projecto de reforma de António Castanheira Nunes (1879)
6. “Nóta sobre a Ortografia da Bibliotéca de Portugal e Brazil” (1886)

### **III. Propostas de reforma novecentistas**

1. A ortografia sónica de A. Louro (1901)
2. O sistema de João Bonança (1905)
3. “A Orthographia Sonica” de Acácio Armando de Sousa (1911)

## **ANEXO 5. Documentos Ilustrativos**

### **I. Sistemas setecentistas**

1. Sistema verneiano: Verdadeiro Método de Estudar (1746)
2. Sistema da “Recreação Filozofica” (1758) do P. Teodoro d’Almeida
3. Sistema de o “Conimbricense” (1789/1790)
4. Sistema da “Santarenaida” (1792) de Francisco de Paula de Figueiredo

### **II. Propostas de reforma no século XIX: décadas de 70 e 80**

1. “Alfabetu çoniku i çua korrespondencia kom u itimolulojiku” (1877)
2. “Notiça Ortografiça” de António Moniz Barreto Corte-Real (1979)
3. “Ortografia Luzo-Brazileira” (1877)
4. “Sistema de Ortografia Brazileira” José Jorge Paranhos da Silva (1879/1881)
5. Carta autógrafa de João Félix Pereira a Barbosa Leão (1879)
6. Projecto de reforma de António Castanheira Nunes (1879)
7. “Nóta sobre a Ortografia da Bibliotéca de Portugal e Brazil” (1886)

### **III. Propostas de reforma novecentistas**

1. A ortografia sónica de A. Louro (1901)
2. O sistema de João Bonança (1905)
3. “A Orthographia Sonica” de Acácio Armando de Sousa (1911)

C A R T A VI.

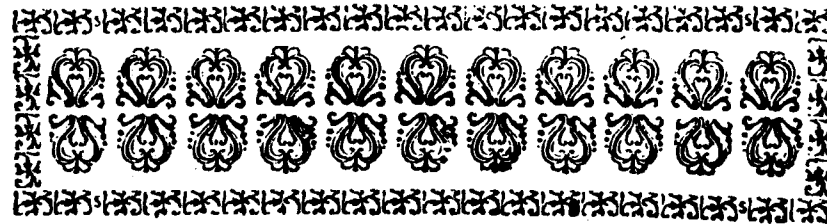
**C**ontinua-se a mesma materia da Retorica . Fazem-se algumas reflexoens , sobre o que é verdadeira Retorica , e origem dela . Que coiza sejam figuras , e como devemos usar delas . Diversidade dos estilos , e modo de os praticar : e vicios dos que os nam-adnitem , e praticam . Qual seja o metodo de persuadir . Qual o metodo dos panegiricos , e outros sermoens . Como se-deve ensinar Retorica aos rapazes , e ainda aos mestres . Algumas reflexoens , sobre as obras do P. Antonio Vieira . pag.153.

C A R T A VII.

**F**ala-se da Poezia . Os Portuguezes sam meros versejadores . Prejuizos dos mestres , de nam poctarem em Vulgar . Que coiza seja ingenho bom , e mau . Especies de obras de mau ingenho , em que caíram alguns Antigos , mas principalmente os Modernos . Necessidade do Criterio , e Retorica , em toda a sorte de Poezia . Primeiro defeito de Poezia , a inverosimilidade : exemplos . Segundo defeito , os argumentos ridiculos . Reflexoens particulares , sobre as composicoens pequenas Portuguezas ; que nam podem dur. nome , a um omem : defeitos da Nasam , provados com exemplos , Reflexoens sobre o Epigrama Latino , Elogios , inscriçoens Lapidares , Eglogas , Odes , Satiras , poemas Epicos . Que os Portuguezes nam conheceram as leis , do poema Epico : prova-se com Camoens , Chagas , Botelho de Morais . Apon-ta-se o metodo , com que se-devem regular os rapazes , no-estudo da Poezia . Nova ideia de uma Arte Poetica , util para a Mocidade . pag.215.

C A R T A VIII.

**T**rata-se da Filozofia . Mau metodo com que se-trata em Portugal . Advertencia das outras Nasoens , em procurar a Ciencia . Necessidade da istoria da Filozofia , para se-livrar de prejuizos . Ideia da serie filozfica . Danos e impropriedades da Logica , que comumente se-explica . dá-se uma ideia , da boa Logica . pag.276.



CARTA PRIMEIRA.

S U M A R I O .

**M**otivo desta correspondencia : e como se-deve continuar : Mostra-se , com o exemplo dos-Antigos , a necessidade de uma Grammatica Portugueza , para comesar os estudos . dá-se uma ideia , da-melhor Ortografia Portugueza : e responde-se aos argumentos contrarios . Que o Vocabulario do-Padre Bluteau se-deve reformar , para utilidade da-Mocidade .



**E**U amigo e senhor : Nesta ultima carta , que recebo de V. P. entre varias coizas que me-propoem , é a principal , o dezejo que tem , de que eu lhe-diga o meu parecer , sobre o metodo dos-estudos deste Reino : e lhe-diga seriamente , se me-parece racional , para formar omens , que sejam utis , para a Republica , e Religiam : ou que coiza se-pode nuadar , para conseguir o dito intento . Alem disto , quer tambem , que eu lhe-dé alguma ideia , dos-estudos das-outras Nasoens , que eu tenho visto . Quanto às outras perguntas , parece-me que bastantemente respondo , enviando-lhe o papel incluzo : no-qual achará , tudo o que queria saber . Mas polo que respeita ao negocio , dos-metodos diferentes de estudos , duvidei por-algum tempo , se o edeceria a V. P. e tinha algumas razoens , que me-pareciam forzozas ; suposta a grande pratica que tenho , deste mundo , e deste Reino . Eu sou Estrangeiro : e com dificuldade me-explicarei em uma lingua , que nam mamei no-berço . Que nas minhas cartas particulares , eu cometa erros , a bondade de V. P. mos-desculpa . mas se eu escrever em

TOM. I. A mate-

materia, que se-pôsa mostrar a outrem; e me-fugir da-boca, alguma exprefam menos propria; averá cenfores tam dezumanos, que me-condenam, por-efcrever em lingua alheia. tal-vez sem advertirem, que isto eflá fucedendo todos os dias, aos mefmos nacionais, que frequentemente os-cometem. Alem difto, fempore foi coiza odioza, dar regras em caza alheia: e lembrando-me eu de alguns, que me-diferam muito mal, do-grande ferviço que fez ao Reino o P. Bluteau, compondo o feu Vocabulario; via de longe, a tempeftade que fe-levantaria contra mim, fe efte meu parecer tiyefe a infelicidade, de fair das-maons de V.P. Mas a maior razam era, porque ifto, de emendar o mundo, e principalmente o querer arrancar certas opinioens, do-animo de omens envelhecidos nelas, e confagradas ja por-um coflume, de que nam á memoria; é negocio, que excede as forças de um só omem: e principalmente de um omem, de tam pouco merecimento, e autoridade como eu: E V. P. que é tam versado na Iftoria, pode trazer à memoria, mil exemplos destes, que deram, e ainda oje dam, ao mundo Literario, materia de grande admirafam. Lembrou-me tambem, que eu fou Religiozo, em uma Religiam, em que geralmente florecem pouco os estudos: e que, por-efte principio, nam faltariam omens, ainda prezados de doutos, que, se chegafem a faper, de quem eram as cartas, as-desprezafem; fem terem a paciencia, de examinar as minhas razoens: por fe-persuadirem, que certos accidentes exteriores, de emprego, vestido, &c. conduzem muito, para o merecimento das-obras: e que, fem pizar os ladrilhos de certas Univerfidades, nam fe-pode fazer coiza boa.

Estas, e outras coizas, que fe me-ofereceram à memoria, me-tiveram, como lhe-dife, duvidozo. Finalmente as repetidas infancias que V. P. me-faz: a fua grande autoridade: e as plauziyeis razoens que me-alega, me-fizeram pegar na pena, para efcrever o meu parecer. V. P. fegura-me certas coizas, que nam fam de pouca confiderafam. Diz-me, que oje á mujta gente do-feu parecer, nam só entre os Seculares, mas tambem entre os Regulares: de que me-cita bons exemplos. Diz-me, que o bom gofto nas Artes, e Ciencias, fe-comefou a introduzir em Portugal, no-feliz reinado deffe Augusto Monarca: o qual nifto tem ajudado mais o Reino, que todos os feus antefefores. Finalmente promete-me, que as minhas cartas, nam fairám da-fua nam, ao menos em meu nome. Com estas condifcoens, obedefo a V. P. e me-gloreio muito, que

que um omem da-fua literatura, nam despreze o parecer, de um fugeito de tam pouca doutrina. Dividirei o argumento, em varias cartas; e como as minhas occupafcoens, e moleftias permitirem, irei comunicando a V. P. as minhas reflexoens. Devo porem, nesta primeira carta, fazer algumas proteftas. Primeira: Que eu nam acuzo, ou condeno, pefoa alguma deffe Reino. Se às vezes nam me-agradam as opinioens, nem por-ifo eftimo menos os fugeitos, e autores. diftingo muito o merecimento pefoal, do-eftilo de cada um, ou metodo que obferva: e poffo fazer efla feparafam, fem ofender pefoa alguma.

Efla reflexam para V. P. é fupervia, pois confiefti mui bem o meu animo; e fabe, que eu só pego na pena, para lhe-dar gofto. Mas porque poderá ler efla carta, a algum ignorante, ou malevolo; que intenda, que eu, dizendo o que me-parece dos-efludos, com ifto digo mal, da-Religiam da-Companhia de Jezu; que neste Reino, é a que principalmente enftina a Mocidade: devo declarar, que nam é efte o meu animo. Eu venero efla Religiam doutiffima, por-agradecimento, e por-juftifa. Por-agradecimento, porque efte pouco que fei, eles mo-enftinaram: e aindaque nas efcolas nam aprendefo tudo, aprendi-o converfando com eles particularmente, e lendo os feus autores. Sempre confervei com eles, intrinfeca amizade: e difto confervarei uma memoria fempiterna. Por-juftifa, porque fendo todas as Religioens veneraveis; efla o-é mais que todas, feundo a minha opiniam. Parece que mandou Deus à Igreja efltes Religiozos, unicamente para utilidade dos-proximos. pois eles enftinam a doutrina, e piedade, com grande amor, e trabalho: faticam-fe polos Fieis, em todas as ocazioens: e fam perpetuos defenfiores da-Igreja Catolica, como confefam os mefmos Erejes. Efltes fam os motivos da-minha venerafam, e parcialidade por-eles. Mas afimcomo nem todos os Jezuitas, feguem as mefmas opinioens de doutrina, mas permitem aos feus mefmos, a liberdade de filozofar, dentro dos-limites do-jufto; e uns fam contrarios de sentimentos a outros: Afimcomo alguns Jezuitas Eflrangeiros, tem reprovado diante de mim, o metodo de Portugal; e alguns Portuguezes me-confefaram, que o-feguiam por-necessidade, e nam por eleifam; e confefaram limpamente, que fe-podia, e devia emendar em muitas coizas: (achará V. P. muitos, que lhe-digam, que aquella Logica Carvalha, e Barreta, nam fe-deviam explicar nas efcolas, mas coizas mais utis: o que eu ouví-



RECREAÇÃO  
FILOZOFICA,

OU

DIALOGO

Sobre a Filozofia Natural, para instruc-  
ção de pessoas curiosas, que não  
frequentarão as aulas.

PELO

P. TEODORO D'ALMEIDA

da Congregação do Oratorio de S. Fili-  
pe Neri, e Socio da Real Socieda-  
de de Londres.

Terceira impressão muito mais aumentada, e cor-  
recta, que as precedentes.

TOMO I.

LISBOA.

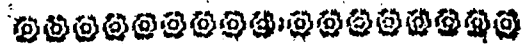
Na Oficina de MIGUEL RODRIGUES,  
Impres. do Emin. Senhor Cardinal Patriarca.

---

M. DCC. LVIII.

Com todas as licenças necessarias,  
e Privilegio Real.

17 - 5284 -



ARTIGO IV.  
BELLAS LETRAS.



*Observações Orthographicas acerca das  
duas letras G, e Q*

ESCRITAS

Por \* \*

Conimbricense.

**C**OMO são tantas, tão variadas, e diversas as opiniões sobre a orthografia da lingua Portugueza, como as pessoas que nella escrevem, de sorte que se não acham dous escritores uniformes, e talvez nem hum em diferentes obras: e além disso não nos toca, nem nos he permitido alterar a linguagem, e orthografia dos Discursos alheios, afora consentindo os seus Autores; por isso estampamos as seguintes *Observações*, cujo assumpto he a orthografia, conforme o original, inda que não abraçamos muitos dos preceitos nellas apontados.

SE-

SENHORES JORNALISTAS.

**N**AM qero, pertextando frivolas desculpas, furtar-lhes o tempo, qe tam utilmente distribuem. Remeto a V. m. esa, talvez insipida obra, para ser inserida em o seu Jornal. Nam foi o amor da gloria qem astou os meus pensamentos, mas sim o dezejo de ser util aos meus Compatriotas; e por iso nam estranbarei qualqer correçam, qe nela achar, ( se eu tiver a felicidade de a ver impressa ) feita pelas aparadas penas d'aqueles, perante os quais, estou certo, qe hade subir a um maduro exame. Nam declaro por ora o meu nome por certos motivos, e seria justo objeto de rizo ver o mesmo estampado entre os d'aqueles, qe estam em uma carreira das letras, tam util á Patria, como glorioza para eles. Entre tanto fico impaciente-mente esperando o exito da minha atre-

Março de 89. D vii

### Alfabetu çoniku i çua korrespondencia kom u iti-mulojiku

U alfabetu, segunda maravilha du enjenu humanu depois da invençau das linguas, kè foi a primeira, recompostu pelus latinus, i adotadu logu pur todus us povus du mundu, kujas letras, embora devecem ter sidu dispostas, cegundu a ordem dus orgãos kè mais influem na çua prununcia, em guturais *gu, kv*; linguò-palatais *nhe, le, the, nie*; linguò-palatais-cibilantes *ce, ze*; linguò-palatais-chiantes *je, xe, is*; linguò-palatais-tremulantes *rre, re*; linguò-dentais *de, te*; dento-labiaes *ve, fe*; labiais puras *be, pe, me*, reprezentam todas as vozes i articulaçõis kè prufere a boca humana: u alfabetu, digu, nãu admite hoje alteraçau nem nu numeru, nem na ordem, nem nu aumentu de novas letras, kè nãu ponha em confuzau i dezordem a korrespondencia i harmonia das linguas i dus livros du prezente, kom as linguas i livros du preteritu i du futuru, ordenadus i iscritus pur elle, cervindu até de algarismus as çuas letras nas obras iscritas.

### II

Alfabetu itimulojiku

A b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u  
v x y z.

Alfabetu çoniku

A b c d e f g h i k l l h m n n h o p q r r e  
.r e s t u v x z.

*Ilivalencias çonikas i itimologikas*

1.º c==c==ch==k==qu: { kara==cara  
kimika==chimica  
kita==quita

2.º f==f==ph: { fama==fama  
farol==pharol

3.º g==g==je: { sagu==gago  
jelo==gelo

4.º j==j==j: { janela==janella  
jelo==gelo

5.º k==k==c==ch==qu: { kilu==kilo  
kara==cara  
kimica==chimica  
kèda==queda

6.º r==r==rh: { ramu==ramo  
retorika==rhetorica

7.º s==s==o==z: { ourives==ourves  
kalis==caliz  
roza==rosa

8.º t==t==th: { tempu==tempo  
tiologia==theologia

9.º x==o==s==z==kç: { xeke==ceque  
Felis==Feliz  
izame==ecame  
cekçu==sexo

10.º z==z==s: { zona==zona  
pás==paz

### Izercicio pratiku

Cecem du çabiu gregu i du troianu  
As navegaçõis grandes kè fizeram,  
Kale-ce de Alexandru i de Trajanu  
A fama das vitorias kè tiveram;  
Kè eu cantu u peitu ilostre luzitanu  
A kem Netuno i Marte ubedeceram,  
Cecem tudo u kè a muza antiga kanta,  
Kè outro valor mais alta ce alevanta.

N.º 21

# NOTÍCIA ORTOGRAFIQA

Do parecer da comição nomeada pela Academia Real das Ciências de Lisboa azerqa da reforma ortografica, qe lhe foi çubmetida por uma comição qongregada na çidade do Porto em 1878.

POR

ANTONIO MONIZ BARRETO CORTE-REAL

REITOR DO LYÇEU E COMIÇARIU DOS ESTUDOS EM ANGRA DO EROISMO



II, 2

ANGRA DO EROISMO

TIP. ANGRENÇE

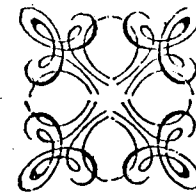
1879.

**ESTUDO**  
**SOBRE A ORTOGRAFIA DA LINGUA**  
**LUZO-BRAZILEIRA.**

PELO  
*PADRE FRANCISCO ANTUNES DE SIQUEIRA.*

REVISTA E APROVADA

PELOS  
DOUTOR JOSÉ ORTIZ E LUIZ ALVES DE  
AZAMBUJA SUZANO.



**VICTORIA.**  
TYPOGRAPHIA DO ESPIRITO-SANTENSE.

**1877.**

SISTEMA

DE

# ORTOGRAFIA BRAZILEIRA

PELO AUTOR DO

*Idioma da hodierna Portugal  
comparado com o do Brazil.*

Au lieu de prendre l'initiative sur ce point comme sur tant d'autres, notre nation n'a fait que quelques pas timides dans la voie qui lui était ouverte, alors qu'il lui était si facile de suivre l'exemple de l'Espagne et de l'Italie, pays où la réforme orthographique a triomphé, à la satisfaction générale, et où il ne reste presque plus rien à faire. Or, chacun sait que les langues italienne et espagnole n'ont rien perdu de leur beauté, et qu'elles y ont gagné de devenir très faciles à apprendre.

*Tribune des Linguistes.*

(CONTINUAÇÃO.)

---

PREÇO 2\$000.

---

RIO DE JANEIRO :

Typographia de LOURENÇO WINTER, Rua do Hospício N. 77.

1880.

tâto	põche	gâga
mâga	têşa	pâşa
põte	cõto	mõte
romà <sup>(15)</sup>	miri	moti
moti	vacu	vite
tupà	belè	seti
cochi	manhà	asi
tàbè	sesè	tali
baia <sup>(16)</sup>	raia	caia
faia	áia	báerro
mèio	ódio	paota
ágoa	vácuo	mùtuo
bèiço	èito	áola
paio	paera	táepa
mágoa	fáono	fèodo
èito	fèito	vèia
fèrreo	dèoza	nòeva

dùzia	táboa	ÿpeto
ópera	èmulo	época
còputo	ásido	único
átomo	órrido	córrego
pèdulo	pàtano	còdilo
càdido	còsio	càtico

aída	piào
adūco	lişào
moēda	moşào
mirāte	doēşa
tenēte	diāte
varāda	valēte
līdeza	pitāga
fazēda	cōvite
dōzēla	faşanha
cōtēte	demāda
corrēte	novēta

ACQUAVAL DE 211  
M. Ex.ª Senhor

V. Ex. acaba de prestar um relevantissimo serviço  
às letras patrias, com a publicação do livro Collecão  
de Estudos e Documentos, a favor da reforma da ortho-  
graphia em sentido sonico. — É obra <sup>indisputavel</sup> ~~incontestavel~~ mer-  
cemento; marcará uma epocha; ~~na historia~~ <sup>na historia</sup> ~~tambem~~ a  
mais illustre, na historia da orthographia portugue-  
za; será um padrão de glória para V. Ex. Com effeito, o  
livro de V. Ex. põe termo ás <sup>desharmonias</sup> ~~innumeras~~ <sup>difficuldades</sup>, <sup>ir-</sup>  
regularidades e incertezas de nossa orthographia, a





à bá e mais ainda do q é bé à bá. Quanto as razões de sonoridade, euphonia e pureza, citadas por V. Ex., com vences-miúdas, se em mim não imperasse, com mais fôrça, a razão da facilitação da leitura;

Fecho, finalmente, esta carta, q vaæ já longa, esperando, q V. Ex. me desculpará, se julgar, mal cabidas as <sup>mal</sup> ~~cabidas~~ as minhas reflexões, <sup>a tão</sup> ~~mal cabidas~~ ~~as~~ ao mesmo tempo augurando aos principios, primaroso livro, ~~augurando do livro~~ ~~prosperos e com~~ nelle expendidos, o mais ~~prosperos~~ esplendido triumpho e ~~pleno exito~~ assegurando-me

Camarate 1 abril 79

D. V. Ex.

collega admirador  
João Feliz Pereira

L. 655 = V.

CARTA

SOBRE A

ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA

DIRIGIDA AO SR.

DR. JOSÉ BARBOSA LEÃO

CIRURGIÃO DE BRIGADA

POR

JOÃO FELIX PEREIRA

Médico, engenheiro civil, agronomo, tachygrapho e professor jubilado  
do Lyceo Nacional de Lisboa



LISBOA

TYP. DA BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Rua dos Calafates, 93

1879

DUAS PALAVRAS

806.90-  
NU

A RESPEITO DA ORTHOGRAPHIA ACTUAL

E

PROJECTO DE REFORMA

POR

ANTONIO CASTANHEIRA NUNES



LISBOA

CASA PORTUGUEZA

139, RUA LARGA DE S. ROQUE, 141

1879

II, 6

P. ....  
N.º .....  
R. ....

ao *k*, porque esta letra não está, apesar da sua longevidade 'na lingua, ainda nacionalisada, vindo apenas em palavras d'origem grega e arabica; 2.<sup>a</sup>, com respeito ao *q*, porque, não tendo esta letra até-agora representado aquella articulação, sem vir acompanhada da voz *u*, muito se estranharia se a apresentassemos sem aquelle satellite; 3.<sup>a</sup>, para mim mais momentosa, porque, sendo para crianças difficil distinguir e reter 'na memoria a forma especial de cada uma das letras *b*, *d*, *p*, *q*, por serem o mesmo signal invertido, ganhará com a eliminação da ultima forma o ensino do ler, perdendo aquella difficuldade 1/4 da sua grandeza.

Eis a theoria dos elementos da palavra portugueza, falada e escripta, que é preciso passar á practica, e de que já vamos apresentar um modelo.

Quem falar bem não terá difficuldade a escrever com acerto, logo que conheça os elementos da palavra portugueza e os signaes correspondentes; do mesmo modo quem lançar a vista sobre um grupo de signaes, e tiver conhecimento do elemento que recorda cada signal, não hesitará em proferir a palavra representada por esse grupo.

Vencidas, porém, as difficuldades da orthographia, não está tudo feito; porque, como já notei, é necessario harmonisar a pronuncia divergente que por ahí corre, determinando bem a accentuação da palavra portugueza, o que sómente se conseguirá por meio de um dictionario prosodico da lingua, o qual tenha as honras de classico.

Posto isto, seja-me licito perguntar: Poderá pessoa particular derrocar esse barbaço pellourinho da innocencia e edificar, substituindo-o, um systema facil, natural e philosophico que possa ter as honras da popularidade? Não; a reforma da arte de escrever não pode partir de iniciativa particular; porque é um melhoramento publico que demanda competencia e despezas, que só devem provir do governo.

A um governo illustrado, pois, está reservada a tarefa gloriosa de nomear uma corporação de homens doutos, a quem incumba os trabalhos de estudar a palavra portugueza, de averiguar com escrupulo os elementos que entram 'na sua composição, e de determinar os signaes d'esses elementos, adoptando como signaes de unicos elementos os que já temos, creando os que nos faltam, e eliminando os que temos inuteis; de confeccionar um dictionario prosodico das palavras da lingua, escriptas com os signaes adoptados, e accentuadas em harmonia com a pronuncia geral dos doutos; e de reimprimir reformados os livros de leitura, compendios de instrucção primaria, e as obras que a mocidade tem de compulsar emquanto estuda preparatorios.

Feito isso, pouco mais terá que fazer. Decretar o systema d'orthographia reformada, como se decretou o systema de pesos e medidas, tornando-o obrigatorio 'nas escholae de portuguez, será a ultima de-mão da obra da reforma, para que em pouco tempo o systema se generalise por todo o reino.

Os povos, em muitas coisas, são como as crianças: até o bem precisa impôr-se-lhes, para ser recebido.

Ao particular só cabe o dever, e não sei se a gloria tambem, de apregoar a necessidade d'esta ou de quejandas reformas, mostrando os tropeços, inconvenientes e imperfeições dos systemas em uso, e propondo mais vantajosas

theorias, mais philosophicos methodos. Em obediencia ao primeiro, e não com a mira 'na segunda, é que esbocei, a largos traços, a babilonia da orthographia em uso e elaborei um projecto de reforma, mandando-os correr mundo.

Mas será a voz humilde da obscuridade assás maviosa para prender a attenção dos homens eminentes que actualmente gerem os negocios publicos da nação, e sufficientemente eloquente para os convencer da necessidade da reforma? Não o sei; mas como a consciencia me certifica que cumpro o meu dever, isso me consola.

### Molde de orthographia reformada

*Feltz vivia u e pái de familiaz, acarisiadu pela izpoza d'u seu amor, i vudiadu de fihuz cê iztremesia, seado u máiz novu az delisiaz de toda a caza. Dece-teste de viver ai tãu iztrãitu a ebitu, aizijiu acele fihu a partiha, i daixò a abitasãu paté'na. Foi u e dia de lágrimaz debaixu d'acele tétu. Cu'eu u mu'edu u inauzpértu ma'esebu. Viajò. Éra u z barcelez a vcriasãu du seu izp'ritu acanadu, pruztituidaz az co'epañairaz i'eseparavaiz da sua vida visioza. Toda a lejítima devurò ai pocuz mezez, i, cu'edu a ilimitada prudigalidade u daixò sãu u e óbulu, azò-se deza'eparadu daz muhérez cê u amávãu, duz amiguz cê u iludiãu, du mu'edu cê vituriara u pródigu, aicua'etu u pródigu teve oiru pãra u co'eprar.*

*Nãu uma vèzte he vextò pãra u cubrir, nãu uma fatia de pãu pãra cumer. Cê faria 'nu aiztremu de tamãna mizéria? Foi servir pãra uz ca'epuz, i dé-rãu-he animãiz imu'eduz a guardar. Lãztima éra preze'ciar simiha'ete izpétaculu, a cãu tivése viztu acele mosu vudiadu de sérvuz 'na caza abaztada de seuz pãiz.*

*Cu'eu u te'epu asie. Adõsa uz curasõiz a adversidade. Já nãu éra u izto'ovadu fa'etaziozu, coradu, viso'nu, sãu u e pesame'etu sériu, cê ali iztava votu e mize-rável 'nu mo'etadu, cume'edu 'na seha co'e uz seuz dezpreztoaiz co'epañãiruz. Éra u e voztu pãlidu, ùz óhuz nada'edu ai melae'culia, u e curasãu cê a dez-grasa tu'nara saudozu; i cãu u aizaminase bãu 'na sulidãu duz ca'epuz, ase'tadu 'numa pãdra, co'e a cabesa e'etre az mãuz, ver-he-ia dõiz fuz de lágrimaz izcreve'edu-he sobre az fasez a le'ebra'esa du pái cê ofe'edera, a vcurdasãu da*

ELEMENTOS

B  
S 837

S-XL

~~P. E. H. C. S. 5-19~~

DE

# GRAMÁTICA PORTUGUEZA

*[Handwritten signature]*

PELO

Dr. JOZÉ BARBÓZA LEÃO

BIBLIOTECA PÚBLICA  
DE  
EVORA  
A EL 596 JUN 2 1896

II, 7

PORTO

TIPOGRAFIA DE ANTONIO JOZÉ DA SILVA TEIXEIRA

Rua da Cruz Verde, 70

1896

29.<sup>a</sup> (páj. 59)

Temos visto afirmar, que ainda neste cazo a significação do vérbo *aver* é igual á de *ter*, e que o sujeito d'ele está occulto. Não discutiremos os fundamentos d'esta opinião, somos porem obrigados a dizer que éla, pelo menos não é opinião que se apresente no ensino primário.

Temos por bom portuguez o dos seguintes ez.: *Á mil ocasiões na vida do homem, em que ele está em dúvida sobre o que d-de fazer. — Á toda a razão para que decamos receber um resultado fatal.*

Ora seria em extremo difficil ao professor fazer comprehender a um menino, que o primeiro *á* d'aquelle ez. significa o mesmo que o segundo, ou dizer-lhe qual é o tal sujeito occulto d'esse *á*. E no segundo ez. não teria menos difficuldade em convencer o menino, de que o sujeito do *á* não é a palavra *razão*, ou em descobrir o tal sujeito d'ele, occulto.

Por outro lado somos tambem obrigados a dizer, que ao enpregar o vérbo *aver*, neste cazo, está no pensamento de todos a ideia do *existir* e não a de *ter*. Ao aprender a falar, aprendemos a dar-lhe esta significação.

30.<sup>a</sup> (páj. 72)

Á-de aver quem estraihe que enpregásemos as denominações: *tirete, párafo*.

Com effeito no primeiro cazo uza-se principalmente: *risca de união* ou *ifen*. Mas aquelle, imitação do francez (*trait-d'union*), além d'isso é muito comprido; e este, vindo do grego (*ufen*), é pretenciozo.

Entendemos pois que devíamos preferir-lhes o nóme portuguez. Cremos que era até um dever.

No segundo cazo, efftivamente a móda oje é dizer *pardgrafo*; mas a sã razão manda dizer *párafo*, rehabilitando esta simplificação feita em bons tempos da lingua. Porque se não averão de poupar na palavra os trez sons ou as trez letras?

Somos por todas as simplificações razoáveis.

## NÓTA SOBRE A ORTOGRAFIA

DA

## BIBLIOTÉCA DE PORTUGAL E BRAZIL

Os ilustres profesores do Curso Superior de Letras, srs. G. de Vâsconcelos Abreu e Z. Consiglieri Pedrozo, e o distinto romanista sr. A. R. Gonçalves Viana, começarão uma série de publicações com o titulo de *Enciclopédia de ciência, arte e literatura — Bibliothéca de Portugal e Brazil*; e enpregão néla uma ortografia reformada, que apresentão como devendo ser a ortografia normal da nósa lingua.

Graças á delicadeza de SS. EE. posuimos um ezenplar das bases d'essa ortografia, publicadas com o titulo de *Bazes da Orthografia Portuguesa*; e tivémos a satisfação de ver que as alterações, por elles feitas na ortografia uzual, tihão entrado quasi todas na ortografia reformada, propósta pela comissão do Porto. Mas vimos ao mesmo tempo, que esses distintos ómens de letras não estão a certos respeitoos d'acordo com a Comissão, e que a certos outros sicão áquem d'ela; e convencemo-nos de que óra indispensável analizar pelo menos alguns d'esses pontos em que á dezacordo, tanto num como noutra cazo, afim de que o público pósa melhor julgar, qual d'essas ortografias terá mais direito a ser preferida.

Pasamos pois a fazer isto. Antes porem d'entrar na matéria, torna-se precisa a seguinte observação:

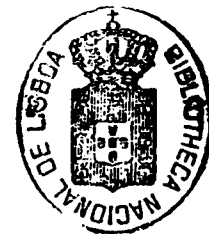
Nas *Bazes* proclama-se que temos urjência de que aja uma

A. LOURO

# PHONOLOGIA PORTUGUEZA

Com todas as régras gerâes de pronunção  
e orthographia para se apprender a ler e escrever  
conforme se fála  
correctamente a lingua portugueza

Obra indispensável a todos que  
desejem apprender a falar e escre-  
ver portuguez, tanto para nacio-  
nâes como para estrangeiros.



15,22.999

III, 1

1901  
IMPRESA DE LÚCIO DA SILVA  
87, Rua do Norte, 103  
LISBÔA

## ORTOGRAFIA SÓNICA

**Ortografia** (palavra composta de *orto* é *grafia*, raízes extraídas das gregas *orthos*, direito, exato, justo, verdadeiro é *graphein*, descrever, escrever, trasar, deenhár) é o tratado dos sinais literaes com qe se rrepresentam os elementos jeraes da linguajem, suas paúzas é modulasões.

A ortografia sónica consiste em rrepresentar gráficamente as palavras segundo as rréguas da pronunsição. (V. **Phonologia Portugueza**).

A linguajem portugeza é articulada por 33 sons elementares qe na ortografia sónica se rrepresentam por egual número de letras.

### Dos sinais literaes

Os sinais literaes são de duas espésies: *fundamentaes* é *ausiliáres*.

**Sinaes fundamentaes** são as letras com qe se rrepresentam gráficamente as palavras; são: **a, á, â, b, s, d, e, é, õ, f, g, i (é), l, j, l, lh, m, n, nh, o, ó, õ, p, q (c'), r, rr, t, u (o), ù, v, x, ch, z.**



ACCACIO ARMANDO DE SOUSA

# A ORTHOGRAPHIA SONICA

RESUMO D'UM PROJECTO



*1749076*

TYP. DA EMPRESA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA  
178, RUA DE D. PEDRO, 184  
PORTO

III, 3

